The Library
of the
University of North Carolina

Gift
of the
First "Summer School"
for South Americans, 1941

898.1
A524e

BARCODE
ON BACK

This BOOK may be kept out TWO WEEKS ONLY, and is subject to a fine of FIVE CENTS a day thereafter. It was taken out on the day indicated below:

30 May '42 S K

MAY 7 6 1951

AUG 5 1954

AUG 26 1954

Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of North Carolina at Chapel Hill

https://archive.org/details/estudos1aserie00unse

TRISTÃO DE ATHAYDE

estudos

1.ª SERIE

(2.ª ED.)

EDIÇÃO DE "A ORDEM" — RIO DE JANEIRO

TAB

ESTUDOS

1.ª SERIE

DO AUTOR

Affonso Arinos — 1923.
Estudos (1.ª serie) — 1927.
Estudos (2.ª serie) — 1928.
Estudos (3.ª serie) — 1929.
Estudos (1.ª serie) — 2.ª edição — 1929.

NO PRELO

Tentativa de Itinerario (Serie Jackson de Figueiredo).
De Pio VI a Pio XI (Serie Jackson de Figueiredo).

TRISTÃO DE ATHAYDE pseud.
Alceu Amoroso Lima

ESTUDOS

1.ª SERIE

(2.ª EDIÇÃO)

1929
EDIÇÃO DE
A ORDEM
RIO DE JANEIRO

898.1
A524e

Gift

Library, Univ. of
North Carolina

INDICE

3797747

Library, Univ. of
North Carolina

CONTENTS

INDICE

GIFT

PARTE I

Nota á 2.ª edição 11
Tendencia 17
Um mystico do novo mundo 26
Continentalismo 35
Á margem de dois Poetas 51
Actualidades 59
Signaes 67
Versos de hoje e hontem 71
Poesia religiosa 78
Sinos e Sinas 87
Tepidos e ardentes 95
Marinetti 103
Germinação 118
Nascer e morrer das palavras 127
Caminhos interiores 135
Um moderno 143
Musica 152
A musica em Stendhal e Proust 160
Constructivismo e destructivismo 170

PARTE II

Um precursor 181
Literatura infantil 188
Primeiros passos 205
Terra brava 213
Indigenas e alienigenas 220
Polos 226

Sociedade 236
As cidades e as serras 245
Piratininga 255
Treplica 264
Politica e Polytica 272
Monocracia e Polycracia 286
O problema brasileiro 311
Rehabilitação de um continente 320
Tobias Barreto 336
A esthetica de Farias Brito 354
Schema 370
Indice dos nomes citados 379

NOTA Á 2.ª EDIÇÃO

Reedito esta 1.ª serie de "estudos" *sem nenhuma alteração substancial. E entretanto nesses annos que medeiam, entre 1926, quando foram escriptos e 1929 quando voltam a publico, — passou o seu autor pela maior alteração que póde soffrer um homem sobre a terra. Não julguei, entretanto, pelo nada que valem, dever modifical-os em pontos essenciaes. Só uma modificação valeria a pena fazer — o silencio e o esquecimento que merecem. Essa o publico a fará melhor que o autor... Reeditando estas pobres paginas desordenadas, — como algum dia quem sabe se me animarei a reunir tambem as que precederam a ellas, — viso apenas deixar um documento, insignificante mas sincero, do obscuro drama interior de nossa geração dilacerada, que só a Cruz póde salvar.*

Rio, Setembro de 1929.

T. de A.

PARTE I

PARTE I

TENDENCIAS

É cedo para apontar tendencias precisas em nossa literatura moderna. Só uma coisa se póde affirmar com segurança. A Guerra foi visivelmente o fim de um periodo. A Guerra não foi apenas uma luta de sangue. Foi isso sobretudo. É na carne humana que os grandes movimentos de idéas se abafam ou nascem. É no corpo que a consciencia cria azas ou se reptiliza. Mas é sempre em planos de abstracções que se transfiguram e se desenrolam os movimentos que germinam pelos sentidos. De fórma que a guerra, tendo apenas nos alcançado por uma repercussão moral, agitou por tal fórma a nossa alma que hoje tem de ser levada em conta como um acontecimento de nossa historia. Não pela nossa insignificante, ou peor que nulla, negativa participação material. Apenas pela participação moral no conflicto.

O movimento moderno de nossas letras, portanto, data do fim da guerra. O realismo, o parnasianismo, o symbolismo, depois de darem nos primeiros dez ou doze annos do seculo algumas obras de valor, arrastavam-se na inercia convencional em que terminam todos os movimentos literarios, depois que a energia da criação os abandona.

A guerra saccudiu tudo isso. A guerra feriu de morte a literatura apenas literaria.

O que conta em nossas letras, embora em fórmas

que ainda nos surprehendam, se ainda é possivel... ou mesmo nos repugnem, a nós, que vivemos a transição com toda a nossa consciencia formada, e sofremo-la, portanto, no mais intimo do espirito, tudo o que conta em nossas letras de hoje, como obra de um novo periodo, começou a nascer ou renovar-se depois da guerra.

A guerra foi um terrivel appello á realidade. E por isso desmoronou com o castello de cartas um pouco pueril, ou insufficiente, do realismo. A guerra deslocou as classes e trouxe á tona clamores de soffrimentos e injustiças seculares. E com isso abateu os paradoxos subtis, as preciosidades frageis, os scepticismos satisfeitos. A guerra revolveu todos os campos de visão, todos os artificios meramente apparentes, todo o formalismo convencional. E por isso deu cabo do parnasianismo cristalizado.

Não era possivel, portanto, que a nossa literatura se eternizasse no seu provincialismo. Mesmo temporã, não podia resistir inerte ao sopro de morte e de vida que passava. E data de então o novo movimento que apenas começa a dar fruto.

Nesses oito annos muito se tem escripto. Muito se tem discutido. Muito se tem ensaiado. Muito já se tem abandonado. Reter em conceitos precisos esse chaos é desejar apenas ser desmentido pelo tempo. Tanto mais quanto ha sempre o cruzamento reciproco das tendencias individuaes desejadas com o movimento collectivo inconsciente. Freud escreveu longamente sobre as duas faces do nosso ser: o que affirmamos de nós e o que se processa em nós, ou, como elle diz, o "ich" e o "es". Mais ou menos o "moi" e o "soi", de Daudet. É o que se dá nos movimentos de hoje entre nós. E que torna toda cartographia literaria mais ou menos mythologica.

Entretanto, sem dar á indicação um caracter definitivo, e simplificando ao extremo, já é possivel distin-

guir duas tendencias marcadas, ambas originaes, ambas nascidas depois da guerra e ambas com probabilidades de produzir obras novas e valiosas. Embora sejam ambas, a meu ver, parciaes. E exigindo a inserção de um terceiro elemento, que me parece indispensavel para a criação de um novo espirito, de novas fórmas em nossa literatura a vir.

Temos de um lado as idéas do sr. Graça Aranha que já encontraram expressão criadora no admiravel "Toda a America" do sr. Ronald de Carvalho. Temos de outro lado o movimento de São Paulo, hoje repercutido no Rio e em Minas, com o sr. Mario de Andrade, o sr. Oswald de Andrade, o sr. Sergio Buarque de Hollanda, o sr. Alcantara Machado, o sr. Manoel Bandeira, etc. cada um dos quaes, comtudo, irreductivel aos demais, como espiritos extremamente originaes e independentes que são.

Ainda hoje podemos observar as duas tendencias perto da fonte e, portanto, com certos caracteres de opposição ainda marcados. Dentro em breve, talvez, já não seja possivel. Tudo, entre nós, tende á fusão. Ao tanto faz.

O pensamento do sr. Graça Aranha, tão impregnado de Marinetti, é que o Brasil dormita. Que nós vivemos engorgitados de terrores, de duendes, ou de imitações e que devemos galvanizar toda essa inercia. O brasileiro vive indolente, quando deve ser impulsivo. O brasileiro vive vencido, quando deve ser um victorioso. Sua arte arrasta-se em meias tintas, quando deve reflectir o colorido violento dos tropicos. Seu espirito subordina-se a tradições ancestraes, quando deve romper com o passado. Sua imaginação repete lições de disciplina, quando deve soltar o seu impeto faunesco.

O nosso futuro está na civilisação. É preciso sacudir o mysterio verde das florestas. O trilho que aterre os pantanos e os bugres. Os silvos das Pacific que abatam os silvar das cascaveis. O rufo dos Farmans que espanque para longe o ruflar das jaçanans. Que o futuro se affirme victoriosamente contra as blandicias do passado. Que as leis incorporem a libertação dos vinculos tradicionaes. Que a raça se depure de suas mestiçagens africanas e se aryanize. Que o individuo affirme victoriosamente a sua personalidade. Que a razão expulse a fé. Que o instincto governe a razão. Que a liberdade estimule o instincto. O Brasil precisa viver violentamente a sua vida. E a sua vida é o progresso, é o futuro, é a libertação absoluta do individuo. Portanto, o segredo de sua arte é o tropicalismo, a estylização violenta e livre do seu meio, transformado pela civilisação da machina. Seu instrumento — a mocidade dionysiaca. Sua esthetica — o dynamismo.

Este é mais ou menos o programma seductor do sr. Graça Aranha. Que o sr. Ronald de Carvalho, a seu modo, exprimiu com tanto talento em seus poemas americanos, de "Toda a America".

Muito diverso é o pensamento do sr. Oswald de Andrade.

Para elle a civilisação falliu. A Europa, á qual vivemos ligados desde a descoberta, e da qual temos importado todos os nossos movimentos literarios, falhou em sua tarefa. Nada temos a aprender com ella senão a confissão de sua propria fallencia.

E, portanto, pensemos em nós. Sem nada de preconcebido, pois o passado nada nos póde dar. Sem nada de intencional, pois não sabemos para onde vamos nem o futuro que nos convém. Fechemos, portanto, as nossas portas ao passado e ao futuro. E vamos viver no presente. Nosso unico refugio. Nossa unica verdade. E qual é essa verdade? Será o brilho de nossas capitaes

modernas? Será o progresso de nossas industrias? Será a conquista do sertão? Será a cultura? Será a instrucção diffundida? Será a immigração branca dynamizando a raça? Será a luta contra os preconceitos religiosos? Será a affirmação do individuo contra o meio? Será o riso claro da mocidade contra o ricto macambuzio da melancolia ambiente ?

Nada disso, dizem elles. O brasileiro tem soffrido de "talento". É a intelligencia que o tem escravizado á velha carcassa européa. O brasileiro não é independente porque não se resigna a começar do principio. Se vive dos outros é que quiz partir de onde os outros acabam. Quando deve refazer por si todo o trabalho que os outros fizeram. Começar por onde elles começaram. Partir do nada. E para isso o que lhe falta é a coragem de anniquilar-se. A coragem de sacudir de si todo o aprendido, todo o accumulado, todo o intencional. De deixar de ser intelligente. De descivilisar-se.

Este será o trabalho essencial de quem deseja realmente fazer uma obra nacional, uma obra com raizes, sem artificio, sem pressa, sem aventuras. E, portanto, a obra, talvez ingrata e dolorosa, mas necessaria de nossa geração, dizem elles, é voltar atrás, destruir o que foi feito sem alicerces, cortar o que foi enxertado de fóra. E buscar sem vaidade os elementos espontaneos e primarios de nossa existencia nacional.

Ora, esses elementos só se encontram no povo, na massa sem consciencia, bem vulgar, bem funda, bem ignorante. A instrucção é o nosso mal. Comecemos pelo analphabeto. O branco nos cosmopolitisou. Comecemos pelo mulato. A intelligencia nos artificializou. Comecemos pela estupidez. As fórmas literarias nos cristalizaram. Comecemos pelo chaos.

Vamos fazer nova vida. Vamos deixar de pretenções ridiculas. De academias ou de progresso. De arte universal ou imitações futuristas. E para isso comece-

mos do germen inicial. Nosso lemma — a liberdade de vegetar. Nosso esforço — o de captar os elementos inconscientes, nativos, profundos, que nos estão formando sem querer. Nosso modelo — o primitivo. Nossa esthetica — a falta de esthetica.

Este é mais ou menos o programma tão logico do numeroso grupo de modernos, pelos quaes os senhores Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Raul Bopp e outros têm falado como extremas da linha. Embora até hoje sem affirmações categoricas e exclusivas a não ser de passagem.

São, como se vê, dois pontos de vista oppostos. E que se têm declarado categoricamente em opposição um ao outro. Não sei por quanto tempo, aliás. Pois o sr. Graça Aranha, apesar de sua luminosa intelligencia e de sua incomparavel seducção pessoal, não conseguiu reunir o grupo de discipulos que imaginava quando aqui desembarcou em 1921. E, por outro lado, o ponto de vista dos primitivos admitte tantos entretons que ha sempre malha para escapar.

A meu ver, reunindo embora quasi toda a nata da intelligencia nova, nenhum delles exprime *toda a* nossa realidade. E muito menos a nossa idealidade. São parciaes e incompletos. São apenas elementos de uma verdade maior. São partes tomadas pelo todo. Nem a nossa salvação está na civilisação, nem é exacto que toda a civilisação falliu. Não tomemos por verdade fundada o que é simples desespero de momento, negação pelo soffrimento excessivo. Aceitar totalmente a ideologia do sr. Graça Aranha seria louvar uma concepção materialista da civilisação. Voltar ao racionalismo. Proseguir no naturalismo mais ou menos disfarçado. Repetir a concepção nietzscheana da existencia aliás cada dia mais em moda e sobretudo em acção. Falsear todo o nosso caracter. Importando o utilitarismo. Recalcando sentimentos naturaes de nossa alma. Artificializando,

portanto, mais uma vez a nossa arte, pela suppressão de suas raizes e pela inserção de caracteres estranhos. Seria possivelmente precipitar e falsear a nossa formação.

Aceitar, por outro lado, totalmente o primitivismo, seria voltar a um ponto de partida illusorio e falso. Impossivel. Fazer literatura apenas ás avessas. E conseguir apenas disseminar um escarneo infecundo, um pessimismo inutil e meramente destruidor.

Não acredito, portanto, que qualquer dessas duas orientações possa proseguir victoriosamente em sua pureza. Embora cada qual represente um elemento real o que encontramos a cada passo no Brasil de hoje. O desejo de affirmar-se, de vencer, de agitar a indolencia do meio vive a cada momento se chocando com as inercias, com as insufficiencias, com a primitividade de nossas condições. E, portanto, toda arte realmente nova e sinceramente criadora não póde deixar de lado nenhum desses dois elementos essenciaes de nossa formação incompleta.

O que me parece, apenas, é que mesmo aceitando os dois elementos parciaes, mesmo fundindo-os, não se terá chegado a um estado de espirito criador e expressivo. Falta a meu ver uma terceira condição fundamental de nossa arte. O elemento espiritual. Uma mystica criadora.

Só ella poderá fundir realmente esses dois elementos de nossa realidade. Nem banir os chamados "terrores" primitivos por incompativeis com o progresso mental, nem comprazer-se nelles, numa mera evocação de demonismos selvagens ou de superstições sertanejas. Nem o erro racionalista nem o erro mystagogico. E sim transfigurar esses terrores, ou antes esse temor, esse respeito, esse espontaneo reconhecimento do invisivel. Espiritualizar a nossa emoção criadora. Desdobrar a nossa realidade linear. Transportar para o

plano das verticalidades o que ameaça decair permanecendo na simples horizontalidade.

Tanto o dynamismo, como o primitivismo puros nos levariam a uma arte apenas dos sentidos exteriores. Mas isso já tinhamos com o parnasianismo ou o naturalismo. Só a impregnação de espirito poderá, não eliminar os sentidos, pois a arte é por essencia coisa sensivel e não abstracta, mas enriquecer esses sentidos, fecundal-os com a apropriação de verdades transcendentes ou profundas, de universos suprasensiveis ou infrasensiveis. Pelo *supra naturalismo* poderemos talvez fusionar os elementos contradictorios de nossa alma titubeante.

A mystica, que poderá dar á nossa arte moderna um valor de espirito que o puro dynamismo quantitativo não poderá trazer-lhe, e uma seriedade que sempre faltará aos artificios do primitivo, do terra a terra, do simplesmente popular, essa mystica podemos vel-a em acção na arte russa. Ella é que dá ás obras dos Dostoievsky, dos Gogol, ou dos Tchekhoff esse sabor do humano mais que humano, esse desdobramento de vida que torna o localismo mais universal que qualquer arte cosmopolita. Essa incorporação do mysterio é que poderá dar-nos uma arte bem nossa, sem regionalismo estreito. Bem humana, sem renunciarmos ás nossas inevitaveis imperfeições.

Está entendido que essa espiritualisação criadora, ou será espontanea ou será ridicula. O supranaturalismo — ou será um estado de espirito innato no artista, no poeta, no romancista, de modo a embeber-se em cada palavra, em cada scena, em cada fórma, em cada idéa, — ou será um processo tão artificial quanto o falso primitivo ou o falso dynamismo. Devemos esforçar-nos por chegar a esse estado que a meu vêr completa e explica todas as etapas parciaes. Mas não o alcançará apenas quem o queira. Não é uma formula que proponho. Em arte todas as formulas são illusorias. A supranaturali-

dade é apenas um estado de espirito que me parece necessario para criarmos qualquer coisa de realmente nosso, novo e duradouro. Ainda não estamos em condições de o fazer? De accordo. Ninguem mais consciente do que eu dos nossos limites. Ninguem mais sceptico de recommendações aos artistas sobre o modo de criarem aquillo que só o tempo, a vida, o lento amadurecimento, as condições sociaes, emfim a seiva e o espirito podem trazer inesperadamente.

Apenas, a seguir um caminho lateral que nos escravise ás formulas, ou um caminho difficil que possivelmente nos liberte, deixo a escolha ao leitor.

UM MYSTICO DO NOVO MUNDO

Existe, hoje em dia, um romantismo da utilidade. O progresso mecanico deslumbrou a cabeça de alguns poetas, do novo e do velho mundo, e nasceu a apologia das coisas praticas. Houve varios assassinatos, o do luar, o do amor, o da saudade, etc., e varias enthronizações de divindades novas — o presente, a machina, o commercio, etc. Era natural que o paiz typico para se ver ao vivo essa revolução esthetica fosse a America do Norte. E em torno do americanismo convencional se vae constituindo uma fórmula de arte bastante ramificada da qual ha pouco tempo fazia Blaise Cendrars a apologia no ardente e fantastico romance "Moravagine": — "La race blanche en débarquant en Amérique a découvert d'un seul coup le seul et unique principe de l'activité humaine (sic), celui qui éléve et qui subjugue, le principe de l'utilité".

Ora, enquanto certos espiritos do velho continente, cansados de repetir fórmas exhaustas, procuravam no caminho do pragmatismo o que as vias idealizadoras lhes negavam, — começavam alguns, entre as novas gerações do novo continente, educadas no meio desse pragmatismo generalizado, a sentir o peso e o vacuo de uma tal concepção das coisas. E, ao passo que os autores mediocres exploravam esses e outros aspectos superficiaes do Novo Mundo, formava-se uma élite de revoltados, que

se recusavam a medir os valores espirituaes da vida por essa especie de estalão.

A esse extremo grupo de revoltados contra o titanismo convencional do Novo Mundo é que pertence o critico e romancista Waldo Frank. Não tenho dados biographicos a seu respeito. Sei apenas que deve andar pela casa dos trinta, que é de origem israelita e que vagueia estranhamente pelos Estados Unidos como um nomade insatisfeito. É muito pouco. Mas os seus livros dizem muito mais. Pois vive nos seus livros. Não só nos seus romances, mas especialmente em tres volumes capitaes de sua já muito extensa obra: um estudo sobre a nova alma norte-americana. — "The New America" (1922); um livro de estudos criticos — "Salvos" (1924), e, finalmente, um volume originalissimo sobre a Espanha — "Virgin Spain" (1926), cuja dedicatoria toca um pouco a todos nós, pois elle o endereça: — "To those brothers Americans, whose tongues are Spanish and Portuguese, whose homes are between the Rio Grande and Tierra del Fuego, but whose America like mine stretches from the Arctic to the Horne".

Frank começou a escrever em 1914. Mas só em 1917 publicava o seu primeiro romance "The Unwelcome Man". Esse livro, embora seja inferior a muita outra coisa de Frank, já nos dizia o que viria a ser a sua mensagem literaria. Uma mensagem de revolta contra o espirito ambiente. Uma mensagem de isolamento. Não de incomprehensão. Mas de superamento. É a historia de uma "failure".

Nesse paiz onde tudo era exito, onde a philosophia do successo era a nutrição de todos os adolescentes, chegava esse desconhecido aos editores com um manuscripto em que se contava longamente a historia de uma vida falha. De uma alma que perdeu a vida justamente porque era uma alma. Porque não se adaptava. Porque tinha uma concepção toda revolucionaria dos valores.

Nenhum editor quiz saber dessa mensagem, onde se evocava como "mortos", todos aquelles que viviam agitadamente, que enchiam o mundo de sua arrogancia, de sua alegria, de seu poder.

Aliás, no prefacio que escreveu para a segunda edição, de 1923, desse seu primeiro livro, observa Waldo Frank a immensa transformação por que passou o meio literario norte-americano, nesses poucos annos. "O campo literario da America, em 1916, ainda era um campo de regras assentes, de pudores ferozes, de rigidas convenções. O nosso mundo literario de 1923 é um mundo de fermentação anarchica".

Mas é sobretudo no livro em que reuniu os seus estudos criticos "Salvos", que Waldo Frank mostra mais longamente essa transformação e precisa o sentido das novas correntes de idéas que elle sente borbulharem na Nova America.

"For a declaration of War" é o titulo audaz e categorico do admiravel prefacio desse livro.

"Em 1916, quando foi escripto o primeiro destes estudos, era enorme a confusão. Os homens não conheciam os seus amigos e os seus inimigos: elles não se conheciam a si mesmos... O chaos ainda está comnosco. Mas ao menos estamos tão adeantados nelle que sabemos ser um chaos... Sabemos que, assim como a arte é mais do que expressão, a critica é mais do que sorrisos, caretas ou muchochos. Sabemos que boa vontade e um vago senso do Espirito não são sufficientes para um guia espiritual".

E começa então a mostrar o sentido em que a sua geração deve entrar em guerra, numa guerra "mais larga do que a America e que excede o destino de nossa geração... A guerra de uma nova consciencia, contra as fórmas e a linguagem de uma cultura moribunda".

Não tenho espaço para acompanhal-o de perto. E,

no entanto, muito se aproveita dessas paginas reveladoras.

Elle mostra como o nosso desespero, o nosso desamparo hoje em dia provêm da quebra da nossa unidade occidental. Em seus dois termos extremos de comprehensão do universo e da vida — a religião e a arte — o nosso mundo tem caminhado para a desagregação. A unidade, a totalidade, é que fazem o terreno firme em que ambas se assentam, como de facto se assentavam em nosso mundo.

— "Em todo (?) o curso da historia no mundo occidental houve uma cultura commum: um todo commum. A matriz desse todo era um grupo de convicções espirituaes e intellectuaes". E depois de resumir o numero dessas condições fundamentaes de unidade, mostra como desde o Renascimento se vem desagregando esse todo, a começar pela acção de homens como Copernico, Bacon, Descartes e Spinoza, até a enorme acceleração que o processo teve no seculo XX com forças como Kant, Schopenhauer, Darwin, Kelvin, Freud, os mathematicos não-euclideanos, a introducção de idéas religiosas hindús, etc.

Operada essa desagregação intellectual e scientifica do velho todo, não conseguiu o movimento impregnar-se na vida espiritual e emocional do homem e dahi todo o mal estar contemporaneo.

— "Sentimo-nos desesperados porque perdemos o dominio que vem com a experiencia da unidade e da totalidade. Sentimo-nos desesperados porque estamos em um chaos. Vivemos em actos, desejos e pensamentos fragmentarios. Literalmente, a fórma de nossa vida está se decompondo. E isso significa morte."

Por mais que eu admire a arrojada concepção desse movimento que Frank traça ahi, estou longe de concordar com a maior parte de suas idéas. Existe em Frank uma dose consideravel de semitismo, que explica não

só os lados extremamente brilhantes da sua obra,, mas tambem a parte messianica. Elle escreve sempre em grandes syntheses, que illudem pelo extraordinario brilho e originalidade dos seus elementos, mas que nem sempre correspondem á realidade.

Essa idéa de uma volta ao todo por incorporação de todo o movimento anti-medievalista, do Renascimento aos nossos dias, é tudo que ha de mais fantasista. É o residuo de uma concepção puramente evolucionista do universo. Começa por ser falsa a affirmação de que a historia do occidente fôra sempre a affirmação de uma unidade espiritual, até que o Renascimento quebrasse essa unidade.

A historia do occidente foi sempre uma historia de lutas. Em todos os seus momentos culminantes estiveram sempre representados os seus modos essenciaes de encarar a vida. A Grecia viveu sempre em longas disputas philosophicas, em que os individuos e as escolas comprehendiam o mundo diversamente e disputavam-se indefinidamente a respeito. Se em Roma foi maior a unidade é que tambem foi menor a originalidade. E politicamente a unidade romana foi tambem uma luta continua contra as forças de disseminação.

A introducção do christianismo criou uma nova tendencia á unidade. Um outro modo de sentir a vida introduziu-se no edificio carunchoso do Imperio. E uma luz estranha e sobrenatural pareceu rejuvenescer o mundo. O christianismo estendeu-se, infiltrou-se, dominou pouco a pouco o cháos que a ruina do Imperio deixara, mas sempre entre immensas discordias interiores. Basta seguir o que foi a historia dos dogmas para se comprehender como era difficil e humano esse acercamento a uma verdade universal e permanente. Realmente a Igreja chegou a estabelecer uma certa unidade moral e material nesse mundo agitado, mas é preciso desconhecer o que foram as interminaveis disputas philosophicas me-

dievaes para acreditar que realmente o famoso Todo se assentava indiscutivelmente na totalidade do mundo espiritual da época.

Não se deu, portanto, com o começo do mundo moderno, no Renascimento, uma substituição automatica do todo pela diversidade. O que se tem dado é o seguinte, a meu ver. No seculo XIII, se a unidade dominava, é que possuia o predominio material e fazia calar as vozes da diversidade. No seculo XX, se domina a diversidade, é que ella é que possue a superioridade em forças sociaes, e, portanto, faz calar, por mil meios, as vozes da unidade.

Demais, essa idéa de que a intelligencia do homem é hoje de qualidade distincta da que era outr'ora, parece ser antes o producto da confusão que fazemos entre coisas profundas e coisas superficiaes, entre a verdade e os modos de conhecer as verdades.

Todo esse prefacio de Frank, por maior que seja o brilho de suas idéas, é todo elle fundado na opposição falsa e rigida de dois mundos: de um lado, os resíduos da velha cultura medieval, que se arrastam no mundo moderno, provocando a desorganização da cultura contemporanea; e de outro lado, esta cultura moderna, cheia de verdades parciaes, mas incapaz até hoje de reunir essas verdades em um novo todo, expellindo os velhos restos de individualismo. Sente-se que Frank, como Augusto Comte, é no fundo um grande admirador da Igreja Catholica, e que quer fazer com a cultura moderna o que a Igreja fez com a cultura medieval. Apenas, como Frank é um theista romantico, um messianista, um revolucionario e, portanto, anti-positivista até a raiz dos cabellos, diverge profundamente o seu anseio de unidade do que foi o baldo esforço unificador de Comte.

Não sou, portanto, partidario das idéas de Frank. Discordo dellas, por vezes, radicalmente. Sinto o seu messianismo como que provindo de outro sangue, de

outro modo de sentir a nossa finalidade. Não comprehendo a simplificação com que reduz o homem a um incorporador de verdades contestaveis. Acho inteiramente falso o seu nomadismo historico. Contradictoria a sua ansia de unificação, de imposição de hypotheses recentes, de aceitação de philosophias parciaes ou subjectivas, com o constante sentimento do cháos, do vago, da dissolução que nasce de todas as paginas. Elle pretende tornar rigido o que elle mesmo apresenta como eternamente movel, diffuso, fluente. Falsa ainda a distribuição de campos entre as intelligencias modernas. Puramente messianica e fantastica a sua utopia de unificar o complexo e de dissolver a cada passo o social. De levar ás nuvens Rousseau ou Thoreau e ao mesmo tempo o cardeal Cisneiros ou Isabel a Catholica.

Mas isso não impede de reconhecer em sua intelligencia uma das mais poderosas e originaes da America de hoje. E, defendendo luminosamente essa verdade fundamental de que uma cultura sem uma religião, e, portanto, uma arte sem uma religião, não conseguem elevar-se dos planos de horizontalidade vulgar. Apenas, como Hilaire Belloc o mostrou em seu livro sobre os Estados Unidos, lá se está elaborando uma religião nova. E Waldo Frank, com toda a nebulosidade ainda imprecisa de suas conclusões, é um dos apostolos dessa nova religião, que não poderá ter muita repercussão, creio eu, pois é uma religião toda de symbolos vagos, de abstracções estheticas, de dissoluções anarchicas, de aspirações irrealizaveis.

Isso não diminue a sua acção primordial que é justamente de mostrar como é falsa e superficial essa consideração do americanismo como um simples dynamismo materialista. Elle mostra, em innumeras paginas desses seus tres livros, como pensador, e nas dos seus romances, como artista, que ha uma reinserção de valores es-

pirituaes indispensavel para a nossa cultura e para a nossa arte, se quizermos evitar a morte e a inercia.

Posso discordar como radicalmente discordo, sobre o conteudo desses valores. Mas no essencial, que é a necessidade dessa espiritualização, dessa reincorporação do mysterio em nossa arte nova e viva, moderna e forte, nisso acho admiraveis muitas de suas paginas, e dignas de ser meditadas por nossos renovadores da literatura actual. Acredito que levem alguns á negação de nossa individualidade propria. Mas os que não sabem resistir ás tentações não conhecem o merito da virtude criadora. A outros, porém, mostrarão como em pleno dominio do titanismo utilitario ou da sciencia positiva e pratica, surge toda uma geração de revoltados contra a estabilidade de um mundo de injustiças liberaes e contra a arte escrava dos limites fechados desse mundo.

E, se lerem o seu admiravel livro sobre a Espanha, cujas idéas nem sempre são aceitaveis, mas cuja originalidade é incomparavel e o estylo de uma luminosidade rara nas descripções, se lerem esse livro verão como foi, em summa, admiravelmente comprehendida e louvada por um inimigo em idéas, em raça, em nacionalidade, em crenças, essa grande alma espanhola, e a sua immensa "tragedia" historica, que vem repetir-se um pouco nessa America Latina, á qual elle dedica esse seu livro impregnado de sympathia e crepitante de intelligencia, e um pouco tambem em cada uma de nossas almas do sul desta mysteriosa, desta terrivel America.

O dialogo final, entre Cervantes e Colombo, numa eminencia de Palos, olhando symbolicamente para o longinqua America, lá no extremo horizonte, coberta de riquezas, de agitação, de torres poderosas que escalam o céo, é de uma belleza, de uma grandiosidade inexcediveis. E nelle se resume o que ha de superior na obra desse grande artista do norte. Permittam que cite em sua lingua original, para não lhe tirar o sabor nativo,

o ponto culminante desse dialogo supremo. É Colombo que fala:

— "Why should I not be glad? The New-World is in them, underneath the Towers. When they have learned that they can not succeed: that all the Towers and all the machines and all the gold on earth can not crush down this unborn need in them for a true NewWorld — then it will arise".

E subitamente no fundo do horizonte, as torres orgulhosas começam a oscillar e desmoronam-se com fragor, e Colombo exclama então, voltado para a sua terra:

— "Ready, Spain! You must stir gain. You must give again. Europe has rotted at last into the Grave they called America. Your work is not quite done. You, most broken mother of all Europe, you have preserved a Seed. Your spirit, Spain. They above all will need it, in the north: they whose speech is English and who have led in the building of the Towers which are the Grave of Europe".

Que nós, do sul, cujo sangue e cuja intelligencia receberam ainda mais no fundo da alma, esse espirito da nobre Iberia, evocado por esse grande artista de uma raça diversa da nossa — não deixemos seccar a semente que transfigura. E possamos sempre conservar em nosso sêr o sentido mysterioso e eterno daquella immensa palavra de D. Quixote: — "Eu vim ao mundo para viver morrendo".

CONTINENTALISMO

Ronald de Carvalho — "Toda a America". Pimenta de Mello & C., Rio, 1926, "Pequena Historia da Literatura Brasileira", 3.ª edição. F. Briguet & C. — Rio, 1925.

A obra do sr. Ronald de Carvalho, iniciada ha treze annos, reflecte bem o caminho que desde então têm feito as nossas letras. E de certo modo o caminho de uma geração tambem.

Entréa, em 1913, com o seu livro de poemas "Luz Gloriosa", em que se reflectem os ultimos raios do symbolismo e em que reponta a cada pagina um grande amor á vida, ás cores, aos sons.

Mas logo após esse grito de mocidade e alegria, de tão sensivel reflexo europeu, vem a guerra, o espectaculo da vida em suas formas mais crueis. E por alguns annos foge á publicidade, criando em silencio uma obra mais meditada, mais polida, mais cerebral. E deu-nos em 1919 o volume de "Poemas e Sonetos", em que o reflexo symbolista cede ao reflexo parnasiano. Como o sol, que ao baixar o horizonte grita numa vidraça ou numa pedra um ultimo adeus, essas escolas que desappareciam, mandavam através desses livros da nova geração, hesitante e timida, o seu ultimo appello á vida.

E logo, nesse mesmo anno, revelando outro aspecto da geração que surgia, isto é, a sua cultura, o seu gosto, a gravidade de suas preoccupações, com a mocidade retalhada que fôra, pelo horror da guerra vivida, embora ao longe, — appareceu a primeira edição da "Pequena Historia da Literatura Brasileira", que ficou sendo desde logo como que um livro classico da nova geração.

E logo, nova versão a estibordo. Começava então, com o fim da guerra, a reflectir-se aqui o movimento modernista europeu. Nossa literatura exgotava-se em repetir escolas mortas. Todo o mundo sabia fazer sonetos parnasianos. Todo o mundo vivia impregnado de requintes d'annunzianos, de ironias á Bergeret, de satanismos e deliquescencias. Os moços desdenhavam da morte, com superioridade, não por serenidade socratica ou espirito de sacrificio christão, mas apenas porque para elles, para nós todos adolescentes de então, parecia-nos que a vida nada mais tinha a nos revelar. Uma immensa saciedade. Um immenso desdem pela "literatura de possessos", dos que reflectiam ainda os gongorismos rhetoricos do nosso seculo passado e mesmo dos que mantinham vivo o veio d'agua sertanista e local.

O cansaço da literatura velha se reflectia, por exemplo, na frieza com que os novos recebiam o "Tarde" de Olavo Bilac, até então consagrado como o maior poeta nacional vivo. Não era possivel aquella permanencia no anachronismo, nem aquella complacencia no scepticismo da vida, na ironia das idéas, no paganismo da acção utilitaria e sybarita.

A reacção, — que desde o fim da guerra se accentuou e que hoje está em plena actividade, em plena ebulição de tendencias divergentes sobre bases analogas — essa reacção tendia sobretudo a espancar de vez as ultimas sombras do symbolismo e do Parnaso e por outro lado, e sobretudo, a vencer o espirito de negação, a criar um novo sentido da vida, a repellir a velhice pre-

coce de que se intoxicara a nossa mocidade. Esse é hoje um elemento capital da nossa geração: o rejuvenescimento de uma mocidade que se envenenou na adolescencia com os males da velhice.

Esse momento capital da nossa geração, da nossa actualidade literaria, reflecte-se, na obra do sr. Ronald de Carvalho, nos seus "Epigrammas ironicos e sentimentaes" de 1922. Havia nelle a repulsa ás fórmas gastas, a adopção de rythmos livres e amplos e um esforço de rever a vida com olhos ingenuos, de procurar a poesia das coisas simples, de reconquistar uma mocidade perdida. Mas a prova de que essa ingenuidade não poderia mais ser readquirida de todo, nem é possivel a quem passou por onde passamos, foi a publicação em 1923 do livro de chronicas e ensaios "Espelho de Ariel", em que se mostrava o requinte de cultura de um espirito impregnado precocemente de todo o movimento de idéas mais subtis do pensamento moderno. O homem europeu resurgia. Mas o homem americano velava: "Estudos Brasileiros" (1ª serie) — 1924.

E, ao mesmo tempo, se accentuava entre nós o movimento de idéas modernas, a agitação de um novo espirito de affirmação e de luta, sempre orientado pelas duas tendencias fundamentaes apontadas: a reacção contra o scepticismo decadente e a procura de fórmas novas de expressão literaria.

Na primeira corrente se destacavam espiritos como o do sr. Jackson de Figueiredo, cuja campanha de idéas, — tão repercutida em todos os cerebros novos, que tiveram coragem para reagir contra as delicias do pyrrhonismo,, e tão fechada á comprehensão dos mais velhos —, será um dos pontos culminantes do nosso movimento contemporaneo. Na segunda corrente se destacavam o movimento modernista iniciado em S. Paulo e a agitação de idéas provocada pela famosa conferencia do sr. Graça Aranha e sua acção animadora e des-

assombrada por uma literatura de acção viva, e de criação original.

É sobretudo esse cyclo de idéas que reflecte a nova obra poetica do sr. Ronald de Carvalho "Toda a America", que representa a feição mais recente do seu espirito: a victoria do espirito de saude contra a morbidez dos derrotismos passados e a fé no espirito americano, na capacidade brasileira, na renovação de nossas letras por uma literatura de claridade e dynamismo.

Esse esboço da curva literaria que vem seguindo o sr. Ronald de Carvalho, — desde o dia em que levou o seu primeiro livro para que George Crès o editasse, e queimou-o em Paris, por já sentil-o anachronico, até o seu recente poema de força viva americana — apesar de tão summario, procura mostrar como essa obra será, para os futuros historiadores do nosso momento e da nossa geração, um documento incomparavel para estudar o "pensamento moderno" em letras e afinal toda a nossa geração, entre dois mundos: — a sua timidez inicial, as suas imitações, a sua gravidade, as tristezas da vida contemplada, os sarcasmos e as desesperanças da Fé, e de toda fé, asphyxiada pela razão malabarista e pelos sentidos postos em liberdade, a cultura adquirida a despeito dos males do ensino, o esforço de reviver do pessimismo, de voltar atrás dos caminhos errados, de partir para novas conquistas, de restaurar a sua mocidade e a sua fé, de se affirmar esforçadamente, dolorosamente, de criar a sua personalidade emfim.

E uma obra que já fez tanto caminho é a obra de um moço que está longe de ter exgotado o seu gosto das peregrinações. E que, se continúa a exprimir vivamente o espirito de inquietação dos que procuram, já começa a assentar o seu vôo, a limitar o seu campo de acção. Como se vê, no vasto terreno que tem percorrido, sua acção tem sido constante e viva no fixar estados de espiritos imprecisos, mais do que propriamente modi-

fical-os. Ella tem reflectido as angustias e os esforços, — os cansaços e as alegrias de uma geração. Outras serão mais originaes ou extravagantes, outras mais fielmente observadas ou mais profundamente meditadas, mas nenhuma, creio eu, poderá exprimir tão bem essa curva immensa e esforçada que ha dez annos vimos fazendo para os novos rumos da mentalidade nacional.

E tendo assim traçado um leve schema da obra literaria, tão expressiva e tão rica do sr. Ronald de Carvalho, posso agora examinar de mais perto esses dois "nouveau-nés": — os poemas de "Toda a America" e a 3ª edição da Historia da nossa literarura.

Já agora não é possivel separal-os. Estes versos de 1926 são a fórma criadora do pensamento critico do ultimo capitulo da Historia. A critica e a criação se completam ahi. "Toda a America" é a realização das idéas expressas no capitulo sobre o seculo XX e sobre o movimento e as idéas modernas de nossas letras. E ambos reflectem, sem duvida, a influencia das idéas do dynamismo criador objectivista do sr. Graça Aranha.

Ao passo que o modernismo paulista se afasta deste, procurando o seu caminho numa originalidade brasileira mais profunda, mais localista (ao menos de momento) ou aceitando o primitivismo barbaro ou subconsciente do modernismo europeu, — conserva-se o sr. Ronald de Carvalho fiel á orientação traçada pelo autor do "Espirito Moderno", e desenvolve nesse sentido a sua dialectica e a sua inspiração.

A obra literaria, portanto, já hoje capital para as nossas letras, do sr. Ronald de Carvalso, não precisa de elogios. E tanto esses poemas como o novo capitulo final da Historia contêm coisas que me agradam muito para que silencie os pontos em que discordo de sua orientação.

Nesse novo capitulo final, sem entrar em pormenores, divide o primeiro quartel do novo seculo em duas

phases: "o scepticismo literario e a reacção nacionalista".

Se a divisão geral é exacta, o movimento de facto tem sido muito mais complexo, como vimos da propria obra do autor. E demais, dá a entender que a reacção moderna é simplesmente um esforço de affirmação americana, quando é incontestavel o reflexo do modernismo europeu no nosso espirito moderno. E a reacção nacionalista dos modernos é bem diversa da inspiração puramente nacional e trae, a cada passo, a influencia de modos de ver e de sentir que o movimento intenso dos espiritos europeus, depois da guerra, tem extendido por todo o occidente.

Aliás accentúa o sr. Ronald de Carvalho, com exactidão, que nós viemos da acção contradictoria dessas duas forças: de um lado o cosmopolitismo que torna cada vez mais solidarios os homens entre as correntes mais modernas de pensamento e de outro o regionalismo que os isola. "Foi entre Pedro Barqueiro e Andrea Sperelli, que se formou a geração modernista", escreve elle. E accentúa, com razão que — "a historia dos nossos valores é, em grande parte, o espelho desse combate entre a terra e o homem", mostrando que nós passamos de seres dominados pela natureza a dominadores da natureza, embora ainda influenciados pelas gerações anteriores — "que nos herdaram esse enthusiasmo espontaneo e esse pessimismo radical em relação a tudo quanto se refere ao Brasil".

E conclue, portanto, com todo o acerto que — "Vencer a natureza pela disciplina da intelligencia, eis a primeira lei que a realidade brasileira impõe ao homem moderno".

E, em seguida, procurando apontar, no cháos de tendencias actuaes uma orientação que traduza realmente o esforço moderno, diz que — "o realismo predominante no seculo XIX foi substituido pelo sentimento

lyrico e ideal das fórmas e dos volumes. O artista moderno é um deformador... Toda a criação esthetica de hoje está sujeita a uma grande lei de lyrismo cerebral".

Não me parece bem exacta a determinação. No movimento de arte contemporaneo o que eu vejo, de mais em mais, são duas tendencias radicalmente oppostas: de um lado, o impeto absoluto pela libertação de todos os impecilhos á expressão individual, inclusive o impecilho da comprehensão. A arte passará a ser um simples balbucio do sub-consciente. Um accumulo, relativo ou absolutamente arbitrario de palavras, ou de traços, ou de blocos em que o autor se entrega á anarchia radical, ao instincto, ao acaso.

De outro lado, uma reacção no sentido das fontes, uma volta ás leis fundamentaes do pensamento, uma purificação das forças expressivas pela affirmação da verdade como elemento fundamental da arte.

Parecem ser essas as duas tendencias mais originaes da esthetica actual, entre as quaes oscilla naturalmente toda a variedade das preferencias individuaes, das peculiaridades e dissidencias nacionaes ou regionaes, e das composições de extremos mais ou menos felizes.

Num livro recente, com muito de penetrante e exacto, sobre "Les chefs de File de la Jeune Génération", escreve Lucien Dubech: "Il y a deux sortes de gens qui écrivent. Les uns écrivent pour être compris, ce sont les écrivains. Les autres écrivent pour étoner le public, ce sont les littérateurs". Em qualquer estudo sobre o movimento moderno das letras é preciso sempre levar em conta essa especie de "literatos", que fazem muito mais ruido que os escriptores e proliferam com a desordem dos espiritos nesta nossa éra de extremos. É preciso, além disso, levar em conta um elemento a que Dubech se não refere e que falsearia qualquer classificação sendo supprimido: o cansaço, a sensação de exgotamento das fórmas, e a irritação contra toda auto-

ridade, da tradição ou outra qualquer, que se junta a um movimento de idéas politicas, de liberalismo incondicional e repulsa á sociedade actual.

Esse recurso ao "lyrismo cerebral", portanto, não me parece que seja um caracter geral da arte moderna. É sem duvida um elemento capital no movimento contemporaneo, mas parcial e até certo ponto perigoso e passageiro.

"A arte moderna libertou-se do assumpto, do motivo, da copia em summa. O seu unico objectivo é commover pela exaltação lyrica dos rythmos e das fórmas". Isso seria reduzir o modernismo a uma unidade de orientação que elle não tem, e além disso reduzir a arte moderna a um simples superficialismo agitado e ephemero de fórmas e rythmos. Quando o que nós vemos, justamente, é que um numero consideravel de artistas modernos, reagindo contra as diluições do symbolismo e do impressionismo, procura justamente revalorizar a massa, a essencia, a verdade objectiva, a expressão directa das coisas.

E o elemento deformador que inegavelmente existe, em grande numero dos artistas de hoje, ou é desejo pueril de chocar (o que revela o "literato", no sentido de Dubech) ou é o elemento pessoal inserindo-se no elemento extrapessoal, que é sempre o nucleo capital de toda grande arte, a volta ao dualismo fundamental da natureza, contra o monismo idealista, que me parece insufficiente e pobre para exprimir a nossa immensa complexidade.

Outros caracteres da arte moderna, estudados pelo sr. Ronald de Carvalho, no novo capitulo final de sua "Pequena Historia da Literatura Brasileira" me parecem bem observados. A tendencia á synthese por exemplo "Tanto quanto podemos concluir portanto, o que caracteriza a arte moderna é o horror ao accessorio, ao indeterminado, ao trivialismo das reproducções faceis".

Muito exacto. Bem como a opposição entre a "civilização da pedra" dos antigos e a "civilização da machina" dos modernos "O homem que inventou a machina não tem a mentalidade do seu antepassado. Aquelle faz do tempo uma idéa de poupança este uma idéa de desperdicio". Agora, o que me parece absurdo é concluir dahi que "a imaginação criadora do artista moderno... funcciona como verdadeira machina", apenas porque desdenha as amplificações ou os ornatos inuteis.

Não ha revoluções ephemeras ou duradouras que possam tirar ao espirito e á vida as suas prerogativas. E a arte, por mais tempo que dure o desespero ou a incapacidade dos homens, ha de ser sempre coisa do espirito imprevista, mysteriosa, impregnada de intelligencia e de sentimentalismo, de musicas secretas, de revelações e penetrações ultra-realistas, e voltando sempre, para durar, aos modos interiores da verdade, ao appello das eternidades.

Noto de passagem, o desdem com que o autor trata o cinema quando faz justiça á machina, — segundo as idéas de Le Corbusier — a essa arte nova que nasceu no mundo moderno e que ha de criar uma divisão á parte — a mecanica — junto da architectura. "A anecdota e o pittoresco das imitações, o culto da exactidão, tudo isso foi relegado para o dominio da photographia e do cinema", escreve elle.

Ora, o cinema parece ser justamente uma das duas novas artes que o mundo moderno está criando, e o seu dominio, muito longe do da simples imitação, póde ser justamente o da sêde de deformações que estão corrompendo inutilmente, por vezes as outras artes, e que só elle poderá realizar um dia, com veracidade e emoção.

Á parte essas objecções, dictadas justamente pela importancia desta obra e pelas verdades que contém este admiravel capitulo final, acho que o pensamento que o anima, apesar dos termos geraes em que se exprime

é muito verdadeiro. É o pensamento de um moço que acredita no Brasil e no homem brasileiro. Que tem fé no esforço. Que espancou convencionalismos mortos. Que prega uma arte sadia e forte, sem imitações, nem repetições e que exprime, com sinceridade, o momento presente da nacionalidade.

— "O homem moderno do Brasil deve, para criar uma literatura propria evitar toda especie de preconceitos" (trata-se de saber o que é preconceito e o que é prévio conceito humano necessario e existente tanto aqui como na Conchinchina). "Elle tem deante dos olhos um grande mundo virgem, cheio de promessas excitantes. Organizar esse material, dar-lhe estabilidade, reduzi-lo á sua verdadeira expressão humana deve ser a sua preoccupação fundamental. Uma arte directa pura, enraizada profundamente na estructura nacional, uma arte que fixe todo o nosso tumulto de povo em gestação, eis o que deve procurar o homem moderno do Brasil". Bellas e nobres palavras de fé e de confiança que são uma chave preciosa para um livro de preço como este, em que vive um espirito ardente, uma solida cultura e um gosto finissimo de critico.

Os poemas de "Toda a America" são justamente a illustração, pelo criador, das palavras do commentador. Não quiz merecer a velha censura que persegue os criticos e passou dos conselhos á realização. "Toda a America" é justamente o poema da America viva, do mundo novo e virgem, do mundo que renasce, não digo das cinzas, mas das dôres de um admiravel mundo que está innegavelmente cansado, mas possue ainda energia sufficiente para nos mandar, por alguns seculos, tanto lições de verdade como exemplos de degradação.

É uma poesia sadia e forte, com uma grande concentração de effeitos, um syncretismo poderoso em que a America surge como um mundo de energias virgens e crepitantes, um mundo de infinita variedade de aspe-

ctos, que todos se reflectem, directamente, em traços vivos e firmes.

Sente-se que o poeta procurou deixar de lado toda melancolia, todo sentimentalismo, todo lyrismo puramente subjectivista para chegar á expressão viva e immediata das coisas. E tem paginas realmente admiraveis de côr e de movimento, como aquellas em que canta a noite americana, toda a variedade das noites americanas. É uma poesia de acção, de força, de concentração de effeitos. Uma poesia confiante, optimista, procurando ser quanto possivel ingenua, respirando saude e revelando, em muitos pontos, a visão directa das coisas, e suggestiva, como nos quadros mexicanos, na visão do pampa, dos portos chilenos ou do asphalto de Broadway.

Isso tudo não impede que eu esteja em desaccôrdo com o autor, em certos pontos.

A começar pela concepção já convencional de uma America livre, fresca, ingenua, despojada de todos os males europeus e para quem a vida é uma aurora radiosa. Quando o quadro de nossa vida é muito menos simples, muito menos novo do que parece e muito mais ligado á civilisação européa. Carregamos o peso de grande numero dos mesmos males que o homem europeu em tudo aquillo que são humanos e inevitaveis. E a luta para criarmos as nossas originalidades é tragica e não risonha. Além disso a America é um todo muito variado, muito complexo apezar dos traços communs que apresenta.

O caracter de uma poesia brasileira, sinceramente brasileira, não póde ser o mesmo de um poema norte-americano. Toda poesia brasileira que abolir, por principio, o sentimentalismo, a indolencia, a nostalgia, para chegar apenas a uma poesia da vontade e da acção, será no fundo falsa e inexpressiva.

Esse é portanto, a meu ver, um dos defeitos do livro.

Logo nos primeiros versos se mostra essa facil

opposição entre um mundo europeu de servidões seculares e um mundo americano de liberdades lyricas.

"Europeu!"

Nos taboleiros de xadrez da tua aldeia," etc.

Ora, nada que menos lembre um taboleiro de xadrez do que as aldeias européas. Uma aldeia de Europa é justamente o typo da formação livre, desordenada, sem methodo. Ruas tortas, casas irregulares, riachos em serpentina, nada que lembre a construcção internacional. Sente-se nellas a obra do tempo. Cada época foi construindo ao acaso. Cada trecho accrescentado ao sabor das vicissitudes de prosperidade ou decaido com os máos dias. Perez de Ayala, numa das paginas mais interessantes de "Bellarmino y Apollonio" exprime admiravelmente esse caracter das aldeias européas na discussão sobre a *rua Ruera,* entre o pintor e o engenheiro. As proprias capitaes estão cheias das velhas ruas irregulares do passado e Londres é cortado de immensos *x-Roads,* tão sinuosos como velhos caminhos.

Foi a America, justamente que inventou as cidades-xadrez — Buenos Aires, Bello Horizonte, Belem do Pará e innumeras cidades norte-americanas. O racionalismo da construcção foi justamente uma criação americana de disciplina contra a liberdade européa. E o mesmo se está dando com a architectura moderna, que está voltando na America á simplicidade de linhas classicas embora estas fossem o resultado de uma difficil e prolongada simplificação do complexo ao passo que aquella (sobretudo a architectura do cimento armado) é a expressão directa do simples, do pratico, do economico. Uma chegou á belleza porque a procurou. A outra, talvez a ella chegue um dia, porque não a procura.

Essa mesma concepção da liberdade americana ante a servidão européa, é que leva o poeta a escrever:

"Teus poetas não são dessa raça de servos que dansam no compasso de gregos e latinos".

Essa "raça de servos" é apenas a raça de Dante, de Goethe, de Racine, de Shelley ou Camões. Só no dia em que a America criar esses *servos* é que se poderá dizer livre.

Aliás, a justa intenção dessa apostrophe é antes ferir os imitadores actuaes e americanos dos velhos mestres. Ahi, porém, ainda precisamos distinguir o que é imitação de fórmas serodias, academicismo, falso classico e o que é disciplina humana e necessaria. E nesse ponto embora secundario, pois liberdade e disciplina se confundem no verdadeiro creador, e o que importa é sempre o espirito e não a apparencia, estou ainda em certa divergencia com o autor de "Toda a America".

Penso que fez mal em adoptar como epigraphe, como profissão de fé, o "cria o teu rythmo livremente". E não só adoptal-o como realizal-o integralmente em seus versos.

A suppressão systematica (digo *systematica)* de toda razão numerica ao rythmo seria a dissolução do verso na prosa, pela reducção do rythmo ás simples intermitencias da respiração, voltando apenas ao já convencional verso livre.

Não que lhes falte poesia. Têm-na de sobra. E de primeira mão. Falta-lhes porém, o numero, a linguagem da intelligencia, nas palavras de Joseph de Maistre:

— "L'intelligence ne se prouve à l'intelligence que par le nombre... Le nombre est la barrière évidente entre la brute et nous... Otez le nombre, otez les arts, les sciences et par conséquent l'intelligence. Ramenez-le: avec lui reparaissent ses deux filles célestes l'harmonie et la beauté. Le *cri* devient *chant,* le *bruit* reçoit le nom de *rythme,* le *saut* est *danse,* la *force* s'appelle *dynamique* et les *traces* sont des *figures*".

Entre a adopção de fórmas convencionaes que levam ao falso classicismo ou ao parnasianismo caduco do sr. Prado Kelly ou do sr. Luis Carlos e a dissolução

da poesia na prosa existe justamente a originalidade difficil dos novos poetas que não queiram contentar-se com o exploradissimo *verso livre*.

Nesse ponto, a nossa poesia está actualmente na segunda phase de uma evolução que veiu do rythmo convencional de hontem, que se delicia nos rythmos arbitrarios ou nos arythmos de hoje, para chegar então, é de esperar, aos rythmos novos de amanhã.

E a prova de que já é possivel a conciliação actual, de uma verdadeira originalidade na expressão com a observancia das leis subtis do numero ou mesmo do som pela rima, pela assonancia, pela vocalização, está na phase mais recente do sr. Guilherme de Almeida, que é tambem a mais nova e criadora de sua poesia. Ou ainda, embora menos apparente, em certos poemas recentes desse delicioso e agudissimo poeta do quotidiano que é o sr. Manoel Bandeira.

A epigraphe que o sr. Ronald de Carvalho poderia ter adoptado e posto em pratica em vez do "cria o teu rythmo livremente", deveria ter sido "cria livremente a disciplina do teu rythmo".

A metrica intelligentemente comprehendida, não é a imitação de fórmas velhas nem a obediencia a regras arbitrarias. A metrica pode ser um enriquecimento. Será então a alliança do lyrismo, que é sentimento, com o numero, que é essencia na natureza e ordem natural da razão. Se supprimimos a lei do numero, o sentimento da ordem que banha as raizes da desordem apparente e superficial, se desdenhamos do que a natureza contém em sua essencia e do que a razão fornece á sensibilidade, longe de enriquecermos a poesia podemos concorrer para mutilá-la, para lhe supprimir um admiravel elemento de reforço e de eternização.

Reduzir o rythmo ao arbitrio de impressões subjectivas é reduzir a poesia á prosa, (por mais difficil que seja, no fundo distinguir uma da outra). Isto é, onde ti-

nhamos um todo em duas partes, passamos a ter apenas uma das partes do todo. E isso, ou é um empobrecimento ou a parte passa a ser maior que o todo. O que ha é que os novos rythmos são muito mais subtis e occultos, que os rythmos tradicionaes. E que a rythmica de um Claudel é muito menos evidente, por exemplo, do que a metrica de um Valéry. Nem por isso arbitraria ou inexistente.

Outro defeito, que encontramos, é accentuar demais a civilisação da massa e da materia, o deslumbramento da quantidade e da força. Sei que isso não será um defeito aos olhos de quem pensa, como parece actualmente pensar o sr. Ronald de Carvalho, que a nossa poesia americana tem de reflectir justamente esses aspectos do máo americanismo, que são justamente os mais patentes.

A mim, porém, me parece que a civilisação da machina não apagou de fórma alguma a vida intensa do espirito, muito ao contrario, accentuou-a e que ha uma tragedia do espirito americano, mais digna de ser cantada do que o dynamismo superficial das cifras gigantescas.

Finalmente, parece-me que o sr. Ronald de Carvalho não é espontaneamente um poeta de acção. Elle está mais em contacto com o mundo da intelligencia do que com o mundo da pratica. É um cerebral. Um humanista. Um requintado da intelligencia. Não possue, apenas, essa seiva virgem e rude que pretende ser a unica capaz de criar uma poesia rude na America. Possue mais do que isto. É um civilisado. Um homem de idéas, de cidade, de arte subtil e pretende criar uma poesia rude, barbara, inicial. E dessa discordancia se resente tambem o poema. Nessa discordancia é que está justamente o drama do espirito americano.

Nada disso aliás impede o que ha de novo, de variado, de luminoso neste polyptico da America. Ha uma côr intensa nesses blocos de realidade synthetizada ou vi-

vida. É uma poesia forte. Uma poesia sadia. Uma poesia que transcende o poeta, que visa mais alto que a propria nacionalidade e ensaia o côro de todo um continente. A via traçada é em summa verdadeira. E profundamente animador, que num momento de immenso relaxamento de forças, quando tudo fala de destruição venha um poeta novo e de vôo largo, passado por todas as escolas, proclamar uma poesia directa, pura, ingenua, cheia de idealismo criador e de fé no futuro, exclamando a palavra necessaria de confiança:

Oh! America, o teu poeta será
um constructor.

Á MARGEM DE DOIS POETAS

(NOTAS)

Ronald de Carvalho — Jogos Pueris — Edição limitada. Pimenta de Mello. — Rio, 1926.
Ribeiro Couto — Um homem na multidão — Ed. Liv. *Odeon* — Rio, 1926.

Jogos Pueris? Não comprehendo bem o titulo. Nada de pueril no livro. Antes intensamente cerebral. Vivido. Vivido muito pelos sentidos. Estylisado pela razão. Dahi o contraste marcado a cada pagina: o sensualismo ardente e o estylete preciso da razão. Digo sensualismo dominante, não apenas sexualismo.

Sensualismo das palavras, das paizagens enervantes e langues, dos corpos ardentes, da floresta tropical em cio, das formas vivas das coisas.

Em tudo a adhesão do corpo e da vida. A ausencia de alma. Atravessa as coisas, não se demora nellas. Fixa os momentos intensos. O extremo dos gestos, das côres. O mundo successivo e discontinuo dos sentidos. Sem permanencias. A paizagem tomada em suas notas dominantes. Comprimidos de paizagem.

Outras vezes augmenta a orchestração, como no quadro da pesca de arrastão em Copacabana, de muita vivacidade:

Cheira a mar ! Cheira a mar !
As redes pesadas batem como azas,
as redes humidas palpitam no crepusculo.
A praia lisa é uma scintillação de escamas...
Pulam raias negras no ouro da areia molhada,
o aço das tainhas faisca em mãos de ebano e bronze.
Musculos, barbatanas, vozes e estrondos, tudo se mistura,
tudo se mistura no chiar da espuma que ferve nas pedras.
Cheira a mar !

Accentua, em geral, o seu tropicalismo. Poesia do mundo exterior. Excessivamente exterior. Onomatopéas. Inclinação ao paganismo. Sem intimidade. Sem confinamento de laboratorio poetico tambem. Coberta de sol e de claridade. De côres violentas e evocadoras, como o admiravel poema da floresta tropical, ao meio dia.

Poesia de vogaes. São ellas os elementos articulares do seu rythmo, desde que deslocou a estructura numerica do verso.

Exemplo:

Choque de claridades.
Palmas paradas
Brilhos saltando nas pedras enxutas.

Nos tres versos as cinco vogaes brilham como lascas de mica. Tomam conta da poesia. Resumem-na.

Poesia bem masculina. Poesia de actividade e de inserção. De absoluta lucidez. De inspiração ardente, mas disciplinada para certo fim, para certa fórma. Não é uma poesia que nasça por si. É uma poesia construida. Que se accrescenta, não que se deduza.

Pelo titulo da obra poderia parecer um parenthesis, uma saudade. Mas não é. Differe apenas de "Toda a America" pelo tropicalismo mais intenso, colorido mais nosso. Mais verão. Um simples toque de saudade e

de melancolia. Mas esse delicioso de evocação, de frescura, de sombra, como aquelle "cheiro de bogary" que brinca de repente no ar, em plenos Andes, no meio de "Toda a America" e que é uma suggestão vivissima de todo um mundo distante e sempre proximo:

JOGOS DO TEMPO

"O palhaço que é" ?...
Oh! longas tardes nas ruas poeirentas.
encostas de morros ardendo ao crepusculo,
queimadas nas mattas,
balões pelo ar !
"Hoje tem espectaculo" ?...
Oh! tardes longas, de cheiros e côres,
sahiras, laranjas, romans e jasmins...

.....

Passaram palhaços, passaram balões.
Mas ha confusos gritos que inda não cessaram.
e ha queimadas grandes cada vez maiores,
nos morros que ardem ao redor de mim...
"Hoje tem espectaculo" ?...
Mas o circo mudou.

Seria longo transcrevel-o por inteiro aqui. Mas é, para mim, das melhores coisas que o sr. Ronald de Carvalho tem feito. Sobretudo como está collocado: entre coisas de caracter muito diverso. Uma sombra de infancia, entre o sol do meio dia. Como um sol ás avessas.

O livro, que é das mais bellas edições que se tem feito aqui, limitada aliás a 40 exemplares, tem 13 desenhos originaes de Nicola de Garo. Bem expressivas do livro. Um colorido crú, directo, intenso. Sem meias tintas. Sem transições. Visivel influencia cubista. Mas tropicalisado pela suggestão dos versos, provavelmente. Schematisação. Suppressão de todo accessorio. Algu-

mas discordantes como "epura", por exemplo. Faz a cidade quando o poeta figura o campo. Não encaixam. Outras confusas, como a primeira. Sempre, porém, uma alegria rara de cores. Por vezes um grande acerto de traços, como no "Mercado de Prata, de Ouro e de Esmeralda", a melhor para mim, ou em "Hokusai".

Tanto tem o livro do sr. Ronald de Carvalho de voltado para fóra, quanto tem o do sr. Ribeiro Couto de voltado para dentro.

O sr. Ribeiro Couto desbota de proposito as cores para evitar as dissonancias e os contrastes. O sr. Ronald de Carvalho exaggera as cores. Supprime os entretons. Passa bruscamente aos oppostos.

Titulo máo "Um Homem na Multidão". Antes "Um Homem na Solidão". Tanto os seus versos da cidade como os do campo são versos de solitario. Sempre muito sincero. Espontaneo. Versos que se fazem mais do que são feitos. A propria suppressão da metrica regular não é uma simples procura de originalidade. Não podia ser de outra fórma. (Penso aliás que, dentre em pouco, a originalidade, será justamente a procura de fórmas novas de metrica. As acrobacias. A artificialação intencional. Phase de que a Europa está sahindo, pelo suicidio ou pela reacção do puro espirito).

O sr. Ribeiro Couto, o menos intencionalmente original dos modernos, não consegue nem tenta chegar á creação de novos rythmos absolutos (se é possivel dizer assim, de um rythmo, como o que o sr. Guilherme de Almeida mais que ninguem está realizando, que é fusão de compasso natural instinctivo, evocação de côr e sonoridade, com o rythmo numerico da acção, do que se passa).

Elle é sobretudo um instinctivo. Um delicado. Com uma fina acuidade de sensações. E querendo dizer as coisas directamente. A suppressão da metrica foi para elle a suppressão de um intermediario.

O que surprehende e encanta nesses versos é a possibilidade de se conservarem isentos de cerebralismo, num tempo que é todo cerebralismo. Alguma ironia, isso sim. Sempre de leve, aliás. Sem apoiar.

Sentimental, ridiculamente, romanticamente, provincianamente sentimental. Não explora aliás o sentimentalismo, nem tenta reprimi-lo, só porque está fóra de moda.

Não tem realmente desejo de ter escola. Seria facil imitá-lo. Não quero dizer que elle seja imitavel. Mas é certo que só parece facil imitar o inimitavel.

Tem realmente aquella inclinação natural ás coisas simples, boas, puras, unicas que não nos enganam, por mais que nos façam soffrer, que foi entre nós o segredo de Mario Pederneiras como é, em França, o de Francis Jammes. Mas enquanto este, por isso mesmo que não procurava senão a naturalidade instinctiva, ficou nos rytmos tradicionaes, sahia delles o sr. Ribeiro Couto, por não encontrar em si tradição a que se prendesse, como já Mario Pederneiras tinha começado a sahir.

A simplicidade de hoje é geralmente complexa. De reacção. A do sr. Ribeiro Couto é de natureza. Não mudou. Até agora é o mesmo poeta da intimidade, dos tons velados. Limitou-se a concentrar a essencia poetica. A eliminar toda construcção. A deixar fluir a poesia do quotidiano:

Exemplo:

> Dependurada num portal
> a toalha em que enxuguei as mãos
> oscilla ao vento.

Amo as coisas simples,
tudo que está em roda de mim.
e existe sem ninguem saber.
Casa pobre.
A humilde verdade.

Todos esses 8 poemetos a S. José do Barreiro, de 1924, dão bem o sabor do que elle é, em parte: poeta rustico. Como na cidade fôra o poeta dos arrabaldes, dos jardins silenciosos, das coisas abandonadas, dos cinemas de bairro. Poesia das coisas que a poesia desdenhava. Tem mesmo um certo gosto ironico em desafiar o prosaismo, no que chama "a audacia do máo gosto".

A vida o fez poeta rustico. Ha annos que vive no campo. Entre coisas elementares. E não passará mais sem ellas ou sem a saudade dellas. Toda a segunda parte do livro é impregnada desse rusticismo delicioso. Só é difficil escolher.

NOITE

Neste logarejo em que hoje moro
a noite é calma. É tão calma !
Não se escutam vozes e ha poucas luzes
Verdadeiramente, eu vim a conhecer a noite
aqui, neste logarejo em que hoje moro.
Os campos estendem-se frios e silenciosos.
com estradas ermas onde vagam pyrilampos.
Oh! vida antiga na cidade enorme !
Oh! vida agitada, frenetica, vertiginosa,
quando o meu sangue ardia !
Agora, neste humilde logarejo, á noite,
Em torno de mim tudo é paz e mansidão.
Tambem em mim tudo é paz e mansidão.
dentro da noite.

O contraste com a vida na cidade nunca se reflectio aliás, em seus versos. Sempre foi poeta em surdina. Abafado. Das intimidades beirando pieguices. Outróra. Hoje mais sadio. Mais espiritualisado.

Sempre o pudor das palavras sonoras, dos gestos categoricos. Hesita sempre. Horror aos themas com variações. Diz ironicamente aos poetas de gabinete, aos ultimos abencerragens do Parnazo, que ainda conseguem preoccupar os novos: "Para vós não existe a vida; existem os themas poeticos".

Para elle ao contrario só existe a vida. Não a vida, ardente, despejada, delirante. A vida surda. Essencial. Eu vejo muito bem o sr. Ribeiro Couto de chapéo desabado, discutindo com um cabloco que passa a idade do macho pedrez. Ou colhendo amoras para a merenda. Ou pescando, ritualmente. E descobrindo as poesias esquecidas, terra a terra. Que o caboclo acha horriveis porque entende .

(Devo tambem transcrever a lista negra?) Por que não? Superficialidade. Hesitação. Falta de convicção. De força. Pouco senso da profundidade. Tem medo de cavar. De tirar a capa das coisas. A casca das idéas. Poesia indefesa. E falta-lhe tambem o senso da collectividade. Gosta de ser só.

Essa condescendencia ao ephemero, elle a diz aliás em versos de uma melancolia muito fina, bem romantica, bem do coração, bem audaciosa hoje em dia.

CYCLO

Pela janella, espalhados no vento,
vão-se os papeis de outróra, em pedaços !
Dóe-me esse adeus aos velhos versos
e parece que nelles, perdido para sempre,
foi tambem muito de mim.
Nem mais os tinha na memoria,
Ó sonetos e balladas dos dezesete annos !
Ó namoradas inspiradoras !
Ó paixões de esquina, sob os lampeões do arrabalde,
com immobilidades até altas horas, roido de amor e de magua !
Ó vida para sempre morta !
E um dia talvez, num tempo ainda distante,
num tempo em que eu não imagino siquer como serei,

acharei numa gaveta os versos de agora,
os versos novos em que eu me sinto existir.
Direi ao lel-os, com saudade: velhos versos!
E o ultimo resto de mim irá pela janella.

É ou não uma audacia escrever hoje em dia versos desse genero?

Desafio a toda escola, a toda arregimentação, a toda preoccupação reveladora e collectiva.

Ai de nossa poesia, se todos os poetas se puzessem a escrever poesias de vencidos.

Ai de nossos poetas, tambem, se não comprehenderem o que ha sempre de espontaneo, de sincero e de suggestivo nessa poesia de penumbra e de surdina.

Procurando não marcar pelo ruido, pela cor, pelas prestidigitações, pelas originalidades brilhantes, tem o sr. Ribeiro Couto no fundo uma grande ironia: marcar pela coragem em ser natural. E o facto é que já tem uma personalidade poetica inconfundivel.

Dois poetas, portanto, contradictorios. Encontrando-se apenas na liberdade dos rythmos, na fórma toda individual, sem referencia a criterios geraes ou exteriores. E na falta, em ambos, de mysterio.

Um canta o sol.
O outro o crepusculo.
Um o sensualismo das fórmas.
Outro a doçura dos sentimentos.
Alegria, Melancolia. etc. Toda a facil opposição que se adivinha.
E provam que não ha, em poesia — o moderno.
Ha apenas — os modernos.

ACTUALIDADES

1ª actualidade ou Mario de Andrade e o Triumpho de Piolim.

Meu amigo Mario de Andrade entra em campo por Piolim, de São Paulo.

E começa por concordar commigo em que o "primitivismo" paulista é uma imitação parisiense, ou antes, européa. Accusa-me entretanto de "leviandade" em dize-lo, sem reconhecer expressamente que S. Paulo é uma terra tão culta, que já abrasileirou inteiramente a imitação e que hoje o Circo Alcibiades é o ombilicon da arte nacional. E procura defender os direitos da imitação.

Ora, se acaso o sr. Mario de Andrade leu os artigos em que ataquei certas tendencias do seu xará Oswald, deve lembrar-se de que foi justamente um ponto em que insiti, esse da impossibilidade de nos isolarmos para fazer apenas, como queria ou quer o senhor Oswald de Andrade, aquillo que elle chamou "poesia de exportação". Essa era justamente a these do pae do Páo Brasil. Já que eramos primitivos só podiamos possuir uma arte primitiva.

Ora, essa premissa de que somos primitivos é tudo

quanto ha de mais falso. Somos uma nacionalidade feita de cima para baixo. Tivemos o superfluo antes de ter o necessario. Coroa antes de povo. Academias antes de folk-lore. Luxo antes de riqueza. Somos uma nacionalidade precipitada. Os elementos de que somos formados não nasceram regularmente. Vieram antes em bloco. Ao mesmo tempo. De fórma que o milagre de nossa unidade não conseguiu fundir essa diversidade radical de origem.

Não começando pelo começo, temos hoje, lado a lado, começo e fim. Para só nos referirmos ao ponto que aqui nos interessa, isto é, o problema literario, póde-se dizer que não possuimos uma velocidade uniforme de marcha. Possuimos varias velocidades. O Brasil tem muitas idades. Não tem uma idade só. Os elementos de primitividade que possuimos não podem exprimir, isoladamente, a nossa mentalidade. Só falsificando-a. Retalhando-a. Mutilando o todo.

A verdadeira originalidade dos nossos artistas modernos está em conciliar. Digo mal — conciliar, pois dá assim uma impressão de ecclectismo, que é o peor dos males literarios .Conciliar não, fundir as correntes contrarias que nos solicitam: a que vem de fóra e a que vem da terra .A que importamos como alimento de cultura: e a que vivemos aqui como elemento de cultura. Alimento e elemento — não são apenas um máo trocadilho. São duas fórmas primarias do nosso espirito. Não podemos viver sem os elementos essenciaes, locaes, *primitivos,* de nossa mentalidade. Não poderemos muito menos crescer sem alimentar esses elementos primarios com a contribuição de cultura superior que o nosso espirito pede.

É falso que sejamos primitivos. Seremos primarios se quizerem. E seguramente secundarios, em materia de cultura, seja qual fôr o desvanecimento que todos brasileiros temos pela civilisação paulista e mesmo por sua

incipiente cultura. Mas isso de quererem forçar-nos a ser iniciadores convencionaes de uma civilisação, fresca, virgem, espontanea, será um erro tão crasso como qualquer academicismo vulgar. Somos novos, como americanos. Somos velhos, como europeus.

Isto é, somos novos e velhos ao mesmo tempo como occidentaes. E nesse ponto somos apparentemente menos originaes que os norte-americanos, pois que elles são realmente mais americanos que nós. Mais novos, portanto.

Um grande escriptor inglez escreveu que a differença entre dois "business-men" inglezes e dois americanos é que os primeiros quando se encontram conversam raramente de negocios, ao passo que os americanos conversam fatalmente de negocios. E conta o ingenuo enthusiasmo com que um caixeiro viajante lhe falava da "art of salesmanship!"

Ora, nesse ponto, seja um bem, seja um mal, o facto é que somos diversos dos norte-americanos. Somos mais velhos que elles. Menos ingenuos. Mais complexos. Menos originaes, se a originalidade fôr apenas a invenção de um caracter novo, simples, preciso, marcado. Somos aliás, originaes a nosso modo, pois essa fusão de um espirito de iberismo apaixonado, de cultura relativamente requintada, de polidez, de desencanto, de ironia, com um espirito de dynamismo americano, de primitivismo local, de peso do meio e da raça informe e mesclada — essa fusão de contrarios deve ser a nossa preoccupação porque é a nossa originalidade espontanea.

Deus me livre de combater o primitivismo como elemento de cultura. Seria desviar uma fonte riquissima de nossa personalidade. Só seremos nós um dia se não desdenharmos dessa fonte de riqueza organica, de inspiração, de carne e osso da nossa arte.

O falso, o artificial, o errado é ficar no "primitivo",

é mutilar a nossa dualidade fundamental. E peor ainda se essa parcialização é producto de um mimetismo. É consequencia de uma moda passageira. Esse é o perigo. O circo é uma moda. Amanhã o circo passa de moda e os cem modernistas de S. Paulo passam em bloco a frequentar as fabricas porque a moda será o trabalho manual e o operario X tomará o logar do palhaço Piolim.

Nesse ponto, como em tudo que é vida mental, é preciso distinguir o que vem a nós, queiramos ou não, e o que devemos crear. Os elementos recebidos e os elementos introduzidos.

Ora, o primitivo, em nosso meio, é uma condição inevitavel, é um elemento de que não podemos fugir.

Quem vive aqui tem forçosamente que se "primitivar", desde que as torres de marfim ruiram mais ou menos fragorosamente.

É como a duvida, no terreno philosophico. Por que motivo erraram e erraram perniciosamente esses grandes artistas do philosophismo dilettante do seculo passado, que dissolveram maliciosamente o nosso espirito? Porque elles vieram trabalhar no mesmo sentido da natureza. Rebaixando o nosso espirito. Instilando sabiamente a duvida em todos os nossos actos.

Auxiliando o declive dos instinctos. Cumplices da natureza em sua tendencia á demolição, á dissolução, ao cháos do espirito. Quando justamente o dever de quem pensa, é reagir contra essa obliquidade. É reter o fluxo incessante das coisas. É impedir a quéda. É crear motivos de permanencia, traçados de fixação. De duvidas, de quédas, de abysmos, de hesitações, de tudo isso se encarrega a natureza. É do contrario que se deve encarregar o homem, para quem o espirito seja um pouco mais do que o servidor dos sentidos.

Pois o mesmo se dá com o nosso problema literario brasileiro. Primitivismo, prosaismo, bobices de todo ta-

manho, romantismos assucarados, banalidades enpathicas, a tolice enfunada ou a ignorancia sibilante, disso temos ás carradas. Entra pelos nossos poros pelo simples facto de vivermos em contacto com a terra bravia e com o homem mestiçado. O que nos falta é justamente vencer tudo isso. Aproveitar, assimilar, mastigar bem tudo isso, para não sermos intoxicados. Isso é o difficil. Isso é o raro e o digno. E dessa fuzão de elementos barbaros que vêm da terra, com elementos cultos que vem do homem é que ha de nascer a nossa verdadeira originalidade de amanhã.

Não somos simples formadores de nacionalidade. Cada um de nós que caia em si. Que faça bem o seu exame de consciencia. Faça-o Mario de Andrade, a quem não preciso accrescentar adjectivos, pois delle já tenho dito o bastante para que saibam que por mais atacado que seja, por mais "prejudicial" que seja por elle julgada a minha critica, nada disso alterará o que penso a seu respeito, pois o essencial de quem faz critica honestamente é ignorar essa bobagem de resentimentos.

Se tenho a dizer que está perturbando o seu talento e a sua excepcional originalidade com imitações de modas estranhas, digo-o porque devo dize-lo. Ha no movimento de modernismo europeu uma tendencia de abdicação, de desespero, de exhaustão, que não deve de fórma alguma ser assimilada por nós. O outro elemento sim —o de reacção, o de confiança em si, o de purificação do espirito, o de innovação no estylo, o de volta ás coisas essenciaes que não envelhecem.

O circo é o regionalismo urbano. E como o regionalismo rural não exgota a nossa alma, — não póde tambem o Piolim fazer o mesmo. Que elle seja genial não duvido. E oxalá que o possa ver um dia, para verificar se realmente conseguiu, não digo de todo, como o Carlito, mas ao menos em bôa parte, dizer-nos a "plain truth of things". Mas longe de obedecer ás in-

juncções do publico, é elle que o governa. Esse foi o resultado de sua experiencia da massa. O creador é o que guia indifferente ao gosto e á moda. É velho isso, mas é verdade. Póde apagar-se um pouco, por um tempo, mas se tem talento, impõe e não se deixa impor.

Bem sei, que é isso, em parte, o que está fazendo o nosso modernismo, naquillo que tem de realmente novo e creador. O perigo é que desejando reagir, com toda a razão, contra certas modas de hontem que hoje passaram a "tabús" dos consagrados, caia no modismo de hoje, sem ir ao fundo das coisas — ou pelo menos, ao que pensamos ser o fundo dellas.

E o "primitivismo" paulista, se insistir em ver apenas nos circos de cavallinhos das cidades o elemento natural, espontaneo, total de nossa arte, arrisca-se a ficar apenas na literatura regionalista urbana, como ha cincoenta annos se ficou na literatura roceira. Que o façam alguns, está muito bem. Que o circo seja um elemento de originalidade local, ninguem o póde negar. Que seja mais fructuoso para um artista nosso ir ao circo do que ir ao Municipal, de accordo.

Mas que a nossa melhor intelligencia nova se esforce em ficar nisso, porque convencionalmente dogmaticamente, *devemos ser primitivos,* é fazer apenas academismo ás avessas. Demagogia literaria.

2ª actualidade ou Adelmar Tavares e a vingança de Piolim.

Sim, a entrada do sr. Adelmar Tavares para a Academia, é mais do que um triumpho de Piolim — é uma vingança de Piolim. É mais que uma vingança, é uma verdadeira maldade.

Não tenho aqui á mão a vasta obra literaria do novo e illustre companheiro de bancada do professor Austregesilo. Está, aliás, quasi tudo exgotado, como

nos informa cuidadosamente a primeira folha deste seu ultimo e glorioso pimpolho.

Adelmar Tavares — "A linda mentira"...
— Paulo, Pongetti & C., Rio, 1925.

Vê-se que o publico devora os livros do sr. Adelmar Tavares. Que não ha mãos a medir para dar vazão aos versinhos do delicado trovador. Sim, o sr. Tavares é trovador. "Quando publiquei: "Myriam, luz dos meus olhos", a penna dos entendidos — e entre elles resalto Osorio Duque Estrada (sic) e Mario de Alencar — achou que o meu pendor de poesia estava na trova brasileira". É trovador o sr. Tavares. Mas aqui não trova. Neste livro prosa. E prosa, meu Deus, deliciosamente. Para quê ter o trabalho de ir ao Circo ouvir Piolim se temos assim, em casa, com todo o conforto, o melhor dos humorismos. Ler o sr. Adelmar Tavares é melhor que beber agua de flor de laranja. Que coisinha assucarada. Que perfumezinho macio. Que estylozinho alambicado. Dá vontade de falar só em diminutivos. Não é possivel evitar. Tudo é engraçadinho. Arranjadinho. Delicadinho. É da gente sair enjoado da propria simplicidade. É exacto. Nada rhetorico. Nada austregesilo, o autor da "Linda Mentira". É bócó. Não ha outro termo. Literatura bócó, se é que a isso se póde ainda chamar literatura. Basta dizer que a epigraphe do volume é de Vargas Vila, do originalissimo, do immortal, do inconfundivel trouvejador Vargas Vila. E o sr. Adelmar Tavares, fez seu este indelevel pensamento: "Soñar la vida, no es acaso la mejor manera de vivirla"?...

Ai, meu Deus!

Não é facil, citar o sr. Adelmar Tavares, pois como disse, não é elle um desses grandes orchestradores de "literatolice" emphatica. É delicado, é ameno, é violeta,

é bogary. E por falar em flores, lembro um trecho, um delicioso pedacinho florido perfumadinho, frisadinho, que diz melhor do que eu, o que é a literatura do nosso novo Academico:

— "Agora, que por instantes, os rouxinóes desse jardim se calaram, ao iniciar esta *causerie* no salão Angela Vargas, que é uma *corbeille* literaria de bom gosto, distincção e elegancia intellectual, etc... A trova brasileira!... A cantiga do fundo da nossa alma! Esses quatro versos setesyllabos que dizem mais que os poemas: — bogary humilde, pequenino, a que rescende o campo inteiro da nossa poesia. As rosas imperiaes dos alexandrinos pompeantes, as begonias dos sonetos de dez syllabas, as camelias das balladas, — ai dellas! não têm a graça e o cheiro dessas anonymas flores miudas da alma popular. Colhel-as é encher as mãos de perfume! É inebriar-se de aroma! É ter tonto o coração para cantar! É sentir que um luar se levanta dentro de nós e umas cordas mysteriosas soluçam de amor, de saudade, de anseio e de supplica".

É ou não é a vingança de Piolim?

A Academia hesitou entre o sr. Pontes de Miranda e o sr. Fernando Magalhães. A Academia ousou hesitar entre o senador e o sr. Jackson de Figueiredo.

A Academia não hesitou entre o sr. Monteiro Lobato e o sr. Trovador de Residuos.

SIGNAES

Mais tres acenos do nosso modernismo incipiente: um livro de versos, um livro de prosa e uma revista em verso e prosa. Isso para falar uma linguagem rigorosamente inadequada. Pois nunca se distinguiram menos os matizes de expressão — verso-prosa — do que hoje em dia. Estou convencido de que é uma fusão passageira para novas syntheses parciaes, futuras (triplices, quadruplas, o que quer que sejam). Só as civilizações incipientes ou em ultimo gráo de decadencia, empregam um meio uniforme (e amphibio se é possivel dizer) de expressão. E como a nossa civilisação toca os dois extremos, como o extremo primitivo e o requintado ao extremo se tocam, nada de mais normal que verso e prosa se confundam de momento para chegarem a uma fórma unica de expressão. Unica e infinita, pois nada de menos monocordio que o estylo poetico em voga. Voga, para a claque; — mas necessidade de amplitude para os espiritos sinceros, complexos, inquietos, dilacerados, ironicos e perplexos de hoje.

Epoca immensa esta nossa. Entre essas duas vagas de historia que se encontram — de um extremo de intelligencia que acaba balbuciando e de um minimo de que começa balbuciando — que espectaculo! Que variedade! Que intensidade! Pois o que houve, o que está havendo, é menos uma série de criações novas, que uma

série de intensificações. O que foi, continúa. Mas continúa extremado, estridulado. Tudo se leva ao limite. E quem quizer descobrir um espirito de harmonia nesse cháos, ha de tira-lo da propria diversidade, mas pela extremização dessas diversidades. Estamos num seculo de relatividades, de Einstein a Pirandello, é o que se pensa ver. No fundo, porém, o que se vê é um seculo de absolutos. ("Theoria do Absoluto", chama Meyerson á theoria da relatividade). De negações e de affirmações, de sombra e de sol. Foi-se a penumbra. Não ha tempo de ser melancolico. A tristeza fria nos corróe por dentro. O desespero que leva aos gestos duros. Por outro lado, não ha tempo de ser simplesmente satisfeito. A alegria aggressiva, clara e cruel, sim. Seculo de contrastes. Seculo terrivel e admiravel, das grandes opções, de hoje ou de amanhã. Em que Gino Severini passa do cubismo ao mathematismo da expressão humana, objetiva e universal. E Giorgio de Chirico repelle toda expressão viva e humana, para reagir contra o individualismo. Em que T. S. Eliot renega toda a tradição romantica da literatura ingleza. Em que Radiguet, depois de uma volta completa pelos mundos da expressão, morre entre Malherbe e Lafontaine. Em que Denis de Rougemont póde escrever: "Après tant de cocktails, quelle saveur á l'eau claire". Em que Middleton Murry, em plena Inglaterra desabusada de darwinismo e de progressismo shaviano (de B. Shaw), restaura o mysticismo. Em que Pierre Morhange inicia, vigorosamente, em França, uma renovação philosophica consideravel, consequente, mas independente do intuicionismo de Bergson, do historicismo de Brunschwig e do activismo catholico de Blondel. Ao passo que o suprarealismo se despede da vida negando, blasphemando "tudo". Enquanto finamente Maritain renova a Escolastica. Ou apaixonadamente Max Scheler reaccende Deus na mais alta philosophia allemã, depois de um seculo de negações.

Ao mesmo tempo, que um governo absoluto, officialmente, organiza uma campanha blasphematoria contra a mais pura, a mais alta, a mais universal das datas christãs: o Natal. E os jovens poetas russos capricham no dramalhão social, ás ordens do prolet-kult e cantam, enthusiasticamente ,a volta do homem ao animal, dramatizando o imbecil processo Scopes!

Epoca... que não podia deixar de nos sacudir fundamente, por mais afastados, por mais atrazados intellectualmente que estejamos.

E aqui, não são propriamente as lutas que apparecem. E sim a procura, o ruido necessario ou vão, a pesquisa da originalidade, a agitação de qualquer coisa que se renova, depois de longa apathia, e, sobretudo, a busca de si mesmo.

A literatura brasileira é hoje, como ha um seculo depois do choque da independencia, uma arvore que procura as proprias raizes. Poucos saberão que o primeiro drama de Gonçalves Dias, chegado do norte ao Rio, foi recusado pela commissão de censura dramatica sob allegação de erros consideraveis em portuguez, de brasileirismos inaceitaveis! Gonçalves Dias, que hoje nos parece quasi luso de linguagem, e que escreveu as Sextilhas para mostrar que sabia portuguez. Como hoje um modernista faz um soneto com fecho de ouro para mostrar que não faz sonetos, não por incapacidade, mas porque não quer, como o sr. Mario de Andrade o fez neste seu ultimo livro, de edição restricta.

Mario de Andrade — O Losango Cáqui. — Typ. Ideal. S. Paulo, 1926.

Para comprehender este livro é preciso ter em mente, antes de tudo, uma coisa: que actualmente, em 1926, os embaixadores intellectuaes (sic) do Brasil no estran-

Esse poema é a coisa mais original que o sr. Gui-

lherme de Almeida tem feito. Naturalmente poeta como é; preferindo ás profissões de fé a fé em sua profissão; tendo recomeçado a comprehender, parece, que o numero é um admiravel elemento da expressão e que o rithmo inteiramente arbitrario é uma negação de si proprio; com a tonalidade que vem recentemente revelando em seus versos, especialmente no jogo das vogaes surdas tão evocativo de coisas brasileiras (chamo a attenção para "uma modinha do pernilongo", que publicou em recente numero da "terra roxa" e que é de um movimento sonoro muito suggestivo), começa a tirar desta sua inserção na materia brasileira — se evitar o puro regionalismo, a illusão da facilidade, a affectação de prosaismo, ou o impressionismo arbitrario — uma poesia que não seja apenas sua, mas nossa tambem.

Porque a poesia é afinal um jogo de perde-ganha: só ganha quem sabe perder...

VERSOS DE HOJE E HONTEM

Ha dez annos, isto é, hontem, havia entre os nossos poetas um grande desanimo. Mesmo os que importavam Samain, Rodenbach, Maeterlink, a Bretanha, e que eram os mais modernos de então, os avançados do symbolismo em fuga, sentiam que o caminho estava errado. Não era bem aquillo. Havia qualquer outra coisa a fazer. Qualquer coisa que não podia ser o "brumismo". Que devia ser mesmo o contrario do brumismo. E que, no entanto, já subia, como um fumo de madrugada nos campos, dos versos de Mario Pederneiras. O cadaver do parnasianismo ainda atravancava o terreno. E tanto, que até hoje ainda o não carregaram de todo. E ainda precisamos dar uma vista de olhos a alguns carpinteiros de tapera (ou, antes, de palacio em ruinas), ao passar pelo caminho.

Lembro-me de ter encontrado então, logo depois da guerra começada, um poeta moço, ainda inedito em volume mas já de nome feito, que me sustentou a irremediavel decadencia da nossa poesia. Estavamos realmente em um fim de éra. Atravessavamos uma "no man's land". Periodo de vacuo e perplexidade.

Pode-se dizer que a perplexidade ainda persiste, que entre os novos rumos ha rumos que não são novos e novos que não são rumos a seguir. Mas o que não se pode dizer é que o vacuo tenha perdurado. Que o

desanimo subsista. Quando muito ficou em alguns, como no sr. Manoel Bandeira, que foi o primeiro a procurar novos rumos, um resaibo de ironia no sorriso. Em muitos, a hesitação. Em outros, a inadaptação a processos ruidosos de praça publica. Nos mais naturalmente originaes, uma lenta escolha de caminho, daqui, dali, até acertarem.

Em todos, porem, a consciencia de que ha qualquel coisa de novo a fazer. De que vivemos um momento prodigiosamente interessante. De que passamos por coisas que excederam toda a nossa espectativa. E se por vezes nos sentimos excedidos pela vida, é porque justamente vivemos um momento de tal intensidade, de tanta vibração, que nos sentimos pequenos dentro do tamanho das coisas, fracos ante a força dos acontecimentos. Varrido (antes a "cada momento" que "para sempre") de nosso espirito, aquelle sentimento de scepticismo satisfeito, de molle indolencia, de inutilidade, de sorriso superior e desdenhoso. Estamos em plena vida. Angustia e fé.

Um dos elementos dessa renovação foi mais uma vez, a descoberta da terra. Sempre que passamos por um facto capital da vida, sempre que passamos, sobretudo, deante da morte, o primeiro movimento é pensar em nós mesmos. Foi o que fizemos durante a guerra. Passamos em frente da morte. E descobrimo-nos uma vez mais.

Enquanto, porem, os homens prosaicos redescobriam o que tinhamos de máo, os poetas redescobriam o que já temos de bom. Ou, pelo menos, o que já temos de nós. E os livros que surgem, nessa tendencia, trazem todos a marca de uma descoberta, de um começo.

Isto tambem o diz expressamente o sr. Menotti del Picchia no prefacio de seu ultimo livro.

Menotti del Picchia — Chuva de Pedra. Ed. Novissima. S. Paulo, 1925.

"Chuva de Pedra é meu primeiro livro de versos". Foi accusado naturalmente de "passadismo" pelos mais avançados. E por mais ridiculas que sejam essas accusações reciprocas de chronologia poetica ha uma certa justificação no asserto. Justificação em dizel-o pois que o autor, pretende com a série de volumes que este abre — "fixar o actual momento literario modernista". E desde que quer ser expressamente "moderno", tem de ser julgado em relação a esse ponto de vista.

Veracidade na affirmação tambem, pois que desde o prefacio o que revela o autor é um estado de espirito nitidamente pre-moderno. Veja-se, por exemplo, a phrase em que elle procura explicar o que representam essas poesias: — "os varios flagrantes commocionaes do meu espirito em transe lyrico"... Ora, nada de mais George Ohnet que uma phrase desse genero.

Ou como as seguintes. — "Ha nesta alvorada lyrica da minha sensibilidade o alvoroço timido de uma estréa. Nunca, porém, o meu amor foi tão grande como o que derramo nestas rimas (sic), onde sinto que vibram — como nos pedaços do corpo de Isis (!) espostejado (sic) — vivas estilhas da minha propria alma".

Romantismo do bom. E o livro todo o que revela é mesmo um estado de espirito de hontem em versos de hoje.

O sr. Menotti del Picchia nunca foi um poeta profundo. Sempre delicioso de colorido, de engenho,

de verbalismo. Sempre fogo de artificio. Sempre fogueteiro de lagrimas multicores. Alegria dos sentidos. Encontros imprevistos. Chispas e faiscas . Mas nada em baixo da pelle, da pelle dos symbolos ou mesmo das idéas, quando as tem originaes, lepidas, esfuziantes.

O sr. Menotti del Picchia é um poeta de muitas imagens, mas de pouca imaginação. Festas de cores. Bailados de flores. Lantejoulas. Arrepios e malabarismos. Uma sarabanda multicor de todas as coisas. Mas sem aquelle sangue interior que circula no espirito e faz das imagens imaginação. O movimento. A constante deslocação ou descolação das coisas. Mas nunca a vida interior dellas.

Contenta-se ainda com o pantheismo vulgar. Faz as coisas falarem, numa troca de comparações preciosas. E conclue com a profunda philosophia da palhaçada. O mundo é um circo. E o homem "o palhaço". Eis o que ha de mais novo e profundo na philosophia desses versos .

Dirão que num livro de poesia, o que se vem procurar é poesia e não philosophia. Da mesmo fórma que num philosopho pouco se nos dá que saiba como Bergson fazer confrontos poeticos. Peor até. Pois o que procuramos é verdade e não belleza.

Mas a ausencia de um pensamento interior se reflecte na poesia como em tudo. E, limitando-se aos symbolos, á sarabanda das imagens (por mais ricas numerosas brilhantes imprevistas que sejam e são tudo isso e mais ainda) acontece que cáe no gongorismo caduco. Nada de mais "marinista" por exemplo do que trechos como este.

— "Monjas lunares os lyrios rezam de mãos postas pelos cravos degolados.
cujas cabeças estão içadas nos chuços das hastes escorrendo o sangue das petalas."

Querendo ser moderno, como quer, segue positivamente caminhos de um modernismo mais que duvidoso. Ha, por exemplo, uma grande corrente moderna, que procura na arte o espirito de concisão, de precisão de epithetos, de verdade secca e directa, de contenção requintada e mysterio interior.

Ha, por outro lado, outra corrente que procura o novo no vulgar, ou no subjectivo, ou no frenetico, ou nas relações ineditas das coisas, ou no hermetismo, ou no subconsciente, ou no primitivo exterior, etc. O que não ha, porem, ao menos entre os que contam (pois "haver" ha de tudo), é o preciosismo ou a emphase das opposições romanticas. E no entanto as comparações successivas, a cada linha, destes poemas, cáem frequentemente no preciosismo. Assim, por exemplo:

O granizo salpica o chão como se as mãos das nuvens
quebrassem com estrondo um pedaço de gelo
para a salada de frutas dos pomares...

E o romantismo emphatico, o epithetismo gongorico, ainda é mais frequente. Veja-se, por exemplo, esta estrophe, em que se reunem preciosismo e hugoismo á Santos Chocano (dirige-se á lua):

"Condecoração do infinito! Medalha de prata luzindo por entre a grã-cruz do Cruzeiro e os crachás das estrellas! Premio pago na exposição do universo por toda a belleza nocturna que o céo traz á Terra!"

Assim quando define os lagos: — "Os lagos são cadaveres de rios enterrados no sepulcro das margens".

Nada tenho a dizer contra o seu madrigalismo do fim do volume, como sempre delicado, leve, evocador, por vezes encantador, lembrando muito em certos pontos os Epigrammas do sr. Ronald de Carvalho. E revelando no poeta uma alma sem angustias nem com-

plexidades, que se contenta sempre com as epparencias e com o commodismo de reflectir apenas a vida que passa.

> "Eu sinto uma estranha delicia
> em tudo que passa e não dura
> em tudo que foge e não pára."

Por isso mesmo talvez é que uma sorte identica espera a meu ver as obras do sr. Menotti del Picchia. Apesar de todo o talento do seu autor, apesar da vivacidade, da extraordinaria riqueza de imagens, da frescura da expressão, por vezes realmente nova e imprevista, apesar da festa veneziana que representam a nossos olhos, não ficarão em nossas letras, provavelmente, senão como a memoria dessas margens dos nossos rios por onde correm á noite ondulações de vagalumes.

Cassiano Ricardo — Borrões de Verde e Amarello. Ed. Novissima. S. Paulo, 1926.

O sr. Cassiano Ricardo não é um subjectivo. E trouxe para a nova feição dos seus versos aquella grande riqueza plastica e verbal que revelara no parnasianismo do seu "Jardim das Hesperides", de ha tres ou quatro annos.

O que domina tudo neste livro é o deslumbramento da terra. E' uma grande symphonia tropical, cheia de luz, de cantos, de sol, de céo azul .

Livro realmente de uma terra quente, de uma alma americana, de um sentimento de brasileirismo ainda emphatico e eloquente mas cheio de vida e luminosidade. Na fórma, tem ainda o preconceito, ou a saudade, ou o inconsciente da rima. E como não pensa nella (a rima só é possivel hoje quando profunda-

mente analysada e pensada, e por isso mesmo é tanto mais falso dizer-se que não é admissivel modernamente, quanto um dos caracteres da poesia moderna é justamente ter deixado descansar a illusão do poeta-canario), como não pensa na rima e deixa que ella lhe pingue da penna, acontece que cáe frequentemente na vulgaridade, na monotonia acustica. Como nisto, por exemplo:

> As velas alvadias
> durante dias e mais dias
> pareciam azas
> cansadas de voar
> e caidas no mar.

Basta dizer que ainda deixa rimarem arrebol e sol! E tem muitos versos de uma vulgaridade não desejada, de uma vulgaridade espontanea que destoam intoleravelmente como quando fala da lua, por exemplo:

> E uma cabeça arlequinal que espia o carnaval

Menos rico de imagens que o sr. Menotti del Picchia, tem muito mais gosto e precisão ao empregal-as. Suas poesias não existem para as imagens e sim ao inverso. Ainda tem muito de rhetorica á antiga, de descriptivismo (o inimigo de Rimbaud) a todo transe, de sonoridade parnasiana e emphases gongoricas. Mas é tudo muito mais uniforme, mais espontaneo, mais ligado. É um poeta simples, sem complexidades, sem torturas de expressão ou subtilezas de sentimento. Sobretudo um colorista. Um forte brochador de cores vivas, gritantes, alegres. E revelando um gosto napolitano de verbalismo, de emphase, de luz. E' um poeta, e da phase de transição em que se encontra ha de possivelmente nascer alguma coisa que fique.

POESIA RELIGIOSA

Ha uma apparencia de verdade na phrase tão conhecida de Théophile Gautier de que o poeta é uma creatura para quem o mundo exterior existe. De facto, o que os poetas nos dão, apparentemente, é um mundo de fórmas vivas. A côr. O som. O sabor. A palavra. A imagem. O corpo. Tudo que tóca os sentidos é o mundo que o poeta fixa. O poeta é um perpetuador de ephemeros. Um transfigurador de futilidades. A poesia está contida em todas as coisas. O poeta é um Perseu de bellezas veladas. Do que nos parecia banal tira o poeta um momento de emoção e de graça. E essa tem sido uma das originalidades perduraveis da poesia moderna, em estender o seu campo de alcance, em alargar o dominio da materia poetica. A poesia do prosaico é uma novidade de que se tem abusado. Mas nem por isso deixa de ser uma riqueza a incorporar e por vezes uma revelação. Um passo adeante do que Wordsworth fazia ha um seculo.

Esse é o mundo exterior que existe para os poetas. A rehabilitação das apparencias, em que muitos ficam como se fosse ella toda a poesia. Emfim, a poesia da palavra em si.

Mas além desta existe a poesia do poeta em si. E para adeantar, digamos logo que em seguida existe

ainda como que uma peninsula poetica, uma extensão a que se póde chamar a poesia da poesia em si.

Essa aonde nos levam Keats ou Shelley, Mallarmé ou Stephan George, Valéri e até certo ponto Juan Ramon Jimenez. Essa que póde ainda hoje ter como divisa aquelle grande verso mallarmaico:

Un coup de dés jamais n'abolira le hasard.

Hoje, porém, o que aqui nos occupa é a poesia do poeta em si. Pois é nella que resaltam vivamente os laços que prendem a poesia á religião. E aqui sentimos logo como é insufficiente a definição de Gautier. Definição de poeta parnasiano. De deslumbrado das joias, isto é, da côr e do brilho. Dos sentidos exteriores, portanto.

Quando a poesia que ultrapassa esse deslumbramento de todas as fórmas de *carne,* chega justamente aos sentidos interiores, a este mundo immenso tão explorado e ainda por explorar, que nos leva ás verdades religiosas pela graça das revelações e ás verdades poeticas pela inspiração da belleza expressiva.

E nesse ponto, tanto para o crente como para o poeta, o mundo exterior deixa de existir. Ou antes, passa por um processo de transfiguração. Começa por ser *desdenhado*. Já não é aquelle *ser por si* que deslumbra os poetas epidermicos (bons poetas, por vezes). Ou revolta os que acreditam naquella "verdade triste" de Renan.

Em seguida, passa a ser *abalado*. Tremem os seus fundamentos. Perdem aquella intangibilidade que os homens de sciencia e sobretudo os de meia-sciencia, enxergam nelle. A realidade exterior perdeu a nossa fé, a nossa reverencia.

E passa então a ser, lentamente, *diluida*. Para o poeta, como para o crente, o mundo exterior é uma

verdade inconsistente. Pódem os Humes de todos os tempos appellar para os sentidos como unica fonte certa de veracidade, — o homem que crê e o homem que poetisa (por mais *fundamentalmente* diversas que sejam as realidades a que cada um delles chega), não vêm no mundo exterior senão um reverso de medalha. Mais do que isso — não vêm nelle senão uma apparencia de verdade, uma realidade evanescente, uma pura inconsistencia.

E atravéz dessa diluição é que chegam então ao seu mundo real. O crente, á transcendencia fóra do seu mundo intimo. Á realidade divina. A Deus. O poeta á transcendencia dentro do seu mundo intimo. Á realidade do mundo immaterial. Á poesia.

E assim me apparece, naquelles poetas em si — que vão acima da *carne*, por um lado, e por outro não se perdem naquelle mundo de equivalencias em que o "accaso" não é abolido pelos "golpes de dados" — assim me apparecem os laços profundos que ligam a poesia (e toda *arte* aliás) á religião.

E esse é um ponto em que a renovação literaria actual de nossas letras está trazendo a ellas um arejamento, uma luminosidade secreta que póde vir a enriquecer vivamente a nossa experiencia poetica e o nosso futuro passado literario.

Antes de falar dos nossos, porém, começo por mencionar, chegado de Portugal e nessa mesma corrente de poesia religiosa, o segundo livro de sonetos do autor daquelle pequeno livro triste e profundo *Só*, de 1921.

Francisco Costa — Verbo Austero. Ed. A. M. Pereira. Lisboa, 1925.

Ha neste poeta a demonstração lyrica daquelle

caminho indicado de dissolução da realidade e de reconstrucção interior. E' bem um constructivo. Não consegue vasar o seu sentimento senão em uma fórma fixa, convencional, construida; no caso o soneto. O soneto é para elle a solidez que o seu corpo não tem. Uma fórma, portanto, de aspiração ao inexistente, tão natural aos poetas e aliás tão humana. Sentindo-se fraco, sentindo que a vida não tem em seu corpo raizes profundas, quer enraizar a sua poesia. Ou antes, tiral-a do ar livre, construir-lhe casa, com mêdo que os ventos dos campos apaguem a chamma do altar. E não teme, portanto, a convenção ou o convento do soneto, que quadra aliás com a serenidade austera de seus versos.

Versos, não de fé arrebatada ou mystica. Mas de uma fé grave e interior. Segura de si. Raciocinada. Sem extases ou arrebatamentos. Sempre serena ou pelo menos serenada pela razão. Mas segura, funda. E levando ao impossivel a aspiração á immortalidade:

> Se a Eternidade fosse a eterna dôr
> e a Morte um sono eterno e ecolhedor
> escuta ! — eu preferia a Eternidade.

Outra voz grave e serena nos vem de Roma.

Carlos Magalhães de Azeredo — Symphonia Evangelica. Ed. Centro Dom Vital. Rio, 1925.

Já tive occasião de dizer como o espirito do sr. Magalhães de Azeredo sempre oscillou entre a Roma dos Cesares e a Roma dos Papas. Nesta sobria e severa Symphonia Evangelica ainda é a mesma massa poetica que apparece, em que o sentimento christão inspira o espirito do livro e a expressão classica molda a fórma da expressão. Aquelle verso de rythmo classico, que procurou aqui introduzir ha mais de vinte

annos, e que nas suas Elegias Romanas tivéra accentos da mais alta nobreza de expressão, — ainda é o mesmo em que canta a meditação de Jesus, os primeiros insultos, as primeiras angustias, os primeiros presentimentos de gloria. É a Symphonia desses annos de incubação, desses dois mysteriosos decennios que abrem um parenthesis de sombra, entre as duas luzes: — a da Caverna inicial, (em que o divino Triangulo se abria para o mundo, como symbolo imperecivel da familia e o imperio da infancia na marcha das coisas humanas desde então), e a luz da montanha final, que até hoje abala os homens como ha dois millenios.

Versos sem paixão nem movimento. De uma sonoridade monotona. Intellectualizados. Fixados. Claros demais para commoverem a intelligencia. Seccos demais para arrastarem o sentimento. Mas revelando, como sempre, uma grande alma nobre, pura, superior, escondendo uma sensibilidade profunda que foge á publicidade, que se retrae, que se fecha cada vez mais num mundo de sobriedade e de recato.

E agora, travessando os mares, cheguemos emfim ás nossas praias.

Tasso da Silveira — Allegorias do homem novo. Candeia Azul. Rio, 1926.

Este não é propriamente um livro de inspiração religiosa. Ou antes, não é um livro em que o thema religioso predomine, como nos dos srs. Magalhães de Azeredo ou Francisco Costa.

Mas é sem duvida um livro de inspiração poetica nitidamente religiosa. Em que as duas transcendencias já se tocam nos extremos, embora o sentimento religioso seja apenas como que uma ou outra garra de

luz que rasga, por momentos, o horizonte fechado das coisas humanas, humanas demais.

E nelle encontramos um alvoroço de alvoradas, como aos poucos se tem revelado nos livros dos poetas novos. É o contacto com a liberdade. O perfume do campo livre, do campo novo, que a nova geração vae encontrando á medida que se liberta dos convencionalismos passados e toma pé na terra fresca e virgem que se desvenda a seus olhos.

O grito de alegria e de mocidade que lemos no prefacio deste livro é o mesmo que o sr. Ronald de Carvalho soltava nos *Epigrammas*. O sr. Manoel Bandeira no *Rythmo Dissoluto*. O sr. Guilherme de Almeida no *Meu*. O sr. Menotti del Picchia na *Chuva de Pedra*. Ou o sr. Cassiano Ricardo nos *Borrões de Verde e Amarello*. E assim, muitos de valor e caracter diversos.

Os melhores, naturalmente, não ficam nisso, pois a liberdade não é um fim e sim um meio. E vemos assim a evolução dos *Epigrammas* para *Toda a America*. Do *Meu* para *Raça*. Da alegria da liberdade para a utilização da liberdade. até que consigam de novo o dominio della.

Seja como fôr, o que leva o sr. Tasso da Silveira a escrever na introducção do seu livro: — "Sei que o meu sonho de arte é um estremecimento de alvorada; e na alvorada o mundo nasce de novo"; o que o leva a dizer que o seu livro — "é um momento de ingenua e profunda alegria humana, — uma hora adolescente em minha vida de homem", — o que lhe dita essas palavras matutinas é o mesmo sentimento na poesia nova de hoje.

Livro de depuração, de infinita delicadeza da sensibilidade, de visão toda immaterial da materia. Uma leve espiritualização das coisas. Uma transição entre a dissolução do mundo exterior e a reconstru-

cção do novo mundo. Uma alegria de ingenuidade. A descoberta das coisas simples, dos ruidos surdos, das vozes veladas, que pedem o recolhimento para a comprehensão:

> O vinho que te offereço
> no crystal novo do meu verso
> deves bebel-o a goles lentos, lentamente...

É o canto da *taquara* que vem substituir os "mortos rythmos passados". E' pelo menos o primeiro passo para fugir do convencionalismo a que tinha alcançado a nossa poesia e para reagir contra um academismo caduco que ainda anda por ahi. Digo que é um "primeiro passo", pois os temperamentos aventurosos e sobretudo os inquietos e complexos hão de ir além, como já estão indo.

O "além", para o sr. Tasso da Silveira será provavelmente esse caminho mysterioso em que a poesia se funde no sentimento religioso, como está sendo no sr. Ronald de Carvalho o novo espirito de continentalismo americano. No sr. Guilherme de Almeida talvez a expressão da nova raça brasileira. No sr. Mario de Andrade a linguagem nova. No sr. Manoel Bandeira a poesia do dia a dia, a seducção do prosaico.

Emfim, os mil matizes que, de facto, nos fazem apparecer cada poeta como um mundo novo. Embora os homens de amanhã só venham a vêr o fundo commum, que apenas presentimos.

Mas temos um poeta, um poeta muito moço, cujo livro, penso, é um livro de estréa, e no qual o sentimento religioso já embebeu por tal fórma o sentimento poetico, que não é mais uma simples aspiração, como no sr. Tasso da Silveira, ou uma calma objectivação,

como no sr. Durval de Moraes, ou uma intellectualização, como no sr. Magalhães de Azeredo, — e sim o proprio sangue, a propria vida, a propria alma da poesia.

Francisco Karam — Leviticas. Ed. Centro D. Vital. Rio, 1925.

É uma poesia fluida, como a realidade é fluida para as almas religiosas. Inconsistente, como o mundo é para ellas. Ephemera. Diluida. Subtil. É bem aquelle poeta em si, de que acima disse, para quem o mundo interior é a verdadeira realidade viva, tangivel, eterna.

Não uma alma ardente de paixão. Mas ardendo em retracções, em gestos e pensamentos, em fórmas e aspirações, que destróem o mundo que os sentidos nos fornecem.

Eu accendo uma fogueira no meu peito,
E fico a olhar a alma vermelha das chammas
Agasalhado pelo seu calor.
Ás vezes me chego ás janellas das pupillas
E olho. Lá fóra, faz tanto frio !
E eu cerro as grandes cortinas silenciosas
Das palpebras, ao mundo.

Poeta de interioridade. Dessa vida de entretons em que materia e espirito se transfiguram numa realidade unica. Poeta alheio ás condições de tempo, ás solicitações de espaço. Para quem o mundo é realmente uma simples espectativa, um estagio. E o proprio mal é um presentimento do bem eterno.

Tu te desesperas ante a propria fraqueza
Sentes os limites dos teus braços,
O horizonte dos teus olhos...
O que desejas, chega imperfeito.
O teu sonho esmaece
Ao contacto de teus dedos.

Vês o Ideal através a fresta dos olhos.
E, quando tentas aprehendel-o, esbarras
Na vidraça enorme da illusão.

Alguem clama dentro de ti
E nada o satisfaz.
Nem o teu corpo.
Nem o corpo de todas as outras coisas.

— É a prova de que não estás
Na tua verdadeira morada.

Como estamos longe aqui da religiosidade banal e puramente exterior da poesia edificante. Ha realmente neste poeta de valor que se inicia uma chamma alta e ardente de mysticismo. Qualquer coisa de estranho, de longinquo, de distrahido...

SINOS E SINAS

Conhecem a lenda dos sinos de Coimbra? É Eugenio de Castro, o ultimo coimbrão apaixonado, que a conta, numa de suas paginas mais finas. Dos tres grandes conventos de freiras que lá havia, Santa Thereza, Santa Clara e Carmelitas creio eu, cada um se distinguia por fama muito diversa. Este ultimo era de um rigor terrivel, sombrio em suas altas muralhas de janellas gradeadas, submettendo as freiras a uma disciplina inflexivel, de apagamento e renuncia. O de Santa Clara era o opposto. A elle se recolhiam aquellas para quem a vocação religiosa era antes um despeito do mundo e sobre a facilidade dos seus costumes murmurava sempre a voz do povo, provocando por vezes os rigores da autoridade religiosa. O terceiro era o refugio das filhas de velhas familias patricias, que fugiam do mundo e consagravam-se a Deus, de todo o coração e toda a pureza, sem perderem, entretanto, o contacto com a terra. E como a voz dos sinos desses tres conventos divergisse, como o das Carmelitas fosse sombrio como um dobre, o de Santa Clara pousado e claro no seu toque duplo e o de Santa Thereza, alegre e vivo como um repicar de Alleluia, dizia o povo, que o primeira clamava: "Penitencia, penitencia", emquanto o de Santa Clara contestava: "Tanta não, tanta não"; e intervinha então, conciliador, o de Santa

Thereza, cantando alegremente: "Nem tanta nem tão pouca, nem tanta nem tão pouca, nem tanta nem tão pouca!"

Pois bem, lendo agora algumas expressões actuaes de nossas letras, que do excesso de literatura de ha trinta annos passou agora á abstinencia, veiu-me o desejo de gritar como os sinos de Santa Thereza: nem tanta nem tão pouca!

O abuso de literatura é o ultimo romance da sra. Albertina Bertha.

Albertina Bertha — "Voleta", ed. J. R. dos Santos. Rio, 1926.

É um primor de anachronismo. O melhor elogio que lhe podemos fazer é mostrar quanto é prodigiosamente inactual. Honra lhe seja feita. Apesar de ser um romance feminino, e cheio daquellas secretas feminilidades que tanto deram que falar em "Exaltação", não temeu a sua autora affrontar a moda. E' o que se pode chamar, em todas as letras, um livro fóra de moda. Appareceu hontem mas deve orçar ahi pelos trinta ou quarenta annos. Não ha duvida que é um acto de independencia, de ironia para com o publico, de desdem pela renovação. Ou uma millesima declaração de direitos do romantismo. Terá possivelmente o orgulho da sua inactualidade emphatica; a arte é uma affirmação de desconformidade; ser, em arte, é não ser; o artista affirma pela negação e foge para vencer, como no amor, e etc., etc. Em summa, revelou copiosamente o seu olympico desprezo pelo "Zeitgeist", como diria a "aristocratica" Voleta.

E desenrola-nos, com isso, uma verdadeira avalanche de literatice. Não ha uma pagina, uma phrase que não esteja intoxicada dessa literatice, até a raiz. Suas personagens vogam num mar de phrasesinhas

subtis e guindadas, cheias de evocações mythologicas, como se toda uma estante dos diccionarios do sr. Coelho Netto se tivesse derramado por aqui. A lua não pode levantar-se sem ser bombardeada com uma salva de adejectivos. Ninguem pode amar sem se perder em paroxymos de fauno ou de bacchante. Os poetas são ainda seres byronianos, de nomes complicados e gestos propheticos. Ha corvos, dansas de Salomé, pyras ardendo incenso, mulheres que trincam violetas, todo um dannunzianismo anachronico que seria novidade ha trinta annos e que hoje revela apenas uma intoxicação literaria, um artificialismo erudito, uma incontinencia verbal que ha de fazer successo entre os amigos de literatura gongorica e bem apimentada de paroxismos palavrosos.

Imagino a delicia com que os admiradores do professor Austregesilo hão de ler trechos como este: "Gonçalo de Tuy, encarando-a, envolvia-a em regios paganismos: Voleta lhe parecia ser um chão tropical, o devaneio nocturno de Pan, o Apogeu da dor, da esperança, a Bravura, a Violencia que penetram em a natureza, em o sangue humano, em as substancias organicas e inorganicas". E a admiração será tanto maior quanto ha trechos que poderiam ser assignados pelo nosso illustre embaixador intellectual junto á Sorbonne. Assim, por exemplo, se exprime o apaixonado de Voleta, sobre as meninas modernas e os seus caracteristicos: — "nevroses aferventadas, obsessão pruriente para se livrar de toda e qualquer sujeição, ardor dansatriz..."

Voleta só fala em "seus atomos", em "suas cellulas", que a não deixam tranquilla um só momento. Ao poeta symbolista, que vive a chorar a sua Magdala morta, chama de "vate de olhos metaphysicos".

Mesmo nos momentos mais profundos do seu amor, só pensam essas personagens em fazer phrases

de effeito, em mobilizar comparações pretenciosas. Eis, por exemplo, um trecho de dialogo entre os dois apaixonados, quando elle lhe pergunta o que os dedos della lhe trazem:

— "Espera... disse ella com vivacidade, depois de pensar um pouco accrescentou:

— Oh, este aqui, te traz as lagrimas sanguineas de Laodamia defunta por amor ao seu amor...

— E este?

— Os jacinthos e as guirlandas com que os amantes orlavam as portas de suas amantes.

— E est'outro?

— A vingança lucida de Chryseia, que a fez abrir o leito e o coração ao amor profano.

— Ah, este não — disse elle sério — E aquelle?

— As offerendas das cestas mysticas de Cytherea.

— E este pequenininho? — interrogou segurando-lhe ambas as mãos.

— Oh, a minha paixão, o meu eu em ecclosões de ti".

Eis o estylo em que sempre se exprimem essas pobres criaturas, verdadeiramente asphixiadas de literatura.

Será realmente um beneficio a independencia em relação á moda de hoje, para se submetter á moda de hontem, ás preciosidades emphaticas de Dannunzio ou ao exito mundano de Guido de Verona?

É preciso saccudir de uma vez esse fardo de artificialismo, de erudição mythologica, de falsificação pedante, que não é literatura mas literatice, que não nasce nem da terra nem do homen e sim de um falso culteranismo, que nem ao menos é actual.

"Nem tanta nem tão pouca", seria a reflexão de quem passasse bruscamente das inactualidades symbo-

listas da sra. Albertina Bertha para os demonios do nosso incipiente modernismo. Mas aqui, emfim, respira-se livremente, respira-se hoje e sobretudo o desejo de amanhã, o espanar das teias, uma busca que ha de ser fecunda. E comprehende-se, como em reacção contra "tanta" literatura cheguem alguns desses novos a "tão pouca" literatura, como o victorioso "páo brasil", do sr. Oswald de Andrade, insigne destruidor de inexistencias, mas deante de quem a Sra. Albertina Bertha desapparece.

O defeito do modernismo urbano e regional de S. Paulo é a sua complacencia no boçal. Imitação, já o mostrei, de modernas escolas européas, tem a vantagem de obrigar á realidade. O que é sempre um lucro, se a realidade não for falsificada para menos, como o é para mais, nesses livros genero "Voleta".

Ainda agora acaba de apparecer um novo "quinzenario" paulista, dirigido pelos srs. Couto de Barros e Alcantara Machado, que se propõe trabalhar por esse espirito moderno, de que todos falam e ninguem consegue definir, sem ser desmentido no dia seguinte. "Terra roxa, e outras terras" é o titulo conciso que escolheu. Não é uma publicação puramente literaria. Tenta antes uma funcção mais larga de diffusão, de animação, de intelligencia. "Parece que este jornal, ao nascer dá prova de uma coragem digna do Anhanguéra: destina-se a um publico que não existe. O seu programma é isso mesmo ser feito para o homem que lê".

E realmente, apezar de ser um paradoxo a sua leitura, já ha o que ler neste primeiro numero.

Logo de saida, como que para mostrar, maliciosamente, que o futuro não exclue o passado, uma nota do sr. Paulo Prado, revelando que na casa Maggs de Londres, — os famosos antiquarios londrinos que tambem possuem á venda um Pomponio Mella, com

a assignatura de Pedro Alvares Cabral, que provavelmente o acompanhou naquella sua conhecida viagem de 1500 — que nesses antiquarios digo está á venda uma carta inedita de Anchieta, escripta em S. Paulo de Piratininga, no dia 15 de novembro de 1579. "Custa 200 libras: valor de trinta saccas de café", diz melancolicamente o sobrinho daquelle que disse de Anchieta coisas inesquecidas. E vieram as trinta saccas.

Que mais? O inicio de um romance em "scherzo" do sr. Sergio Miliet, que imita conscienciosamente o estylo *brêveté* Giraudoux-Morand. Duas chronicas intelligentes do sr. Mario de Andrade sobre um pintor que de academico passou a primitivo, como hoje está em moda aqui e além, e sobre o convencionalismo ecclectico com que se organizam aqui programmas de concertos, com pedacinhos para todos os gostos, terminando, se o homem é violinista pelo inevitavel Paganini e se pianista pelo fatal Liszt.

Uma chronica dura sobre o nosso pseudo theatro nacional, e sobre o *feu-Mocchi,* do sr. Alcantara Machado. (Não esqueçamos, em todo o caso que o sr. Mocchi nos deu aqui uma Tetralogia, deante da qual a de Paris dada por Messager em 1913, foi apenas um bom ensaio). Quanto aos louvores ao Circo Alcebiades (correspondente paulista do nosso Spinelli), como theatro eminentemente nacional, é influencia já do páo-brasil de auri-verde memoria, já da moda parisiense que estes ultimos annos foi lançada pela *extréme-gauche* literaria, que lançou o circo e o café-concerto como reacção contra a decadencia e a vulgarização do theatro. Lembrem-se da festa que o Comte Etienne de Beaumont deu no Olympia, do exito mundano do Nouveau Cirque ou do numero especial que o *Crapouillot* dedicou ao *Circo.* Mais uma vez o primitivismo inoculado pelo sr. Oswald de Andrade mostra que é apenas um reflexo da ultima moda de Paris.

Aliás, uma pagina de verdadeiro primitivismo, é o conto ou antes a scena negroide do mesmo sr. Alcantara Machado. — "A dansa de S. Gonçalo". Essa é realmente muito interessante, de um rythmo barbaro mas verdadeiro, monotono, abatucado. Muito bom mesmo.

Depois, um longo artigo do sr. René Thiollier sobre a visita do grupo modernista a S. João d'El-Rey, com Blaize Cendrars. Artigo que lembra os campos argentinos: interminaveis e rigorosamente chatos.

Como compensação, outro longo artigo do sr. Couto de Barros sobre "Prophetas e Prophecias", mas este muito bem feito. Não tenho lido muita coisa do sr. Couto de Barros, mas tudo que tenho visto é coisa muito pensada e realmente original e penetrante. E' um espirito do qual ha realmente muito que esperar, e desejar que saia da tóca.

Emfim, um conto, sem grande interesse do sr. Carlos Alberto de Araujo e uma critica concisa do sr. Milliet ao novo poema do sr. Guilherme de Almeida, e onde o autor affirma essa coisa singular: — "Só se é brasileiro sendo paulista, como só se é universal sendo do seu paiz". O *como* não está certo, caso esteja certa a primeira parte da phrase. Se todos os brasileiros, para serem brasileiros, têm de ora avante de se naturalizar paulistas, o certo seria dizer que "so se é universal sendo brasileiro", o que teria o merito de ser positivamente original. Tão original quanto a paulistização compulsoria dos paroaras aos guascas.. Emfim, o que o sr. Sergio Milliet quiz affirmar foi o louvor do regionalismo e pouco ha que lhe objectar, pois a nossa literatura ainda está na faina dos materiaes para as futuras construcções. O erro, como todos sabem, será tomar uma coisa pela outra.

Emfim, a revista ou antes o jornal annuncia-se bem interessante embora possa dizer, com aquella fi-

gura de uma peça de Shaw: "Eu sou como todo mundo: meio bom, meio ruim". Ha mais bom que ruim aliás, deve-se dizer, neste quinzenario de regionalismo piratiningano, cujo defeito poderá vir a ser o elogio mutuo, a camaradagem de igrejinha. Inevitavel aliás, num movimento ainda indeciso e recluso, que precisa de se apoiar reciprocamente para vencer.

A linha geral se annuncia como de reacção contra o excesso de literatura, contra os desvarios post-dannunzianos das *Voletas* tropicaes. E naturalmente, cae no exaggero opposto, no snobismo do avesso, no delirio da flagellação pela vulgaridade pelo terra-a-terra, pelo Piolim do Circo, pelo *schotisch* da Philarmonica *versus* orchestra do Municipal, pelos amores da nacional Benedicta de Tal e do "Olho de Cobra" contra Pelléas e Melisande, pelo triumpho da Favella contra Botafogo, num match de brasileirismo authentico.

"Ni cette indignité ni cet excés d'honneur", diria o sr. Delpech.

E os sinos de Coimbra, na sua renuncia ao tempo, hão de continuar cantando inutilmente:

"Nem tanta nem tão pouca. Nem tanta nem tão pouca"...

Mas no fundo, devemos reconhecer que a sina das literaturas é outra e que a via media nunca póde ser a via agitadora. Os caminhos que sóbem vão sempre em zig-zag.

TEPIDOS E ARDENTES

Ninguem sabe ao certo o que é e o que não é hoje moderno, em nossas letras. O que não impede de ter todo o mundo a sua formulazinha preparada.

Apezar de toda a balburdia, que apenas começa, ha uma coisa que parece já adquirida, pelo movimento novo, independente desta ou daquella orientação mais precisa. Esse adquirido me parece ser — a palavra exige folego para ser pronunciada — a desliteratização da literatura. Relativa, já se vê, imperfeita, esboçada, hesitante, como quizerem. Mas o facto é patente. Compare-se o que fazem os novos de hoje e o que faziam os novos de ha quinze annos atrás, logo antes da guerra, para se reconhecer que a literatura de hoje é uma tentativa de inserir a fantasia no quotidiano banal ou na vida profunda das paixões. A quebra do parnasianismo ou do symbolismo, na poesia, se fez no sentido de uma vulgarização desejada, de uma fusão querida com elementos outróra estranhos e adversos mesmo ao lyrismo. A quebra do realismo, por seu lado, se faz por um esforço de ir mais fundo do que a simples apparencia dos objectos e dos sentimentos que nos era fornecida apenas pelos cinco sentidos exteriores ou pela razão, que é tambem, a seu modo, literariamente, uma faculdade "exterior", como os sentidos.

Em qualquer caso, o que se nota de realmente sincero, mesmo naquelles a quem a vaidade de serem originaes a todo o transe torna artificiaes e ephemeros, o que se nota de mais forte do que toda seducção por modas passageiras, o que se nota de necessario, emfim, é esse esforço de tornar menos literaria a literatura. De tornal-a mais vida que arte. Mais participação nas coisas do que isolamento.

Os proprios parnasianos já tinham soffrido uma evolução semelhante. Compare-se o que dizia Bilac em 88, a pensar em estrellas e reclamar para o verso burilações de ourives, ao que veiu a dizer em 1907, no banquete com que vinham consagrar a sua gloria. "Aquillo de que a minha geração mais se orgulha é de ter descido a literatura do seu pedestal", era o que dizia o poeta, apesar de estar ainda preparando os polidissimos e hieraticos sonetos do seu crepusculo. Por onde, aliás, se via a illusão das profissões de fé literaria: enquanto proclamava o primado do buril, fazia versos ardentes e sempre lembrados e quando passou a discursar aos quarteis burilava sonetos distantes e esquecidos.

Os novos de hoje, de qualquer fórma, tentam um passo ainda mais ousado no sentido de encontrar a corrente profunda da vida e de reduzir as barreiras entre a natureza e o seu reflexo no espirito.

Logo antes da guerra, os novos do tempo faziam outra coisa. Cheios de bom gosto e de boas letras, delicados, scepticos, subtis, julgavam que a literatura era, acima de tudo, uma evasão do quotidiano. A arte de dizer coisas amaveis, harmoniosamente, sem se arriscar a affirmações categoricas, pairando no adejo das duvidas, fazendo epigrammas leves, evocando cidades mortas e outomnos melancolicos. Fazendo literatura, emfim. A arte de viver era a arte de afastar-se

da vida, a "arte de esquecer", como diz o sr. Oswaldo Orico.

O sr. Oswaldo Orico, neste livrinho, é toda uma evocação daquelle tempo de antes da guerra, que parece ter existido ha um seculo. É todo deliquescente. Fazendo phrases sobre a arte de bem viver sem se espetar. Dando conselhos de prudencia amavel no trato dos homens. De afastamento cuidadoso de toda opinião forte. O homem perfeito é aquelle que se esgueira entre os pingos de chuva sem se molhar. O essencial é defender a integridade, a delicadeza de nossa cutis. Nada de extremos. Nada de convicções. Um homem civilizado é o que não discute, o que não conclue. Resistir á vida é pouco esthetico. Deixemos que o vento das opiniões contradictorias tire sons harmoniosos de nossa harpa eolia. E só esquecendo poderemos chegar a esse paraizo interior.

— "Esquecendo é que o espirito normal realiza a sua funcção perfeita, em face do que deve reter, origina-se dahi a sua superioridade, o estado de paz interior que experimenta e que lhe assegura, na luta quotidiana, a inconstancia benefica, a docilidade vital, que permitte passar através das opiniões e dos sentimentos sem embaraçar-se nelles ou confundil-os".

Parecia caricatura o que eu vinha dizendo. Estão vendo que não é. E que realmente o que ainda preoccupa o sr. Oswaldo Orico é não se molhar na vida. A memoria é a nossa inimiga. O essencial é esquecer. Ah! o esquecimento, — "que amavel criação! Nada a excede nos recursos com que offerece ao homem a solução feliz de todos os seus conflictos. Amavel porque o habilita a entrar num estado tranquillo, etc."

A vida é uma coisa séria para nós a tomarmos

a sério, diria o sr. Oswaldo Orico. E vae assim, de "badinage" em "badinage", a chamar a attenção dos homens justamente para o perigo de viverem intensamente e de esquecerem aquella — "festiva tolerancia que o doce Omar Khayam recommenda insistentemente, preparando um estado de espirito perfeitamente submisso á contingencia do tempo". O "doce Omar", como o "subtil Anatole", é um inevitavel — "Omar... a l'américaine". Embora a phrase evoque mais um molusco do que um crustaceo. Aliás, como todo bom conselheiro, o sr. Oswaldo Orico começa por não seguir os conselhos que dá, pois que positivamente o seu livro está ainda "submisso ás contingencias" de 1910 mais ou menos. Ou de antes. Lendo-o, tive a impressão perfeita de ouvir uma daquellas conferencias que se começaram a fazer aqui por volta de 1907. Um falava sobre "o leque". O outro sobre "o nariz". Este academico affirmava que "casar é bom, mas não casar é melhor", como hoje affirma — "ter filhos é bom, mas não ter é melhor". Outro dissertava sobre "o lenço". Ou sobre "a arte de recordar" ou sobre as "maneiras de namorar". O Rio ainda não conhecia o cinema. Mas andava animado de uma furiosa febre de progresso. Uma cidade moderna surgia das ruinas do velho São Sebastião. E a literatura fez-se mundana. O Instituto de Musica, a actual Côrte de Appellação, regorgitava. Era a nota da estação. Cora Laparcerie cantava maliciosamente o "mon mari est bien malade, bien malade, Dieu merci". O Miecio fazia delirar as meninas de então. Bauer e Casals faziam combater Wagner (ouvindo a Cavalgata, ao menos) a alguns megatherios que começam hoje a descobrir Debussy. Mas o successo eram as conferencias literarias, que a "arte de esquecer" do sr. Oswaldo Orico evoca irresistivelmente. A "sociedade" descobria a literatura e a literatura fazia-se sociavel. Rebuscava as paginas do Larousse para

verificar o que havia na historia sobre "pés" ou "cabellos" e dizia coisas amaveis num tom sorridente e innoffensivo. Todos sahiam satisfeitos, gostando da vida e elogiando o bom gosto e a cultura do conferencista. Como sairiam hoje, se ouvissem a "arte de esquecer", pois o publico para essas coisas pseudo, literaria, é sempre o mesmo. Em 1926, como em 1906. E o livrinho sedoso do sr. Oswaldo Orico poderia ter as duas datas, como poderia chamar-se, se não tivesse tanto horror á vulgaridade — "a arte de esquecer ou o manual do guarda-chuva", com collaboração intima do sr. Julio Dantas...

Augusto Shaw — "Salomé" — Grotesque en quatre tableaux. Paris, 1926.

Como o sr. Dominique Braga, é o sr. Augusto Shaw um brasileiro naturalizado nas letras francezas. Ha muitos desses naturalizados na literatura franceza que escrevem em portuguez e nunca sairam do Brasil. Mas o sr. Augusto Shaw escreve em francez e ha longos annos não sae de Paris. Já tinha lido do sr. Shaw uns pequenos esboços, penso que na "Revue de l'Amérique Latine". E tinham-me chamado a attenção. Não era banal. Recebo agora sua primeira peça. Daria apenas para um acto, talvez, de uma peça. Chamou-o aliás de "grotesque en quatre tableaux" e como acto tem grandes qualidades. A figura de Wanda é vigorosamente verdadeira. Não é bem aquella satanica ingenua, de que fala Berthault, em sua recente "Terre Voluptueuse": — "Elle était sensualité tout naturellement; comme un vaisseau est fait pour la lame, comme la poussiére est née pour vent... Cette fille aimait comme on vit, comme on boit aux cascades de l'air. Elle avait cette grandeur, en cela, de ne pas se penser..."

Wanda não tem essa grandeza de força natural.

Esta se pensa. Esta é inimiga de si mesma. Dahi a sua humanidade. Só o inhumano não se pensa. O homem é o eterno condemnado a esse incessante dilaceramento. Viver, não a vida invertebrada que recommenda o sr. Oswaldo Orico, mas viver toda a nossa vida de sangue e de espirito é chegar justamente a esses extremos tragicos, a que só criaturas excepcionaes, os olympicos ou os divinos, podem escapar — Gœthe ou S. Thomas de Aquino, os serenos por ultrapassarem os limites e não por fugirem aos limites.

Quanto á humanidade que se agita entre os limites, a sua grandeza está na proporção em que se approxima desses limites. E dahi a luta que dá gosto de morte ás melhores alegrias. A unica que transfigura, tambem. Que justifica as miserias da nossa mediocridade irremediavel, quotidiana. Esse sabor de luta, de insatisfação da miseria humana, de revolta da escrava de si mesma, é que faz o vigor dessa peça intensa e vivida. Wanda nunca perdeu, no fundo das abominações a que seu demonio interior a arrastava, nunca perdeu a lucidez, a terrivel luz interior que nos faz assistirmos ás nossas proprias quédas. Assistir revoltados, nos que ainda são humanos, ou mesmo um pouco mais que humanos, pois só caem mesmo os que se esforçam por subir; assistir desolados, nos que já perderam a força de se affirmar; assistir indifferentes ou complacentes, nos que rolaram, sorridentes ou imbecilizados, para o vegetal ou para o animal.

A scena mais bella dessa peça, a meu ver, a mais humana e a mais dramatica, tambem, não é o suicidio final e sim o segundo acto. O dialogo daquella mulher, vencida pela sua miseria de sentidos, mas enfurecida contra os homens, em plena luta interior, impotente contra o que havia de fatal em sua animalidade, mas revoltada contra a sua miseria, o dialogo dessa mulher com o pobre resto de homem em que as suas abomi-

nações haviam convertido o seu amante, é realmente de grande dramaticidade. E sobretudo mais directo, mais aguçado no sentido da acção.

A peça soffre de um cerebralismo excessivo, em outros pontos. Especialmente no principio. O primeiro acto é exclusivamente uma troca de paradoxos e reflexões, apenas intelligentes. Ou pelo menos, que parecem "apenas" intelligentes, a quem não leu o resto. Na ultima scena tambem, o mesmo cerebralismo artificializa o acto. Sente-se a scena dramatica escripta a frio. Ha quem diga que a arte é isso. Nem sempre. Mas quando o é, o difficil é justamente conseguir fazer esquecer que é isso. E no sr. Shaw se sente a cada momento a preoccupação de ser intelligente.

Aliás, o monologo final de Wanda, depois de ingerido o veneno, revela talvez uma presença de espirito anormal e um pouco improvavel em taes circumstancias. Mas pensando melhor, ha no caracter de Wanda justamente, uma opposição excepcional, realmente, mas que nada tem senão de intensamente humana: ella é ao mesmo tempo escrava de seus sentidos e senhora de sua razão. Ella se assiste decair com uma claridade imperdoavel. Ella é um mixto de paixões indomaveis e de uma terrivel frieza no condemnar-se. Ella é, a um tempo, extremamente, juiz implacavel de si mesma, criminosa contra si e victima de si. Tudo isso sem attenuações. Sem duvida, um pouco romantico demais, á primeira vista. Mas na peça não dá essa impressão. Tudo isso coexiste nella, sem convertel-a inteiramente na inevitavel "femme fatale". E a sua lucidez final é explicavel e, incontestavelmente dramatica: — "J'ai trahi... J'ai été une traitresse... Il faut cependant que tu ne me confondes pas avec celles qui sont les habituées du vice, les professionelles de la volupté. J'ai trahi les apparences d'une vie qui m'a été imposée et suis partie á la recherche d'une autre vie que j'avais le droit de

vivre. (Sempre, o eterno "droit à la vie", que leva ao abysmo). Mes amants... oui... parlons en... Quelle importance ont-ils, ces misérables, puisque je ne leur ai point donné une seule miette de mon ame?... De la chair... de la chair... Et dans les festins de la chair, que sommes-nous, les femmes, sinon des figurantes?..." Esta phrase é do sr Shaw, não é de Wanda. Concebe-se uma moribunda fazendo imagens literarias sobre a vida?

Essa peça aspera, humana, cheia de dialogos intelligentes, por vezes em excesso, apesar do que tinha ainda de bastante forçada e "escripta", é um trabalho de valor. E que excede de muito a média do nosso pauperrimo theatro.

MARINETTI

Um homem com quem se tem inimigos communs é quasi um amigo. É o que se póde dizer de Marinetti.

E esses inimigos communs o que são senão o commodismo, a facilidade, o dilettantismo, o decadentismo, o d'annunzianismo *faisandé*, o scepticismo sybarita, á France, a passividade, o titubeamento, a indolencia, o culto beato dos mortos, do passado estatico, do adjectivo, das fórmas convencionaes, do falso classicismo, do ornamental, do academico de tudo o que nos mergulha na inacção burgueza ou nas deliquescencias de um romantismo caduco?

Não são poucos os laços. Por isso mesmo, podemos falar, hospitaleiramente, face a face, força a força, do solo de um continente novo, que precisa tirar de si a sua victoria sobre si mesmo, como essa velha e admiravel Peninsula soube arrancar tambem de sua vontade e do seu genio esse milagre de um segundo "risorgimento", a que estamos assistindo deslumbrados, mas não passivos.

Podemos falar com desassombro. Como quem começa. Como quem não acredita que já não haja nada de novo debaixo do sol. Como quem se sente, não acorrentado a tradições, mas criador de tradições. Como quem já se libertou dos venenos que envenenaram a nossa geração ao entrar na vida. Como quem se procura.

Não tenho espaço para fazer um balanço, sequer summario, do movimento futurista. Apenas indicar o que me parecem alguns de seus defeitos e de suas qualidades, para basear a minha conclusão: que do futurismo, devemos aceitar o espirito, que nos levará á criação, mas repudiar a escola, que nos levará á imitação. Se não fossemos tão atrasados intellectualmente, se não tivessemos, como sempre succedeu no passado, de esperar vinte annos para que todos os movimentos novos atravessassem o Atlantico, já poderiamos ter ultrapassado o futurismo, como hoje o faz o maior numero das intelligencias. Mas o que nos importa aqui é o que somos e não o que deveriamos ser.

O primeiro defeito do Futurismo é ser uma coisa terminada em *ismo*. E sendo uma coisa terminada em *ismo*, ser uma escola. E sendo uma escola, ser uma convenção. E sendo uma convenção, — a primeira condição para impedir a verdadeira originalidade, a humanidade, a vida.

Aliás, é preciso logo accrescentar que não é o *espirito* do ismo que é perigoso, mas a *prisão* do ismo.

Ha mesmo nesse amor ao dogma, que se nota em toda a campanha futurista — o dogma dos anti-dogmas, o dogma da anti-syntaxe, o dogma da anti-critica, o dogma do anti-passado, etc. — ha nelle um espirito sadio. A necessidade de verdades solidas iniciaes. De pontos de referencia. De trampolins. O erro é escravizar-se ao dogma antigo e seguir sempre a ordem do passado, apenas ás avessas. É uma abdicação inicial. Impossivel para quem quer viver e deixar que a vida passe por suas mãos. E criar realmente um novo momento de acção. Seria uma mutilação inicial.

Outro defeito do Futurismo é a maiuscula. Um gosto excessivo de maiusculas. Logo, de abstracções.

O que em politica representaram para o seculo passado a Liberdade, a Justiça, o Progresso, a Humanidade, a Sciencia, representariam para uma literatura brasileira fundada na dogmatica futurista a Palavra, a Liberdade, a Enharmonia, o Dynamismo, a Geometria, etc., etc.

Coisas abstractas. Contendo cada uma dellas uma parcella de verdade. Mas systematizadas. Enrijecidas. Não podendo por muito tempo prender a nossa attenção, o nosso gosto, a nossa fé.

Outro defeito, — inexistente para quem souber penetrar a sua trama exterior, ephemera mas seductora — é o seu internacionalismo esthetico.

Sendo, politicamente, um movimento de renovação nacional, e como tal criador de valores novos, que marcarão indelevelmente na historia do povo italiano, — seria estheticamente um movimento de abdicação nacional.

Dirige-se ao homem, como se elle fosse sempre — o Homem. Pretende compellir, inconscientemente talvez o homem de todas as latitudes a exprimir-se da mesma fórma. Sacrifica o espaço ao tempo. Sacrifica o homem á época. E acabaria tornando-se uma especie de Esperanto artistico. Uma coisa anodyna, excellente para burocratas aposentados e professoras jubiladas. Com Congressos internacionaes periodicos, etc.

Outro defeito — o seu actualismo intransigente. O dogma de que o homem moderno é um animal á parte. E que a machina realmente enguliu o velho ho-

mem. Já foi o pensamento de Samuel Butler ha 50 annos, quando escreveu aquelle seu immortal *Erewhon*.

O problema da relação entre o homem e a machina é capital do nosso seculo. E especialmente do nosso mundo brasileiro, em que o homem luta hoje com duas séries de forças que precisa dominar para que o não dominen, assimilar para não se desassimilar: a natureza e a machina.

Tudo que é realmente humano só o é quando se transforma em elemento de espirito. A machina não fugirá á regra. A machina completa. Accrescenta. Estende os sentidos á distancia. Quebra por isso uma harmonia natural. Necessita portanto de uma readaptação nossa ás novas condições que nos cria. A machina é uma intensificação dos nossos sentidos. Uma destruidora de isolamentos. Uma criadora de ruidos novos. De uma belleza nova, tão pura quanto a belleza classica. A verdadeira belleza do nosso tempo. A que nasce necessariamente, organicamente, lentamente, como uma energia inevitavel e irresistivel. Uma corrente de vida profunda que se modela, em novos typos, que se conforma em fórmas necessariamente novas, que se impõe.

É consideravel portanto a acção da machina sobre o nosso tempo E não apenas escravizadora, como quer uma noção oriental da vida, uma concepção tagoriana do mundo.

Ao contrario. E ahi é que vejo, da parte da concepção futurista da machina, uma idéa imperfeita.

A machina, se ainda não é, virá a ser uma libertadora do homem. Ella dará, de futuro, ao homem, mais tempo para ser homem. A machina representa a reducção e a simplificação do trabalho. Logo, a concessão ao homem de maiores lazeres para contemplar o mundo, inclusive o defunto "chiaro di luna", com menos miseria do que aquelle Ciaula de Pirandello,

descobrindo a lua, com assombro, ao sair de um poço de mina.

A machina electrica, (a do ar tambem, ou a do mar, isto é, das forças gratuitas e limpas, como o *rotor* futuro é no fundo uma volta á vela), a futura machina será uma economia de humanidade.

Quanto mais aperfeiçoada uma machina, mais complexa de engrenagens, mas mais simples de manejo. A machina, quanto mais recente, mais livre do homem. Logo, menos tyranna, tambem. Logo, independencia do homem. Lazeres. Possibilidade do velho e banido desvaneio impossivel apenas com as machinas primitivas que possuimos.

A machinização do homem é um estadio transitorio na historia do machinismo moderno. O futuro verá a humanização da machina.

Não me parece, portanto, que o futurismo tenha estudado bem profundamente a machina, quando lhe attribue uma revolução na natureza humana. Marinetti apresentava outro dia como prova de que a machina "é a divindade moderna" (sic!), o facto que basta um automovel parar na estrada para que a garotada da vizinhança venha toda espiar para o motor.

É como dizer que a curiosidade despertada por um soneto do sr. Aloysio de Castro é a prova de que o sr. Aloysio de Castro é o Apollo da Guanabara.

E como em torno de um burro de carroça que escorrega, junta-se logo um bando de mirones, isso prova que a carroça de burros é o deus-locomotor da nossa éra...

Não se poderá, penso eu, bem comprehender essa nova arte que surge ao lado da architectura e que merece da parte dos artistas modernos, futuristas ou não, toda a attenção e o esforço de comprehender (é indispensavel começar a escrever a historia da machina, e incluil-a como parte essencial, junto ao cinema, da

historia da arte moderna), — não se poderá comprehender a acção da machina, portanto, sobre o homem, sem estudar a reacção deste sobre ella e a sua libertação por ella.

Outro defeito do Futurismo me parece a sua servidão ao tempo.

Como se a expressão, como se a verdade, como se a vida, fossem apenas phenomenos mutilados de espaço e de espirito e sujeitos exclusivamente a uma categoria linear. Uma simplificação absurda da complexidade de nossa posição no universo. E uma submissão ás velhas idéas do seculo passado, no tempo do evolucionismo, da crença no progresso continuo da humanidade, em que tanta gente ainda crê. Nada mais ephemero do que se vangloriar de ser do dia que passa. Somos delle, queiramos ou não. Deixar de pertencer ao seu momento é impossivel, a quem vive ardentemente, a quem não possue uma alma de megaterio. O difficil é ser tambem de todos os tempos. E lutar contra a irreversibilidade.

Submetter-se inteiramente á irreversibilidade do tempo, para o futurismo, é annullar a sua victoria sobre a infalibilidade da linguagem.

Outro defeito, compensado aliás por uma qualidade correspondente, é a sua demagogia.

O futurismo tende para a mediocracia. Dirige-se ás massas. Gosta do applauso e da vaia. Provoca manifestações populares Faz do reclame uma arma de combate. Estimula o ridiculo. Adora o meio da rua, as salas de espectaculo, os circos, a multidão. É bem italiano, é puramente italiano nesse ponto, como em tudo

mais. Na Italia vive-se no meio da rua. E a historia italiana é uma historia do ar livre. Como a verdadeira tradição classica, deturpada pelos falsos imitadores.

Explicando o motivo porque usa sempre chapéo côco, Marinetti contou que começou a usal-o durante os mezes em que diariamente, batia-se nas ruas pela intervenção italiana na guerra e precisava defender-se das bastonadas. A classica bastonada da "comedia" italiana.

O futurismo é a arte transportada para o meio da rua, para o meio do povo. É a vingança do vulgo contra uma arte de salões, de que elle vivia afastado.

Dahi o mal em que degenera tudo que se apoia nas paixões das massas. A mediocrização. A vulgaridade. O barulho, a troça, a improvização. A substituição da qualidade pela quantidade. A illusão do valor pelo ruido. A anarchia dos meritos. E sobretudo — o cabotinismo. A desforra dos charlatães.

Penso ter dito o bastante dos defeitos que encontro no futurismo, como escola literaria, para poder, desassombradamente, dizer das qualidades que possue, da acção benefica que teve, e do que nos póde trazer.

As qualidades do Futurismo são quasi sempre o reverso dos seus defeitos. E nesta observação vae um primeiro louvor.

É um movimento de affirmações. De sentenças categoricas.

Um dos males de que a nossa geração soffreu em sua adolescencia foi o horror ás idéas precisas, aos principios assentes, a todo dogmatismo.

Fomos educados no gosto das coisas imprecisas. No amor ao dubio, ás côres indistinctas, aos crepusculos.

Filhos de uma terra de sol, de uma terra moça

(embora de uma intelligencia cansada, por contaminação), em que tudo, por assim dizer, está por fazer ou refazer, fomos desde a infancia embebidos de penumbra. Incutiram-nos desde cedo a nostalgia de outras terras, o desdem superior pelas nossas imperfeições, o sarcasmo pela acção immediata. Amamos a Bretanha e a Flandres. Recitavamos nostalgicamente "Bem me lembro, bem me lembro, foi no glacial Dezembro". A um pateo mediterraneo, banhado de sol e aguas, preferiamos as lareiras do norte. Ás florestas tropicaes, estalando de seiva, pesadas de perfumes acres, entrelaçadas de cipós, povoadas de insectos vorazes, preferiamos as mattas claras de platanos ou as sombras evocativas dos carvalhos. Ao inverso do poema de Heine, eramos uma palmeira do sol ansiando pelo pinheiro dos gelos.

Tudo inserção. Tudo cerebralismo. Foi preciso que viesse a guerra, sobretudo ella, essa visão allucinante de uma realidade feroz, para que voltassemos a nós, para que olhassemos de frente as coisas vivas e reaes. O nosso meio. A nossa gente. Nós mesmos afinal. E comprehendessemos emfim o sonho em que viviamos, o veneno com que corrompiamos lentamente a nossa personalidade. Com que impediamos toda personalidade afinal.

E nesse ponto é que o Futurismo (não sómente elle, bem sei; mas elle tambem) nos dá uma lição de vigor e de precisão. Combate o romantismo palavroso, o sentimentalismo choroso, o symbolismo decadente, o velho preconceito de que poesia é synonymo de nostalgia. E renova o gosto da verdade precisa. Da visão directa. Da deformação emfim, mesmo da deformação synthetica para condensar e reforçar as realidades esparsa e dispersas.

Representa, para nós, um auxiliar, nessa transição

do espirito de negação para o espirito de affirmação por que a nossa geração tem de passar.

Outra qualidade é o optimismo. Sim, o que o Futurismo traz em si como elemento galvanizador de energias, é a affirmação de que a vida vale a pena de ser vivida.

Era disso justamente que duvidavamos. Lembro-me bem que no dia do afundamento do "Paraná", ao conversar com um amigo sobre a probabilidade de termos de seguir para a guerra, dizia-lhe: "Seja. É uma solução. Que nos póde dar a vida de novo?" E lia, com ironia, um artigo de Jackson de Figueiredo na "Noticia", bem me lembro, em que este, já então liberto da anemia sceptica, tocava solemnemente a reunir para a partida.

O Futurismo, bem comprehendido, póde ajudar-nos tambem a vencer todo esse passado de larvas sombrias que nos corrompe a vontade. Combate esse pessimismo. (O máo pessimismo, pois ha um pessimismo bom, o que nos abre os olhos. O desanimo. Todas as formas do derrotismo. Convida-nos a olhar a vida de frente. Talvez com uma theatralidade excessiva, por que é italiano e por isso exhuberante, desmedido, extremado, — mas communicando-nos um gosto de viver, uma consciencia de força que precisamos mais do que nunca, como correcção ás forças hereditarias e adquiridas de dissolução. O mundo continúa em luta e prepara-se para lutas ainda mais terriveis. A civilização occidental, (e sobretudo as classes intellectuaes, as grandes corruptoras, as grandes artificializadoras), se continuar pelo caminho em que seguia, nada mais será, em pouco tempo, do que a mais facil das presas ao mundo oriental que

elle procurou explorar e a quem incutiu o segredo da sua força e das suas fraquezas.

O Futurismo, como elemento auxiliar de outras forças saneadoras do espirito occidental, a maior das quaes é o espirito militante e sempre novo da Igreja Catholica, — procurando incutir nos homens o sentimento esquecido de optimismo consciente, de confiança em si, de amor á vida e de desdem pela morte, poderá auxiliar a renovação de forças de uma civilização em decadencia, de salvação hypothetica, em que não faltam os prophetas e os signaes de aniquilamento.

Outra qualidade do Futurismo é a sua visão do mundo moderno. Não foi elle, bem sei, que criou essa esthetica. Nós americanos devemos sempre pensar em Whitman. Elle chocou outr'ora a nossa cultura de salão, o nosso paisagismo de jardim de inverno. Mas á medida que vamos tomando consciencia de nossa posição no mundo, de nosso enraizamento, vamos tambem reconhecendo o que devemos á sua visão nova da America. Á sua originalidade.

Mas foi o Futurismo que accentuou sempre e espalhou essa inspiração directa das coisas modernas, das forças novas, do mundo de hoje, de que se tem abusado com a facilidade que offerece esse recurso aos improvisadores, mas que é realmente um enriquecimento da materia poetica.

Outra qualidade, que parecerá um paradoxo, mas que innegavelmente existe no Futurismo é um elemento de disciplina pessoal.

Realmente, parece um paradoxo querer encontrar um elemento disciplinador, num movimento de arte e

de acção que fez todas as suas campanhas em nome da liberdade, invocando a scisão absoluta com o passado, pregando a visão exclusiva em direcção ao futuro.

Mas é innegavel que, embora chocando todas as nossas idéas recebidas e normaes sobre arte; embora revoltando o nosso gosto cultivado nas literaturas requintadas e immortaes; embora illudindo-se na ingenuidade com que pensa dictar leis para o futuro e datar uma nova era esthetica da invenção das "palavras em liberdade", *truc* individual de um espirito de grande talento, mas *poncif* intoleravel nos imitadores, quando systematicos, — apesar de tudo isso, ha no Futurismo um elemento de disciplina.

Basta vêr a precisão e a energia com que elle tempéra a ponta de aço da vontade, com que elle rebate as indolencias da passividade, com que elle pretende justificar a sua arte pela sensação e pela razão. Isto é, a qualidade mais pura do animal e a qualidade mais pura do homem.

Ha em tudo isso um elemento de disciplina, de dominio de si, que nada tem que vêr com a concepção licenciosa da liberdade arbitraria e puramente extravagante. Póde levar facilmente a ella, sem duvida. E não duvido que seja o caso dos imitadores que hão de surgir por aqui. Mas é que se deixarão levar pelo que ha de máo na esthetica do Futurismo, sem comprehender o que ha de bom no seu espirito.

Póde-se mesmo attribuir ao Futurismo outra consequencia bastante imprevista: uma rehabilitação do passado.

Sim, combatendo cégamente *todo* passado, o futurismo faz rir. Mas faz pensar tambem. E obriga a distinguir. A separar a veneração beata do passado —

que é a falsificação corrente que nos impõem — da comprehensão do seu espirito, o que é mais difficil. E indispensavel.

Existe ainda, como reverso do defeito apontado de demagogia, a vantagem de quebrar as torres de marfim, de impedir os isolamentos artificiaes, de pôr a arte directamente em contacto com a vida.

Como escreveu Chesterton: — "Nada de supremamente racional saiu da pura razão, como nada de supremamente artistico saiu da pura arte"

Finalmente, e acima de tudo, o Futurismo, veiu sacudir o marasmo das nossas letras. O sr. Graça Aranha tem todo fundamento no cotejo que fez entre a inercia que ia pela nossa literatura, ha cinco annos, e a agitação criadora que se nota actualmente. O Futurismo é uma corrente de vida. E a sua *passagem* será fecunda.

Eis, portanto, a meu vêr, considerados, não com imparcialidade, mas com franqueza e honestidade, alguns dos defeitos e das qualidades principaes desse pequeno mas numeroso movimento artistico, já ultrapassado na propria Italia, que não tem absolutamente essa universalidade irresistivel que o seu criador proclama como bom pae, mas que tambem não é apenas essa agitação incoherente, que á primeira vista parece.

A minha conclusão, como já disse de principio, é que o Futurismo é um estado de espirito por vezes sadio e inspirador, e uma esthetica, quasi sempre simplista e ephemera.

Seria tão falso nos submettermos hoje á disciplina futurista, como nos prendermos á estructura classica. Seria tão falso tambem imitar o primitivismo estatico do "douanier Rousseau", ou do carteiro Ulysse Préchacq, dos Pyreneus, autor ingenuo de um livro de versos, com este saborosissimo titulo: — "Sous le charme Olympien (du nom de ma mère Olympe)", como copiar o requinte dynamista de Marinetti. Todos como condimento. Nenhum como alimento.

Quando Antonio Sardinha, na sua grande obra de reposição de Portugal em si mesmo — que a morte tão miseravelmente interrompeu, — foi buscar o ensinamento de Maurras, teve o bom senso de vêr que o romantismo, que Maurras tão ardentemente combatia, era para Portugal o que a tradição classica greco-romana fôra para a França: a sua integração em si mesmo.

Para nós, empenhados numa tarefa semelhante — embora menos de reacção que de criação — o pensamento deve seguir a mesma linha. Isto é, procurar o que representa *para nós* o elemento organico, fundamental, espontaneo, o elemento physico da expressão nova.

E da mesma fórma que a volta a uma nova ordem classica será uma condição de vida au puro genio da França, como a ordem romantica seria ao genio de Portugal, — para nós nenhuma das duas representa um elemento fundamental e necessario.

Para nós, só o nativo é classico. O sadio, o forte, o barbaro mesmo, se quizerem, comtanto que não se dê a esse termo um falso senso de indianismo artificial ou de anarchia intencional. O unico indianismo que podemos admittir será o *eurindio*. O elemento de fusão das raças. De embriaguez do verde, de aspereza da terra dura. De vulgaridade da gente. De violencia da civilização incipiente. De nostalgia do sangue herdado. Só essa massa em ebulição viva, onde alguns mais cultos,

mais avançados, menos illudidos de modernidade presente e de modas ephemeras (isto é, de esquecimento futuro), já procuram os traços da ordem do espirito, unica eterna, — só esse "courant vital" de que falava Balzac, em sua energetica criadora, — só essa massa de energias vivas e novas póde constituir o fio conductor de uma acção nossa, sincera e permanente, e não apenas original de apparencia.

Possuem os allemães duas expressões para designar a opposição de estylos: *Kraftsprach,* a linguagem de força, e *Mondsprach,* a linguagem enluarada. Eis ahi o que devemos procurar, e o que devemos evitar.

Quando Papini se separou do Futurismo ("in Russia o in America il futurismo sarebbe ridicolo: é un prodotto necessariamente italiano"), pretendeu distinguir radicalmente o *futurismo* propriamente dito, de que se dizia o verdadeiro representante, do *marinettismo.* E áquelle attribuia todas as virtudes negadas a este.

Ora, a mim me parece verdadeiro exactamente o opposto.

É o marinettismo, corrente ephemera, mas galvanizadora de hesitações, saneadora de anachronismos, vitalizadora de uma literatura corroida de decadencias, que deixará a sua marca.

Ouvindo ha dias Marinetti, parecia-me rever uma representação de *Phédre* por Sarah Bernard, em 1913. Era dilacerante o contraste entre a obra eterna de frescura e mocidade e os esforços inauditos da velha "voix d'os" em renovar a sua mocidade perdida.

No caso de Marinetti foi o opposto.

O actor é que era vivo, creador, ardente. Transfigurando os seus poemas. Vivendo-os.

A obra adquiria uma luz nitida e uma sonoridade

metallica, assim falada e representada. Revelando uma personalidade inconfundivel, um caracter unico.

Mas nada podia esconder a superficialidade da sua esthetica, os velhos *trucs* onomatopaicos ("de la musique avant toute chose") o ephemero das sensações, os effeitos friamente preparados, a poesia exterior.

Isso faz temer que o exito que seguramente terá em nossa poesia exhausta de sonetos e madrigaes, não provenha da parte sadia e constructora que ha na sua poesia, mas justamente da ephemera e epidermica.

Será adoptado como modelo por muitos que procurarão apenas o successo da moda literaria e sobretudo a facilidade de ser original sem procurar por si.

Haverá uma inundação de futurismo poetico, como houve até ha pouco (?) uma inundação de parnasianismo: por falta de originalidade natural. Mas da mesma fórma que entre os parnazianos houve aquelles que souberam vencer em si a escola, o mesmo succederá com os da nova escola.

Além disso, sendo um movimento já ultrapassado na Europa, terá a seu lado outras orientações diversas que corrigirão os seus excessos e os seus artificios.

E os verdadeiros criadores hão de comprehender que um povo, que ainda não possue uma lingua propria nitidamente differenciada, e que procura justamente formal-a, não póde ter como expressão original uma esthetica que parte em poesia do principio das "palavras em liberdade", isto é, da negação de todo caracter collectivo na linguagem.

Saibamos comprehender o que ha para nós de inspirador no obra de Marinetti, grande poeta e espirito criador que não é um simples cabotino, como apregoam e sim um originalissimo animador de energias.

Mas procuremos em nós o caminho da originalidade verdadeira. É velha e banalissima a observação. Mas tem uma vantagem: é a verdade.

GERMINAÇÃO

O mundo moderno vive intoxicado de papel impresso. Um critico norte-americano calculou que em todo o seculo XVII foram publicados na Inglaterra menos livros do que nos Estados Unidos de hoje, em uma semana Só na Allemanha appareceram, no anno passado, 37.500 livros *novos*, sem contar reimpressões, traducções, etc. É um diluvio, que lembra o episodio de Florence Tapyr, de Anatole France, afogado nas suas fichas de erudito. Durante a guerra, um casal de francezes resolveu dedicar-se a recolher livros sobre a guerra. Pois ha pouco tempo já tinham alguns milhares de volumes, que um corpo de secretarios recolhia e classificava incessantemente. É um verdadeiro diluvio de publicidade. Que está longe, aliás, de corresponder ao que ha realmente de novo a dizer. O que conta, continúa a dizer-se em poucos volumes. Tudo mais é a vaga do ephemero.

Tenho aqui dois desses volumes que contam, vindos de França. Livros radicalmente oppostos de objectivos, que é quasi paradoxal reunir, mas que nasceram afinal do mesmo estado de espirito. Trazidos pela mesma onda de fundo que está collocando a intelligencia européa

no plano das coisas essenciaes, dos momentos decisivos de vida ou morte

O primeiro não é propriamente um livro. É o primeiro numero de uma publicação periodica "L'Esprit" dirigida por Pierre Morhange.

O segundo é um romance, o já famoso "Sous le soleil de Satan" de Georges Bernanos.

O movimento do grupo de Pierre Morhange começou o anno passado em Dijon, com a publicação de uma revista "Philosophie", de que sahiram apenas poucos numeros e onde Morhange e Henri Lefebvre lançaram os primeiros esboços do novo movimento de idéas. Hoje apparece afinal, em palavras mais precisas, o programma de renovação a que se propunham.

Trata-se, a meu ver, de um movimento capital, que não se limita á simples vaidade de presentear-nos com mais um systema philosophico, mas que vem realmente do fundo de uma alma nova. Não pretendo fazer a apologia do movimento. Antes pelo contrario. Estou em radical opposição á maioria de suas directrizes. Embora reconhecendo, na parte critica sobretudo — um tal poder de sinceridade e muitas vezes de veracidade que ha-de marcar profundamente.

Devo dizer desde logo que é um movimento nitidamente revolucionario. Nascido e preparado nos sete annos que se seguiram ao armisticio, por uma geração tão moça, que, em geral, não chegou a entrar na guerra, é o fructo de uma profunda revolta contra o existente e do presentimento de um mundo novo. É um movimento essencialmente constructivo. Pelo quê se separou dos supra-realistas da *Révolution Surréaliste,* com quem esteve ligado alguns mezes ou menos que isso, quando Louis Aragon antes de se alliar definitivamente ao

communismo lançou a sua formula dissolvente e chaotica — *révolution perpetuelle.*

Do volume que tenho em mão dois estudos sobresahem: o de Henri Lefebvre sobre *La Pensée et l'Esprit,* em que traça as idéas fundamentaes do novo pensamento philosophico e o de Georges-Philippe Friedmann — *Ils ont perdu la partie éternelle d'eux mêmes,* que é um programma literario e uma critica terrivel ao movimento moderno da literatura e da sciencia em França.

"A historia do occidente", escreve Friedmann, — "vem sendo ha duzentos annos marcada por uma florescencia de *artificio*... Os homens passam a sua existencia numa especie de *espuma* que se derrete em seus dedos miseraveis... Os sentimentos, os instinctos, as paixões perderam o seu sangue... Haveria uma serie de estudos a escrever sobre a decomposição do amor". E depois de traçar um quadro impressionante do mundo moderno, termina dizendo: "Eis o que se offereceu aos nossos vinte annos. De todas essas faces mediocres, desse mundo falsificado, o espirito ha muito que se retirara".

Restabelecer o contacto com a realidade, dizem elles, é obra de saneamento necessaria a esse mundo decrepito. O homem perdeu o *senso do ser.* Uma diluição crescente do mundo pelo subjectivismo, foi anniquilando todo o instincto de sabedoria e uma civilisação mecanisada fundou uma ordem precaria sobre injustiças, monstruosas. Uma sciencia cada vez mais fria, desinteressada, especialisada, isolou e dissociou toda unidade social no seu campo, e a desordem que os Saint-Simonistas viam em 1828 continúa a mesma, apenas aggravada, em 1926.

Na literatura a noção de *disponibilidade,* que especialmente o grupo de Gide poz em voga, isto é, a conservação do espirito sempre livre de toda ligação para

estar prompto a receber qualquer idéa nova que chegue, — essa noção criou uma literatura de artificio e de dilettantismo que faz os artistas perderem "la partie éternelle d'eux mêmes". E estuda então o typo classico do *disponivel* o "Monsieur Teste" de Paul Valéry. "Les hommes qui viendront après nous et jugeront notre siècle considereront avec stupeur et pitié que des artistes comme Valéry, Giraudoux, Larbaud et même le grand Proust, aient pu le traverser en ignorant ou, suivant les cas, en réduisant à des mesures mesquines petites histoires, petites âmes analysées avec une minucieuse complaisance, images et jeux variés, pirouettes, — son chaos immense, tragique, ses convulsions, et ce qui sourd déjà obscurément en plusieurs lieux".

Para esses homens chegados ao limite da dissociação com o real, para essa literatura infeccionada de artificio e de disponibilidade, para essa ordem social fundada no egoismo anarchico, para essa sciencia ou essa philosophia official fechada na vaidade dos seus systemazinhos estanques ou das suas especialidades infinitesimaes, para essa civilisação emfim que perdeu o sentimento da realidade a quem fugiu o espirito, os homens do *Esprit* só vêm um remedio — a revolução social. Só esse grande choque de classe e de ideaes, só esse retemperamento pela barbaria póde trazer aos homens uma vida normal. "Les neveux de ces damnés redécouvriront le réel". Ahi começa o romantismo. Todos, em maior ou menor gráo, são messianicos. Acreditam numa regeneração do homem, uma vez criada uma nova ordem social. — "Par delà l'époque finissante de la Machine, tous les *actes* sont tournés chacun dans leur région vers la Sagesse, et, par conséquent, vers son accomplissement dans une harmonie humaine: une Fedération des Républiques du travail. Le travail libéré, devenu une action y sera sanctifié comme tel. Dans ces

sociétés pacifiques se fondront et se régénéreront peu á peu les hommes des classes aujourd'hui perverties".

Mais um quadro da Utopia, da cidade ideal, que eternamente embalou os homens em sua busca incessante de felicidade.

Basta, porém, que a realidade lhes appareça para que repitam o gesto de todos os ideologos, queixando-se dos homens quando se deviam queixar de sua ignorancia da natureza humana. "Une révolution par des hommes impuissants, sans foi, occupés par des mesquines querelles de personnes, n'aboutirait qu'a une extension au prolétariat des vices que vous dénoncez dans la bourgeosie (l'equipe des révolutionaires russes qui, aprés huit ans de gouvernement reste la même, sauf Lenine mort, offre d'autres exemples). Trotzki e Zinovief já foram ou estão exilados...

O artigo de Lefebvre mostra um esboço do novo pensamento philosophico, que não é um novo systema propriamente, mas antes um novo estado de espirito cujas raizes vão todas ter em Spinoza e tendem para uma especie de mysticismo temporal.

É um esforço de substituir ao pensamento o espirito. Faz uma critica radical á hypertrophia do *saber,* como fim em si, "cujo triumpho é uma destruição", e substitue-lhe a sabedoria, isto é, saber temperado e espiritualisado pelo Amor, pela Acção, pela Contemplação. "Ansi l'on marche vers une philosophe intégrale de l'être On se débarasse de l'abstraction et de la connaissance: aussitôt l'expérience même devient évidente; la description de l'expérience devient la métaphysique et elle est évidente de façon nouvelle. Nous ne parlons que de ce qu'il y a de l'être éprouvé. Nos problèmes sont réels: il y a problème quand il faut aller plus loin,

laisser en arrière quelque chose, quand une réalité plus ample s'approche. Ceci est (nous employons le terme malgré ses sens multiples et equivoques) un mysticisme. Une certaine évidence qui peut s'appeller en un sens nouveau — foi (foi devenue inhérente, infusée en l'être réel) est substituée à la connaissance".

Não é possivel dar aqui senão um vago reflexo dessas idéas. E muito menos de todo o movimento que traz em si uma força de repercusão evidente e formidavel. Ler esse livro é sentir qualquer coisa de enorme em marcha. Hoje a acção do grupo ainda é diminuta. Poucos se referem a elles. Só este anno passaram da provincia para Paris. As idéas não procuram a originalidade. Vêm misturadas num sentimento de revolta, num messianismo nebuloso, num appello ás forças destruidoras, que não favorecem uma infiltração immediata. São além disso terrivelmente directas e offensivas, impregnadas de um fanatismo e de uma convicção de victoria que irritam ou fazem sorrir.

Nada disso impede a força incomparavel e collectiva que se sente nellas. É realmente uma onda do fundo, um appello ás essencias e sobretudo uma incitação que ha-de fazer rastilho.

Pela vaga idéa que dei, parecerá absurdo o que vou dizer, mas não penso que o seja: o movimento que esta evoca é o dos Encyclopedistas. Nessa mole immensa de revolta, de destruição e de reconstrucção, eu sinto o mesmo poder de infiltração do pensamento do seculo XVIII que provocou a Revolução de 89. Estes são talvez os novos Encyclopedistas. Chegam com o mesmo talento, com a mesma confiança em si, com o mesmo arsenal de ideologias (embora diversas em especie e qualidade), com o mesmo senso da opportunidade como os de outr'ora. E hão de trazer provavelmente para a França as mesmas miserias e os mesmos soffrimentos que os seus predecessores. São visivelmente

os desencadeadores da nova Revolução Franceza, que se prepara nesse fim de regimen, em que a *clique* dos Briands, dos Herriots, dos Caillaux, dos Painlevés, dos Doumers, dos Doumergues, todos os Kerenskis do parlamentarismo agonisante, vae preparando o caminho para os Lenines de amanhã.

Onde, porém, o grupo *Esprit* se engana, mais que em outro qualquer ponto, é crer que a luta é apenas entre um velho regimen desmoralisado e as suas novas forças reconstructoras.

E engana-se duplamente, quando equipara a esse espirito moribundo o novo espirito rejuvenescido, adversario do néo-mysticismo revolucionario, mas lutando tambem contra os mesmos males cuja critica os néo-mysticos estão fazendo com tanto vigor e tanto talento.

O romance de Georges Bernanos, a que já me referi, é uma obra capital desse novo espirito. Ha vinte, ha trinta annos, seria por assim dizer impossivel. É o livro de uma época de luta, de renascimento espiritual, de sacrificio e soffrimento. Livro sombrio. Espesso. Interior. Em que vivemos, pela primeira vez, dentro da alma de um santo. Livro sem composição, apaixonado por vezes, outras vezes como que desageitado. Todo o livro communica o sentimento de uma immensa realidade transcendente que mal cabe dentro das fórmas de nossa realidade mesquinha. Qualquer coisa, como o albatroz de Baudelaire. Um véo pesado, sombrio, que tolhe todos os movimentos e de vez em quando como que umas fendas mysteriosas ,uma luz apenas entrevista e logo cerrada. Uma oppressão continua, cortada de relampagos.

Aquella alma de santo, toda amor, toda sacrificio, toda paz para os homens e a luta incessante, inexoravel

no intimo da consciencia contra o Principe do Mundo. Lembra Dostoievsky.

Toca-se a cada passo os limites da alma humana. A immensa miseria interior da vida. Aquella terrivel "monotonia do peccado" que o *abbé Donissan* evoca numa das paginas mais tragicas do livro. E o sacrificio total, absoluto de sua vida, sem esperança afinal de ver o rebanho liberto nem de encontrar o repouso por um momento siquer.

É um livro que opprime. Que se recebe como uma onda. Que não deixa logar para analyses. É preciso acceital-o ou repellil-o. Um desses livros que vêm do fundo de uma geração. Que marca bem um estado de espirito. O presentimento de uma era de sombras e de sacrificios. A volta das coisas supremas. A luta contra Satan.

Duas obras portanto essenciaes para comprehendermos, bem na fonte, o novo espirito europeu. Sente-se que cessou, ao menos entre os que contam, aquelle longo periodo de disponibilidade. Chegou o momento das affirmações duras, das obras que transcendem a simples originalidade. Que defrontam a vida e a morte.

Os philosophos do *Esprit*, por um lado, não cessam de invocar o *espirito* de *vida*, e para purifical-o a seu modo não hesitam em pedir a destruição de toda uma civilisação e a provocar, por todos os motivos, o seu desmoronamento.

Bernanos, por outro lado, num simples romance, nos leva muito mais acima, em face da morte e do amor supremo pela renuncia. Léon Daudet, tambem, o revelador de Bernanos, como já fôra o de Proust, escreve tres volumes profundos com uma concepção toda nova do mundo intimo, em que ao sexualismo freudiano substitue a contemplação da morte. E da mesma fórma Ghéon escreve no seu "L'Homme né de la Guerre" como lemma de sua nova vida: "Le but de la vie est la mort".

Por toda a parte uma transcendencia ao tempo e ás superficies. Expressões do novo sentimento tragico da vida, como ha pouco viamos nas cartas inesqueciveis de Cocteau e Maritain, ou que reponta mesmo da nebulosidade romantica e derrotista da recente "Agonie du Christianisme" (agonia como *lucta* não como *fim)* de Unamuno.

Expressões do novo signo de lucta sob o qual entrou o Occidente. De toda uma revolução nos espiritos. De uma nova phase da vida. Mil coisas ainda nos distraem della. Nada cessa de todo. Nada se crêa do nada. Nada, sobretudo, contra a natureza profunda das coisas. Nada se vê quando não se quer ver. Mas a germinação que se processa no fundo das coisas é um movimento de renovação inexoravel.

NASCER E MORRER DAS PALAVRAS

Aprender a falar uma lingua é aprender a esquecer suas palavras. Sempre que falamos mal ouvimo-nos falar. Vemos o contorno das palavras. Sentimos a fórma e o colorido dos vocabulos. Surprehendemo-nos com o movimento das phrases. A disposição de ordem dos periodos. A pontuação diversa. O physico da linguagem. E á medida que falamos melhor, vae desapparecendo o corpo da lingua, dissolvendo-se no pensamento, de fórma a não se distinguir do que ella exprime de impalpavel e interior. Falar bem uma lingua, portanto, é fundil-a em nosso espirito.

Assim é que o nascimento e a morte das linguas, — como o aprender e o esquecer individual de uma lingua — representa uma especie de encarnação da linguagem e o prevalecimento da palavra sobre o falar.

Ainda agora, dois escriptores europeus nos contam as suas impressões desse nascimento e dessa morte das palavras

"Gerações anteriores", escreve Paul Fechter (1), "quebraram a cabeça sobre a origem das linguas. A nossa tarefa vai ser de acompanhar a morte das linguas".

Na Allemanha hoje fala-se na morte de tudo. Por

(1) *Paul Fechter* — Das Sterben der Sprache. in Die Literatur. Julho de 1926.

toda a parte, bem sei, deste nosso Occidente cançado. Mas especialmente entre Vistula e Rheno, onde a quéda se deu de mais alto. Morrem as dynastias e os thronos com ellas. Morrem as nobrezas de sangue. Os feudalismos do dinheiro. O equilibrio da arte. Morre toda uma civilisação, dizem. Religião e organismo politico. Belleza e hierarchia social. Ordem e doçura de viver — tudo caminha para o esquecimento. E com tudo isso as linguas, o proprio corpo da expressão de uma alma em decadencia. Esse, o estado de espirito. Essa a convicção de irremediavel tristeza interior de um povo que se julgou senhor de meio universo.

Ha, portanto, nesse derrotismo uma grande dóse de falso impressionismo. Mas nem por isso menos dissolvente. E doloroso.

A lingua, diz Fechter, não é um meio de comprehensão reciproca e sim uma necessidade de expressão individual Ora, a tendencia de todas as linguas é perderem cada vez mais o contacto com essa fonte viva de origem e cristalisarem-se em regras mortas, em expressões recebidas, em palavras definitivamente fixadas. A lingua começa como expressão immediata do individuo mas pouco a pouco vae tendendo á objectivação, á cristalisação, á inercia. E esse é o seu processo de morte.

A escola é o primeiro laboratorio desses venenos vocaes. "Até a escola", escreve Fechter, "aprende a creança a falar; na escola aprende linguas" e dahi começa a scisão com o individuo. "Só em pequena parte morre a palavra por desuso; na maioria dos casos morre por essa separação de sua fonte original, a alma". A vida é um envenenamento reciproco da palavra pela alma que a repudia e da alma pela palavra que lhe não exprime as particularidades pessoaes.

E Fechter vae notando os casos typicos de artificialisação da lingua e portanto de decadencia e morte

da vida primitiva e physica das palavras, como o seu abuso na politica, no jornalismo, no ensino e, finalmente, como caso typico da nossa época de mecanisação, no phonographo e no radio. O isolamento da palavra na radiotelephonia, particularmente, é uma "transposição do caracter plastico da palavra para o caracter acustico". E assim é que — "já se torna a palavra para o homem de hoje um som sem relação com a alma original daquelle que fala". E dessa "technisação da palavra" chega então a nascer o impeto de negar, de destruir as linguas. E ahi vemos resurgir o appello ao primitivo que circula no ambiente europeu e que já está tambem inserido em nosso meio. "O clamor pelos analphabetos, que se ouve a cada passo, meio em tróça, não surge apenas pela repulsa ao saber mal situado ou á meia-cultura, — mas sim pela suspeita de que o alphabetismo é no fundo um suicidio dos povos, um attentado ao bem sagrado da sua alma viva e com isso á sua lingua viva".

O artigo é um mixto de idéas muito exactas e de exaggeros estapafurdios. Levada ao extremo, como leva Fechter, a idéa justa da mecanisação das linguas, chegamos ao absurdo de que toda sociabilidade é uma negação do humano, de que o grito selvagem é a fórma mais perfeita de linguagem e de que a humanidade não tem a possibilidade de transmittir a sua tradição de vida, porque toda lingua inserida em nossa alma virgem é uma falsificação, uma deformação de nossa individualidade. É um absurdo pretender que a objectivação de uma lingua é synonima de sua morte. Quando o que isso exprime, justamente, é que o povo que conseguiu objectivar uma lingua attingiu a culminancia de sua personalidade como raça. A menos que culminancia seja uma morte O que, até como paradoxo, é meio réles. Fechter chegaria a esse bello resultado, se as suas idéas se realizassem, que cada homem deve inventar

a sua lingua. O que seria de uma commodidade invencivel. E evitaria, por exemplo, essa harmonia tão mansa e silenciosa que existe nos Parlamentos do mundo...

É innegavel, porém, a somma de coisas justas que ha nesse artigo. Ainda ha pouco, lendo um admiravel poema de Léon Paul Fargue (1), na mesma revista a que me attrahia o outro artigo de que adeante falarei, senti realmente como ha momentos em que a lingua já não consegue dizer, em sua logica normal, a passagem a planos de transcendencia inteiramente, ou quasi inteiramente fechados a este nosso pequeno mundo dos cinco sentidos e das tres ou quatro dimensões. Essa miseria de imminencia no oceano da transcendencia. Temos necessidade de quebrar a estructura da lingua, de soltar as palavras, de deixar que o mysterio penetre a propria trama da expressão. Esse fragmento de Léon Paul Fargue é muito obscuro. Mas profundamente emocionante. Dramatico. Cortado de relampagos. E de visões allucinantes. E os neologismos, ou antes, as palavras incomprehensiveis que de vez em quando cáem, como bolidos, no meio da trajectoria da phrase, não dão, como poderia parecer, a impressão de extravagancia desnecessaria, e sim de fragmentos do invisivel que attingem o mundo visivel da phrase. Limito-me, como exemplo, para não alongar-me a citar o trecho em que elle conta o desprendimento da alma partindo da terra e largando o mundo da materia.

— "Une cloche arrive comme un moustique; un fil de musique, un fil de fumée presque imperceptibles se prolongent, oú protestent tous les clairons, toutes les montagnes, tous les tribuns, tous les canons dans l'étendue, tout ce qui lache la vapeur, toutes les maisons, derniers appels, uhau sanglot roux cage tombée la pipe en feu la suit fini..."

---

(1) *Léon Paul Fargue* — Esquisses pour un Paradis. in Commerce (Printemps. MCMXXVI).

É admiravel o effeito desse afastamento progressivo, em que os ruidos mais furiosos se reduzem a filetes imperceptiveis até perderem-se á distancia e com elles o sentido das coisas, a ordem, a logica, a materia já tão longe, longe, lá na terra imperceptivel...

Mas as linguas tambem nascem. E seria uma obra e tentar um poeta, o poema do recemnascido. Não um poema sobre os recemnascidos, como ha tantos. Mas o poema do mundo visto pelo recemnascido. A historia balbuciada dos sentidos que se abrem, dos contactos que se fórmam, das coisas que sáem do limbo. Do indistincto. Do leitoso, que é o chaos da proximidade. Até chegarem, passo a passo, ás fanfarras da luz, ao clamor dos sons, ás scintillações das palavras, á revelação da immensa multiplicidade que nos cerca. O thema é tentador. E nelle teria o poeta de cantar o nascimento da lingua. Essa coisa prodigiosa: o nascer das palavras. Gotta a gotta de luz que levanta a alma, que desperta o somno das coisas, espanta as asas que dormem cá dentro, informes quasi, sem geito, sem vôo.

Se na Allemanha Paul Fechter nos fala da morte de uma lingua, em França Valery Larbaud nos fala do nascimento de outra lingua (1): o portuguez. Sim. O portuguez acaba de nascer para Valery Larbaud. E é esse nascimento que elle nos conta, deliciosamente, no artigo da N. R. F. Quanto aos outros dois são relatos de sua estadia em Lisboa, e das primeiras leituras de Eça de Queiroz

Valery Larbaud é bem o typo literario de um fim

---

(1) *Valery Larbaud* — Divertissement philologique. in La Nouvelle Revue Française. (Julho de 1926). Ecrit dans une cabine du Sud Express-in Commerce (v. cit.); Lettre de Lisbonne, in Le Navire d'Argent (Abril de 1926).

de civilisação. Grande humorista, solido, de gosto subtil, independente, viajado por toda a Europa, ao menos, possuindo a fundo, familiarmente, linguas multiplas e suas literaturas, senhor de um estylo agudo, creador de typos literarios, que marcaram, como o famoso Barnabooth, Valery Larbaud, (embora infinitamente menos profundo), é da geração intellectual de Paul Valéry, isto é, dos homens que não concluem. Larbaud passou a sua crise religiosa, sem optar profundamente. E assim a sua crise social. E a sua crise literaria. E ficou, portanto, no plano intermediario das dilacerações, entre as coisas duras que a vida dia a dia nos revela, inexoravelmente, hoje mais do que para qualquer outra geração proxima a nós. — e o gosto de viver a vida, de gozar a vida, "godersela", como gostam de dizer suas personagens. E ficou portanto no cosmopolitismo, no pittoresco, no dialogo dos sentidos, naquella "obsecção da juventude", de que Ernst Robert Curtius, o famoso critico allemão, das letras francezas, falou no melhor estudo que até hoje se publicou sobre a obra do autor de "Amants, heureux Amants..." (1)

Larbaud é realmente um typo de fidalgo das letras. Sorrindo dos preconceitos. Divertindo-se por vezes em variar profundamente de estylo. Revelando, a cada momento a seus compatriotas, novos valores absolutamente ignotos, como o fez com Samuel Butler ou com James Joyce, com Emilio Cecchi ou Ramon Gomez de la Serna, e hoje o vae fazer com a literatura portugueza, como amanhã o fará possivelmente com a brasileira. Impregnado da mais fina tradição franceza. E brincando, despreoccupado, com todas as novidades, — Larbaud seguirá para a guilhotina literaria das novas gerações de luta, de sangue, de sublime martyrio ou de destrui-

(1) *E. R. Curtius* — Französiche Geist im Neuen Europa. Berlim-1925. p. 15 e seg.

ção que se approximam, como aquelles fidalgos de 93, desdenhosos, superiores, despreoccupados por "allure" não por cynismo ou indifferença, brincando com a morte, como brincavam com a vida.

Pois o ultimo gesto de Larbaud foi aprender portuguez. E nos conta, enquanto estavam fresquinhas como cocadas saidas do sol, as suas impressões do sabor de uma lingua estranha, de sua fórma, de sua sonoridade, de sua côr, de tudo o de que o habito nos priva pela monotonia do emprego quotidiano.

O hespanhol foi o seu guia. Mas entre as duas linguas Larbaud vê apenas um ar de familia, pois reconhece no portuguez "uma personalidade muito forte". Serviu-lhe, portanto, o hespanhol de ponto de comparação para melhor apreciar "a força e a doçura de certas palavras portuguezas". Achou *rapariga* uma palavra admiravel de alegria, de risos e guizos. A invariabilidade do *só,* como adverbio ou mesmo como adjectivo feminino, lhe pareceu muito saborosa "Uma mulher diz que ficou *só,* da mesma fórma que um homem, como se, desde que está só, já lhe não importasse o sexo". O *sózinho* então exprime admiravelmente a solidão escolhida em si.

Garota o encantou. "Se eu fosse casado com uma portugueza, creio que a chamaria garota".

Uma coisa excellente que diz é a rehabilitação do *ão,* que o sr. Agostinho de Campos atacou, como tantos outros, naquelle excellente prefacio em defesa da leitura dos classicos. "A graphia ão, impronunciavel para quem não seja portuguez (ou brasileiro, accrescentaremos, exerce sobre nós, gente de lingua franceza, uma irresistivel attracção".

Mostra a riqueza da lingua portugueza em palavras de luxo, como que uma reminiscencia da epopéa das Indias. *"Medonho",* diz elle, "é mais do que terrivel; ha qualquer coisa de repugnante em seu aspecto...

Beira-Mar é um dos nomes mais poeticos que conheço". E assim numa serie de pequenas observações muito pittorescas e por vezes surprehendentes, terminando por contar que ao partir comprou dois livros: — o Novo Testamento e o Livro de Missa. Ouvir S. Paulo falar ás nações na linguagem dos conquistadores dos Oceanos... E que ternura, que nostalgia de capellas em ilhas longinquas (dignas de ser cantadas por St. J. Perse) deve ter, em portuguez, o *Salve Rainha*".

Acompanhar Valery Larbaud na sua descoberta do portuguez, é como visitar o Rio de Janeiro com um estrangeiro. Sentimos, em nossos olhos, qualquer coisa de diverso, como se a surpresa dos olhos do nosso companheiro se communicasse a nós. Coisas que nos pareciam mais que batidas agora nos parecem novas. O Pão de Assucar é outro Pão de Assucar. O Guahutemoc está mais verde. O Jardim Botanico tem um sabor de tropicalismo como nunca teve. Os suburbios da Leopoldina parecem mais novos do que os suburbios de Hong-Kong. Quando vou no bonde ou no trem com um estrangeiro, mesmo desconhecido, não consigo ler o livro ou o jornal. Tenho a impressão de estar, como elle, vendo uma cidade nova.

Pois é o que se sente viajando pelo portuguez, mesmo em tão curto passeio, em companhia de Valery Larbaud.

É uma lingua nova que passa pelos nossos olhos. E nos sentimos rejuvenescidos, com aquella boa sensação de achar uma novidade inesperada no que já não ouviamos, de tanto ouvir.

CAMINHOS INTERIORES

Este livro do sr. Fidelino de Figueiredo é a historia da humanização de um espirito.

> *Fidelino de Figueiredo* — "Sob a cinza do tedio" (romance de uma consciencia). Emp. Lit. Fluminense. Lisboa, 1925.

A era terrivel que vivemos tem saccudido os espiritos como um vendaval desencadeado pela floresta. O homem occidental chegara a erigir certas construcções sociaes e mentaes, cujo equilibrio de elementos parecia assegurar uma estabilidade duradoura. O liberalismo do seculo XIX não foi apenas um movimento politico. Foi um estado de espirito que irradiou da politica a todos os terrenos. Um thema com variações dominava, no fundo a todos os demais: o bem estar, o progresso crescente, a polidez dos costumes, a tolerancia reciproca, a paz, a serenidade. Parecia que o mundo estava definitivamente numa era de melhoria continua e que, pela evolução e pela selecção, o homem seguia afinal a trilha de uma indefinida elevação. Havia no ar um ambiente paradiziaco indefinivel, que penetrava as idéas e as consciencias. Os homens tinham afinal descoberto o segredo da vida em commum.

Foi esse o estado de espirito que nos herdaram.

De tão pensado, de tão desejado, de tão superficialmente acreditado, transformaram-se, ao menos para as classes dominantes desse mundo que se julgava inabalavelmente solido, transformara-se numa segunda natureza. Essa immensa illusão se fizera organica. Bastava que cada um renunciasse aos exaggeros de seus sentimentos e de suas idéas, polisse as suas arestas, corrigisse pela ironia e pela piedade os extremos de suas paixões, procurasse em tudo o meio termo, evitando o mais possivel lezar a livre expansão de cada um, para que se chegasse a um ideal de sociabilidade. E a maioria acreditou que realmente tinhamos attingido esse paraiso na terra e que mentiam todos aquelles que ainda olhavam o homem com pessimismo e desconfiança.

Recebemos esse estado de espirito. Impregnamo-nos delle na idade em que justamente o nosso espirito é como uma esponja, nessa adolescencia que absorve com avidez todas as idéas ambientes. O grande inimigo era o fanatismo dos energumenos, e a elle attribuiamos, não sómente os verdadeiros fanatismos estereis, filhos da maldade e da inveja, mas tambem todas as idéas ardentes e vivas, todas as affirmações dos limites de construcção e de systema dentro dos limites do bem e do mal.

E assim foi que, no dia em que nesse ambiente de sybaritismo das idéas e attenuação dos sentimentos, nesse céo sem nuvens explodiram bruscamente, como roncos espantosos de um trovão inesperado, de tanto odiado, os dois grandes realismos contemporaneos, — a Guerra e a Revolução — nesse dia começou para nós, inconscientemente, a maior tragedia moral que uma geração póde soffrer: o abalo de todo o seu idealismo congenito, a duvida suprema de si mesma e de tudo, a collisão terrivel dos ideaes mais oppostos, a perplexidade entre a contemplação desejada e a acção malsinada, entre o amor invencivel dos venenos instillados

e a incapacidade de alcançar os deveres necessarios, e sobretudo a obscuridade que desce, a hesitação, a impotencia de crer e a incapacidade de odiar como consequencia talvez da impossibilidade de amar profundamente, furiosamente, o fundo raso, a mediocridade herdada, a saudade dilacerante dos heroismos espancados pelos demonios da razão e pelos anjos da sensibilidade.

Quem traçará um dia esse drama? Esse drama que será diverso em cada alma e entretanto ha-de ter muitos traços communs. Esse drama que ainda não póde ser escripto, e ao qual apenas se póde alludir, pois vive ainda, em carne viva, no fundo de cada um de nós, que não se resignou ao egotismo dos mais velhos, ao categorismo dos mais novos ou ao malabarismo de tantos outros.

Não é bem esse o drama de consciencia que o sr. Fidelino de Figueiredo traça nesse pequeno livro, que é grande de significação e de experiencia profunda. Mas é um drama analogo, "o romance de uma consciencia" moderna, de uma alma em contacto com o mundo de hoje, esse terrivel mundo contemporaneo que, como já disse, está saccudindo as consciencias furiosamente, e fazendo cair os frutos passados ou verdes, os frutos frageis, e muitas vezes quebrando galhos e ai de nós! partindo os proprios troncos.

A historia de Luis Cotter não é mais do que uma rede leve e summaria de symbolos, em que o autor traçou a experiencia dolorosa e viva de sua propria alma. E é por isso tanto mais ardente o fogo interior dessas paginas. Interior, sim, pois o sr. Fidelino de Figueiredo conserva — mesmo nessas paginas que reflectem um aspecto desse "mal des ardents", o mal do nosso seculo que Lucien Favre oppoz ao "mal du siècle", dos romanticos — aquella serenidade de expressão, sem ductilidade nem elegancia nem calor, que as suas

obras de critica revelam, embora já penetrada de mais vida e movimento.

Aliás não é ao mal dos ardentes de hoje e sim ao mal do seculo dos romanticos que o sr. Fidelino de Figueiredo prende o soffrimento moral do seu "alter ego".

— "Morreu de tedio", diz elle de Luis Cotter — "esta doença má, que já envenenou ha um seculo os filhos da Revolução Franceza, e vem de novo affligir-nos, depois das demolições e decepções do seculo XIX".

Não penso absolutamente que seja o tédio o mal da nossa geração naquillo que possa ter de analogo com os contemporaneos de Além Atlantico. Será talvez a angustia. Será qualquer coisa de mais tragico, de mais pungente, aquella dilaceração interior de que falei, aquella immensa perplexidade consequente aos desabamentos intimos que a realidade tem trazido, a sensação insupportavel de um talvez irremediavel envenenamento.

O tédio é um sentimento de superioridade em frente aos acontecimentos. Mas o nosso mal maior não será justamente um sentimento de inferioridade, um sentimento de que a vida supera a nossa capacidade de viver, de que a razão e a sensibilidade nos embotaram a vontade e a capacidade de reagir, de repellir, de escolher?

Num livro recente, primeira obra de um mutilado da guerra, de um rapaz de vinte e poucos annos que se alistou aos 18, voluntariamente, em 1914, num livro que é uma chamma viva de um escriptor que já é um mestre e de um caracter de verdadeiro santo, "Paroles d'un Revenant", de Jacques D'Arnoux, escreve elle: "Aujourd'hui tu as perdu quarante minutes avec ce conteur de jolis riens... Tu ne dois pas être à la merci de l'imprévu à la merci des "circonstances", ces echappatoires des âmes serves. Attention au scrupule de la charité".

Se isto toca, embora tão de leve e apenas sensivel a uma alma ardente como essa, se isso toca a esse verdadeiro e puro heróe saido dos horrores da guerra por um aprendizado de soffrimento que não sabemos como cabe dentro da razão, sadia e consciente de um homem, — que fará em nós outros que apenas fomos attingidos moralmente pela catastrophe e cujo drama tem o complemento da sensação grosseira das coisas incompletas, o gosto de vulgaridade das coisas mediocres?

Embora não reflectindo bem a meu ver, o que um dia se reconhecerá como tendo sido a tragedia de nossa geração, ha no romance vivido dessa consciencia muito que nos toca profundamente e que representa bem a fagulha de uma experiencia dolorosa com a vida contemporanea, de uma alma de poeta que não teve a graça da expressão poetica. É especialmente nos capitulos V, VI e VII, onde o autor nos conta a marcha das idéas philosophicas de Luis Cotter, isto é, de suas proprias idéas, que sentimos viver o nosso proprio espirito. Apenas, não parece ter sido muito funda a impressão do scepticismo, do relativismo contemporaneo, sempre renascente, sempre attrahente e perfido, sempre maliciosamente subtil e seductor ás nossas intelligencias, — nesse espirito severo de Luis Cotter, porque elle, ao inverso de todos nós, começou justamente por disciplinar o seu espirito, por dedicar-se aos estudos mais severos, mais objectivos, mais impessoaes, em que a erudição absorvia toda velleidade de libertação subjectiva e só pouco a pouco foi humanizando a sua intelligencia approximando-a da vida, *desbibliando-a* se é possivel dizer.

De qualquer fórma, o caminho philosophico do sr. Fidelino de Figueiredo partiu da inquietação moderna, sem que nunca aliás desde o inicio, lhe tivesse abandonado a — "sêde de valores universaes". Era um

racionalista, um apaixonado do pensamento, mas sempre rendido deante da fragilidade toda poderosa das razões pascalianas do coração: — "Era assim este homem, encantava-o a vacillação das mais fortes convicções, fundadas no raciocinio, avigoradas no soffrimento, ante o sopro debil que do coração provem".

E assim, nessa luta perenne entre o esforço logico e systematico da razão que esbarrava sempre na impossibilidade de transpôr os limites extremos da realidade, e os appellos do sentimento, Luis Cotter só encontrava em torno de si esse immenso e desolado deserto da duvida universal. Pela arte, mais que pela philosophia, procurou a expressão dessa duvida, e por um momento um philosopho cujas idéas participam dos dois campos, um daquelles espiritos que realmente deixaram em todos nós um sulco indelevel, Bergson emfim, pareceu exprimir a sua sêde de verdade, logo aliás desilludida com "o verbalismo poetico e seductor dos intuicionistas", como o fôra com "o verbalismo arido e secco dos syllogistas". E foi assim que Cotter emprehendeu a "sua marcha para Kant". E como o seu caracter ostentava, antes de tudo, "uma exigente preoccupação moralista", foi encontrar na *razão pratica* o que a *duração* lhe negara: um absoluto de estabilidade moral mesmo á custa da destruição das "velleidades de accesso ao absoluto metaphysico".

O que elle esperava dessa volta a Kant não era uma secca, uma arida racionalização do universo e sim: — "um mais confiado impulso ao espirito scientifico, já liberto de presumpções metaphysicas e um mais largo vôo ao sentimento religioso". E assim, inesperadamente, atravéz do agnosticismo, que procurou rehabilitar, e atravéz de Kant, seu mestre de sublime e de Leopardi, seu mestre de infinito, chegou Luis Cotter á concepção do divino: — "E foi assim que elle achou Deus em si mesmo". Chegou a Deus pelo espectaculo

do dever, e da natureza. Até nesse momento maximo de sua tragedia interior sente-se o sello da passagem por Kant. A lei moral e o céo estrellado eram os dois polos do sublime, para o S. Thomas de Aquino do agnosticismo moderno. Foram elles, tambem os dois degráos que levaram o sr. Fidelino de Figueiredo a transpor o passo tremendo do natural ao sobrenatural, da natureza a Deus.

Nos capitulos finaes ainda temos a inadaptação de Cotter ao seu meio, a esse meio lisboeta "em grande parte obra da advogadocracia" e que conseguira crear uma nova classe de estrangeiros — "a dos que são estrangeiros em seu proprio paiz" e algumas paginas muito interessantes sobre a acção benefica que teria na solução dos problemas sociaes o advento da mulher á vida politica.

E depois de contar-nos, com uma reserva de extrema concisão e de pudor, os nobres e dolorosos deslumbramentos do coração perante o grande amor infeliz de sua vida, que teve o heroismo de conter para não crear infelicidades em torno de si — dá-nos então o resumo de sua experiencia.

— "A vida devemos aceital-a como é, sem a discutir, sem a tentar interpretar. Evitemos os delirios do pensamento e subordinemol-o ao amor e á acção... E se nos quizermos immunizar por completo, creemos para uso proprio uma philosophia da desconformidade, que nos descontente da hora presente e nos propilla a fazer sempre mais e melhor, numa ansiedade de acção e melhoramento e amor".

Essa aceitação da vida não é uma resignação passiva, e sim o thema do heroismo, o "amor fati" nietszcheano. Mais ainda, é a essencia da sabedoria na concepção de S. Bernardo, para quem o homem sabio é aquelle — "que acha gosto em todas coisas, mesmo como ellas o são na realidade".

E assim termina o romance dessa consciencia de um homem moderno, não de um desses filhos typicos do seculo XX, cuja formação mental se esteja agora fazendo em pleno movimento contemporaneo de idéas, mas de um homem que, como todos nós, formado embora desde a adolescencia neste seculo duro e apaixonado que vivemos, recebeu ainda em sua preparação para a vida toda a onda de illusão que o seculo XIX lhe mandara por meio da geração dos nossos predecessores.

Não é um livro exuberante. Não se póde mesmo dizer que nelle palpite uma paixão viva da tragedia interior É um livro contido, voluntariamente sobrio, secco até em muitos pontos, sem graças de expressão, sem clamores e com pouco movimento, — mas profundamente vivido e com um ardor de intima sensibilidade que se retrae, que se fecha em si, que se sacrifica á acção, mas que proclama o primado do amor sobre a razão. É a confissão, portanto, de uma alma cuja nobreza de sentimento moral e cuja vontade de se transmittir pela acção, humanizou a pura, a arida intellectualização com que a principio se disciplinára para o estudo, para a erudição precisa e impessoal.

É um livro, emfim, em que encontramos a cada passo themas fundamentaes da nossa geração, soluções concordantes com as nossas, analogias intimas com alguns de nossos caminhos, de nossos espinhos interiores. É sobretudo o reflexo desse mal terrivel do pensamento, dessa perplexidade da consciencia, que nos faz a cada momento evocar aquella phrase immensa de Hoelderlin: — "O homem é um Deus quando medita e um mendigo quando reflecte no que meditou".

UM MODERNO

Mauriac, em um daquelles seus romances precisos, intensos, concentrados, fala da adolescencia como da idade em que ouvimos os rapazes dizerem uns aos outros: "É isso mesmo... Tal e qual... É o que eu sinto", numa descoberta maravilhosa de horizontes novos e communs.

É o momento em que nos desprendemos dos mais velhos, dos mestres, dos paes. E julgamos estar sós. Pensar coisas que ninguem mais pensa. Sermos uma experiencia unica e nova no mundo. E isso que traz para alguns um grande orgulho e leva ás revoltas categoricas, traz a outros uma irreprimivel timidez de dizer o que sentimos, uma certeza de que somos differentes por inferioridade e unicos por fraqueza de sentimento, por ignorancia da razão.

E no dia em que descobrimos um companheiro que pensa como nós, uma alma que soffre das nossas mesmas angustias, sentimos o consolo do amparo no mal, da responsabilidade dividida, e o inicio talvez de um caminho sincero e mesmo fecundo, que devemos alargar e proseguir antes de abandonal-o pelas grandes vias trilhadas por todo o mundo.

Porque esse é um dos problemas humanos capitaes e que invariavelmente se apresenta a todos que começam

a viver sinceramente, isto é, a comprehender porque vivemos e a decidir como devemos viver.

Aceitar as estradas abertas e consagradas, escolher uma dellas e seguir por ella adeante? Ou abrir por si caminho novo? Esse é o problema angustioso da nossa adolescencia. Vemos que os inertes, os passivos, os indistinctos escolhem, tranquillamente a estrada mais commoda ou seguem, estupidamente a nosso ver, o caminho que lhes foi indicado como o melhor.

E somos, por isso, levados a subir a nossa picada, longe dos caminhos de todo o mundo. E desde então começa o calvario dos escrupulosos, as duvidas que desesperam e as alegrias fugazes da vaidade ou das harmonias alcançadas. Consonancias e dissonancias. Repetição dos caminhos em que os romanticos se deleitaram. Reacção contra essa delectação malsã, contra esse subterfugio da sinceridade com que procuramos amainar a consciencia e explicar nossas fraquezas, a nossa inferioridade.

Amargura perenne desses caminhos solitarios, que fazem nascer em nós o demonio intoleravel da contradicção. Symphonia deliciosa da irresolução constante, da oscillação desprendida e ironica. E logo a nota angustiosa do senso intimo, dessa submissão ao dever, desse appello ás coisas obscuras e eternas cuja força é justamente fragilidade ante o poder superior e grosseiro das razões, dos factos, dos sentidos.

Sim, ainda mesmo que o caminho que trilhamos agora nos leve áquillo por que mais appellamos, isto é, um schema, um plano de construcção, uma architectura geral, dentro da qual possamos então viver profundamente, ser realmente livres, é preciso confessar as perplexidades, dar armas aos inimigos, e sobretudo embeber a nossa alma em todos os males contra os quaes nos rebellamos. Essa é a necessidade perigosa, o baptismo do veneno. Não é possivel hoje, para quem

é forçado a viver neste mundo que se suicida, entre o sorriso dos scepticos, a inconsciencia dos sybaritas e a alegria selvagem das hordas que pretendem refazer o mundo e sentem em si o poder miseravel da força brutal e a justiça incontestavel contra as injustiças consentidas — não é possivel mais o isolamento, a intangibilidade aos males da era. Ao contrario, é preciso vivel-os de perto, impregnar-se delles, intoxicar os nossos nervos com tudo o que elles desprendem de demolição, de sarcasmo, de libello indignado ou de salvador por meios contrarios, — para temperar a alma nesta immensa cuba incandescente do nosso seculo terrivel. E o peior, o mais doloroso, é ainda a delicia de viver, o que ha de bom, de macio, de doçura, não na dissipação dos que hoje, como na Athenas de Thucydides, entregam-se á furia da animalidade para gozar o mundo nas vesperas do seu desmoronamento, — mas justamente na mansidão das coisas puras, na volta ás angelitudes, no incomparavel encanto das coisas simples e bôas, em tudo aquillo que fez o milagre de S. Francisco de Assis. E é isso, é essa sombra fresca das arvores sadias, que o sybaritismo suicida dos matapáos e a brutalidade assassina dos machadeiros vão passo a passo derrubando nos dias que correm.

Esse mundo impiedoso e sangrento, em contacto com as nossas almas embebidas de compassividade e de paz, não podia deixar de inserir no homem moderno essa angustia que confessamos ou que reprimimos. E ainda aqui se renova a perplexidade. Confessar é no fundo a mesma complacencia que pretende justificar pela sinceridade a fraqueza.

Reprimir inteiramente seria uma falsificação, uma equiparação aos grosseiros, para quem a acção não é uma victoria sobre a contemplação, ou as affirmações sobre as duvidas, mas que nasceram para agir e para affirmar e portanto, não podem falar em victorias sobre

si mesmos, mas em submissão e complacencia ás inclinações naturaes e portanto ao prazer, que é justamente coincidencia de acção e inclinação. O terrivel é seguir o caminho das selecções quando o impreciso nos attrae, é collocar os marcos de limitação quando sentimos o aceno das coisas que se espraiam indefinidamente

E por isso comprehendemos, participamos desses gritos de desvendamento intimo que por vezes nos chegam aos ouvidos. Resalvando embora o perigo da delectação na contingencia, que leva ao wertherismo, á covardia, á deshumanização.

Um desses gritos mais profundos, que vem por assim dizer da alma de uma geração, é o que Marcel Arland acaba de renovar na N. R. F. Renovar, sim, pois ha cerca de um anno escrevera ahi mesmo um artigo perturbador em que tratava do "nouveau mal du siécle", girando em torno desta idéa que seguramente repercutia bem fundo em muitas consciencias que o leram: — "Nenhum systema me satisfaz e a ausencia de um systema me angustia".

Hoje elle volta, já não mais para lamentar propriamente a incapacidade de fixação mas para "experimentar viver", para traçar uma norma de acção. E entretanto a angustia de fixar-se, o tormento das almas que procuram desinteressadamente a verdade, ainda não o desamparou . "Por um pouco de certeza", diz elle, — "daria eu de todo coração as mais raras promessas de uma vida e até essa propria vida".

E nesse ponto é que os males das gerações modernas têm muita analogia com os do romantismo. Maine de Biran, esse nobre precursor do bergsonismo, escrevendo a sua auto-biographia nos fins do seculo XVIII, já dizia: — "J'avoue ici que jamais je ne me suis trouvé deux jours de suite dans la même position, jamais le même le matin que le soir... Existerait-il donc un secret

pour fixer un être si sujet aux fluctuations? Je donnerais volontiers la moitié de ma vie pour le découvrir". E aliás o philosopho de Grateloup corrige a sua contingencia appellando, no seu ensaio sobre a "Felicidade" para a tendencia á unidade como correcção da successividade: "L'homme, être successif par sa nature, peut-il pretendre à l'unité qui forme un des attributs de l'être immuable, son créateur? Non, sans doute, mais il doit tendre à ce but, en desespérant de l'atteindre".

Cento e tantos annos de intervallo não alteram em nada a angustia humana e se remontarmos a historia, encontraremos o mesmo tormento na aurora do christianismo, como nas fontes da philosophia grega, como nos textos metaphysicos do hinduismo, até onde attinge a memoria escripta do homem.

Hoje, o que nos prende a essas paginas admiraveis desse escriptor de vinte e poucos annos, é justamente a renovação dos themas eternos. Quando tudo nos fala do fluxo incessante, da ruina de todas as construcções do passado, da decomposição da intelligencia humana, quando tudo appella para o nosso gosto do ephemero, das originalidades passageiras, dos fogos de artificio deslumbrantes, das acrobacias mais vertiginosas, é admiravel, é profundamente grato ver esse joven espirito como já viramos Radiguet e vemos alguns outros na vanguarda literaria das letras modernas, com uma intelligencia viva e aquella intensidade de ardor nos sentidos, que revelou em seus romances de adolescente, escrever essas palavras nitidas e corajosas: — "Se é necessario distinguir entre os homens, aquelles de quem se ri e aquelles que riem, colloco-me sem hesitação ao lado dos primeiros. Nada me interessa verdadeiramente senão o que me parece capital".

São palavras que repercutem em nós, e que sentimos realmente traduzir um estado de espirito profundo e novo. Anatole France, symbolo dessa epoca de com-

placencias moraes, de libertinagem intellectual, de dissolução ironica de todas as verdades, que corrompeu a nossa adolescencia e viciou-nos a intelligencia e as fontes de amor e de odio talvez para sempre, esse Shaw raciniano, fartou-se, antes de morrer, de sarcastizar mephistophelicamente essa geração de affirmadores que elle via subir com amargor. Como se já Péguy não tivesse lançado o anathema contra aquelles que tremiam de medo antes as ironias da Villa Said.

Marcel Arland é bem um typo representativo. Nelle vemos a expressão de uma familia de espiritos que talvez seja a que mais affinidades apresenta com a nossa geração ou pelo menos com certo grupo da nossa geração. Pois nada é mais vago do que uma geração. Nada que mais se preste a todas as invocações contradictorias. E por isso nada mais falso do que generalizar, quando a condição inevitavel das coisas humanas é a diversidade. E as idéas vivem sempre testa a testa e só morrem da renuncia a se affirmarem e a repellirem as contradictorias.

Uma das condições da affinidade que encontramos, com esse joven e já tão grande artista, é a sua relação para com a guerra.

Foi daquelles que não teve idade sufficiente para ir á guerra e entretanto já tinha consciencia bastante para viver a guerra. Foi, como nós, um daquelles que soffreram mentalmente a catastrophe, que não ficaram alheios a ella — como essas gerações mais velhas para quem a guerra foi apenas um pretexto, em regra, para declamações sonoras e inocuas a favor ou contra o flagello — ou indifferentes como esses que só depois della é que começaram a ter consciencia da vida.

Nós outros, como Marcel Arland, os adolescentes de 1914, sem idade ou sem o dever de mergulhar no horror, mas sempre em vesperas de o fazer, — ficamos num plano intermedio entre os indifferentes e as victi-

mas, num plano de perturbação mental, de escrupulo moral, de presentimentos physicos do horror possivel, de remorso de nos vermos vivos e intactos, gozando amargamente a miseravel alegria do bem estar e da paz, quando os nossos companheiros de idade trituravam a "nossa" deliciosa mocidade nos campos de miseria e de exterminio.

E por isso é que uma alma de heroe como a desse Jacques d'Arnoux, de que falei nos fica muito mais affastada, — superior, inaccesivel, imagem rediviva de um remorso — do que esse Marcel Arland que passou por angustias semelhantes ás nossas, puramente, hoje talvez ridiculamente, mentaes, e não pela tortura physica, indifferente a tantos vulgares que por ella passaram, mas indelevel nas almas sensiveis.

São por isso emocionantes e profundas essas paginas de uma mocidade ardente e grave, cheia de ardor pela vida, pelo amor, pelos sentidos, pela belleza das fórmas, e no entanto solicitada por uma irradiação de dever e de verdade que appella para toda a sua personalidade. Não tenho espaço para falar de suas idéas literarias, tão verdadeiras, tão penetrantes, e apenas da sua humanidade, de sua attitude perante a vida. Já não é mais a do sceptico, a do ironico ou do puramente intellectual, e sim a do espirito que depurou os elementos capitaes de sua humanidade, de sua perfectibilidade.

— "Eu não desprezaria um homem por ter uma intelligencia mediocre; mas que elle tenha o coração secco e sem amor, então é que me sinto possuido de desconfiança e hostilidade. Um homem não me interessa pelo que é e sim pelo que póde ser".

Precisamos procurar o nosso destino, commungar com elle por um acto de amor. E não nos entregarmos á vida para "viver a sua vida" e sim para renascer a cada momento ás destruições — que operamos em nós. E ahi elle chega, sem o mencionar, áquella profunda

palavra de Jesus de que a semente para germinar ha de apodrecer

"Semelhantes ao phenix", prosegue Arland no amago por assim dizer, do seu admiravel ensaio, — "nós resurgimos de nossas proprias cinzas e não vivemos senão de nossa morte. Se me fôra licito propor uma regra de conducta: fazei a cada momento, diria, o que vos parece o mais difficil. O importante é de nos vencermos, isto é, de nos destruirmos em proveito de uma vida mais bella. Se queremos admittir uma grandeza é na morte que devemos procural-a... Os exemplos que veneramos só têm belleza pelo que comportam de sacrificio... Aquelle que attinge á renuncia retira della um maravilhoso enriquecimento; desembaraça-se de tudo o que, nelle, não era elle; adquire com isso a maior pureza que seja possivel a um homem. E nada me parece mais precioso a um ser que a sua pureza... Esse despojamento incessante, essa procura da nudez não constituem frieza; são pelo contrario os mais ardentes inimigos desta. E por elles o homem é como uma igreja aberta a todos que passam mas consagrada a um culto só" — Admiravel, luminosa imagem, da nossa accessibilidade ás idéas e ás fórmas passageiras e da nossa consagração ás essencias eternas!

E é profundamente significativo todo esse artigo. No momento em que as revoltas esfuziam dos labios mais serenos, em que a palavra de demolição vae dissolvendo os animos mais resolutos, quando a massa se entrega ao amor desenfreado das coisas agitadas, das volupias ardentes e desesperadas, quando os melhores das gerações modernas e da propria a que pertence esse rapaz de vinte e poucos annos, se entregam ao esoterismo ou ao malabarismo por pudor ou revolta, por incapacidade ou por desespero, é extraordinario que venha esse espirito capaz de todas as aventuras literarias, fadado a todos os exitos acrobaticos, dizer

essa palavra tão pura e tão ardente, que repercute assim por todos os echos dos nossos corações avidos de orvalho.

É um espirito incompleto, hesitante, angustiado. É um espirito que a cada momento se deixa transpor por si proprio. Mas é uma voz com que deveremos contar nessa luta sem treguas para mostrar aos homens exhaustos de nosso tempo que as aguas passam mas que os rios ficam.

MUSICA

Falar de musica é sempre traduzir. E traduzir mal, pois são linguagens irreductiveis, apezar de uma origem possivelmente commum: o som. E de um instrumento, que ainda hoje póde ser tambem commum a ambas: a palavra.

Enquanto porém, a palavra é o proprio corpo, para a linguagem, — para a musica não é mais do que um recurso secundario, uma simples contribuição aos seus outros meios expressivos independentes.

Todas as artes nasceram como nasceram provavelmente os mundos: destacando-se intencionalmente de uma nebulosa original. Tenha sido esta acção lenta ou brusca, — o facto é que as artes são mundos que se destacaram. Nebulosa original que se fraccionou.

Meios de expressão ou meios de dominio que se tornaram independentes. Não que se creassem no correi de uma evolução creadora, mas que se especialisaram de uma capacidade total e innata. E portanto indefinidamente multiplicaveis A machina ou o *kino,* como dizem os allemães, são hoje artes tão legitimas como as demais. Não porque tivessem sido creadas do nada. Mas apenas por serem meios de dominio e de expressão mais especialisados do que os anteriores. E necessariamente traduzindo modos de sentir diversos, combinações mais ou menos ineditas de elementos identicos.

A musica, portanto, é o dominio pelo homem da independencia do som para intentar exprimir o inexprimivel. E a sua historia tem sido justamente até hoje, um progresso e um regresso successivos em torno dessa independencia.

A musica pura é de origem relativamente recente. Os antigos, ao que sabemos, conheciam apenas a musica ligada á palavra e ao gesto. Foi a musica instrumental, sobretudo em seguida á acção miraculosa de Bach, o patriarcha, que provocou a independencia da musica. E a duvida sobre a sua possibilidade era tanta, que mesmo com Beethoven, se impregnou de subjectivismo, o mais genial aliás, voltando depois a impregnar-se de outros meios expressivos, de poesia e dansa sobretudo, até voltar hoje ao caminho da pura independencia, com as mais modernas e paradoxaes tentativas de libertação do som, pela escola franceza e allemã de hoje.

A linguagem e a musica, portanto, embora expressivas ambas do mesmo mysterio humano, tornaram-se por tal fórma independentes que hoje, mais do que nunca, é uma vã tarefa reduzir uma á outra.

Dahi a pobreza de tudo o que dizemos da musica. A absoluta inadaptação da palavra logica em traduzir o que a razão subtil ou o sentimento indefinivel procuram exprimir pela musica.

Só se devia tratar de musica, em musica.

Não que haja qualquer contradicção entre o movimento da razão e a fórma de expressão musical. Ao contrario. Um dos caracteres mais peculiares da musica sempre foi justamente esse de tocar os dois extremos — da razão e do sentimento. A musica é, ao mesmo tempo, uma expressão dos instinctos mais primitivos,

que ainda não se elevaram bastante para chegarem á differenciação da palavra, — e das combinações intellectuaes mais puras, mais isentas de fantasia e de sensação.

Assim se explica um facto de observação corrente, e apparentemente paradoxal: ser a musica, a um tempo, a arte por excellencia do povo e a arte por excellencia dos mathematicos. Isto é, nella se encontram as mentes mais obscuras, cujo instincto procura um meio expressivo elementar, prelogico, indistincto, e das mentes mais claras, cuja penetração logica chegou ao extremo e para quem a musica é como que a chave final de uma transcendencia racional intransponivel.

A musica é assim a mais racional e a mais instinctiva das artes. Uma das maiores revoluções da historia antiga da musica foi operada por Pythagoras, ao fazer o augmento das cordas da lyra, por motivos puramente mathematicos. E modernamente Rameau, quando deliberou escrever o seu Tratado de Harmonia, procurou a collaboração de dois physicos.

Em nenhuma outra arte, portanto, a razão, a pura razão, tem um campo tão aberto ás suas investigações desinteressadas e interiores como na musica.

E, no entanto, em nenhuma outra arte, é tão patente a irreductibilidade á linguagem, á logica expressiva das palavras.

E o motivo é justamente derivado da collaboração dos extremos. A musica, como expressão do sentimento, traduz por excellencia tudo o que está abaixo do sentimento, o instincto, o sub-consciente, a sensação inexprimivel e obscura, o que ha de infrahumano no homem. A musica, como expressão simultanea da razão, traduz por excellencia tudo o que está no apice da razão, as combinações logicas mais formaes, os presentimentos da intuição, as revelações supremas do conhecimento, o que annuncia o superhumano no homem.

Dahi, como disse, o caracter popular da musica, por um lado, e por outro o seu caracter mathematico e mystico.

Não é de admirar portanto, com um campo de acção tão proprio e extenso, que a musica não seja reductivel á linguagem. E que falar de musica seja sempre uma traducção imperfeita.

Já que ainda não se escreveu uma historia da musica em musica, o que um dia se fará, contentemo-nos com as historias da musica em palavras. Resalvando sempre essa impossibilidade em reduzir uma qualidade á outra.

É portanto em palavras que o sr. Renato Almeida nos fala da musica brasileira.

Renato Almeida — Historia da Musica Brasileira. Rio, 1926.

Pouco se tem escripto a respeito. E sempre coisa parcial ou méramente historica. O que o sr. Renato Almeida fez foi coisa diversa. Seu livro não é apenas uma *historia* da musica brasileira, mas um *estudo* sobre a musica brasileira e o seu futuro.

Não que a materia historica fosse muito extensa ou original. Como em tudo mais a musica entre nós tem oscilado sempre entre a ansia de personalidade e a fatalidade de imitação por fraqueza. Essa impressão de *fraqueza* de nossa musica, tive-a bem patente aqui, quando deram certa vez o *Abhul* de Nepomuceno, na vespera da *Walkyria*. Em todas as nossas manifestações de arte é a mesma coisa, aliás. Ha uma energia de sangue e de temperamento, que precede a tudo na creação de uma arte realmente original e impressiva. Só

uma raça forte, naturalmente forte, tem uma arte forte. O que não quer dizer que todas as raças fortes tenham *todas* as artes fortes. Ahi começam a intervir toda a sorte de factores, que deixam o primeiro em plano inferior. Mas de facto, enquanto uma nacionalidade não se affirma *como nacionalidade*, é excusado procurar processos de criar artificialmente meios expressivos originaes. Só deixará a sua marca quando houver de quê deixar marca.

Isso mesmo se acompanha no excellente trabalho historico deste livro, já agora indispensavel, do sr. Renato Almeida.

Ha um parallelismo entre a musica e a evolução da nacionalidade e da cultura. A revelação do padre José Mauricio, que o sr. Renato Almeida chama com razão "uma das mais altas revelações do espirito brasileiro" e que "criou uma obra que ultrapassa de muito o seu meio", mostra desde o inicio de nossa musica o movimento duplice que a tem guiado — a onda de fundo, que vem da terra e da raça e a inserção do genio individual, buscando no proprio meio os motivos com que dominar o meio. É a formula, — se formula é possivel nesses casos que fogem precisamente ás formulas, — da verdadeira originalidade, que não é submissão á acção do ambiente, nem isolamento delle.

E nesse ponto, em muitas paginas de lucidez mental, especialmente sobre o espirito moderno em musica, mostra o sr. Renato Almeida uma comprehensão justa do que deve ser a nossa orientação na musica. Insiste a cada passo sobre a liberdade do artista delimitada pelos elementos de meio, de tempo e de temperamento. "Não temos que ser modernos á Satie ou á Schoenberg, mas modernos dentro de nossas forças, e de nossa sensibilidade. Trahir o meio seria tão funesto quanto trahir o tempo. Os nossos musicos hão de ser livres e desabusados, donos

de sua arte, dominando as convenções e exaltando o som na prodigiosa symphonia da Terra".

A musica que se isolasse hoje do movimento que se está fazendo na Europa seria para nós tão artificial e ephemera como a musica que só copiasse o que se está fazendo lá fóra. E a formula nem mesmo poderia ser, creio eu, de acompanhar o movimento de libertação universal quanto *á fórma* de expressão e de encaixar dentro desses novos moldes os motivos que a terra nos fornece e o povo. Não é possivel essa dissociação. Analoga áquella que o sr. Renato Almeida observou na obra de Alberto Nepomuceno. "O que perturba a musica brasileira de Nepomuceno é que elle procurou ser brasileiro apenas pelos motivos e pela inspiração, collocando a sua emotividade nova dentro de velhos moldes".

Faz grande justiça aliás á obra de Nepomuceno em nossa musica. E accentúa, com razão, que Nepomuceno foi "um dos poetas mais sensiveis da suave nostalgia brasileira..."

E realmente, o que havia em Nepomuceno não era a procura de uma originalidade de expressão intencional, essa insatisfação do existente que leva ás grandes remodelações na historia da arte, mas a vóz natural de uma alma bem brasileira, de uma deliciosa sensibilidade, melancolica, macia e multipla. Não foi um torturado de expressão, um renovador, como o sr. Villas Lobo por exemplo. Não teve audacias nem exaggeros creadores. Mas foi bem profundamente brasileiro, até na sua moderação.

Mas, como dizia, a dissociação de fórma-nova e motivos-locaes seria tão falsa como a de fórma-velha e motivos-locaes. O que um musico nosso, realmente original, deve procurar, mórmente hoje em que se volta á musica pura, ás investigações do som pelo som, em que a razão trabalha com a sensação, — o que real-

mente será fecundo para nossa musica é a creação de novos sons inspirados no meio. Uma possivel escala brasileira.

Temos o exemplo da escala hindú, o microtono, cujas sete notas fundamentaes são estylisações sonoras do grito de varios animaes. É possivel que houvesse qualquer coisa a fazer aqui nesse sentido.

A isso dedica o sr. Renato Almeida um capitulo inicial, em que mostra a necessidade de buscar nos elementos do meio a massa musical que o espirito vae trabalhar. "A modinha, embora com as deformações soffridas, o choro e o samba sobretudo este, suscitarão no nosso musico as energias poderosas da criação, para revelar o paiz, na essencia mysteriosa de sua alma profunda". E numa pagina inicial, de certo calor e colorido, canta por assim dizer musicalmente os elementos primitivos e originaes, essa "symphonia da terra", em que todo artista realmente creador de nossa musica ha-de embeber-se.

Esses dois capitulos, e aquelles em que estuda a orientação moderna da musica de hoje, na renovação profunda a que os russos e os francezes sobretudo a submetteram, no sentido tradicionalmente dissociado da musica — o sentido da inspiração popular (os russos) e o sentido das construcções racionaes (os francezes) esses capitulos são os melhores do livro. Não entra em precisões. Não marca uma tendencia exclusiva. Conserva-se, em regra, pelas generalidades. Indica um caminho vago, mas que póde ser fecundo para os musicos que o seguirem, e que resumio na sua formula já mencionada em que os aconselha a não trahirem nem o seu meio nem o seu tempo, conservando sempre a sua personalidade livre de escolas, regras academicas ou preconceitos de timidez, mas delimitada pelas condições naturaes de inserção. "O artista, que é um criador de valores, não se póde isolar do meio

sem cair no artificialismo falso e infecundo". Nem se escravisar ao meio, comprehenda-se. E assim termina o seu bello livro, o mais completo que até hoje aqui se escreveu sobre o assumpto, e que é mais uma contribuição valiosa para o balanço que a nossa geração vae fazendo dos valores do nosso passado e de nossas tendencias estheticas: — "Reintegrar a musica nas origens da (sua) terra e ligal-a pela cultura ao espirito universal".

E agora, o essencial de tudo isso: mãos á obra.

A MUSICA
EM STENDHAL E PROUST

Mesmo neste nosso mundo fechado, — morrer é uma fórma de nascer. Não para todo o mundo. Evidentemente. A morte é uma selecção. Apaga as vidas inuteis. E perpetúa, transformadas apenas, as vidas que transbordaram do quotidiano. A morte é portanto uma affirmação ou uma negação de si mesma. Não se oppõe á vida. Infiltra-se nella. E reciprocamente. A vida dos mortos é tão real como esse presentimento da morte que embebe todos os actos de viver. Aquelles para quem a morte é um segundo nascimento não morrem de uma vez por todas. Nada de mais duvidoso, em realidade, do que aquelle verso maravilhoso de Mallarmé:

Tel qu'en lui même enfin l'éternité le change.

A vida dos mortos immortaes é tão ondulante como fôra a sua propria vida. A morte não fixa nada. Espiritualisa sim. Transforma a *qualidade* de vida. Faz cessar o accrescimo de materia vital, que o tempo insere em nós. Mas não eternisa, não immobilisa os traços. A historia não é um museo. Apenas uma terra de almas.

E nada mais saboroso do que approximar, na região em que o tempo já não conta (ou conta

apenas de outra fórma, muito indirecta), aquelles que o tempo real affastou em vida.

Assim é que occorre approximar Stendhal e Proust, que todo um seculo separou, mas cujos momentos de gloria quasi coincidiram. Pois o "leitor de 1880", para o qual tanto appellou Stendhal, veio a ser realmente o leitor de 1910, dez annos antes da revelação proustiana.

A musica foi o traço de união entre duas creaturas que tanta coisa separou. E assim mesmo veremos que esse traço de união só tem sentido se o considerarmos da mesma fórma por que chamamos ao Atlantico de traço de união entre a Europa e a America. Foi um terreno commum, mas em que cada qual seguio um caminho diverso.

Stendhal e Proust partiram de infancias oppostas, unidas ahi tambem por um traço commum: a paixão pela Mãe e a repulsa ao Pai. Se Freud ler a "Vie de Henri Brulard" ha-de encontrar ampla materia para uma pedante dissertação sobre o "complexo de OEdipo"...

Mas Stendhal perdeu a sua Mãe aos 7 annos. Proust conservou-a, e a dor de sua perda abalou, até as raizes, a sua vida. Proust foi sempre, desde essa infancia embebida do halito materno, uma alma feminina.Stendhal viveu em casa opprimido, revoltado, amargado de vinganças recalcadas, ansiando por uma vida livre. Foi uma alma masculina. Não digo varonil. Digo masculina.

Era, portanto, desde a fonte inicial de suas vidas, desde a fonte interior de suas almas que esses dois capturadores, hoje ligados na immortalidade, seguiram caminhos diversos.

Diversos? E mais uma vez, vamos encontrar, entre elles, a diversidade que se conjuga. Ambos deliraram pelo *mundo*. Ambos viveram a vida social em toda a sua plenitude. Ambos deram de si tudo o que tinham. Apenas, enquanto Stendhal vivia *extensamente*, vivia Proust intensamente. Enquanto Stendhal passava a cada momento ao terreno da acção, da acção social e militar a mais crepitante, permanecia Proust no campo da sociedade limitada, fechada, entre paredes forradas de cortiça ou gozando o espectaculo da natureza, através das vidraças do seu automovel hermeticamente fechado. O que lhe não impediu de fazer uma viagem pelo interior humano que deixa talvez longe de si as peregrinações de Henri Beyle. O triangulo geographico proustiano foi apenas Combray, Balbec, Paris (Veneza não passou de uma obsecção e de uma aventura, e os dias que lá viveu viveu-os evocando Combray). O triangulo stendhaliano foi Paris, Napoles, Moscou.

A substancia da vida, portanto, era diversa em Stendhal e em Proust. Um viveu obsecado pelo tempo. O outro viveu esquecido do tempo. Proust procurava a cada passo o sentido da vida. Stendhal tratava de gozar a vida o mais que pudesse e no fundo distinguia os homens simplesmente entre os que sabiam levar a vida e os que a todo transe impediam aos outros de levar a vida. Proust soffria physicamente da multiplicidade das coisas, da impossibilidade tragica de conter tudo em si, de reconstituir numa realidade unica tudo o que o seu espirito implacavel de analysta tinha disseminado. Stendhal analysava tambem, penetrava com uma lucidez assustadora os meandros da consciencia, mas recebia a vida como um dado evidente, sem necessidade de explicações, com uma dóse tranquillisadora de cynismo e despreoccupação. A vida para Stendhal era qualquer coisa de profundamente physico. A

vida para Proust qualquer coisa de essencialmente immaterial e fugaz. Stendhal era um homem para quem o mundo exterior era apenas evidente e capaz de ser aproveitado voluptuosamente para nosso prazer. O mundo exterior para Proust era a mais inadequada, a mais escorregadia, a mais fugitiva das realidades e a sua captação pelo espirito a mais tragica e ephemera das ansiedades humanas. Proust viveu obsecado pelo caminhar incessante de tudo para a morte. Stendhal começou por supprimir de sua vida a preoccupação da morte. — "Si la mort est inevitable, oublions-la", escreve elle em uma de suas paginas de viagem, numa phrase que é todo Stendhal.

Que mundo entre os dois ! Como foram homens tão contradictoriamente. Como foram homens...

Um tão longe de nós em seu sybaritismo. O outro tão proximo em sua inquietação.

E entretanto a musica foi para ambos uma das mais altas razões de ser da vida. O mar commum que approxima essas praias tão affastadas. Ambos foram mais do que simples amadores. Não conheceram musica apenas de ouvido. Eram verdadeiros conhecedores. Stendhal, sobretudo depois de sua ligação com Angelina Beyreyter, que o iniciou nessa arte pela qual sempre revelara extraordinaria inclinação espontanea. Proust por um gosto e uma applicação continuos, toda a vida. Os moveis do quarto em que viveu os ultimos tempos dolorosos de sua vida de "viajante" entre paredes, eram uma cama, uma mesa e um piano.

Mas ainda ahi que distancia entre os dois !

A musica era para Stendhal uma paixão epicurista da alma e sobretudo uma excitação do corpo a viver mais intensamente. Para elle, poesia e musica eram coisas distinctas apesar das evocações communs a que chegassem.

Procurava nella apenas o seu prazer. "A musica

deve fazer nascer a volupia", dizia elle. O que procurava era a alegria do ouvido. Dizia que a musica vae directamente ao coração sem passar pelo espirito. O que apreciava realmente era o "bel canto", a musica bem italiana, bem melodica, bem sentimental. "O genero instrumental, perdeu a musica", escrevia elle quando sentia as duas correntes musicaes harmonica e melodica que já começavam a differenciar-se na Italia e na Allemanha, e que elle, numa bella imagem geographica via reunirem-se em França como o Rhône e a Saône em Lyon, (vid. "Vie de Rossini", pag. 96). Sente-se, ao longo de tudo o que Stendhal escreveu sobre a musica — desde as paginas das "Vies de Haydn, Mozart et Metastase", tão copiosamente plagiadas, escripta aos 18 annos, até a "Vie de Henry Brulard", escripta aos 25 annos —, que o seu gosto natural era apenas a musica italiana, ou pelo menos a musica melodica, e que só por um esforço de razão procurava comprehender a musica instrumental. Tem mesmo, por vezes, juizos musicaes estapafurdios como este: "Bach, nascido na Allemanha, foi educado em Napoles. Elle é apreciado por causa da ternura que anima as suas composições"... ("Journal d'Italie", pag. 248) !

Proust seria incapaz de uma barbaridade dessas. Mas Stendhal nunca chegou a aprofundar as suas impressões musicaes. O que elle pedia á musica era uma provocação passiva á melancolia doce e á felicidade evocativa. Se buscarmos, em suas paginas, daquellas phrases curtas, incisivas, precisas, com que tão naturalmente captava o que havia de captavel na "mais vaga das artes", como elle proprio o reconhecia, encontraremos a confirmação do que venho dizendo.

— "A musica só age pela imaginação... A musica é o mais attrahente dos prazeres da alma... A musica, quando perfeita, não faz senão fornecer á

nossa imaginação imagens seductoras, relativas á paixão que nos occupa nesse momento".

A musica era acima de tudo, para elle, um *prazer physico*. Elle fala expressamente no: — "prazer todo physico e machinal que dá a musica"...

E nos momentos de mais abandono e vivacidade escreve a sua confissão de amante do bel canto: — "Desde que não exista doçura para o ouvido, não existe musica".

Ou ainda mais precisamente: — "Só a melodia vocal me parece producto do genio".

Havia ainda, portanto, qualquer coisa de ingenuo, qualquer coisa de excessivamente simples, na paixão incessante de Stendhal pela musica.

Em Proust, a coisa é consideravelmente diversa. Um seculo mais. Um seculo de complexidade assombrosa e crescente, que levou do "Matrimonio Secreto" de Cimarosa, que fazia Stendhal delirar em Ivréa, ao tomar pé na Italia, aos 18 annos, — até ás subtilezas espiritualisadas de "Pelléas et Mélisande" e ás aventuras post-impressionistas de Erik Satie, de Milhaud, de Auric. Stendhal, se vivesse hoje seria um vanguardista e applaudiria Poulenc. Mas se, por milagre, *renascesse* em plena representação das "Biches", por exemplo, estou certo que pediria aos deuses que lhe levassem, mesmo esse bem que amou acima de tudo — a vida. E seria, ao contrario, capaz de assistir, intacto, a toda uma opera do sr. Assis Republicano... Tanto é necessaria a continuidade do tempo para embeber o gosto em novas essencias e transfigurar a concepção de belleza.

A musica para Marcel Proust não era apenas uma coisa infinitamente mais complexa do que para Stendhal. Era outra coisa. A musica para Stendhal era uma coisa que existia por si, independente do sentimento, da razão e da expressão literaria com que elle a com-

mentava. "Agrada-me a musica como signal, como recordação de felicidade da juventude, ou por si mesma ? Sou deste ultimo parecer". ("Vie de H. Brulard", p. 103).

A musica de Proust é muito mais do que isso. Proust via nella qualquer coisa que excedia ás outras artes, que as comprehendia em si e que impregnava todas as fórmas de vida e de pensamento. A começar pela sua propria linguagem. A palavra de Proust está sempre impregnada de musicalidade. Mais que de plastica ou de colorido. Nada de mais musicalmente alado do que as descripções de Proust. Entre mil, lembro a pagina incomparavel em que musicalisa em palavras aereas a imagem de Albertine adormecida.

A musica embebeu toda a vida e a expressão da vida de Proust, ao passo que foi apenas para Stendhal um prazer infinito dos sentidos. Basta dizer que Stendhal nunca soube siquer tocar piano (o que elle chamou, com inveja, "le physique, le bête de la musique") ao passo que Marcel Proust foi um excellente pianista.

Toda a arte de Proust, portanto, está impregnada de musica, como aliás todo o symbolismo de que elle deriva tão directamente. Ainda ha pouco dizia Paul Valéry ("Frédéric Lefebvre — Entretiens avec P. Valéry", p. 122). — "Este movimento literario (o symbolismo) se prende estreitamento aos immensos progressos feitos pela cultura musical do publico e dos escriptores a partir de 1860". E o mesmo observara Eugenio d'Ors, dizendo que o symbolismo gravitara em torno da musica, como a arte de nossos dias em torno da architectura.

A musica é portanto a propria atmosphera literaria de Proust, em que todas as coisas banham, e não apenas uma fórma de expressão artistica. Embora, pouco a pouco, venha a ser tambem como que a fórma suprema de arte. É possivel acompanhar ao longo

da obra proustiana essa ascensão da musica, que podemos dividir em tres planos de gradação ascendente. O curto espaço que me resta, permitte-me apenas indical-os.

A primeira phase musical de Proust é a impressão physica da musica. Vamos encontral-a logo no primeiro volume da obra, quando Swann começa o seu triste amor por Odette (Du coté de chez Swann, vol. I, pag. 193, e segs.). É o primeiro contacto com esse mundo dos sons que opera physicamente sobre os nossos sentidos e pouco a pouco vae despertando em nós o mundo das evocações, do sentimento e do ideal.

— "A principio não apreciou senão a qualidade material dos sons secretados pelos instrumentos". É o contacto com os nossos sentidos, que deixa em nós uma impressão confusa — "uma dessas impressões que são talvez entretanto as unicas puramente musicaes, inextensas, inteiramente originaes, irreductiveis a outra qualquer ordem de impressões". E esse primeiro effeito physico da musica é de "abrir a alma", de predispol-a a elevar-se, a dedicar-se "a uma daquellas realidades invisiveis", que o quotidiano da vida nos faz esquecer. E para Swann toda essa gamma dos sentidos que a musica faz resoar, ficou ligada ao amor de Odette, cujo "hymno nacional" ficou sendo a famosa phrase da sonata de Vinteuil.

Mas o tempo começou a correr e fugiu-lhe o amor de Odette e o soffrimento de Swann nos leva á segunda phase da concepção musical de Proust. ("Du coté de chez Swann". vol. II, pag. 120 e segs.).

Se a primeira foi, por assim dizer, a phase tangivel da musica, esta segunda é a phase do invisivel. O mundo dos sons passa além da simples impressão physica sobre nós. Elle apparece como um mundo de realidades em si, de que os grandes musicos apenas

nos captam algumas mensagens mysteriosas. Como Proust diz, maravilhosamente: "Parfois, enfin, c'est, dans l'air, comme un être surnaturel et pur qui passe en déroulant son message invisible".

A musica que para Stendhal, que para o Proust da primeira phase, possuia apenas uma acção sobre os sentidos, sem tocar no mundo das idéas, — passa agora a invadir tambem esse dominio: — "Swann considerava os motivos musicaes como verdadeiras idéas, de outro mundo, de outra ordem, idéas veladas de trevas, incognitas, imprestaveis á intelligencia, mas que nem por isso são menos perfeitamente distinctas uma das outras, desiguaes entre si em valor e significado".

E a musica passa a ser assim para nós a revelação de mundos transcendentes que os "exploradores do invisivel" tornam accessiveis ao nosso conhecimento. E Proust o diz em algumas paginas inesqueciveis.

Mas não pára ahi. É exacto que a musica, depois de ter occupado o primeiro plano nesse episodio inicial de Swann, parece desapparecer por alguns volumes. Não se trata mais della. Passa a viver apenas da vida latente e transfigurada que possue na linguagem, nas descripções.

Só depois de nove volumes é que reapparece. E resurge então num plano superior. ("La Prisonniére", vol. II, pag. 63 e segs.). A musica apparece como um dos segredos do universo. Como um traço de luz entre as vidas. Como uma leve abertura para o mundo das revelações definitivas.

— "Eu me sentia realmente, como um anjo que decahido da embriaguez do Paraiso, cahisse na mais insignificante realidade. E da mesma fórma que certos seres são as ultimas testemunhas de uma fórma de vida que a natureza abandonou, — eu indagava de mim mesmo se a musica não seria o exemplo unico do que teria podido ser, se não tivesse occorrido a in-

venção da linguagem, a formação das palavras, a analyse das idéas — a communicação das almas".

Num livro recente e muito fino, que um musico escreveu sobre a obra de Proust ("Benoist-Méchin — La Musique et l'Immortalité dans l'œuvre de Marcel Proust"), o autor estuda com penetração particular esta terceira phase da concepção musical de Proust. — "A musica corresponderia assim á juncção do real e do espiritual, a esse casamento de amor com o mundo, de que as palavras não parecem ser senão esboços abortados; seria muito mais uma linguagem do que uma arte..."

A arte foi para Proust a justificação da vida, a explicação do "néant" que elle via no fundo de todas as coisas. E na arte, foi a musica aquella que lhe pareceu conter a mensagem intraduzivel...

Benoist-Méchin, aliás, soube observar muito bem a insufficiencia de Proust, a sua reclusão voluntaria no simples mundo das *impressões,* das coisas apenas sensiveis: — "Quelque chose lui a manqué. Il a eu beau implorer la musique: elle n'a pu le délivrer de sa chambre capitonnée... Il renonce á la flamme par amour pour la cendre".

Penso que bastam essas ligeiras indicações para se concluir que Stendhal nunca passou da primeira phase musical de Proust. Elle ficou na musica como impressão dos sentidos. Proust acabou na musica como segredo esquecido do universo. Stendhal limitou-se a ouvir a musica com os ouvidos. Marcel Proust a ouvi-la como Beethoven, dentro de si. Para aquelle foi a musica uma deliciosa acceleração de vida. Para este uma dolorosa e intraduzivel mensagem do mysterio.

Duas almas, portanto, que o amor da musica approxima, dos extremos em que vivem, na morte, mas que mesmo esse amor nunca ha-de fundir.

CONSTRUCTIVISMO E DESTRUCTIVISMO

O sr. Sergio Buarque de Hollanda é um caso sério, como se diz hoje. Não é um improvisador. Não é um simples repetidor. Nem mesmo um sacristão de capellinha. Muito moço, quasi inedito, tem lido este mundo e o outro, tem passado por todas as convicções, ou algumas dellas — as que mais importam, e não se tem apressado em dizer o que quer. É provavel mesmo que ainda não saiba bem o que quer. Como todo o mundo entre nós, a não serem os que se têm em tanta conta que não contam para nós.

O sr. Buarque de Hollanda, portanto, é dos que contam. E tem uma excellente qualidade, uma qualidade que é preciso desde já levar em conta das novas gerações, em compensação aos muitos defeitos que tenham: a sinceridade. É innegavel que ha entre os novos de nossa literatura uma sinceridade mais frequente do que outróra. Endeusava-se então ou descompunha-se, com muito mais arbitrariedade do que hoje. Ao geito de sympathias ou malquerenças. Não quero dizer que o mesmo não se faça hoje em dia. Não sou dos que crêm que o homem, o homem blóco, o homem especie, se cure dos seus peccados. Ha um mal qualquer de origem, uma mancha de lady Macbeth que toda a educação scientifica, todos os methodos de treinador de bêbês de todos os Bertrand Russels deste mundo

não conseguirão lavar. Não quero dizer isto, apesar de todos os progressistas da America o affirmarem com a convicção que lhes dá uma tranquilla candura. Os homens podem melhorar: o homem não. Seja como fôr, hoje ha mais sinceridade entre os novos. Creio mesmo que menos cavaco ou, antes, menos queimação, para falar "como se não deve dizer".

E o sr. Buarque de Hollanda é dos que não escondem o que pensam, apenas por sympathia, ou digam o que não pensam por antipathia. E embora sinceridade não seja argumento, é sempre uma garantia. Eu, por exemplo, estou convencido de que o sr. Buarque de Hollanda faz, no artigo que publicou no terceiro numero da "Revista do Brasil", uma caricatura de certas idéas minhas sobre o modernismo brasileiro. Mas estou tambem absolutamente persuadido de que elle não quiz fazer uma caricatura e sim um retrato. Apenas, saiu um retrato, como 99 % dos que figuram no salão annual de Bellas-Artes, isto é, uma caricatura sem querer. Com a aggravante de que o retratado mais uma vez não se acha tão feio como o pintam. Da mesma fórma que o commendador F. G. ou mademoiselle T. de I. E com a unica differença que o sr. Buarque de Hollanda vale, não como os 99 % que pintam caricaturas julgando pintar retratos, e sim como o restante 1 %, que pinta retratos quando o publico julga que elle pintou apenas caricaturas.

O sr. Buarque de Hollanda concede-me a honra (immerecida, etc.) de ser o principal culpado de uma coisa chamada — "constructivismo". O constructivismo, a seu ver, é um mal architectonico, um mal estatico, um mal disciplinador, um mal intellectualista, que eu, e meus companheiros de culpa, importamos directamente da Action Française, de Maritain, de Massis, de Benda, de Eliot, etc. E a grande culpa desse mal coordenador é impedir os novos de vagarem no subcon-

sciente, de catarem pulgas no morro da Favella, com ou sem Marinetti, de se deliciarem no Circo Spinelli com "A filha do bandido ou A vingança do Morto", de falarem patuá, de serem livres emfim. Este o libello accusatorio. Que não é a primeira vez nem será a ultima, espero, que me seja lançado.

Em primeiro logar, eu penso que o sr. Buarque de Hollanda, que é dos modernos um dos mais realmente modernos, isto é, que não admitte partilhas, se deixou levar demais pela necessidade de estabelecer barricadas. Nada de melhor. O nosso mal, um dos nossos males, é andarmos todos entre barricadas sem sabermos ao certo de que lado estamos. Desse mal não creio que nos possamos já curar. É justamente um dos elementos inevitaveis da nossa barbaria. Estamos num "melting pot". Nada de mais natural que á temperatura elevada da ebulição derretam-se tambem as barricadas.

Mas o que ha de pittoresco no caso é justamente isso. O senhor Hollanda me accusa de erigir açudes, de fazer distincções, de acreditar na intelligencia, de importar rédeas, em vez de esporas (mal comparando...), accusa-me, de tudo isso, e no entanto, começa justamente por me prevenir, como qualquer sentinella do Palacio do Cattete, velando pela paz da Republica, "Alto lá, camarada. Passe para o lado opposto !"

Assim como quem diria — "o apostolado modernista é meu: seu é o lado opposto passadista". Felizmente, não li ainda na penna do sr. Buarque de Hollanda esse execravel — "passadista". Creio que elle é moderno demais para empregal-o. E o velho trocadilho acima é uma pura calumnia... Mas no fundo é o facto entre nós. O que o sr. Buarque de Hollanda quer é reivindicar o bastão de orientador do verdadeiro modernismo. Como nunca o pretendi, peço-lhe que o peça ao sr. Graça Aranha ou a outro da nossa esqua-

dra *academico-modernizante*. Se acaso o vislumbra entre os meus dedos é que positivamente está em estado de hallucinação amigavel. E aconselho repouso para os olhos. Pois é sempre perigoso vêr-se o que não existe.

Foi, portanto, acima de tudo, o desejo de se isolar, de se restringir, de se separar que levou o sr. Buarque de Hollanda a essa distincção radical de tendencias. Que eu acceito, explicando-a, como a explicarei, mas que no caso delle é uma contradicção. Quem se isola limita-se. E o que o sr. Hollanda pretende é o illimitado, o indistincto, o arbritrario, a desordem (que elle não quer que se chame desordem, embora não haja nenhum insulto no termo).

Mas, se assim lhe desagrada a companhia, façolhe a vontade. Passo para o lado opposto. Estará livre assim para ser livre. Sem o pesadello do constructivismo.

Mas, francamente, um homem da intelligencia do sr. Buarque de Hollanda, tomará de facto a serio essa idéa de liberdade, esse mytho da liberdade, esse Altar da Liberdade que se pretende erigir na praça principal do modernismo ?

Eu confesso que sempre achei muito simploria essa idéa de liberdade, como bandeira unica de reivindicação esthetica. Está estendido, e isso o sabe o mais bocó dos rabiscadores de versos de suicida imminente, que toda arte é uma libertação. Nesse sentido, póde-se mesmo dizer que hoje é menor a libertação do que outr'ora. De facto, o poeta sempre foi uma creatura que não acceitava o mundo. Que fugia do mundo. Que affirmava o ser do não ser. E apostrophava vehementemente, em alexandrinos ou triolets, a realidade, a vida, os homens, todas as coisas que o cercavam. O poeta foi sempre um prisioneiro ansioso de evasão. Hoje em dia é que o poeta desistiu de evadir-se. E abando-

nando o passado e o futuro, fez as pazes com o seu inimigo tradicional — o presente. E resolveu aceitar a vida, aceitar a sua época, aceitar os seus homens, aceitar, aceitar, aceitar sempre, o que outr'ora repellia, invectivava, amaldiçoava. E nas sociedades capitalistas o poeta entôa hymnos á estrada de ferro, ao automovel, ás chaminés de usinas, como nas sociedades communistas canta em louvor do Estado todo poderoso, do vencedor do burguez, da ordem proletaria, das cozinhas collectivas, etc.

E como o mundo moderno tem uma especial predilecção por botar nomes complicados em coisas simples, passaram os poetas á moda de hontem a chamar-se hoje de schyzophrenios...

Nesse sentido, portanto, algum inimigo da poesia moderna poderia dizer ao sr. Buarque de Hollanda que a liberdade moderna matou a libertação. O que não seria aliás, exacto. Mas que sempre o é de certa fórma.

A liberdade, portanto, é um desses elementos iniciaes, sem o que nem mesmo se póde cogitar da arte. A liberdade é o proprio ambiente creador. O artista deve ser livre, por natureza, naturalmente, sem esforço. Essa é a verdadeira, a fecunda liberdade. Dahi partem todos aquelles que têm alguma coisa de mais, dentro de si, e que precisam ver-se livres della.

Mas o artista, o poeta, o pintor, o architecto, por mais diversos que sejam os campos em que opere e portanto os problemas a resolver, não é um simples phonographo. Elle não se limita a pôr uma chapa no cerebro e a deixar rodar a Valencia" ou o "I have no bananas to-day". O artista tem de fazer a sua chapa. E, portanto, tem alguma coisa em mente, fóra de si, no fim de seu pensamento, a attingir. E tem de servir a esse fim, de se adaptar a esse fim, de encaminhar a sua emoção interior a esse fim.

O poema, o quadro, a casa ou a estatua são, portanto, e ao mesmo tempo, liberdade e servidão. O creador é a um tempo um dominador e um dominado. Elle possue e é possuido. Elle sente e colhe o sentido. Sae de si mesmo e ao mesmo tempo volta a si mesmo. O gráo, a maneira de se fazer tudo isso, a qualidade de que é feito, é que fazem da obra uma genialidade, uma tolice ou uma mystificação. Porque o defeito moderno é julgar que só póde haver obras primas ou academicas. Coisa que valha ou que não preste. É preciso não esquecer, hoje mais que nunca, as mystificações conscientes ou inconscientes. Porque ha uma mystificação inconsciente de que o estado de espirito, o meio, o ambiente, são os culpados.

Erigir, portanto, a liberdade em labaro do modernismo, é restringir o seu campo de acção. Não ha duvida que o homem moderno augmentou em todos os sentidos o campo de sua liberdade. Pelo menos da sua liberdade de meios, pois em materia de liberdade de espirito o homem é homem, e nada mais. Mas pensar que com isso tolheu o outro grande elemento consciente da sua acção creadora, é "to talk nonsense", como dizem os inglezes. Mesmo os mais extremados dos destruidores da consciencia, os campeões do automatismo, que fazem senão ter consciencia de que existe um sub-consciente, e preparar-se lucidamente para captar-lhe as mensagens mysteriosas? Releia o sr. Buarque de Hollanda o "Manifesto Suprarealista" de André Breton e verá com que frieza, com que precisão de operador psychico se aconselha a victima a pescar nas aguas turvas da sombra interior.

Pensa acaso o sr. Buarque de Hollanda que eu sou sempre contrario a essa pescaria? Nunca disse tal coisa. Apenas o que não quero é vêr um homem mutilado, um homem reduzido, um homem dividido ao meio, e aceitar que inpinjam a metade pelo todo, o membro

mutilado pelo corpo, o sub-homem por um super-homem.

O defeito está justamente na mania da formula. Como o sr. Buarque de Hollanda quer adoptar para si a formula primitivista, resolveu então attribuir-me a formula constructivista, pois que assim póde livremente e facilmente apoiar as suas deducções. O sr. Tristão é um architecto. Tem a mania do telhado. Eu sou um nhambiquara, tenho a loucura do ar livre. O sr. Tristão é um escravo. Vive acorrentado a formulas obsoletas. Só admitte em poesia os sonetos do sr. Osorio Duque Estrada. Só aceita no palco as peças do sr. Luiz Edmundo, onde ha rigorosa observancia das tres unidades. Só elogia Boileau, Aristoteles, Laudelino Freire e outros grammaticos. Eu sou um homem livre. Canto como quero. Ando como me agrada. Puz o relogio no prégo. Não uso sapatos. O sr. Tristão só se occupa de poetas de boas maneiras. Incapazes de dizer tolices saborosas. Só elogia os romances premiados pela Academia. E não admitte senão estylo de verniz. Ao passo que eu sou capaz de escrever um poema ao "Callicida Sanavia" e de gritar na esquina da rua do Ouvidor coizas mais cabelludas do que os generaes de Waterloo. Ou, como dizia o finado Arthur Azevedo:

Tu és uma gotta de orvalho
Eu sou de suor um pingo.

Mas se acaso o sr. Buarque de Hollanda leu o que escrevi sobre o cav. Marinetti, ha de talvez lembrar-se de que o primeiro defeito que encontrei no futurismo foi ser uma coisa terminada em ismo. E seria, portanto, pittoresco que um camarada que censura nos outros um abuso, fosse docilmente fazer o que critica, Seria, aliás, tão pittoresco quanto humano. Mas creio que no caso

não foi nem uma nem outra coisa. Limitou-se a não ser.

Não reclamo, portanto, de fórma nenhuma, o "alto lá" de fiel sentinella do modernismo, que o sr. Buarque de Hollanda me endereça. Durma tranquillo, Themistocles que eu não me chamo senão prosaicamente, colonialmente, portuguezmente Tristão. Reclamo, apenas, se reclamar se chama esta ligeira e apressada "mise au point", como reclamam todos os caricaturados: em vão. Nem o sr. Buarque de Hollanda se convence do que lhe digo, nem eu lhe quero menos bem por deturpar inconscientemente tudo o que venho proclamando ha tantos annos.

Eu quero apenas o que não podemos deixar de ter — uma arte brasileira complexa, dilacerada, perturbada de auroras e crepusculos, lutando com deficiencias e superfluidades, sentindo em si os clamores de um mundo que morre e as agitações de uma terra que começa, absorvendo as extremas subtilezas de uma civilização extrema e patinhando nas mais vulgares grosserias de uma barbaria que se despede. O que eu não admitto é mutilações. O mutilado só póde ser heroico se é uma victima. E nós não somos victimas. A não ser da miseria irremediavel de ser homens incompletos. O que sempre é melhor do que ser indios. O que eu não aceito, senão no dia em que o sr. Oswald de Andrade fôr dictador literario desta Brasilandia, é que me queiram fazer de indio, é que me vistam de tanga e me arranquem as bombachas de hoje, que o sr. Buarque de Hollanda felizmente ainda não usa. O que eu não acceito é que me forcem a ser negro, se o não sou. Ou aryano, se o não ouso. E me impeçam de ser o que sou: uma alma cortada de extremos, uma perplexidade melancolica e impulsiva, uma contradição que procura ultrapassar-se, uma conjuncção de mensagens indecifraveis, uma poróroca de instinctos que se aniquillam com a vontade de

ser que se proclama, uma primitividade que se vence e um requinte que não se resigna a conformar-se.

E quanto á importação da Action Française, de Maritain, de Massis, etc., já disse o sufficiente quando ataquei o "Páo-Brasil". Vamos deixar de recriminações, meu caro Sergio. Você sabe tão bem quanto eu, os nomes, os grupos, as idéas, que poderei citar aqui, para mostrar os modelos directos, immediatos, do seu primitivismo, da sua liberdade, do seu sub-consciente. Não deixo de dizel-o por cumplicidade. Ou por camaradagem. Ou por medo de represalias. Mas apenas porque sei que você não precisa delles para pensar.

PARTE II

PARTE II

UM PRECURSOR

Ha cerca de dois annos, tomando uma tarde, por acaso, o phone de um apparelho de radio tive a mais estranha das sensações. Uma voz clara, ligeiramente metallica e nasal, mas precisa, modulada, quente, voz de convencer, voz de explicar, voz de mestre...

Que era aquella voz? De quem seriam aquelles sons familiares, que iam direito á memoria e á imaginação e despertavam, como um tiro numa lagôa quieta, todo um bando de passaros claros que dormiam?

Algum tempo fiquei assim, indeciso, presentindo sem poder alcançar o segredo daquella voz mysteriosa, que contava uma historia para crianças. E ouvi alguns minutos, encantado, commovido, sentindo no peito um coração de sete annos. A voz mysteriosa que o espaço trazia acordava tanta coisa, por que? E assim fui ouvindo... E bruscamente um nome saltou da sombra. O sub-consciente me devolveu o segredo daquellas modulações que por tantos annos os ouvidos tinham deixado de ouvir...

Era o meu velho professor João Kopke. Aquelle que representára, para mim, o primeiro contacto com as coisas da intelligencia. E com quem, ha tantos annos, a ingratidão involuntaria de uma vida atropelada me impedia de manter um contacto mais frequente. E durante algumas quintas-feiras, sem que elle o soubesse, senti a delicia de ter de novo sete annos.

Delicia de hoje, sim. Mas não de então. Uma das memorias mais vivas que me ficou da infancia (perdoe o leitor o odioso "eu", mas no momento em que desapparece para sempre um velho mestre, um amigo de longe mas de sempre, aquelle que representou em nossa vida o papel de revelador, o que ensinou a lêr, ou pelo menos o methodo de lêr, o que ensinou a ver as coisas do mundo, o que ensinou o começo de comprehendel-as, — no momento em que elle se vae, vae com elle um pouco de nós e o consolo é falar de si, recordar, reviver, despertar a criança que dorme). Dizia eu, que dessas memorias da infancia, uma das mais vivas que me ficou, foi uma idéa que innumeras vezes me preoccupava então e cuja insistencia naturalmente explica a nitidez da recordação. "Quando eu fôr grande", dizia-me eu tantas vezes, "uma das idéas que preciso contestar, é essa mania de se dizer sempre, que nós crianças, somos felizes. Os grandes esquecem que foram crianças e esquecem de pensar como crianças. E por isso têm saudades do passado. E vivem chorando a despreoccupação, a alegria de viver, a delicia de brincar ao ar livre, a gostosura de ter seis annos.

Tudo isso é mentira. Hei de fazer sempre um esforço de guardar bem presente o sentimento de infelicidade e de tristeza que tantas vezes tenho, para mais tarde poder dizer bem alto a mentira dos que querem julgar um sentimento de criança com a experiencia dos trinta annos".

Quantas e quantas vezes, sob quantos pretextos, voltava a idéa insistente a martellar-me o espirito. Os termos seriam outros. Palavras não haveria. Apenas a palavra interior, a conversa cá dentro, fluida, incompleta, dissolvida na corrente do pensamento, impregnada de imagens, palavra-estado de espirito, linguagem sem corpo, e por isso mesmo tanto mais nossa, mais profunda em nós, mais organica. Tudo isso era uma

verdade de então, sentida até a raiz; hoje é ainda uma verdade, embora necessitada de um esforço de evocação, de uma reposição interior, ao avesso do tempo, no estado de espirito de então, na experiencia em carne viva de então.

E é exacto. A criança é relativamente tão infeliz como o adulto, em circumstancias normaes. Apenas nenhum delles comprehende, porque não sente, o genero de infelicidade do outro. A capacidade de soffrer de uma criança está para as dores que a vida lhe causa, exactamente como a do adulto.

A relação é a mesma. Se a criança soffre menos em motivos de soffrer tem tambem uma capacidade menor de soffrer. E como julgamos da quantidade desses motivos de soffrer? Com a nossa experiencia de adultos, objectivamente mais exacta talvez, mas subjectivamente mais falsa.

A criança soffre por coisas que nos parecem ridiculas, porque não foi jantar fóra quando o irmão foi, porque não comeu sobremesa, porque quebrou a boneca, porque lhe mataram a franguinha preferida no gallinheiro, porque não ganhou o tostão do moço que o deu aos companheiros, por mil bobagens de que sorrimos superiormente.

Mas é um sorriso de incomprehensão. Uma criança que chora é tão infeliz, como um adulto que engole o choro. E as crianças choram a cada momento. E não apenas o choro artificial, a manha. Mas ainda, ahi, que sentimento de revolta, de humilhação, de irritação impotente, no coração de uma criança voluntariosa que a cada momento encontra obstaculos deante de si, de uma criança livre a quem fecham as janellas para o ar livre, de uma criança sensivel a quem qualquer indelicadeza magôa o coração.

Sim, mas a criança, se consola com qualquer coisa. É exacto, mas o proprio consolo rapido está na pro-

porção do soffrimento rapido. A criança consola-se depressa, porque depressa se desconsola. Ha mais raios de alegria nos olhos da criança, porque ha mais raios de tristeza. A vida, impiedosamente ou talvez piedosamente, vae supprimindo, vae polindo as arestas em nossa alma, vae diluindo a natureza e os homens e a sua actividade, numa corrente mais indistincta, mais lisa. Vamos perdendo o sabor das alegrias faceis, mas vanos tambem perdendo o temor dos soffrimentos terebrantes e bruscos. A criança é a criatura que vê sol e que vê sombra a cada momento. O deslumbramento de descobrir a vida é descobrir a variedade immensa do riso e da lagrima.

Nós outros vamos vivendo com menos risos, mas tambem com menos lagrimas.

Julgamo-nos mais infelizes, porque pensamos sentir morrer em nós a responsabilidade tenue de um consolo, de uma esperança. Ao passo que a criança se consola. Mas no momento de dôr, a desesperança da criança é maior do que o nosso desconsolo. Não temos alegrias tão bôas, mas tambem não temos ou só nos momentos realmente terriveis, o desespero tão sombrio. No momento de ser infeliz a criança o é mais irremediavelmente do que o adulto. Este, no fundo, guardou da vida a experiencia de que o tempo é um fluxo que traz o esquecimento, a resignação, a resurreição talvez ou a saudade apenas melancolica.

Para a criança não existe o tempo. E as aguas de balsamo com que elle se infiltra em todas as coisas da terra.

E por isso no momento da dôr, cessa tudo para a criança. Uma sombra de noite desce sobre o pequenino coração sem esperança. E o raio de luz que póde bruscamente illuminar essa noite fechada apenas equilibra, não destróe, o sentimento de desesperança inicial. A vida é mais monotona para nós. Mais tragica sem du-

vida, se a compararmos em absoluto com a vida da criança, com a nossa vida de criança. Mas para esta, a vida é mais dramatica. E em absoluto tão triste como a nossa, pois nem ao menos resta á criança a esperança de esquecer, o consolo do aniquilamento ou da resurreição.

Longe de mim o paradoxo de que a vida da criança seja uma oppressão continua. Bem ao contrario. Mas não pretendamos esquecer as suas tristezas pela irradiação das suas alegrias.

E a gratidão maior que guardo até hoje, desse velho mestre que desapparece, é que — sendo um professor, sendo o professor, a criatura terrivel, inimiga da infancia livre, dos instinctos que tomam vôo, das correrias á solta — tenho-o na memoria da infancia, não como o provocador desses momentos de sombra, que tanto me preoccupavam, mas justamente ligado aos momentos de desafogo, de descobrimento, de vôo inicial.

João Kopke foi, em muitas coisas, um precursor. Viveu muito em luta com o meio, porque andava tambem adeante do meio. Não falo em theoria. Falo por experiencia propria. E porque senti vivamente, em mim mesmo, o contraste que era o seu methodo de ensinar, o seu modo de comprehender o ensino e a criança, com o estado de espirito dominante ainda nos collegios de então.

João Kopke procurou sempre na criança o gosto da criança. Viveu com a infancia e inserido na alma infantil. Desde o seu methodo de aprender a ler, reagia contra o ensino triste, abstracto, mecanico das cartilhas e do b a-ba. Procurava sempre a curiosidade da criança. Tornava o ensino quanto possivel concreto, accessivel, interessante. Partindo sempre de dados visiveis. E repudiando quanto possivel o abstracto, a regra fria, o exercicio de memoria. Eu bem me lembro, por exemplo, que aprendi a escrever e a compor sem saber uma

simples regra de grammatica. E Kopke fazia questão de estimular a espontaneidade infantil. Sem saberem uma só regra grammatical, com a deliciosa ignorancia de Mr. Jourdain, os seus discipulos faziam composições que elle publicava numa pequena revista infantil que editava e de que ainda existem, em poucas mãos, alguns ultimos exemplares muito pittorescos. Lembro-me ainda de qualquer barbaridade que commetti contra Shakespeare e em que o chamava de "preclaro Shakespeare"...

Uma das partes mais interessantes, para dar outro exemplo de suas aulas, era sempre o que elle chamava "lição de coisas". Sem assumpto fixo, ao ar livre, caminhando pelo jardim, ao sabor do accaso, e dos encontros, passava de tudo nessas aulas. E era uma delicia. Uma flor, um passaro, uma noticia de jornal, uma palavra pronunciada, tudo era motivo para um passeio de intelligencia, uma pequena viagem de aventura que abria realmente horizontes, sem cansar, sem pesar, com a illusão do facil e do não ensinado mas apenas conversado. Foi ao menos a impressão que até hoje ficou. E era assim que o mestre se fazia um companheiro e que o véo das regras frias, dos mecanismos systematicos não tolhia a liberdade original das coisas, dos factos e das idéas.

Aliás, só fui comprehender realmente o que havia de novo, de reaccionario em seu methodo de ensino, quando passei de suas mãos para entrar no Gymnasio Nacional. Que contraste!

Ahi, sim, o ensino me appareceu em todo o seu horror de inquisição, de rigidez, de impersonalidade, de abstracção secca e distante. Ahi aprendi a sentir a veracidade do que muito mais tarde fui ler no "Atheneu", de Pompéa. Nem uma sombra de preoccupação pelo gosto de cada um, pelas inclinações do caracter, pela espontaneidade. Tudo em série, tudo em nomes,

tudo espesso e pesado e rigido e distante. O alumno substituira a criança. O mestre passara a ser o rival, o inimigo do discipulo. Foram-se as aulas alegres. Foram-se as "lições de coisas". Foram-se as composições sem grammatica. (Lembro-me que até o alphabeto por inteiro eu ignorava ao preparar-me, ao machinizar-me para a admissão ao Gymnasio). E agora chegava tudo o que havia de mumificado e de mecanico no ensino. O ensino que nos torna tantas vezes irreconciliados com os assumptos, como acontece quasi sempre com a mathematica.

Pois João Kopke representou em nosso ensino exactamente o contrario. E se hoje, especialmente no ensino primario, ha uma tendencia sensivel a reagir contra essa falsificação do ensino, no seu tempo foi um esforço admiravel o que elle realizou.

E é preciso realmente que a sua semente não seja perdida. Aquella preoccupação constante de seu apostolado didactico, no sentido de respeitar o caracter individual, de arejar o ensino, de abrir os horizontes da curiosidade e do gosto, não deve ser esquecida. Especialmente agora, neste momento de transição interrogativa, em que vem á tona uma tendencia cada vez maior para esquecer esse respeito ao individuo, para abolir o humano, o differenciado, o variavel de criatura a criatura, em beneficio de uma systematização deshumana que alguns pretendem ser a regeneração do homem.

João Kopke nunca o permittiu. E o respeito á differenciação individual foi sempre o ponto inicial dos seus programmas de ensino. Sabia ir á criança. Não esperava que ella se alçasse até elle ou que se adaptasse ao programma rigido e impessoal.

E hoje revive nas obras que deixou. E sobretudo nas intelligencias que abriu. Nenhum dos que passaram por suas mãos o esqueceu. Era de vêr, em torno dos seus restos mortaes a profunda saudade e a emoção dos

seus discipulos, que nem as oratorias antidiluvianas conseguiam dissipar.

Cada um de nós pense no numero de mestres que passaram por nossa infancia. No numero de sombras que mal conseguimos divisar. No numero de esquecimentos por que se contam essas sombras. Quando não, de irritações. Mas essa velha figura, veneravel e ao mesmo tempo intima, essa não passará, porque soube despertar em cada um de nós a gratidão da intelligencia que não amassou arbitrariamente como um oleiro sem alma, mas que procurou sempre deixar desabrochar como o jardineiro a um botão.

Morreu pensando nas crianças. Ha dias fui vêl-o. E elle bem sentiu que era a ultima vez. Envolvia-me em um olhar de vinte e cinco annos atraz. Um olhar que era um abraço e uma longa tristeza. "Como custa a desprender-se a alma, disto", dizia. E falou no que foi a sua ultima tentativa pelas crianças, o seu ultimo esforço desinteressado, idealista, cheio de amor pela infancia e pela intelligencia das crianças: o theatro infantil. Bateu-se por elle, escreveu peças, offereceu a contribuição de suas posses, do seu esforço e de sua experiencia. Sobretudo da sua fé, do seu amor. Não teve esse ultimo consolo. Mas ficará a sua tentativa como o esforço de um precursor, desse admiravel precursor que foi, entre nós, em todas as coisas do ensino.

E poude pensar, morrendo, que viveu bem. Que pagou, com prodigalidade, a sua divida de vida. E que reviverá nas gerações que passaram por suas mãos, e que devem ao seu ensino, á sua maravilhosa intuição e intelligencia da alma infantil, o sentimento inesquecivel da rehabilitação do mestre, — e a recordação, sempre presente, de um bom genio familiar que sabia revelar o conhecimento das coisas com claridade e alegria.

LITERATURA INFANTIL

Já é hoje possivel falar de literatura infantil, em duas accepções: a literatura para crianças e a literatura de crianças. Ha ainda, é certo, outro ponto de vista, que é a literatura sobre crianças; mas a esta não se póde chamar propriamente de literatura infantil.

Não vou, por hoje, occupar-me inteiramente da literatura infantil em si, campo extenso e cheio de interesse, de riquezas a extrahir-se, onde nós, adultos, temos muito a aprender e desfrutar, e que me reservo para estudar futuramente, mais de perto.

Desejo apenas mostrar, agora, que a melhor literatura para crianças talvez seja justamente essa tão desdenhada literatura de crianças. Que as proprias crianças escrevam para as crianças.

Bem sei da contradicção profunda, humana, de todas as edades, que faz os adultos inclinados, com inveja, sobre a infancia, e esta suspirando pela maturidade. Todos, dos seis aos sessenta, vivemos imaginando os meios possiveis de enganar o tempo. Nem sempre em vão.

Dahi o interesse frequente das crianças em ler a literatura de adultos, e o nosso, — cada vez mais ansioso, sobretudo nas épocas de esgotamento das convenções, de renovação como hoje em dia, — em conhecer a arte infantil.

Mas isso não importa, nem altera a deficiencia fundamental, especialmente entre nós, do que se publica justamente para as crianças.

Essa literatura para a infancia vive entre nós maculada por dois defeitos antagonicos.

Ou é feita, em geral, por professores e vem impregnada de pedagogismo. Deformada em seu interesse e naturalidade pela preoccupação de instruir e moralizar. E temos assim a serie desses livros mornos, insipidos, em que as crianças cabeceiam e parecem feitos para lhes inspirar o horror á leitura.

Ou é feita por amadores, ou peor, por profissionaes da fantasia de mascate, e caem sempre no grosseiro, no máo gosto, na vulgaridade barata. Pedagogismo e mercantilismo.

O mal vem de se desconhecer a dissociação das idades. É querer falar ás crianças com uma alma de adulto. Sobretudo com a nossa alma de hoje, cuja salvação só póde estar justamente na resurreição, em nós, do que ha de unico e supremo na alma infantil. Só a criança póde salvar o homem do nosso seculo. E devemos, por isso, defender, quanto possivel, o que ha de infancia na infancia. Deixar que só lentamente opere o tempo. E não deformar desde cedo esse milagre que nos salva um pouco.

E ahi o mal da literatura para crianças sem a necessaria espontaneidade infantil. Ha momentos da infancia realmente em todas as idades, aquelles em que todo o nosso ser se recolloca no espirito da infancia. E não apenas o sentimento, a nostalgia ou o desejo. E o pouco que ha de bom na literatura para crianças é o que é feito nesses momentos felizes de reinfantilidade. Mas são fugazes e mal dão tempo de deixar realizada a obra entrevista. Dahi a discordancia frequente entre themas acceitaveis e estylos desproporcionados.

Além disso, o simples facto de se tratar de momentos excepcionaes, ou de uma disposição muito particular e muito rara, mostra que o adulto autor de literatura infantil tem sempre de se collocar á altura de seus leitores, Tem de pensar constantemente nelles. Defender-se a cada momento de sua propria edade, de suas proprias idéas, de seu modo de ser adulto, e não criança. Isto crêa seguramente um ambiente de contenção artificial, contrario á espontaneidade creadora.

O louvor a uma obra de arte é sempre dizer que foi feita de dentro para fóra. Por necessidade. Sem a preoccupação do espectador.

O artista que vive pensando no effeito a produzir é sempre um artista menor. A primeira qualidade de um verdadeiro artista é trabalhar, primeiramente, para si.

Logo, o autor da literatura para crianças é quasi sempre... um autor de literatura para crianças. Isto é, um agenciador de coisas estranhas. Um technico, um manipulador de fantasias infantilizantes. Nada mais.

Não digo que deixem sempre de interessar ás crianças. As crianças se interessam por tudo. Basta que a coisa não seja laudelinicamente cacete ou osoricamente chata e pesada, para que as crianças acceitem. Sobretudo em falta de melhor.

Mas nada enche o fosso, nada reabre de todo as portas que a vida vae fechando atraz de nós.

A psychologia infantil não é uma psychologia normal em ponto pequeno. É outra coisa. Ha uma differença de qualidade entre ellas. E o proprio facto de *conhecermos* a psychologia, o mundo da infancia, melhor do que ella mesma, é só por si um motivo para nos separar da criança. A criança ignora. Portanto, a sua ignorancia faz parte do seu mundo. É um elemento organico delle. E o erro de muitos autores de literatura infantil, como de professores, etc., é justamente julga-

rem que o facto de conhecermos melhor o seu mundo interior nos permitta penetrar melhor nesse mundo.

É uma das illusões do nosso sorridente e categorico racionalismo. Illusão falsa, pedante e errada. O simples facto do conhecimento altera radicalmente o nosso modo de ver, de fórma que a literatura infantil dos que se presumem conhecer a alma infantil e escrevem assim *lucidamente* para ella, é uma literatura falseada, em seu espirito, por essa propria lucidez.

Basta pensar na logica dos raciocinios e dos acontecimentos de uma historia. Quasi toda a literatura infantil, por mais que se estenda em aventuras fantasticas, fica presa a uma logica de exposição, que faz parte do seu modo *adulto* de entender as relações das coisas. E não basta, para evitar o escolho, fazer o opposto, como modernamente: supprimir a logica. Seria simples demais. E a psychologia da criança demonstra justamente uma logica indecisa, nebulosa, que oscilla e vagueia, mas porque não póde ser de outra fórma. Porque ainda não se concentrou nem se precisou e voga ao sabor das descobertas do mundo e da evolução interior. É, portanto, uma logica propria, especial, que só artificialmente nós podemos reproduzir.

Strümpell, na sua "Psychologische Pedagogik" transcreveu o dialogo de uma filha sua de 1 anno e 9 mezes, com uma boneca, em que se vê claramente a ondulação natural e descontinua do pensamento infantil: — "Deitar na cama, Theoduja — trazer uma flor dourada Theoduja — Correr tap, tap, tap, em volta de Lina — Morangos, mamãe, o lobo — deitar na cama — Dorme Theoduja do coração, você é minha queridinha, tudo dorme muito socegado, su su — Maio querido faz as arvores verdes outra vez, deixa — Perto do regato crescem violetas — Como eu queria ir passear — Entra um gato, mamãe vae pegar elle, o gato tem pés e botinas pretas — Uma capinha curta, uma fita,

collocar, assim — Papae correu — Céo — Muito longe — Mamãe muito longe — Papae está chamando — Boneca não deve — Mamãe vae lá — Assim — Assim levou uma grande palmada — Levada — Dorme socegadinha, minha filha obediente — Correr lá fóra — Buscar coisas bonitas — Correr, cair, Klabautzi".

Acho esse dialogo delicioso como literatura infantil.

E como admiravelmente expressivo da alma vaga, que passeia a sua maravilhosa fantasia, com muito mais aventura que todas as aventuras que nós poderemos inventar.

Naturalmente, a logica infantil vae se precisando, se crystalizando com a idade. A noção de realidade e de fantasia, a scisão entre os dois mundos perde aquelle caracter de absoluta fluidez inicial para se distribuir em associações menos vagas, embora conservando sempre aquelle caracter de equivalencia, que é um signal fundamental da alma infantil e que raramente os autores de literatura para crianças aproveitam como devem. Pois são subtilissimas as relações entre os dois mundos na alma infantil. Não é a simples fantasia, equivalente á realidade, não, nem o simples interesse pela fantasia bem fantastica, pelo maior ou menor animismo. É uma interpretação, entre mystica, fabulosa e comica, cujas leis a psychologia infantil, apesar de toda a sua prosapia, desconhece tanto como a propria criança... E que nós todos sentimos—mas sem poder definir precisamente como se opera essa maravilhosa transfusão de mundos.

O facto é que as relações logicas se concentram lentamente, mas em um mundo diverso. O que era simples ondulação vaga de impressões, evocadas por associações mais ou menos arbitrarias, passa a ter uma concatenação propria, mas de caracter diverso da nossa logica.

Póde-se dizer que a infancia tem uma logica que a logica desconhece. E não é possivel penetrar na alma infantil, ou, pelo menos, tocar profundamente essa alma, sem viver no ambiente dessa logica infantil.

Mas não é apenas a logica, as operações mentaes interiores do raciocinio infantil, que possuem o seu criterio proprio. Todo o mundo das sensações, do contacto com o mundo exterior, é diverso nas crianças. E sujeito aliás a transformações radicaes com a differença de idade.

O mundo exterior infantil é para nós um mundo deformado e insufficiente. Ao qual se póde, sem duvida, voltar, mas por um requinte de gosto, um cansaço da convenção e do recebido.

A criança vê um mundo diverso do nosso. Como os passaros. Ha tempos, vindo num omnibus pela praia de Botafogo, passou por nós, muito mais rapido que o auto, voando baixo, um bando enorme de passaros (pardaes, provavelmente), que iam atravessando a toda velocidade aquellas immensas copas das accacias, sem que um só delles tocasse em galho algum e cahisse ao sólo. Um assombro de orientação. O mundo visto por esses passaros é uma coisa inteiramente diversa do nosso mundo.

E assim o das crianças. Basta ver a imagem que ellas nos dão desse mundo, como reproducção perfeita da realidade. E não é uma simples questão de temperamento, como entre nós, adultos.

Conta o pintor Luiz Richter em um volume de "Memorias", que, achando-se uma vez em Tivoli, com tres amigos, resolveram pintar a paizagem com a preoccupação exclusiva de reproduzirem o mais objectivamente possivel a realidade. E o resultado foi quatro quadros "totalmente distinctos".

Isto é o elemento batidissimo da visão pessoal etc., etc.

Mas na criança não é apenas isso. A criança pouco se incommoda com a visão pessoal. Pouco liga á sua personalidade artistica. Nunca se considera um artista. O que quer é exprimir, traçar o que vê ou antes o que imagina. Não copia. Não imita nunca. Exprime com segurança a imagem que imagina. Mas sem a preoccupação de *imaginar e sim de reproduzir* a realidade. E essa imagem é sempre uma recomposição de caracter proprio, que nós nos habituamos a olhar com desdem, mas que é para a criança a expressão exacta do representado. A criança não se prende ás linhas exactas do objecto, como o fará mais tarde, antes de chegar a comprehender a palavra de Cocteau, de que "a photographia libertou a pintura". A sua preoccupação é dar uma imagem completa do que pensa ser o objecto. E dos seus elementos salientes, essenciaes.

Corrado Ricci, que foi dos primeiros a se interessar por desenhos infantis, pois em 1883 começou a recolher materiaes para o seu livro, muito deficiente, mas interessante "L'arte dei bambini", mostra bem nas reproduções dos desenhos que recolheu nas escolas publicas italianas, essa independencia absoluta do modelo e esse desejo de representação total que os desenhos infantis revelam.

Mais tarde, estudos muito mais completos e detalhados, especialmente as pesquizas experimentaes de Charles Barnes, de Sophia Partridge, de Lamprecht e de Levinstein, levaram a resultados muito mais precisos e interessantes, sobre os quaes infelizmente não tenho tempo de me demorar.

Basta mencionar que o mesmo caracter de dissociação descrescente, com a idade, é o que se deprehende das collecções reproduzidas.

A logica particular das crianças determina tambem o jogo de expressão particular de suas sensações. "A criança desenha mais com a intelligencia do que com

os olhos", já observou Lange, com razão. E esses desenhos partem sempre de uma concepção toda descontinua e synoptica da realidade, que devemos estudar antes de procurar attingir o gosto e o interesse das crianças.

Não é, portanto, nas crianças, uma questão de personalidade, de temperamento individual, como entre os adultos, que marca o estylo tão original que apresentam as obras infantis.

É mais uma questão organica. É a idade. É o desenvolvimento humano relativo. É o que ha de irreductivel na infancia E que fórma portanto, o estylo infantil, variando de idade a idade, mas sempre, numa mesma idade, com uma média de affinidade e semelhança que mostra o que ha de generico e de especifico no mundo das concepções e das expressões da infancia e da primeira adolescencia.

Sendo assim, todos aquelles que pretendem crear uma literatura e uma arte para crianças deviam começar por comprehender o mundo, visto de dentro da infancia. É isto o que vemos? Não parece.

Tanto a literatura como a arte infantis revelam, entre nós — na grande maioria de suas manifestações, e mesmo entre as coisas melhores que têm sido criadas, mais embebidas de sympathia infantil — revelam geralmente uma infantilidade toda convencional, uma falta de penetração profunda no mundo infantil.

Considera-se, como disse, o mundo das crianças como uma simples reducção do nosso; a sua concepção das coisas como uma mera simplificação da nossa. Quando, como vimos, o que ha é uma differença de qualidade e não de tamanho.

O que ha, é justamente a falta de espirito infantil. Escreve-se para crianças como se fossem pequenos adultos. Escreve-se sobre themas infantis; por vezes, mais raramente, em estylo infantil, mas com espirito

adulto, com uma concepção adulta do mundo exterior e de nós mesmos. Os melhores escrevem com um conhecimento excessivo da alma infantil, por mais paradoxal que isso pareça. Escrevem sem indecisão, sem essa aura de mysterio que é toda a infancia. Escrevem, sobretudo, esses melhores, sem imperfeição. São victimas das proprias qualidades. Sabendo demais o que devem fazer, conhecendo os caminhos da alma infantil muito melhor do que as proprias crianças, parecem ir muito fundo por esses caminhos secretos. Mas por isso mesmo, ficam sempre de cima e de longe. Pelo proprio facto de sua superioridade.

Eu não nego, portanto, que seja possivel uma literatura infantil de excellente qualidade, feita por adultos. E que interesse, que apaixone as crianças, quando possuindo as qualidades necessarias para isso. Aqui mesmo entre nós, já se tem feito alguma coisa nesse sentido e as historias do "Narizinho arrebitado", do sr. Monteiro Lobato, são uma boa demonstração do conceito.

O que eu penso, porém, é que existe um grande terreno pouco explorado e que fornece a meu ver, uma das melhores soluções ao problema.

Quero referir-me a uma literatura infantil, não mais feita *para* crianças, mas por crianças.

Desde que o mundo infantil é um mundo de qualidade diversa da do nosso; desde que a criança vê as coisas, comprehende os factos, reflecte as fórmas, interpreta os actos de maneira diversa do que nós fazemos, nada mais natural do que procurar, entre as proprias crianças, o que deve mais interessar ás crianças.

Eu bem sei que o mundo das crianças é o mais mimetista dos mundos. Que elle não vive nem póde viver fechado ao nosso mundo. Que a acção da educação é justamente encaminhar, por certos caminhos me-

lhores (ou que julgamos melhores), a transformação incessante a que está sujeita a alma infantil.

Eu bem sei tudo isso. Mas nada impede que o infantil attraia o infantil. Que as crianças normaes só se sintam bem entre crianças. Que nós deformemos muitas vezes a espontaneidade da alma das crianças por uma acção excessiva, ou pouco intelligente sobre ellas. E que o espirito e o mundo da infancia sejam genericamente diversos do nosso.

Por isso mesmo, nada de mais natural que a verdadeira arte para crianças seja a arte das crianças. Isso é que póde realmente tocar o coração infantil. Porque provém do mesmo mundo em que a criança vive. Trae, em cada pequeno detalhe, uma concepção imperfeita, deformada, ephemera, grotesca da vida, que é por natureza a concepção infantil do mundo. Vem impregnada de espontaneidade, de toda a riqueza sem polimento da alma em esboço.

Tudo o que fazemos para as crianças é um esforço artificial de vencermos a nossa natureza de adultos para chegar ao seu mundo elementar. Mas o que as crianças façam para as outras crianças ou antes, para si mesmas, pois a criança escreve ou desenha sempre para seu prazer acima de tudo, tudo isso virá de uma fonte pura e sem deformação. Nada será tão perfeito como as suas proprias imperfeições.

Karl Groos, gravissimo professor de philosophia em Tubingen, conhecido por seus estudos sobre o jogo nas crianças e nos adultos, mostrou por exemplo que as crianças não têm absolutamente a mesma concepção de proporções de tamanho que nós. E conta a respeito, em seu livro "Das Seelenleben des Kindes", a seguinte historieta improvisada por sua filha de 5 annos e meio, que me parece muito saborosa em seu desageitamento e superior a muita "historia para criança", com todos os requisitos do genero. Eis a historieta (pagina 147):

"Era uma vez um rei que tinha uma filhinha. A filhinha descansava no berço. Elle entrou e reconheceu que era sua filha. E com isso se casaram. Quando estavam sentados á mesa, disse o rei para ella: faz favor de me passar cerveja num copo grande. Então ella pegou num copo que tinha 30 metros de altura. Depois, foram dormir. E só o rei ficou como guarda. E se ainda não morreram é que hoje ainda estão vivos".

É provavel que nenhum autor de historias infantis escrevesse uma historia egual a essa. Haveria de achar a coisa simples de mais. Ou de mais grotesca. Ou sem geito. Sem pé nem cabeça, com aquelle copo de 30 metros, apparecendo sem mais nem menos, e uma criancinha de berço se casando com um rei que além disso era seu pai. Tudo isso é uma confusão tremenda. É imperfeito, sem ordem, sem medida. Mas é por isso mesmo, saborosamente infantil. Imprevisto. Esboçado. Desproporcionado. Fantastico e terra a terra. Todo esse mundo das crianças que presentimos de fóra. Ou de que nos recordamos vagamente, dentro de nós, no passado ainda presente em nós.

Mas, falta imaginação ás crianças? Falta? Penso que a têm de mais. Terão menos riqueza de invenção, sem duvida. Nem será qualquer criança que possa escrever para crianças. Como não é todo adulto que escreve para adultos. E inda menos para crianças.

Mas ha justamente nas crianças uma qualidade particular de imaginação que não se encontra no adulto. É a sua penetração em todo o mundo infantil. A imaginação na infancia embebe todo o espirito. Penetra todas as suas manifestações, de modo que a fantasia talvez seja menos abundante do que no adulto, mas é de uma especie que falta a este pela sua ubiquidade.

Além disso, é um erro julgar da inaptidão infantil, quando a julgamos com referencia ás nossas faculdades. A criança attinge a planos que nós não consegui-

mos alcançar. E o nosso desenvolvimento é pago com o abandono de muitas capacidades. Por isso mesmo é que Léon Daudet tem toda a razão ao affirmar, no segundo dos seus tres livros philosophicos "L'Hérédo", "Le monde des images" e "Le Rêve Eveillé", em que traça o esboço de uma concepção muito original do nosso mundo interior, que: — "il n'est personne de plus sage, de plus raisonné, de plus perspicace que l'enfant entre cinq et dix ans. Cet age est un des principaux moments de l'être humain" .

Iremos então deixar passar esse momento capital e irreversivel do nosso ser, sem delle procurar extrahir o que póde fornecer? E a arte, a arte que é a fórma perfeita do brinquedo, isto é, da actividade fundamental da criança, vamos deixar que essa arte seja alterada pela educação e pela imitação, que perca para sempre a sua frescura e a sua expressão espontanea, sem guardar o que della podemos conservar, como insubstituivel?

Em geral, só se presta attenção ás obras infantis, quando são obras de crianças prodigios. Isto é — quando justamente não são obras infantis. Quando o que se deve procurar não é o que ha de adulto, e portanto de falso, na criança, mas o que tiver de bem criança, portanto de espontaneo. A propria imitação do adulto, que é tão commum na criança, tem um caracter infantil inconfundivel.

Iniciando observações nesse sentido, afim de possivelmente publicar um livro de crianças para crianças (e para adultos tambem, pois temos tudo a ganhar nessa rehabilitação da infancia, em arte) recolhi varias historias de que escolho tres para reproduzir aqui. São historias inventadas e escriptas por uma menina de 7 annos, bem infantil, sem nenhuma precocidade excepcional, e naturalmente sem a menor intervenção estranha, nem alteração de estylo, e que me parecem mos-

trar bem vivamente o que se deve conservar das crianças para crear uma verdadeira literatura infantil de ficção, independente da nossa.

A primeira é uma historia levemente ironica, como é frequente entre crianças e que mostra além disso essa relação entre homens e animaes, tão natural ás crianças.

QUEM TEVE RAZÃO

Era uma vez uma moça que tinha um cachorrinho chamado Pip, que gostava muito della. Um dia a moça sahiu e deixou Pip em casa. O cachorro foi lá dentro, visitou todos os quartos, um por um, e quando chegou num, ficou espantado do que viu. Um quarto cheio de perolas, diamantes e joias preciosas.

Neste instante entrou a moça, disse que tinha se esquecido de dizer a elle que não fosse naquelle quarto e zangou com o cachorro. Pip latiu muito, como quem diz: — "Você não me disse, como é que eu ia adivinhar?"

A moça ficou parada algum tempo e depois disse: — "Tu tens razão, Pip".

Limitei-me a alterar a orthographia, que os amigos da côr local se quizerem poderão conservar, em publicações dessa especie, mas que me parece desaconselhavel, pois é uma simples pitoresco secundario, quando o que se procura é coisa mais funda, de ficar.

A historia me parece admiravelmente infantil. Para os que souberem comprehender o que se deve procurar de verdade e de naturalidade na literatura infantil. Não para os fabricantes de historias infantis a tanto por linha.

Para mostrar como o proprio moralismo póde receber nas historias verdadeiramente de crianças, um

sabor todo particular e nada convencional, vou transcrever a segunda das historias mencionadas que sua autorazinha entitulou

A MOÇA MÁ

"Era uma vez uma moça que nunca sahia sem primeiro tomar banho. Lava-se, botava "rouge" nos beiços, pó de arroz e outras coisas. Muito vaidosa, e quando sahia, sempre que encontrava alguma pessoa suja, ia se affastando porque pensava que ia sujar ella. Mas não sujava.

Um dia ella sahiu e encontrou uma velhinha que pediu a ella uma esmola. A moça que era muito má, não deu nada para a velhinha e seguiu o seu caminho.

Quando chegou em casa, á hora do almoço, em vez de encontrar almoço encontrou a casa cheia de ratos e ella ficou com tanto medo que fugiu".

A terceira das historias que separei para transcrever tem um certo sabor comico, o que é uma attitude bem infantil tambem.

O HOMEM ENGANADO

"Era uma vez um homem, que todos os dias pedia batata frita á mulher. A mulher fazia tudo para ver se elle queria outra coisa. Mas não houve meios. Ella perguntava se queria bifes, perguntava se queria arroz. Mas elle não quiz nada: só batata frita ou das outras.

Um dia, a mulher teve uma idéa. Arranjou umas aboboras e pintou as aboboras de amarello. Depois fritou as aboboras e botou na mesa. Quando elle voltou, pensou que eram batatas e comeu".

Essas tres historias como disse, são obra de uma criança de intelligencia viva mas sem nenhuma precocidade excepcional e portanto bem representativa da mentalidade infantil aos 6 e 7 annos.

Ha nellas uma imperfeição de traço, uma "gaucherie" de estylo, uma exiguidade de materia que revelam bem a sua origem. Mas nota-se tambem o pitoresco sem rebuscado, a concisão de termos, sem amplificações nem ornatos, uma certa ironia sem segunda intenção, uma concepção que passa do fantastico ao grotesco, sem se preoccupar com o effeito. Emfim, uma obra que trae a "verdade", a sinceridade absoluta de sua origem. E sobretudo uma ingenuidade natural. Sem esforço. Com as deformações que a propria edade possue e communica.

Não vemos nellas essa simplicidade sabia que em geral se encontra nas historias "para" crianças. Nem a riqueza de fantasia, de que ellas aliás são avidas nas historias dos adultos.

O que ha é uma simplicidade desageitada, complexa, despreoccupada. Uma fantasia sem rasgos de eloquencia, mas embebendo toda a realidade. Ou então o grotesco do quotidiano. E a punição convicta da maldade.

Tudo isso impregnado de reflexos do nosso mundo de adultos, o que é o mais naturalmente infantil dos caracteres. Mas sem artificio algum. Por necessidade. Para a exclusiva satisfação expressiva da autora e de seus ouvintes da mesma edade.

Nada impede aliás que uma criança de mais imaginação, de maior talento creador, faça coisas ainda muito melhores. Isso já é uma questão de selecção, que tem fatalmente de se fazer com o tempo. Bem como a illustração das historias pelas proprias crianças, de fórma a reunir as duas fórmas expressivas, completando uma pela outra.

Essa é, a meu ver, a melhor solução para a literatura infantil. Que aliás não impedirá as outras fórmas dessa literatura, as boas historias de adultos para crianças e sobretudo as incomparaveis historias populares e tradicionaes que vêm justamente do espirito infantil do povo e da raça.

O que ha é um grande terreno a explorar, até agora pouco explorado e que permitte uma transformação consideravel na literatura infantil, no sentido do interesse, da espontaneidade e da verdade.

Só no dia em que houver boas historias de crianças para crianças é que se poderá falar da existencia e uma literatura infantil.

As crianças são além disso os verdadeiros *primitivos*, sem artificio nem anarchronismo, de nossa arte moderna e futura. Saibamos vêr na infancia uma lição.

PRIMEIROS PASSOS

Quando o Brasil começou a ser colonizado, no seculo XVI, via a Peninsula Iberica, ao mesmo tempo, em seu solo, o occaso dos Judeus e a aurora dos Jesuitas.

Os primeiros, depois de terem concentrado em suas mãos um formidavel poder economico, refluiam sob a acção de leis severissimas, procurando outras pousadas mais tranquillas para a sua actividade.

Os jesuitas, que vinham renovar o espirito da Egreja e preparal-o para a luta terrivel contra o novo espirito dos tempos, procuravam tambem affastar-se da Peninsula, mas por motivos oppostos. Não procuravam regiões mais tranquillas, mas ao contrario sitios mais atormentados, onde pudessem applicar o assombroso espirito de sacrificio e a fé ardente de que vinham embebidos.

Coincidiu esse movimento com a revelação dos novos horizontes immensos que as navegações traziam aos homens europeos. O mundo se alargava inesperadamente de tal fórma que as imaginações deliravam. E as novas terras do Poente surgiam milagrosamente para dar vasão, na Peninsula, a essa dupla necessidade de expansão, no dominio material e espiritual.

Foram consideraveis as levas de judeos e christãos novos, a começar por Thomé de Souza, que no seculo XVI se dirigiam ao Brasil, e aqui tomaram conta

ou pelo menos concorreram consideravelmente para a creação do industria do açucar, que era então a base economica da Colonia. Basta dizer segundo Sombart que no inicio do seculo XVII todas as grandes plantações de açucar estavam em mãos de judeus e só depois de reconquista aos hollandezes, quando em 1654 veiu o decreto de expulsão de judeus, é que os grandes plantadores de açucar, fugindo aos seus dominios brasileiros, foram colonizar as ilhas do Archispelago das Indias Occidentaes e as costas adjacentes. Basta dizer que só para a Martinica o judeu portuguez Benjamin da Costa, levou do Brasil, 900 companheiros de crença e 1.100 escravos, fundando lá o nucleo da industria açucareira! Tal foi o poder e a expansão que tomaram mesmo depois do decreto de 1654, que Handelmann informa, não sei se com base segura que "nos começos do seculo XVIII, como muito dos maiores negociantes do Rio de Janeiro cairam em mãos da Inquisição, cessou o trabalho em tantas plantações, que a producção e o commercio da provincia da Bahia só depois de muito tempo puderam restabelecer-se desse golpe".

Enquanto os judeus, portanto, aproavam para a America com os olhos nos bens da terra — se bem que essa importancia consideravel dos judeus na cultura do açucar, e portanto na vida economica inicial da colonia que Sombart tanto encarece, seja trazido a proporção muito menor hoje em dia, como se vê das ultimas pesquizas de Lucio de Azevedo, em sua obra "Epocas de Portugal Economico" — os Jesuitas transportavam-se para o commercio espiritual, para a riqueza da christandade, para saciar uma séde infinita de fé e de dedicação individual.

Espalharam-se por toda a America, do S. Lourenço ao Prata, por toda a parte fecundaram a terra com a força espiritual, a tenacidade, o genio psychologico e a solida base scientifica que em geral distingui-

ram os padres da Companhia, e que muito provavelmente não concorreram pouco para a guerra de morte que desde antes de nascer o Ordem lhes foi movida.

No Brasil, a luta se abriu desde logo entre os interesses contradictorios dos colonos, que só visavam o proprio interesse e dos padres, que tinham em mira um bem moral inédito. Inédito, sim, pois era a primeira vez que se tentava propriamente trazer povos primitivos, povos vivendo á lei da natureza, á ordem social e moral do christianismo. O espirito dominante era favoravel á escravidão, como herança, economica e moral, recebida da antiguidade. É curioso como certos principios moraes que nos parecem indiscutiveis, e que estão já embebidos em nosso ser, puderam em certa época ser estranhos aos homens mais eminentes, ás civilizações mais superiores. Assim acontece, por exemplo, com as inversões de amor, de que Chesterton tirou um argumento contra a moral puramente racionalista do mundo antigo, desapoiada desse elemento exterior, de fóra para dentro, sobrenatural, com que o christianismo renovou o fundamento moral dos povos occidentaes.

Assim acontece tambem com a escravidão. A antiguidade classica a reconheceu como elemento normal de organização social, como já o fizera ha seculos a India, onde os Sudras formavam uma casta de servos, distincta dos trabalhadores livres, que se distribuiam por corporações, como na Idade Média, cujas leis tinham de ser respeitadas pelo proprio rei, como informa o famoso livro de Kautilya ou de sua escola sobre a politica hindú, (escripto no seculo III A. D.), como já as leis de Manú consignavam, e que vieram corresponder aos Hilotas de Sparta ou aos Mnoitas de Creta. E da mesma fórma que a legislação do sabio Lycurgo consagrava a escravidão, aceitava-a tambem o ensinamento do Philosopho. E seguindo o pensamento de Aristoteles ainda São Thomas considerava a escravidão co-

mo *naturale per consequens*, fazendo a distincção capital entre as classes, naquelle profundo tratado de politica, que dedicou ao rei de Chyppre, escrevendo: "Livre é aquelle que vive com a plena disposição de si proprio; escravo, ao contrario, aquelle que, com tudo o que é, pertence a outra pessoa".

Passando o tempo, porém, e trazendo os seculos XV e XVI a revelação de novos mundos e de uma immensa massa de populações estranhas e primitivas, viu a Egreja, na sua missão universalizadora, como os novos tempos exigiam novos deveres, e enquanto as legislações civis ou os costumes ainda aceitavam plenamente a servidão dos novos homens encontrados em continentes estranhos, começava ella a sua tarefa humana, declarando Paulo III, em 1537 (depois de publicada a obra de Las Casas), na bulla *Veritas Ipsa:* — "que os ditos Indios e todas as mais gentes que daqui em deante vierem á noticia dos Christãos, ainda que estejam fóra da Fé de Christo não estão privados nem devem sel-o de sua liberdade, nem do dominio de seus bens e não devem ser reduzidos a servidão".

E dahi começaram em toda a America as lutas entre a colonização economica e a colonização moral, que especialmente no Brasil e no Canadá se acirraram ao extremo, só conseguindo os Jesuitas realizar no Paraguay a sua grande obra politica e moral, nesse imperio Theocratico, que como dizia Eduardo Prado, — "desde Montesquieu até Augusto Comte tem recebido a admiração de todos os genios e insultos de todos os ignorantes".

E se a obra delles, por assim dizer, só mediatamente se realizou, no Brasil, não lhes coube a culpa, como hoje pensam os historiadores mais fidedignos e insuspeitos, daqui e de fóra, como por exemplo Capistrano de Abreu *(Capitulos de Historia Colonial,* paginas 166 e segs.), ou H. Boehmer *(Die Jesuiten,* pags.

9, e segs.), cujo esboço historico recente (1921), é escripto com imparcialidade mas num espirito nitidamente anti-jesuitico.

Aliás, se todos os nossos historiadores são hoje unanimes, por assim dizer, em reconhecer aos jesuitas o alto papel colonizador que as paixões ecclesiasticas, politicas ou economicas lhes queriam negar, ainda está por fazer o estudo systematico de sua obra. E no entanto como affirma o mesmo Capistrano de Abreu, sem duvida o mais profundo dos nossos historiadores, — "uma historia dos Jesuitas é obra urgente; enquanto não a possuirmos será presunçoso quem quizer escrever a do Brasil".

Nesse entretempo, enquanto não vem a grande obra de conjuncto, vamos enriquecendo o nosso patrimonio historico com contribuições esparsas e preciosas como esta que acaba de vir a lume.

Fernão Cardim — *Tratados da Terra e Gente do Brasil* — ed. J. Leite & C. — Rio — 1925.

É um livro que já agora não póde faltar em toda bibliotheca, onde haja ao menos um esboço de brasiliana.

Apparece ainda como effeito do benemerito programma de reedição de "classicos brasileiros", literarios e historicos, com que o sr. Afranio Peixoto marcou a sua passagem pela presidencia da Academia.

Neste volume foram reunidas as tres obras principaes do pittoresco e observador jesuita do seculo XVI; aquella em que descreve a Terra do novo imperio transatlantico que Cabral pouco antes revelara; a outra em que descreve o Homem desse continente novo, o aborigene sobre o qual vinham elle Cardim e seus companheiros exercer a sua catechese de cultura christã;

e, finalmente, a Narrativa Epistolar, em que descreve a Colonia, isto é, a primeira transformação da terra e do homem americanos em contacto com a gente européa. A Terra, o Homem e a Colonia são os themas deste tryptico, resumindo tambem os tres aspectos naturaes que podia apresentar o estudo do assumpto.

Para mim, são estes, isto é, Cardim, Gabriel Soares, Gandavo, Andreoni, Frei Vicente do Salvador, etc., os verdadeiros classicos brasileiros. Nelles é que encontramos o sabor puro da terra nova em sua visão directa, no contacto com a natureza, com o indio e com o alvorecer de civilização que entre ambos se desenrolava, com a intervenção do colono judaisante, do padre ardendo em fé, do funccionario relapso, dos mestres de açucar impiedosos e amimados, dos aventureiros deslumbrados de novos horizontes, dos navegantes em escalas, que alargavam mundos, numa ebulição formidavel em que os instinctos mais rasteiros ferviam juntamente com os ideaes mais sublimes.

E esse alto forno immenso em que o nosso aço social começava apenas a sua tempera, e que hoje, — á distancia do tempo que supprime as distancias de espaço nos parece ferver numa ebulição gigantesca, — apparece nos livros da época, como este, em sua figura verdadeira, sem a dramaticidade romantica que o tempo hoje lhe empresta a nossos olhos, — mas com uma simplicidade de traços, uma honestidade de informação, uma sobriedade e uma graça no dizer, que tingem o sacrificio de um colorido suavissimo de resignação e de apagamento individual.

São bem conhecidas as paginas em que Fernão Cardim justifica a sua phrase de que — "em Pernambuco se acha mais vaidade que em Lisboa... A gente da terra é honrada: ha homens muito grossos de 40, 50 e 80 mil cruzados de seu; alguns devem muito pelas grandes perdas que têm com escravaria de Guiné,

que lhes morrem muito e pelas demasias e gastos grandes que têm em seu tratamento.

Vestem-se, e as mulheres e filhos, de toda a sorte de velludos, damascos e outras sedas e nisto têm grandes excessos. As mulheres são muito senhoras e não muito devotas, nem frequentam as missas, prégações, confissões".

E descrevendo o trabalho activissimo que ia pelos engenhos de açucar—tem quadros muito exactos e animados desses primeiros centros de trabalho economico do paiz, onde o relaxamento geral não falta, como pittorescamente o diz o padre: "Quasi todos andam amancebados por causa das muitas occasiões: bem cheio de peccados vae esse doce, por que tanto fazem!"

Ao lado desse luxo e dessa relaxação é tanto maior o contraste da obra de civilização moral, que acompanhamos ao longo dessa pittoresca narrativa das viagens de 1583 a 1590, pelas aldeias de indigenas que desde Nobrega vinham conseguindo fundar os filhos de Loyola. E é tanto mais de admirar essa larga obra de aldeiamento e de fixação, quanto, como diz Boehmer com razão, no seu esboço historico citado, — "a tarefa mais rude que os Padres encontravam, não era propriamente trazer os pagãos ao christianismo, o que nunca lhes custava grande esforço, como elles frequentemente affirmam, — porém reduzir a estabelecimento fixos de colonização aquelles filhos da natureza habituados a vagar, sem pouso certo, por bosques e campos".

Foi essa a obra que aqui no Brasil foi iniciada vivamente pelos primeiros jesuitas, como se vê pelo numero de aldeias já visitadas nesse tempo pelo padre Christovão de Gouveia, mas depois sacrificada pela influencia dominante dos colonos nos Conselhos do Reino, — e que no Paraguay chegou a reunir nas Missões, como cifra maxima, em 1731, nada menos de 138.934 indigenas!

A obra de Fernão Cardim, espelhando a colonia nascente, em seus tres aspectos principaes, da terra nova, do homem nativo e da civilização alvorescente, e reproduzindo esses aspectos com toda a honestidade do observador fiel e numa linguagem por vezes pittoresca e até ironica, sem ser uma obra de mestre é um livro que não contenta apenas o historiador. É por vezes enfadonho e monotono nas descripções, mas resgata essas passagens com outras do mais animado interesse.

É uma edição portanto preciosa para todos, mesmo leigos em historia, que se interessam pelo Brasil e sua formação.

E della se encarregou em boa hora, com profunda erudição e um criterio muito solido, o sr. Rodolpho Garcia, autoridade authentica hoje, e das maiores, em estudos brasileiros, que acompanhou o estudo "Do Clima e Terra do Brasil" e a "Narrativa Epistolar", de uma longa serie de notas explicativas do texto, que tornam a leitura do velho chronista não apenas um passa tempo pittoresco, mas uma verdadeira aula de coisas brasileiras.

TERRA BRAVA

Penso que não é preciso ter viajado para conhecer esses brasileiros dessorados, incaracteristicos, amorphos, em quem o afastamento prolongado da terra natal diluiu todo traço differencial e que seguem pela vida, á tona das circumstancias, obsecados de sybaritismo e de egotismo. Para isto basta vel-os em alguma das escalas que aqui fazem, em férias diplomaticas ou em "tournée" de augmento de alugueres dos predios que o pae amassou com farinha azeda.

E se queremos reagir contra o primeiro impulso de sarcasmo ou de repulsa, se queremos procurar causas mais geraes nessa mania de impersonalizar as culpas, com que o determinismo nos envenenou, — pensamos logo num Brasil em ser, sem caracter fixo, sem laços profundos de attracção, que deixa os seus filhos sem amor e sem odio, ao inverso das nacionalidades feitas e fortes, que despertam as grandes dedicações ou os grandes repudios.

É preciso para vencer esse pessimismo, algumas nobres excepções, que como todas essas representam o triumpho ou, pelo menos, o equilibrio das minorias fortes sobre as maiorias passivas. É José Bonifacio que, festejado pelos meios scientificos internacionaes, participando de lutas de repercussão mundial, nunca deixa apagar o fogo intimo que o sentimento innato da terra

ou o amor da gloria sempre lhe conservaram. É Hippolyto, para quem a "querencia" guasca é uma vaga recordação de infancia e uma esperança de repouso na velhice, e que, entretanto, dedica a sua vida a essa patria de barro ainda humido e informe. São Barbacena, Varnhagen, Magalhães, Lopes Netto, diplomatas de occasião, ou de permanencia, a quem o afastamento, longe de attenuar, depura e enraiza o caracter nativo. São emfim escriptores como Nabuco, como Arinos, como Contreiras, como Eduardo Prado, cujo contacto com a terra é feito, está se vendo, pelas fibras mais profundas do ser e que, portanto, passam incolumes pelo equador, essa linha fatal a tantos patricios mornos e gozadores, metecas dessa nova classe de Judeus Errantes que o capitalismo e o progresso das communicações desenvolveram no mundo moderno. Sim, não confundamos esse reles sybaritismo de impotentes e desfibrados, com esse impulso profundo por novos horizontes, por novas gentes, que mora no intimo de todos os homens e que a nós principalmente, moradores da beira dagua, descendentes de navegantes, leva ás nostalgias de patrias distantes e imprecisas, á saudade de viagens impossiveis, ao desejo de partir, de renovar a illusão das coisas apparentes. Porque partir não é morrer um pouco, como diz o poeta. Partir é remoçar um pouco. É Wencesláo de Moraes, desilludido, revivendo no Japão, como Lafcadio Hearn, fugitivo do Occidente, — sensivel apenas ás faces praticas e mecanicas de sua civilização, e retemperando tambem no extremo Levante a sua sêde de sensibilidade fresca. O mesmo impulso que levaria, depois da guerra a esse mysterioso e romantico Keyzerling a mergulhar nas nevoas metaphysicas dos "yogas", na India, e que de lá nos traria Tagore a retemperar o seu naturalismo com uma visão superficial do nosso mecanismo. O mesmo desejo do "ailleurs" que levou o precioso Loti a

fechar todos os livros para ler apenas nos seus nervos o reflexo dos horizontes novos das naturezas exoticas, das criaturas differentes, semeando entre seus patricios immoveis os germens destruidores do nomadismo. Ou o amor invencivel do "mar", do terrivel, do traiçoeiro, do confuso, do incomprehensivel oceano, que levou Joseph Conrad de porto em porto, pelo mundo afóra e hoje nos leva, pelas folhas de seus livros, ao coração dessa immensa humanidade errante e desvairada, tão profundamente humana e tão terrivelmente mysteriosa. É Stevenson. É Gauguin. É... Mas em todos elles sentimos esse appello inelutavel á multiplicidade das visões, das criaturas estranhas, dos novos costumes, das aventuras raras, do impreciso, do inedito, do differente, sempre, quasi sempre attraido, por maior que seja a variabilidade dos pontos de contacto, por um centro unico e distante, que enfeixa e condensa essa immensa dispersão.

E é justamente nas paginas de um dos melhores livros desse homem do mar, talvez o mais sinceramente humano de todos os romancistas modernos, no "Lord Jim", que encontramos expresso, em fórma definitiva, esse appello secreto do "espirito do paiz". Nessas almas grandes e puras, como a de Conrad, que não conseguem personalizar ou, pelo menos, exteriorizar o sobrenatural, fica este como que participando da natureza humana. E o sentimento do dever torna-se então o appello dessas vozes, vulgarmente inexplicaveis mas inelutaveis, que sentimos viver dentro de nós ou que vêm a nós partindo daquelles elementos, como a patria ou como a familia, que são uma extensão do nosso ser ou antes de que a nossa individualidade é apenas uma concentração. Jim commettera uma acção feia, uma acção que o não levara á cadeia mas peor que isso, levara-o ao remorso, ao terror dessas vozes intimas e tambem da voz do paiz. Porque esse juizo terrivel e in-

tangivel da patria distante, diz Conrad nessa pagina admiravel que lamento não ter á mão para transcrever, é que o tangia de porto em porto, através de aventuras incriveis, no meio dessa incrivel barafunda social e ethnica que fórma a humanidade do Oriente. E esse perigo não é tão grave e temeroso para aquelles a quem lá na patria longinqua, esperam uma casinha feliz á beira de um riacho ou da rua da aldeia e um circulo de corações saudosos — mas sobretudo ao isolado, ao sem familia, que no dia seguinte ao desembarque se encontra só, face a face com a sua terra, com a sua terra tanto mais pura quanto mais irresponsavel e abstracta e, portanto capaz da terrivel dignidade da justiça. E é temendo inconscientemente esse momento inevitavel da prestação de contas ao invisivel espirito do paiz, escreve Conrad com uma intensidade de expressão que só se encontra nas idéas amassadas na solidão do exilio e que vêm á luz embebidas de toda a nossa personalidade por onde transitaram fibra a fibra — é temendo esse momento terrivel que os homens de consciencia não conseguem apresentar-se a esse tribunal secreto sem as mãos limpas, e preferem, como esse pobre Jim, fugir do paiz, dos amigos, dos homens todos e de si proprio, afundando-se passo a passo nas florestas primitivas e tumulares da "jungle".

Pois bem, é esse mysterioso "espirito do paiz" que impede tambem a muitos artistas provocados, seduzidos pelo cosmopolitismo, de perder a personalidade nativa trocando-a por uma individualidade sem fronteiras e sem raça, o que aliás não é, só por si, um libello.

E um desses artistas, desses que nós aqui tambem já possuimos, é o sr. Alberto Rangel, como mais uma vez o vemos retratado no ultimo livro que nos deu:

Alberto Rangel — *Lume e Cinza* — Liv. Scientifica Brasileira. — Rio, 1924.

Elle é desses que podem apparecer serenamente perante aquelle tribunal da terra. É desses que compensam, como os outros de quem falei, o pessimismo com que attribuimos á nacionalidade incapaz e informe a impersonalidade dos "metequisantes". Não pode ser assim incaracteristico, como pretendem, um paiz que imprime em um filho seu, distante, tão profunda, tão indelevel marca de si proprio. Elle é, emfim, um indicio da existencia relativa daquella "lei de constancia intellectual" que se pretendeu tirar por extensão das leis de constancia original de René Quinton.

De facto, o sr. Alberto Rangel é um caso curioso de conservação, de inabsorpção do meio e de permanencia nos elementos fundamentaes primitivos. Uma qualidade e tambem um defeito. Um defeito sim, pois tambem se deixa impermeabilizar ás idéas, esquecido de que, não é o aferro ao estado de espirito passado que nos liga á terra de origem, sempre bem querida, e sim ás qualidades fundamentaes da sensibilidade e da expressão. Assim acontece que, em algumas dessas paginas, nos apparece o sr. Alberto Rangel, como apegado a preconceitos de uma philosophia de sarcasmo materialista, que já está muito longe de nós, embora cada vez mais prospera entre as massas dos "cultos" e até officializada na Russia.

E, no entanto, não é um repetidor de idéas batidas. É fundo, é original e mesmo subtil apesar da massa grosseira em que sempre trabalha e, portanto sem elasticidade, sem leveza, sem essa penetrabilidade das idéas aladas e finas, que alcançam a realidade em suas ultimas ramificações. São, por exemplo, extremamente interessantes as paginas que dedica á organização politica da supposta Atlantida com que abre o livro, e em que faz uma critica vigorosa á democracia.

— "Nefastissima, estupidissima regencia a das maiorias extensivas, bases de taes instituições popula-

res... Um mundo de ficções cavalga na besta negra Dinheiro. O Numero é o máo espirito desses regimens... Levamos, entretanto, seculos", assim se exprime o Atlantido, guarda das fronteiras, que um naufrago encontra nos rochedos em que fôra jogado pelas ondas, — "e seculos engrampados com essas formulas de retumbo verbal, com as quaes systematicamente se institue a desordem, tudo esperando das revoluções, suffragando um executivo temporario e de acaso na cabracéga das facções, fragmentando as hierarchias na chateza da vulgocracia... O poder é imperativo de unidade e de apice; dal-o em communhão da Igualdade, espedaçando-o e temporalizando-o, constitue uma sophistiquice de outorgas em que se desmoraliza a faculdade politica por excellencia".

Muito curioso todo esse ensaio de fantasias retrospectivas ou futuras á maneira de Butler ou esse outro conto em que evoca essa lendaria Manôa, a cidade americana do ouro, que deslumbrou a fantasia e aguçou a cobiça dos conquistadores espanhóes e até hoje perturba o somno de alguns membros das sociedades de geographia de Londres ou de Berlim.

Mas o que é realmente caracteristico no livro são as paginas de brasileirismo. Brasileirismo real da terra rude, da linguagem aspera e saborosa, dos costumes primitivos, dos typos vivos do sertão. E ahi é que assombra a permanencia do mesmo tropicalismo, do gosto euclideano da expressão nesse historiador e evocador de coisas patrias, depois de tão longo contacto com a lingua e com os costumes mais estranhos possiveis a essa barbaria sertaneja. E afinal, quem sabe se não é justamente devido ao caracter concentrado e impermeavel do seu autor, que esse tropicalismo se aguçou ao contacto com o meio tão estranho em que tem vivido, em pleno Paris, nesse pedaço de terra em que a civilização chegou ao extremo, de decadencia, de subti-

leza ou de retemperamento, nesse centro de intellectualismo e requinte o mais afastado que é possivel de toda evocação da barbaria das florestas impenetraveis, dos rios sem curso, das fructas que se cobrem de espinhos, das flores que se vestem de perfumes inebriantes como defesa, do homem roido de vermes ou conquistando amores a clavinote, das taperas bamboleantes aos ventos despejados dos campos, das enxurradas ou das seccas estorricantes, emfim, da natureza obsecante e imperiosa, que a nós aqui nos cerca por tal fórma que chegamos a sentil-a no subconsciente, como seiva das proprias idéas.

São admiraveis, sobretudo, os doze poemas em prosa finaes, que dedica a cada um dos elementos capitaes da nossa expressão estrictamente nacional e real, sem cores de fantasia ou idealismo falso, mas pintados com um vigor de colorido, uma riqueza de expressão nativa e uma abundancia de coração, que fazem dessas paginas um hymno de fé e de amor, e sobretudo doze paineis de arte brasileira original, bravia, talvez empolada demais e um pouco rhetorica, mas saborisissima e impressionante. Os themas são: a jangada, a tapera, a visagem, a queimada, o carro-de-boi, o monjolo, a mandioca, o páo-d'arco, a palmeira, a casa-grande, o rancho, o caboclo.

São paginas de um verdadeiro artista brasileiro, que vive o Brasil, que sentiu de perto e provou de bocca essa nossa immensa, prodigiosa e desolada terra. E a maior homenagem que podia prestar-lhe, de longe, era justamente conservar por todas as suas chagas e as suas miserias, por toda a sua primitividade e a sua grosseria de nação informe e tropical, não apenas a piedade dos dilettantes, mas o mesmo carinho activo e criador com que Gonçalves Dias, entre os choupos evocava o sabiá e Nabuco na "Via Appia" revivia Massangana.

INDIGENAS E ALIENIGENAS

Recentemente publicava uma revista franceza a historia desses Oblatos do extremo norte da America, christianizadores de esquimós, "bispos do vento", missionarios do gelo, que ha quarenta annos evangelizam as florestas glaciaes do Canadá.

Delles poderiamos approximar esses missionarios das selvas, que nos sertões de Matto-Grosso, de Goyaz ou do Amazonas, ao calor do sol dos tropicos, mordidos de carapanãs como aquelle missionario na scena famosa do romance de Inglez de Souza, entre indios muitas vezes enfurecidos pelas injustiças e perseguições seculares, vão proseguindo heroicamente, como bandeirantes de almas, no seu admiravel esforço apostolico e civilizador.

Nem o gelo do norte nem o fogo do sol, ao sul, conseguem vencer essas almas admiraveis, que no mundo individualista e utilitario de hoje vão perpetuando motivos de confiança e espectaculos de abnegação, que o nosso pessimismo não quer ver.

Um desses grandes esforços apostolicos é feito pelas Missões Salesianas, de Matto Grosso, um de cujos membros acaba de publicar um volume interessantissimo, em todos os sentidos, como balanço da obra feita e commemoração do cincoentenario das Missões de D. Bosco.

D. Antonio Colbacchini — *I Bororos Orientali (Orarimugudoge) del Matto Grosso* — Soc. Ed. Internazionale. Torino s. d.

Não se limita a fazer a apologia das Missões. Ao contrario. Só de passagem se refere a ellas. No mais, é o livro um precioso repositorio de mythos, de artes, de linguagem, que constituem uma contribuição de inexcedivel importancia para o estudo dos nossos ultimos indigenas.

Devo dizer, desde logo, que para mim, a verdadeira obra dessas missões não é moral nem social, ao menos directamente, mas, sobretudo, scientifica.

Obra de catechese moral, directa e necessaria, não é nos sertões virgens que dará fruto. Não são os bororós do rio Barreiro, mas os da avenida Rio Branco que precisam de missionarios. Entre o "Naturmensch" e o "Kulturmensch" foi este sobretudo o que perdeu o equilibrio natural. E este, portanto, o que mais necessita da obra de nivelamento moral. Justamente porque subiu mais alto, é que tambem cáe mais profundamente. Em sua ultima peça de theatro, esse impressionante "Le Lache", lembra Lenormand aquella grande palavra de Platão: "La pensée est fille de la cité". E como o pensamento é que nos eleva e nos degrada; como o pensamento é que nos faz quebrar os limites desse arco reflexo original que liga os animaes inexoravelmente ao seu meio, para sua felicidade "animal", e cuja ruptura faz a gloria e a desgraça dos homens; como o pensamento é o criador dessa desconformidade do adulto e do civilizado, em contraste com a conformidade da criança ou do selvagem; — é na "cidade" que as missões rectificadoras têm a sua verdadeira applicação directa.

Não é preciso cair nas falsidades romanticas de Rousseau ou Marmontel, no novo mundo açucarado Chateaubriand, ha um seculo, ou por outro lado no

africanismo apaixonado de Frobenius ou nos appellos ao homem primitivo de hoje em dia, — para reconhecer que o homem da natureza, em sua generalidade, vive uma vida sem excessos e guiada por certos resquicios moraes que a mantêm em equilibrio. A ausencia de toda sancção pela força, o respeito á tradição, a hierarchia social, a solidariedade e a disciplina, como mostra d. Antonio Colbacchini neste seu interessantissimo volume, são apanagios naturaes da tribu cujos costumes tão minuciosamente estudou. É certo que esse respeito á tradição e aos costumes chega por vezes a superstições terriveis e sangrentas, como essa do infanticidio, que nos reporta áquelles deuses vorazes dos aztecas ou dos carthaginezes. Mas, por seu lado, os ultra-civilizados do mundo moderno, isto é, os communistas, chegaram ao aborto-legal, solicitado por meio de requerimento, devidamente estampilhado, ao Commissariado do Interior e Amores...

Emfim, não creio que pessoalmente, individualmente, possa a catechese elevar grandemente o nivel desses poucos milhares de indigenas que nos restam e que, apesar da grande intelligencia natural, que lhes reconhecem os missionarios, além de uma memoria prodigiosa como em geral revelam no numero de mythos, canticos e tradições que conservam de cabeça e transmittem religiosamente de geração em geração — apesar de tudo revelam sempre no fundo, como o assevera o proprio d. Antonio Colbacchini, uma irresistivel tendencia a reafundar nas selvas. Basta ver, aliás, o contraste entre uma photographia de uma noiva bororó, ou antes orarimugu, como elles se chamam a si proprios, mergulhada risivelmente nas candidas vestes virginaes que as irmãs missionarias de N. S. Auxiliadora lhe talharam, e outra photographia linda, que é reproduzida em colorido na capa do livro, de um indio em plena liberdade, caçando na floresta, com seus trajes

naturaes, — para se reconhecer que a admiravel obra de catechese, por mais extraordinario que seja o seu valor moral proprio, não conseguirá transformar a natureza dos adultos, e talvez apenas das criancinhas educadas desde cedo nos institutos salesianos.

Indirectamente, sim, comprehendo a obra moral das missões, dando aos homens em primeiro logar, esse admiravel exemplo de desinteresse e de dedicação, de verdadeira "charitas", de sacrificio total ao mundo, do risco aceito e procurado por um ideal de fé e de esperança. E, em seguida, testemunha essa obra a missão universalizadora da Egreja, o seu contacto com as creaturas de todas as especies, a juventude do seu apostolado millenar, a sua eterna peregrinação, equilibrando a sua eterna immobilidade—imagem do proprio universo, — a incessante dilatação de suas fronteiras, emfim a sua attracção immemorial pelo deserto, pelos desertos da natureza e pelos desertos da alma.

Não creio tambem, como disse, que possa haver um fruto social directo dessas obras de catechese, e muito menos da leiga.

A população indigena é diminuta e decresce de anno a anno, como informa o nosso autor. Já na tribu que estudou, um dos clans em que se subdivide e cuja transmissão hereditaria é feita por linha feminina, extinguira-se e a sua cabana era conservada intacta, mas vazia, no posto que lhe cabia na interessante e rigorosa ordem de distribuição circular dos 14 clans da tribu. As estatisticas que cuidadosamente recolheu reduzem de muito as estimativas fantasticas feitas das cifras de população. E no excellente mappa inicial de Matto Grosso, desenhado pelo sr. Eugenio Heber, mostrando o quadro distributivo das Missões, vê-se patente e viva a enorme reducção do ambito de habitação dessas tribus, entre a segunda metade do seculo

passado e actualmente. E o mesmo se dá no Amazonas, no rio Doce, no Paranapanema ou no rio Paraguay, nos ultimos reductos dessas raças a se extinguir, que são como que o ultimo rastilho de uma civilização decaida, e que vinda do Pacifico e da Asia, chegou ás costas do Atlantico esgotada e incapaz. Mesmo entre as tradições da tribu, recolhidas com extremo interesse e cuidado por dom Antonio Colbacchini, vê-se que a crença de um estado diverso e superior de civilização ainda subsiste.

— "Kkewaguu (o chefe que contou ao autor a maioria dos mythos aqui consignados) aveva accenato a questa leggenda (a lenda do Baitogogo, sobre o uso dos ornamentos e a origem da agua) dicendo che antichissimamente gli Indi erano come i bianchi, non si foravano il labbro e le orechi non portavano il ba, non portavano ornamenti di penne non facevano i balli e le feste nazionali, che ora usano fare etc."

Não é possivel esperar mais nada dessa boa gente cujo destino é se extinguir lentamente, pelo infanticidio, pelas molestias, pela penetração tantas vezes violenta dos brancos e pela incapacidade, em geral, de supportar o contacto da nossa civilização.

Obra social indirecta, sim, é tambem a obra desses admiraveis salesianos, concorrendo para pacificar os animos desses indigenas, e para tornar accessivel a penetração nessas zonas desertas, que estão hoje, como por exemplo o rio das Garças, em plena ebulição de actividade diamantifera.

E, sobretudo, como disse, a obra scientifica, pelo estudo geographico da região, pelas investigações ethnographicas e linguisticas, pela observação minuciosa de costumes e tradições dos incolas, pela collectanea de mythos e cantos que vêm em abundancia neste livro. Tudo isso é feito com um carinho e uma attenção, que revela não sómente o conhecedor profundo do

assumpto mas a alma dedicada e de fé. Releva notar, como fruto de seu exhaustivo e inapreciavel trabalho, a parte dedicada á grammatica da lingua dos Orarimugudoge, com a sua riqueza tão grande em termos concretos que o autor pode affirmar: — "che all'occhio osservatore degli Orarimugudoge, sempre a contatto della natura, non é sfuggito alcun oggetto naturale e ciascuno ha recevuto il suo nome. Per fare una idea della ricchezza di questa lingua diró che gli stessi bambini della Missione Salesiana interrogati da me del nome dei numerosi inseti, che facevo da loro raccogliere, sapevano distinguere e dare nomi differenti a colleotteri assai affini fra loro, che differivano solamente per minute caratteri, che da noi sfuggirebero certamente a qualunque occhio che non fosse quello di un naturalista".

Deve-se mencionar tambem o cuidado typographico com que foi impresso o volume, bem como a abundancia e excellencia do material photographico, e dos desenhos explicativos que facilitam grandemente a narrativa.

Em summa, é uma obra de grande valor e que honra as Missões Salesianas em seu benemerito esforço apostolico.

POLOS

Em todas as coisas humanas a intelligencia tende a estabilisar e o sentimento a diluir. O sentimento é justamente, no plano do espirito, o que nos une ao que ha de fluido, multiplo, corrente na realidade exterior e immediata. A intelligencia é o que nos prende ao que ha de solido, ou de permanente e essencial nessa realidade. Nenhum dos dois, isoladamente, exgota a realidade (quanto podemos exgotar a gotta de realidade que conhecemos no oceano do que nos fica vedado). Pela simples razão de que a realidade nem é o que fica, nem é o que passa, e sim a somma qualitativa dos dois. Somma qualitativa, isto é, resultado de uma fusão que transcende a simples addição dos elementos.

A historia de nossa alma, portanto, como a historia das nações, é assim resultado de uma lucta incessante de forças que desaggregam e de forças que recompõem. As forças electricas positivas e negativas que a physica moderna encontrou, no ambito infinitesimal de um atomo, são um reflexo de toda a historia do universo. Mesmo no fundo mais fundo de nossa natureza, nessa lobrega meia luz do instincto, os dois elementos se defrontam. Ha *instinctos positivos:* o de conservação, o materno, o de dominio, o de reproducção, o de propriedade. Instinctos que tendem a construir.

Mas ha tambem, em nossa alma, o fundo dos *ins-*

tinctos negativos. Ainda não foram, é certo, tão bem classificados pelos psychologos nem reconhecidos universalmente como os positivos. Mas nem por isso deixam de existir e de aguardar os seus desvendadores. É sobretudo o *instincto de destruição*, tão sensivel nas creanças e tão vivo mesmo nos adultos, quando a vida o sólta, sacudindo os homens do seu artificio, de sua inercia ou do seu "self-control".

É o *instincto de contradicção*, que nos leva sempre a negar a opinião alheia, de primeiro impulso. A contrariar as vontades fortes. A desconhecer as novas fórmas de arte. A repellir os renovadores e originaes.

É o *instincto de inercia*, que nos leva ao scepticismo, que nos inclina naturalmente á inacção e á passividade, e fórça a prorogação do existente, como mais commodo e menos aleatorio.

É o *instincto de duvida*, que dia a dia cresce com a philosophia moderna. Mas que em todos os tempos levou a alma humana a descrer da verdade, a contentar-se com o sorriso ou a torturar-se com a eterna inconclusão interior.

E outros ainda, sem nome, sem contornos precisos, sem tendencia certa, como o *instincto de subordinação*, ou, como esse *instincto de degradação*, que é o declive natural de todas as almas que se abandonam.

Sempre as forças que desagregam e diluem, em face das forças que reunem e consolidam. O que tende á razão de um lado e o que tende á paixão de outro.

Na historia dos povos, é a intelligencia em geral que reune, e o sentimento que separa. É a politica pratica e racional que constróe as nações. É a politica ideologa e sentimental que as decompõe e pulverisa. O senso da collectividade é o espirito classico da historia politica. O senso da parcialidade é o espirito romantico.

Em nossa historia é patente essa opposição de tendencias, ou antes essa composição de contrarios que

têm feito o Brasil. Desde a primitiva colonisação que a tendencia ao desmembramento viveu em lucta contra a tendencia á união. Aberta raras vezes. Latente, quasi sempre. A *razão unificadora* foi representada, em todo o periodo colonial, pela politica de *segregação* que Portugal mantinha para comnosco e que nos conservava em um estado de civilisação muito inferior ao das grandes colonias espanholas, como o Mexico ou o Perú, onde o desenvolvimento local, nessa época, era infinitamente superior ao do atrazo miseravel em que era propositadamente mantida a America Brasileira.

O *sentimento dispersador,* por seu lado, foi crescendo, especialmente nas Camaras Municipaes, nesses pequenos nucleos de desenvolvimento local, onde nasciam, pouco a pouco, as raizes solidas se bem que dispersivas e anarchicas do *sentimento brasileiro.* "As Camaras", escrevia Hippolyto da Costa, em janeiro de 1819 no "Correio Brasiliense", "são as unicas instituições no Brasil, que têm algum vislumbre de consideração popular". Mas muito antes disso, durante os seculos coloniaes, succederam-se movimentos de agitação, as pequenas revoluções locaes, sempre dictadas por sentimentos de dispersão do todo. Ao passo que a unidade de conservação desse todo tambem se mantinha, defendendo a nossa unidade, a maior surpresa de nossa historia.

Quem percorra os Annaes da Constituinte de 1823, sentirá a cada passo, — nos toscos resumos dos debates, com que a inepcia dos tachygraphos de então deturpou por tal fórma as discussões apaixonadas — o reflexo do grande embate dos sentimentos federativos e das idéas unitarias. O projecto de federalisação de Ferreira França provocou, na maioria da Assembléa, a affirmação categorica da vontade-do-todo, de que estava animada. Carneiro de Campos exclamava: — "Se a proposição passasse era o mesmo que dizer

— desmanchem-se os laços que nos ligam; cada uma das provincias separe-se, faça o seu governo, e se depois a união não lhes approuver, façam como quizerem a sua federação... Nós viemos aqui para formar a Constituição do Imperio monarchico-constitucional, igual á vontade dos povos acclamada em todas as provincias. Se o contrario fizessemos, collocariamos no mesmo altar (da patria) um ninho de difficuldades e um montão de desordens".

E Cayrú, que sempre conservou na Assembléa um posto de isolamento, pouco sympathisado, mas de superioridade mental reconhecida pelos proprios adversarios (Costa Barros, por exemplo, dizia — "cedo ao sr. Lisboa em cabeça; mas nunca compararei com o delle meu coração") exclamava: — "Sr. presidente, a materia é tão grave, que declaro nesta Assembléa estar resolvido a inimizar-me com os meus maiores amigos, que se obstinarem na dita these, (a da federação) e a congraçar-me com os meus maiores inimigos (e só os terei gratuitos) se me ajudarem a combater tal opinião que entendo causaria, se fosse adoptada com generalidade, a ruina do Imperio do Brasil".

E as mesmas discordias ardentes se repetiram, desta vez indefinidamente, pois impediram que se chegasse a qualquer resultado positivo, no debate relativo á creação de Universidades, que cada provincia queria para si. E ainda é Cayrú o maior representante do espirito de unidade e centrificação, dizendo: — "Contentemo-nos, actualmente, com o pouco, praticavel, — mais do que com o muito, magnifico... Infelizmente tem havido nas provincias partidos dissidentes da causa do Imperio constitucional. Imporia pois que os que devem influir nas classes menos instruidas, venham fazer estudos e affirmar o espirito do nosso systema — na Roma Americana". Isto é, no Rio, na Côrte, no Centro.

O problema de nossa unidade, se não tem hoje a

mesma actualidade dramatica daquelles dias tempestuosos da 1ª Constituinte, continúa ainda assim a ser o milagre da nossa historia e a interrogação do nosso futuro. E o espirito de nossos historiadores, reflectindo naturalmente o sentimento da parte ou a razão do todo, ainda se inclina a uma ou a outra tendencia. É o que ainda agora se póde verificar de dois livros de historia brasileira, um dos quaes muito recente e o outro do anno passado:

Alberto Rangel — Textos e Pretextos. Typ. Arrault & C., Tours, 1926.
Paulo Prado — Paulistica. Ed. M. Lobato & C. — S. Paulo, 1925.

O novo livro do sr. Alberto Rangel não é uma obra de conjuncto. São estudos parciaes, sem relação fundamental, a não ser, e é um excellente nexo sem duvida, o conjuncto de documentos ineditos que publica. Só isso vale o volume. Pesquizando incançavelmente pelos archivos europeus coisas brasileiras reuniu o sr. Rangel um bom acervo de documentos. Em primeiro logar sobre o thema a que já dedicou a sua obra mais completa como historiador, os inevitaveis "Amores de Pedro I", que enchem o começo de nossa historia independente de uma furia de sexualismo desbragado. São documentos dessa historia de alcova e de cozinha, de que tanto se tem abusado, e em que estudamos gravemente o preço das ceroulas sob D. João VI como o visconde d'Avenel estuda o peso dos bifes no seculo XIII. Da historia em que só se admittiam os alamares das fardas, como razão dos acontecimentos, passamos á historia em que só se admitte a roupa de baixo, como causalidade social... Effeitos da materialização corrente, das razões economicas dominantes, dos costumes normaes prevalecendo sobre os feitos excepcionaes.

Estou longe de discordar inteiramente desse genero de historia. Já tive occasião de dizer o interesse que despertou e o beneficio que resultou para o estudo de nossa formação nacional, da publicação dos estudos do sr. Affonso Taunay sobre as Actas da Camara de Piratininga, dos seculos XVI e XVII, e sobre os movimentos de bandeirismo, etc. E aproveito para mencionar a publicação pelo mesmo erudito e consciencioso historiador, do volume 2.º dos "Annaes do Museo Paulista", em que apparecem, de sua lavra, alguns estudos interessantes sobre varios "escriptores coloniaes" de segundo plano, entre os quaes releva notar os capitulos sobre o famoso apostata. "Padre Manoel de Moraes", sobre o ex-mysterioso Antonil ou sobre o indispensavel Frei Gaspar da Madre de Deus, — além de uma grande série de documentos de archivos espanhóes, do maior interesse para o estudo do nosso bandeirismo.

Registre-se mais este esforço do director do Museu do Ypiranga, para quem o cargo não é positivamente uma sinecura. Será quando muito uma cura agradavel. E fructuosa para nós.

Tratavamos, porém, da historia em cuécas. Defende-se de a fazer o sr. Alberto Rangel. E defende-se bem, apesar daquelle pesado estylo tão seu. E apresenta uma série enorme de documentos ineditos sobre o domitilismo do 1.º Reinado, entre os quaes uma pagina tragica dictada pela nobre Imperatriz Leopoldina, poucos dias antes de morrer, e que é um documento escripto com sangue e fel, mas a despeito de tudo, com uma paixão indomavel pelo novo Pedro, o Cruel. Ha qualquer coisa de Mariana Alcoforado, em certos periodos dessa carta: — "Ha quasi quatro annos, minha adorada mana como vos tenho escripto, que por amor de um monstro seductor me vejo reduzida ao estado da maior escravidão e totalmente esquecida do meu adorado Pedro".

Já o dizia o velho proverbio arabe: "a mulher é como a sombra: foge de nós se a perseguimos. Persegue-nos se a repellimos".

Emfim, a segunda parte do livro fornecerá ao sr. Paulo Setubal abundante material novo para completar o seu interessante romance historico. A realidade tem sempre mais fantasia que a fantasia.

É na primeira parte do livro, no excellente estudo sobre as revelações sensacionaes das intrigas separatistas do Visconde de Albuquerque, publicadas ha annos na "Revista do Brasil" pelo sr. Alberto Rangel, é ahi que o autor faz algumas excellentes ponderações sobre o espirito de ideologia barata com que costumam os nossos historiadores e commentadores endeusar aqui os movimentos separatistas do periodo colonial ou regencial — "Esse homem affoito no quadro das paixões, em cujas fogueiras sempre se consome o que ha politicamente entre nós de peor e de mais festejado, tem o seu logar de merecido destaque. Sirvanos o seu louco tentamen, devidamente registrado e apurado nos annaes dos erros de nossos homens publicos, de fecunda lição aos turbulentos publicolas, que por occasiões rompendo de em meio á massa indifferente e calma de nossas populações, julgam conquistar direitos ou defender os fóros do povo, despeiandose dos deveres primordiaes para com essa unidade, sem a qual o Brasil sumido na subdivisão de suas terras e na recolonização de seus filhos perderia até o proprio nome".

E o mesmo espirito de unidade, de totalidade brasileira ainda dicta ao sr. Alberto Rangel algumas excellentes observações no segundo capitulo do volume, em que descreve, apoiado em documentos ineditos dos archivos francezes, a vida dos emigrados politicos brasileiros, nesse agitado periodo do 1.º Reinado. Se este livro não é das obras mais importantes do sr. Alberto

Rangel, é sem duvida das mais interessantes, pelos ineditos que revela, e das mais uteis pelo espirito de totalismo que reflecte.

O livro do sr. Paulo Prado é inspirado no espirito opposto, no localismo que vimos acompanhar sempre a nossa historia. Pernambuco e S. Paulo foram sempre, para falar em linguagem automobilistica, as curvas de derrapagem de nossa historia. Sem falar na Cisplatina. Mas essa sempre foi um enxerto inassimilavel.

É nas curvas de derrapagem que se revelam os motoristas affoitos e amigos de aventuras. Assim tambem em Pernambuco e S. Paulo. Foram sempre os fócos de arrebatamento e paixão bairrista. Que serviram indirectamente ao todo brasileiro, quando contidos e encaminhados para essa nova finalidade.

Assim, por exemplo, o *bandeirismo*, cujo espirito animador era todo de ambição pessoal e regional, operou uma obra *nacional* de dilatação de fronteiras e approximação de extremos, cujo valor é incalculavel.

Mas ao sr. Paulo Prado animado do espirito mais localista, o que encanta na historia de S. Paulo é o espirito de independencia, de liberdade, de aventura. Tanto tem o sr. Paulo Prado, em literatura, de adversario do romantismo, quanto tem em politica, de romantico. Pois o romantismo politico é essencialmente o espirito de aventura pessoal dominando o espirito de subordinação a um ideal collectivo. E a curva, aliás muito exacta, que traça do desenvolvimento historico de S. Paulo é uma curva cujos altos e baixos acompanham as fluctuações do espirito de independencia, de individualismo, de liberdade e revolta, que o sr. Alberto Rangel tão justamente profligou.

Isso aliás não impede o carinho que o sr. Paulo Prado dedica a toda a historia do Brasil, que já lhe

deve grandes serviços com a publicação de velhos textos e de outros a apparecer, bem como agora com estes seus estudos que são realmente de um historiador apaixonado de historia. O sr. Paulo Prado foi um dos brasileiros que a guerra restituiu ao Brasil e ao serviço do Brasil, como o está provando. Conheci-o em 1913, em Karlsbad. Neurasthenico até a raiz dos cabellos. Exgotado. Sem achar graça em nada. Divertindo-se em vêr um immenso arabe, enfiado num immenso albornoz azul, preparar café em chicrinhas minusculas no *hall* do nosso hotel. Mais desolados do que os bigodes do sr. Paulo Prado nessa época, só os pinheiraes de Karlsbad, pingando agua o dia inteiro, numa tristeza, numa humidade, num abandono que nos faziam chorar por uma resteazinha de sol, mesmo *bohemio*, como o que podiamos ter! Ou então, os cachos immundos dos judeus da Gallicia que enchiam as ruas, com os narizes virados para o chão, como bicos de papagaios...

Já vinha de longe essa sua neurasthenia de fim de raça, de fidalgo amolado e sceptico. Em 1892, escrevia Eça de Queiroz a Oliveira Martins: — "De Prado (Eduardo) acabo de receber um telegramma, dizendo que parte. Chegaram aqui a desconfiar, por certos factos singulares, que elle voltaria para o inverno, casado! A não ser porém que tivesse amado, desposado, emmalado e partido no mesmo dia, não se realizou de certo essa *despradisação* (porque Prado casado perde toda a graça pradica). Nós, em Neuilly muito abandonados. Apenas o gentil Paulo (Prado) vem por cá *"traîner son dilettantisme"*. ("Eça de Queiroz, Correspondencia", p. 230).

Em 1913, mais do que nunca, arrastava o sr. Paulo Prado pelas estações de cura o seu dilettantismo e o seu figado. Hoje, é outro homem. Explica-o mesmo no prefacio desta sua interessante *Paulistica*. Não tem mais dilettantismo. E penso mesmo que nem figado. O

tempo anda para traz, muitas vezes. E a essa contra-marcha é que devemos o sr. Paulo Prado de hoje e o muito que á nossa historia já deu e vae dar. Apesar do seu romantismo politico, oxalá nos dê ainda outras "paulisticas" como esta, e possamos exclamar muitas vezes, menos irritados do que Montezuma na Constituinte:—"Não sei porque aqui sempre se anda com São Paulo para cá e S. Paulo para lá: em nada aqui se fala que não venha S. Paulo!"

Hoje sabemos porquê.

SOCIEDADE

A questão social moderna tem duas faces bem nitidas, que não a esgotam mas caracterisam: o fim de um systema economico e a accessão de uma nova classe ao poder.

O systema economico que agonisa é o capitalismo. O grande capitalismo, já se vê, o que se desenvolveu especialmente com o liberalismo politico do seculo passado, mas que já vinha de antes, especialmente do seculo XVI, quando a Inglaterra rompeu com Roma, e os judeus adquiriram, ou antes, firmaram a sua preponderancia na sociedade européa.

A civilização medieval, se continuasse, ao menos em seu espirito, não teria permittido esse desenvolvimento moderno. Era uma civilização em que os poderes temporaes se submettiam, em ultimo gráo, aos poderes espirituaes. E em que estes, apesar de todas as concessões ao "seculo", mantiveram sempre, por doutrina, por influencia educativa e mesmo na pratica, uma acção limitadora.

A quebra do poder temporal da Egreja, e o desapparecimento desse poder espiritual compensador, representaram o primeiro grande triumpho do capitalismo moderno. Foi o momento em que a balança de poderes passou das nações catholicas para as nações protestantes. Isto é, das nações onde uma idéa moral do-

minava ainda as ambições economicas para os paizes onde o idealismo economico, se é possivel dizer, dominou pouco a pouco os escrupulos e os obstaculos moraes.

O caso da decadencia da Peninsula Iberica, em consequencia da expulsão dos judeos, e do consequente florescimento das terras para onde elles se transportaram, estudado por Sombart, é patente dessa deslocação de poderes.

A causa não terá sido "apenas" esta. Mas o foi, sem duvida, em grande parte.

A descoberta dos novos caminhos atlanticos e das novas terras veiu apenas attenuar o golpe. Mas ainda assim, o melhor proveito das novas riquezas ia indirectamente para a Inglaterra. E de lá é que irradiou para todo o mundo moderno a grande economia capitalista, a que devemos a concepção materialista do "progresso" tão em voga, na Europa, até 1914, e ainda hoje triumphante na America.

Pois esse grande periodo de predominio capitalista parece estar chegando ao extremo final.

O individualismo economico levou a sociedade a uma situação de tal precariedade em seus fundamentos, que não póde de modo algum perpetuar-se. Systema economico creador de riquezas, constructor de nações, desbravador de desertos, não mostrou a mesma capacidade e a mesma solidez, no conservar o adquirido. Systema de avançar e não systema de permanecer.

Enquanto se acreditou que a vida fosse um avanço continuo, e que uma selecção mecanica panglossiana era a lei do mundo physico como do mundo social, — manteve o individualismo economico o seu predominio. Hoje, porém, que a sociedade foi sacudida em seus fundamentos pelo mais inesperado dos retrocessos ultramodernos — (como é o que ha de mais natural na natureza humana, mas que não se queria ver: — "Ils

perdent constamment de vue cette précariété qui est pour le chrétien la condition la plus profonde de l'homme; ils perdent de vue cette profonde misére; et qu'il faut toujours recommencer... Rien d'acquis n'est acquis pour eternellement. Et c'est la condition même de l'homme", como escrevia Peguy, nessas admiraveis "Notas" sobre a philosophia cartesiana, que interrompeu no meio de uma phrase, e datou, tragicamente, de 1.º de Agosto de 1914, no momento de partir para o cataclysma que lhe iria levar a vida e cercar de uma aureola de luminosidade essas suas ultimas palavras) — hoje em dia, quando a Europa parece entrar em uma nova "dark age", sente-se que o individualismo economico, em muitos paizes, já deu o que tinha de dar. E não tendo conseguido "organizar", como conseguiu conquistar, cede a novas fórmas economicas, que possam visar uma consolidação organica menos ephemera, pela reposição de um ideal de justiça onde apenas se quiz ver um ideal de poder.

Mas o fim desse systema economico não explica toda a questão social moderna.

A outra face que se impõe é a accessão de uma nova classe: o proletariado. A sociedade é como a pelle: vae mudando constantemente de superficie. Tudo o que está por baixo tende a vir á tona. Tudo o que é forte e sadio e crente tende á victoria. Tudo o que não possue, tende a possuir. Tudo o que permanece ha muito tende a degradar-se e a duvidar de si.

A burguezia moderna, especialmente nas nações onde a confusão de classes impediu toda hierarchia de qualidade, é uma classe que não visa o permanente. Ou quando o pretende, é apoiada em dois fundamentos: a intelligencia ou o dinheiro; o primeiro dos quaes não tem a força social de se impor, o que o leva, como actualmente, a uma precariedade crescente, — e o segundo não tem a força moral de se impor, o que o leva

tambem ás ameaças crescentes e justas de aniquilamento.

A burguezia, portanto, não tende propriamente a ceder ao proletariado o poder, como pretende a ideologia socialista, e a ingenuidade dos primarios. É preciso conceber a sociedade como um corpo muito simples demais para acreditar nessas substituições completas ou automaticas. A infiltração — eis o systema de transformação social que a historia nos ensina. Na propria Inglaterra, a mais hierarchizada das sociedades modernas, que um escriptor hespanhol de muito talento, Julio Alcarce, morto ha pouco com vinte e poucos annos, comparou a uma pyramide cuja lei é que a quantidade augmenta em razão inversa da qualidade, na propria Inglaterra a aristocracia está em plena decadencia, infiltrada por outras classes. Como de infiltração morreu o Imperio Romano. Ou de infiltração nasceu a nossa America.

A sociedade moderna, além disso, não é apenas uma sociedade, precaria em seus fundamentos: portanto uma sociedade que morre. É sobretudo uma sociedade que se suicida. Desde o dia em que as religiões da terra começaram a vencer as religiões do céo, fazendo appello ao que ha de mais facil, de mais instinctivo, de mais immediato e de mais commodo em nossa natureza, desde o dia em que os deuses voltaram a vencer a Deus, e os idolos a vencer aos deuses, entrou a sociedade moderna no caminho da morte pelo amor excessivo da vida.

Já disse que não acredito no avanço continuo da sociedade. Muito menos creio no seu retrocesso continuo. Essa accessão de uma nova classe ao poder, portanto, coincidirá provavelmente com transformações equivalentes na propria burguezia, de fórma que a adaptação seja reciproca. Verá o futuro sobretudo um reajustamento de classes? E uma remodelação nas ba-

ses de assentamento das classes burguezas, em que a intelligencia seja mais garantida, a pequena propriedade substitua o grande capitalismo, e a technica justifique as hierarchias relativas e inevitaveis? Ao falar no futuro é sempre prudente recorrer aos pontos de interrogação, que são por excellencia o signal graphico do futuro, como o ponto o é do passado e as reticencias do presente. E ao falar na tendencia natural á "infiltração", que é uma lei de vida e de morte das sociedades (as sociedades no apogeu de sua força são as que "filtram" os elementos estranhos; as sociedades em formação ou decadencia são as que se "infiltram" de elementos estranhos), é mister não esquecer a acção periodica e inevitavel da "violencia", como elemento de remodelação. E sob o signo da violencia vivem os nossos dias.

Fim de um systema economico e accessão de uma nova classe ao poder, eis portanto, a meu ver, as faces principaes da moderna questão social. E entre as duas, todo um oceano de problemas, de interrogações, de interesses que se apegam, de ambições que se aventuram, de ideologias dissolventes e realismos constructores.

O principal, talvez, desses problemas intermediarios, entre as faces primordiaes da questão, é a chamada legislação social, sobre a qual acaba de escrever um erudito trabalho o deputado Carvalho Netto, relator do projecto de Codigo de Trabalho, actualmente encalhado no Senado, bahia de fundo raso, onde a navegação de grande calado, sendo embora elle o recinto dos grandes calados, é sempre uma navegação morosa e difficil...

Carvalho Netto — Legislação do Trabalho. — Ed. Annuario do Brasil — Rio, 1926.

A legislação social é apenas um elemento de transição. A estructura juridica da sociedade moderna, base de sua estructura politica, foi surprehendida com o monstruoso desenvolvimento economico dessa sociedade. Tendo, porém, elasticidade bastante para admittir desenvolvimentos parciaes, foi evoluindo em fórmas especialisadas, como o direito commercial, como o direito maritimo, como o incipiente direito aereo (aereos são hoje todos elles...) ou como esse desenvolvido direito industrial cada dia mais complexo e extenso. Havia nas leis que regulavam os problemas economicos o mesmo desequilibrio que existia, embora em muito menor escala, nas leis que regulavam as relações de familia. E da mesma fórma que estas representavam o que Paul Hervieu chamou "a lei do homem", aquellas tambem constituiam — a lei do capital. O trabalho, como a mulher, sendo a parte fraca era tambem a que mais pagava... recebendo.

O desenvolvimento da legislação social foi um movimento de equilibrio entre o capital e o trabalho. O individualismo economico foi sendo limitado pelo systema de restricções juridicas á sua liberdade. E as garantias á precariedade do trabalho asseguradas dentro de uma estructura capitalista.

Apenas, não é esta uma solução que se possa chamar — organica, do problema social, e apenas uma solução de estructura.

Não organisa uma sociedade em que se assegure a liberdade de trabalho e uma disseminação extensiva da pequena propriedade, mas tende justamente áquillo que Hilaire Belloc chamou — "o Estado servil", no qual — "as massas de homens serão constrangidas por lei a trabalharem em proveito de uma minoria, desfructando, como recompensa dessa coação, uma segurança quanto á sua sorte que o antigo capitalismo lhes não garantia". Essa é, para Belloc, a situação em que

já entrou a sociedade ingleza contemporanea, e em que persistirá, como o descreve muito suggestivamente no seu recente romance "Mr. Petre", cuja acção se passa em 1953.

A legislação social moderna, portanto, é apenas um compromisso entre um systema economico e politico que prégа o individualismo — e as ambições individuaes que elle suscita sem conseguir satisfazer. Não é uma solução: é um paliativo.

Inevitavel, necessario, prudente, justo, facilitando a transição, permittindo uma crescente permeabilidade social, attenuando portanto as soluções bruscas e as dissoluções violentas, etc., — mas tudo como paliativo e não como solução.

Essa virá, relativa como sempre, do tempo, dos embates violentos, das voltas gradativas a condições mais humanas de coexistencia, embora menos brilhantes, das renovações do sangue e, sobretudo, do espirito, — mas não de um simples capitulo de Codigo.

Haveria ainda a considerar as condições diversas do problema na Europa e na America. No fundo ha um problema "humano" que identifica as condições em qualquer dos dois continentes, e supera os elementos geographicos sociaes. Além disso, entretanto, restam a considerar as condições economicas diversas de um e outro continente. A Europa chegou, em geral, ao estagio de organização do adquirido, e, portanto, a uma economia de permanencia. A America, especialmente a do sul, está ainda, em regra, no ponto de conquista do inexistente e portanto na economia de creação. Uma precisa consolidar a insegurança do que já foi obtido. A outra precisa sobretudo favorecer a aventura dos que desbravam e produzem.

É a eterna, a insoluvel contradicção entre o estimulo necessario á creação de riqueza — e a necessidade de espalhar essa riqueza pelo maior numero. A ques-

tão moral que levou Lenin ao golpe, assombroso de coragem, da Nep.

Isso não quer dizer, de fórma alguma, que devamos repellir a legislação social. É apenas inacreditavel o nosso atrazo a esse respeito. E não se trata apenas de imitar, pois o facto é que a iniciativa se adeantou, em muitos pontos, ás exigencias da lei e no dia em que esta vigorar será pouco mais em geral do que a concretização do existente, isto é, a garantia mais segura que ha de uma legislação estavel e sem surpresas.

Penso mesmo que o absurdo de um Codigo completo de trabalho, substituindo bruscamente a ausencia absoluta de leis desse genero é mais apparente que real.

E que ha mesmo vantagem em tel-o vigorando quanto antes. Só na pratica poderão ser verificados os seus defeitos. O que for inexequivel provará que é inexequivel. O que for insufficiente se mostrará visivelmente insufficiente. E será melhor do que toda discussão de hypotheses e dialectica theorica, em que os resultados ficarão sempre no plano das conjecturas. Ponha-se em execução a lei. Trabalhando é que se verá se ella póde trabalhar.

O trabalho do sr. Carvalho Netto, em defesa da introducção da "Legislação do Trabalho", entre nós, se não revela um espirito creador, mostra um estudioso, um conhecedor avisado dos problemas sociaes europeus e americanos, e que sabe defender as suas idéas. Combate, com toda razão e com boas razões, o individualismo economico, advogando a solução inevitavel, mesmo entre nós, do "intervencionismo" do poder publico,—"systema de freios e contrapesos que equilibra a acção do Estado com doutrinas socialistas". (A phrase aliás é obscura, pois as doutrinas socialistas são justamente o desequilibrio total em favor do Estado). Não se limita, além disso, á simples organização positiva da sociedade. Reconhece, com fundamento, que

ha um factor moral na vida economica que ha cincoenta annos pareceria talvez absurdo invocar, mas que hoje se está vendo que é inevitavel. Os proprios materialistas mais "enragés" da revolução social moderna tiveram de reconhecer que do factor moral, do factor humano por excellencia, depende toda reorganização social. Os communistas depois da "nova politica economica", não renunciaram aos seus ideaes, apenas reconheceram que só uma nova geração, com "outros ideaes", e educada moralmente no "desinteresse economico", seria compativel com a organização social communista. O appello ao super-homem, em summa... Não importa; é o reconhecimento pratico, mais patente que se poderia desejar, da força do factor moral.

A obra do sr. Carvalho Netto, portanto, não é apenas uma compilação. E sendo embora de caracter nitidamente theorico, e com um apparelho de citações desnecessario e visivelmente tendendo apenas a mostrar erudição — é uma obra util e valiosa. Quanto ao estylo é todo cheio de mesuras e de floreados, com uma preoccupação visivel de imitar o phraseado de Ruy Barbosa. E de mostrar, que tambem sabe escrever classico...

AS CIDADES E AS SERRAS

Creio que poucos conhecimentos humanos terão passado modernamente por uma transformação tão radical como o da geographia. O que era simples descriptividade passou a ser estudo de formação. O que era aspecto visivel da terra passou a ser constituição organica do mundo habitado. Interiorizou-se o que era apenas superficie. Humanizou-se o que era apenas natureza pura. A geographia passou de sciencia morta a sciencia viva. E as affinidades entre a terra e o homem tornaram-se um elemento capital de seu estudo.

Com isso entraram as cidades a ser consideradas como um elemento geographico tão natural como um rio ou uma montanha. E o seu estudo a ser feito não apenas em fórma de fria nomenclatura, ou vagas informações estatisticas, mas como um phenomeno essencial do estudo da nossa terra.

Isso era inevitavel, desde que o estudo do homem se mostrou indispensavel para a verdadeira comprehensão da terra. O homem, que não é simples producto da terra, mas que, ao contrario, faz de certo modo a terra á sua semelhança. E cujos elementos primarios de civilização material, isto é, de libertação relativa do meio physico, foram justamente — o caminho e a cidade. O caminho ephemero fez as cidades. Mas estas, por sua vez, fixaram e estenderam os caminhos. Esse

genero de influencias é sempre reciproco. E no caso do caminho, por sua vez, se poderia demonstrar que o vehiculo é que faz o caminho. E assim indefinidamente.

As cidades, portanto, passaram a constituir uma unidade geographica. E a ser estudadas como tal. "La ville", escreve Brunhes ("La Géographie Humaine", I, 213) á l'exemple du village, du hameau ou de la maison, doit être traitée comme une sorte d'être naturel".

A cidade tem uma vida propria, uma physionomia, que só pouco a pouco vae sendo estudada e comprehendida. Ella não acompanha apenas a vida da nação, como o campo. Ella estimula essa vida. Dirige-a. Recebe as influencias estranhas. Altera as tradições. Registra-as tambem. Prepara e defende a estructura politica da nação. Estabelece os pontos de contacto com a vida internacional. As cidades são como que os orgãos dos sentidos da vida de um povo. E a sua consciencia tambem. E ultimamente, sobretudo desde a revolução industrial moderna, mesmo a sua acção mais intensa. Não ha mais grandes nações exclusivamente agricolas. E a industria é a cidade. Ou pelo menos, tem sido até hoje. Pois nesse sentido, a orientação futura não parece que se limite a proseguir no que até agora se tem operado.

O seculo XIX foi essencialmente um seculo formador de cidades. Como ainda será o nosso por algum tempo. A grande industria tende a concentrar-se, como tende a urbanisar-se o capitalismo de que nasceu a grande industria. Mas a revolução economica e social do seculo XX é muito provavel que opere em sentido opposto á revolução industrial do seculo passado. A liberdade de commercio e de industria foi um dos grandes elementos formadores das grandes cidades. E que levou ás hypertrophias actuaes. O mal procurou, em vão, ser evitado, no antigo regimen, por governos for-

tes e ciosos de um desenvolvimento nacional mais harmonioso e não apenas subordinado ás conveniencias de certos interesses economicos. Sombart cita, por exemplo ("Der Moderne Kapitalismus", II, 770) varios editos francezes do seculo XVIII, prohibindo a construcção de novos predios em Paris: "Reconnaissant que l'augmentation de notre bonne ville de Paris est grandement préjudiciable... Attendu que l'intention de Sa Majesté a été que sa ville de Paris fut d'une étendue certaine et limitée, etc."

Nada disso, porém, conseguiu impedir o crescimento assombroso e malsão das cidades em nosso tempo. Mas a decadencia do capitalismo trará muito provavelmente, como consequencia economica, e aliás muito logica, a decadencia do urbanismo.

Isto, porém, são conjecturas, e a situação presente, sobretudo na America, é de uma curva ascendente quanto ao crescimento das cidades. Como o tem sido incessantemente, desde os primeiros estabelecimentos colonizadores. Que aliás desde logo fixaram a grande maioria dos centros urbanos de nossa historia.

Seria interessante um estudo da evolução historica do Brasil por comparação entre as suas diversas capitaes, as vicissitudes por que têm passado e a influencia que têm exercido sobre a vida local e nacional. Onde se veria, por exemplo, o caso curioso de Minas, estado descapitalizado, por involução da primitiva feição economica, em que a prosperidade da capital primitiva decresceu na razão inversa da prosperidade da provincia, ao passo que toda a região rural do Rio de Janeiro, ao contrario, decahia enquanto progredia incessantemente o valor e a importancia da cidade.

Mas antes de termos um estudo geral da materia, precisamos conhecel-a melhor em seus elementos. E nesse sentido acabam de apparecer mais dois livros,

que estudam a capital politica e a capital economica do Brasil, Rio e S. Paulo.

Affonso E. Taunay — Historia Seiscentista da Villa de S. Paulo — Typ. Ideal, S. Paulo, 1926.

Delgado de Carvalho — Historia da Cidade do Rio de Janeiro — Liv. Alves — Rio, 1926.

O caracter dos livros é muito diverso, como muito diverso é o seu ambito historico. Basta dizer que enquanto o sr. Taunay se occupa apenas com o seculo XVII, percorre o Sr. Delgado de Carvalho, no seu esboço summario, todos os quatro seculos da historia fluminense. Aquelle é, portanto, um livro de analyse e este de synthese. E ao passo que o do sr. Taunay interessa sobretudo a especialistas o do sr. Delgado de Carvalho foi feito especialmente para os estudantes do curso secundario.

O livro do infatigavel director do Museu Paulista é apenas a continuação dos estudos que ha annos vem fazendo em torno da formação da capital paulista, baseado nas famosas actas da Camara de Piratininga, recentemente extrahidas do olvido e da traça. Ha adjectivos amorphos. Ou simplesmente convencionaes. Mas o — infatigavel — applicado ao sr. Affonso Taunay é insubstituivel. Não se cansa esse homem. Não deixa passar anno sem livro. E se nem todos vêm deixar um traço original, como esses de commentario ás actas de Piratininga, e uma tão preciosa collaboração ao estudo de nossa geographia humana e formação social, vêm todos servir um porco á nossa historia. Ainda neste momento, ao escrever estas linhas, acabo de receber outra obra sua — "Ensaio de carta geral das bandeiras paulistas" (Comp. Melhoramentos — S. Paulo, 1926). É o primeiro mappa completo do bandei-

rismo paulista que aqui se tenta. Uma carta impressionante. Com os dados mais do que imprecisos que existem sobre a irradiação das bandeiras pelo Brasil, não podia o sr. Taunay cogitar de itinerarios certos. Limitou-se a indicar os nomes dos sertanistas paulistas nos logares de suas peregrinações aventureiras, com a data approximada de sua estadia. Mas já isso dá uma noção formidavel de poder e de expansão. Nada convence como o olhar. Nada commove como elle. Lemos impavidos, as aventuras mais extraordinarias. Ouvimos contar coisas dolorosas. Evocamos tradições de feitos gigantescos. Tudo nos impressiona por um momento. E logo foge. Os sentidos interiores são obliquos. Deixam escorregar as sensações. Passam em regra sem deixar vestigio fundo. Mas o ohar penetra. E grava em nós. O olhar repelle a repetição e a inercia. O olhar é o mais rapido dos sentidos. E o mais agudo. O mais immediato. Operando, como a intuição, de surpresa e sem demora. E operando em synthese. A partir do todo. Visando o geral. E por isso mesmo num quadro collectivo como este, dá uma noção concentrada de historia que a historia não consegue dar.

E o mais curioso justamente é ter em mente um quadro desses, que a simultaneidade do olhar permitte na carta, ao ler esses volumes de formação piratiningana que o Sr. Taunay continúa a dar-nos. É a larva e a borboleta. A lenta e larvar elaboração local dos elementos. Um caldo fermentando na ponta do caminho do mar, entre as neblinas frias do planalto. E as asas para o sertão. A incoercivel attracção do Tieté. As aguas que chamam. A ambição que leva ao desconhecido. Ao sertão dos Patos, no extremo sul, como á Nova Granada e ao Rio-Mar.

Justamente neste recente volume de seus estudos das actas da Camara de Piratininga o que occupa a actividade municipal durante essa primeira metade do

seculo XVIII (o volume estuda o periodo de 1600 a 1653) é a luta pela "ida ao sertão". Ou, o que é o mesmo dizer, a luta entre os dois elementos primarios de nossa formação social: o jesuita e o bandeirante. Por elles, prende-se a nossa historia á historia universal, no seculo XVI. Os dois grandes movimentos sociaes do momento são justamente a Contra-Reforma e o Capitalismo. O grande capitalismo moderno nasce então com a liberdade crescente de commercio com os novos descobrimentos, com as grandes Companhias economicas, com o luxo do Renascimento, o poder e a riqueza das grandes côrtes, com o engrandecimento das nacionalidades independentes entre si, os gastos das guerras, a diffusão dos judeus e a sua alliança secreta com os poderes politicos, emfim com essa temporalização crescente das consciencias, esse gosto crescente do mundo e das coisas e forças e progressos mundanos que o Renascimento representa na historia. Tudo isso significa no fundo — riqueza. Os governos precisavam de riqueza para dominar, os particulares precisavam de riqueza para desfructar a vida, — e as consciencias esqueciam as limitações moraes, a opposição incessante dos poderes espirituaes contra o dinheiro, para se entregarem a essa febre de poder e de gozo que o seculo XVI trazia mais que outro qualquer. E tudo isso se traduzia em nossa historia por uma figura — o bandeirante.

Por outro lado, essa eterna luz do espirito, que nas épocas mais sombrias, á beira dos abismos mais inevitaveis, parece sempre salvar-nos da tyrania imminente e exclusiva dos sentidos, provocava nesse mesmo seculo XVI essa admiravel reacção mediterranea contra os males que o proprio Mediterraneo suscitara — a Contra-Reforma. Na gruta de Manresio, Ignacio preparava-se para a sua vida assombrosa de rejuvenescimento pela acção, como quatro seculos an-

tes, na gruta de Rieti, Francisco se preparara para a sua obra de rejuvenescimento pela caridade. E em nossa historia nacional, o movimento ia traduzir-se por outra figura essencial de nossa iniciação — o jesuita.

E em São Paulo é que ia dar-se o encontro decisivo entre as duas correntes de espirito contradictorias. Nada de mais curioso do que ver uma luta dessas, que partia dos centros mais altos da civilização, que punha em acção as forças extremas do occidente, que agitava os maiores espiritos do tempo e ia mudar o curso todo da historia, ampliando por tal fórma o palco da historia que hoje Paul Morand póde exclamar, desesperado de civilização e de universalismo — "rien que la terre!", — nada de mais curioso do que ver essa luta de estrellas reflectidas nas poças de agua dos caldeirões de lama nessas imundas vielas de São Paulo de Piratininga, no coração ainda barbaro do novo mundo. E esse longinquo reflexo, essa raiz remota das grandes correntes universaes, é o que vamos encontrar na linguagem tosca, imprecisa, por vezes incomprehensivel de tão grosseira e confusa, dos escrivães quasi analphabetos que traçavam essas actas do seculo XVI. Era a luta aberta entre os jesuitas que vinham captar almas e os bandeirantes que queriam captar corpos. Entre esses homens admiraveis que lutavam movidos por puros interesses moraes e os que não queriam saber de quaesquer limitações á sua avidez de ouro e de poder. Uns preparavam a nossa cultura, que é afinal o sentimento da intelligencia; e os outros a nossa civilização, que é a estructura de acção.

E nada de mais eloquente, por exemplo, do que ler as lutas incessantes de Antonio Raposo Tavares contra os padres da Companhia e ver na carta o periplo hannoniano desse mesmo Raposo ao longo de tudo o que hoje é Brasil e ainda o não era naquella éra. Em 1640, ia attingir a luta o seu ponto culminante com a ex-

pulsão dos padres pela simples deliberação desses paulistas autoritarios e desabusados, que de "lei" só conheciam a sua ambição de poder e de "rei" alguns remotos ouvidores, cujas bisbilhotices excessivas eram corrigidas a frechadas e trabucos.

A camara fingia sempre oppor-se ás famosas "idas ao sertão", mas tudo para inglez ver. O sertão attraia a população em peso. E o sr. Taunay reproduz os termos muito expressivos de uma acta de 1647, em que — "o proprio povo requeria á Camara que intimasse a Antonio Nunes a não partir para o sertão, no descobrimento de minas, "por quanto estava este povo todo abalado para sahir em sua companhia!"

E em 1640, no anno da expulsão, os proprios officiaes da Camara eleita, eram partidarios acerrimos de Raposo e nem ao menos empregavam os habituaes subterfugios ao tratar do problema sertanista. E o mais curioso é que, sob o ponto de vista economico, viriam a ser justificados, tres seculos mais tarde, isto é, hoje em dia, pela propria Companhia de Jesus.

De facto, em 1640 , chegando a noticia de que um ouvidor pretendia abrir devassa sobre as idas ao sertão, diziam os juizes partidarios de Raposo, na acta de 7 de janeiro: — "E por quanto até o presente estava em uso e costume ir-se ao sertão, por os moradores não poderem viver sem o sertão, sendo que nunca os ouvidores geraes taes devassas tiraram, requeiro aos officiaes da Camara acudam a isto por ser bem cummum".

Ora, essa pequena phrase — "por os moradores não poderem viver sem o sertão"—é um resumo perfeito que o rude senso de viver daquella gente encontrava para dizer admiravelmente o que hoje dizem os mais eruditos economistas, com seculos de experiencia e bibliothecas de theorias atrás de si. E os proprios jesuitas, contra os quaes se escrevia a phrase e se processava o movimento bandeirante.

De facto, um dos mais reputados economistas da Allemanha hoje em dia é um jesuita, Heinrich Pesch, que dedicou a sua vida ao estudo do problema social contemporaneo, e á substituição dos dois extremos reprovaveis da economia moderna — o individualismo e o socialismo — por aquillo que elle chama de — "Solidarismus". E a grande obra em que resumiu, em cinco volumes, todos os seus extensissimos estudos é o "Lehrbuch der Nationaloekonomie", cuja ultima edição appareceu o anno passado. Ora, todo o estudo de Pesch sobre a formação das cidades gira sobre a dependencia dessas em relação ao campo e ao trafico, como se póde resumir em uma de suas phrases: — "A cidade, em sentido economico, está, para a sua existencia, naturalmente encaminhada para o campo". (Lehrbuch", II, 473 e segs).

E o curioso é approximar toda a sua demonstração, que aliás nada tem de novo economicamente, desses velhos e toscos textos piratininganos, approvando o jesuita erudito do seculo XX (sob o ponto de vista "estrictamente" economico, diga-se de passagem) a theoria dos adversarios de seus irmãos de Ordem, no seculo XVI!

O livro do sr. Taunay, portanto, é mais um élo de sua obra preciosa sobre a formação da cidade de São Paulo. Uma obra já agora capital para o estudo do nosso "capitaismo, como os seus estudos sobre as bandeiras paulistas para o estudo do "ruralismo".

Comparar São Paulo ao Rio de Janeiro é comparar aquellas duas especies de cidades, a que Ratzel se refere nas paginas realmente admiraveis e profundamente originaes, em que estuda o problema urbano ("Politische Geographie". pag. 286 e seguintes): — "as cidades que não querem ser orgãos do Estado, mas organismos no Estado".

No fundo, talvez seja esta a distincção essencial

entre as duas grandes capitaes brasileiras. O Rio de Janeiro tendeu sempre a ser um orgão do Estado e S. Paulo a ser um organismo no Estado.

Já a situação geographica indicava essa finalidade divergente. O Rio aberto para o mar e fechado pelas serras, em direcção ao campo. São Paulo fechado sobre o mar e aberto para o campo. Dahi um sentimento de independencia que outra cidade mais exposta não poderá manter. Basta ver, nas actas da Camara piratiningana, a constante ameaça de "fechar o caminho do mar", que os edis proclamavam quando dos representantes da Metropole lhes chegavam ordens contrarias aos seus interesses.

No Rio, a coisa foi sempre muito outra. E o estudo do sr. Delgado de Carvalho o mostra muito vivamente. Pois, apesar de ser um livro tolhido pela sua finalidade didactica, nem assim deixou o sr. Delgado de Carvalho, que é um dos maiores renovadores dos nossos estudos geographicos modernos, de estudar a morphologia da nossa capital. Sei que o autor pretende fazer um estudo mais demorado sobre o assumpto. Em que amplia justamente o estudo da cidade como aquelle "ser natural" de que fala Brunhes, e da sua importancia em nossa formação social, etc. Ninguem o poderá exceder nessa tarefa. Outros fariam talvez melhor a historia do Rio, em uma ou outra face parcial. Mas ninguem como o sr. Delgado de Carvalho poderá fazel-a como elemento social, como "orgão do Estado" como "Roma americana", no dizer de Cayrú.

Para essa tarefa, a sua "Historia do Rio de Janeiro" é um excellente prefacio. Fica intimado agora a trazer-nos o texto do volume.

PIRATININGA

A revolução cartesiana, senão de todo o proprio Descartes, lançando o Individuo contra a Escola, não suspeitou que ia acabar lançando a Natureza contra o Individuo. A physica era considerada até então para a metaphysica. Começou ahi a metaphysica a ser estudada para a physica. Até que chegou a physica a ser tratada contra a metaphysica e hoje quando muito concordam na physica pela physica. Nada mais.

Nessa evolução, o "individuo", que os cartesianos pretenderam libertar da razão impessoal passou a desapparecer novamente em face de uma realidade impessoal que o governaria cegamente. O individualismo cartesiano, pretendendo reagir contra o determinismo da razão levou ao determinismo da natureza. Quando suspeitava Descartes que aniquilando os Escolasticos, "homens para quem o mundo exterior existe", levaria por um declive irreversivel aos novos homens, dos seculos XIX e XX, para quem "só" o mundo exterior existe?

Os philosophos são como o *aprendiz feiticeiro:* sabem abrir as torneiras mas não sabem a formula de fechal-as. Eis porque existe em todo pensador o germen de um suicida.

Já no principio do seculo XIX com Bonald, mas sobretudo nos meiados com a geração de Espinas e

Durckheim, alastrou-se o naturalismo em todos os sentidos e o individuo passou a depender da sociedade e de toda uma motivação exterior que pretendia aniquilar a sua liberdade. O sonho libertador de Descartes ou de Luthero levara apenas a uma nova servidão: as formulas scientificas substituiram-se ás formulas thomistas, a Universidade á Escola. Estava triumphante a escolastica moderna. As "luzes" do seculo XVIII desabrocharam plenamente no materialismo historico. E a civilização passou a ser um resultado de indices mecanicos e impessoaes.

Esse caminho recordava eu, ao percorrer as paginas do sr. Alfredo Ellis Filho.

Alfredo Ellis Filho — Raça de gigantes — Ed. Helios — S. Paulo, 1926.

O sr. Ellis é um discipulo fiel de toda essa corrente naturalista dos meiados do seculo passado. Para elle a civilização é quasi um phenomeno da natureza, governado por leis naturaes e necessarias, e o homem um simples resultado de forças physicas estranhas a si.

Resumindo o seu longo estudo sobre "a civilização no planalto paulista", escreve o sr. Ellis o seguinte, que é um resumo perfeito de todo o seu determinismo historico:

"A raça, o meio physico e o meio social são os credores da nossa grandeza. Esses factores do passado secular, agindo sobre a raça no seu physico, no seu moral, na sua psychologia; — esses factores, moldando os moradores e orientando-lhes (sic) na sua evolução historica e social, predeterminaram (sic) que seriamos um agrupamento humano, superiormente dotado, capaz de attingir o gráo de prosperidade em que nos encontramos. Esta consequencia devemos exclusivamente (sic) a esses factores apontados, tendo ape-

nas o elemento estrangeiro das correntes immigratorias avolumado o nosso progresso e nos auxiliado a conquistar a opulencia".

O sr. Ellis é um progressista e um optimista para quem a civilização é um progresso constante da humanidade, em que esta, como diz Muller-Lyer, outro recente defensor dessas idéas evolucionistas do seculo passado ("Phasen der Kultur", Munchen, 1923) — "é capaz de se elevar lentamente cada vez mais acima das sociedades animaes, de tornar a natureza sempre mais util a seus fins e tomar cada vez mais em consideração o dominio da terra para si".

Esse candido evolucionismo, que a nós hoje parece tão mofado, tão conselheiralmente ridiculo, faz ainda furor em toda a America. Ha pouco tempo eu lia um artigo de um gravissimo professor norte-americano, da Universidade de Columbia, em que esse phenomeno sustentava que a nova educação norte-americana de contacto constante entre meninas e meninos teria como inevitavel consequencia... acabar com as guerras!

Eu imaginaria muitas consequencias dessa utilissima convivencia... Essa, porém, nunca!

Mas o sr. Alfredo Ellis tem uma particular affeição por tudo que tenha mais de 50 annos, ao menos. Aceita, por exemplo, como digna de fé historica, a "lenda negra", de Portugal, sem se dar ao trabalho sequer de se informar, ou pelo menos de mencionar, tudo o que modernamente se tem feito em Portugal, por vezes com exito innegavel, para destruir ou amenizar essa lenda.

E como vive obcecado de materialismo eugenico procura tudo para provar que toda a sorte de selecções fizeram com que as classes plebéas portuguezas, que fugiam da decadencia e da miseria de Portugal (no seculo XVI), fossem uma "raça de gigantes" capaz de emprehender a epopéa bandeirante.

Porque o sr. Alfredo Ellis é ainda um partidario extremado da producção de homens por selecção. A selecção é o deus evolucionista do darwinismo satisfeito do sr. Ellis. E damna-se quando causas contrarias impediram a acção ideal dessa força que levará o homem ao super-homem, seguindo o progressismo illimitado do sr. Ellis, no dia em que o Estado puder convenientemente regularizar os casamentos eugenicos para obtenção de uma raça pura. É um absurdo, não é verdade, que o homem tenha conseguido tirar do arabe essa coisa perfeita que é o cavallo inglez, e não tenha conseguido ainda fabricar o "homunculo" de Wagner — "Nous allons changer tout cela", como diria Sganarello.

A primeira dessas forças contrarias, na opinião do autor, que no seculo XVII impediram a formação immediata do paulista ideal foi a excessiva autoridade do "pater-familias" paulistano, impedindo o casamento das filhas por inclinação espontanea e prejudicando, portanto, a acção providencial da "selecção sexual". Ou como elle diz, na sua algaravia de primario:

"A conjugação de dois seres bem dotados, approximados pela mutua attracção, que chamamos amor, deve por força produzir seres bem conformados".

Mas a famosa "eugenia", tão cara ao anthroposociologismo determinista do sr. Ellis manda ás favas esse amor selectivo de que Darwin é o Romeu e Hæckel a Julieta, e trata de registrar os reproductores humanos no "herd book" de procreação scientifica do Estado ideal. Nesse dia terá desapparecido o criminoso "enfin seuls", pois é inconcebivel que os poderes publicos não fiscalizem de perto o acto capital da eugenização da Patria, em bem da humanidade...

Outra selecção contraria, a seu ver, que em São Paulo se operou, foi a selecção religiosa, isto é, o forçado celibato dos padres. "Esses resultados foram mui-

to mais funestos para a raça, pois, se a livrou do mysticismo religioso (sic) tambem afastou da reproducção os elementos de maior valor cerebral, diminuindo assim a força do intellecto da população". (Sic)!

Pois o sr. Ellis nesses assumptos, ficou ainda, até hoje, ahi por volta de Cabanis ou pouco mais. E cita muito a serio a opinião do seu amado Lapouge (excepto em questões de raça pura, pois o sr. Ellis, se é inimigo do mysticismo, é naturalmente amigo do mesticismo) de que "o celibato clerical (foi) um dos maiores golpes dados no catholicismo pelo seu proprio orgão director".

Positivamente, é um dever urgente do sr. Ellis levar esse conselho ao cardeal Gasparri. Imaginem se isso tivesse sido seguido desde o anno 1000, mais ou menos, que multidão de sacerdotes e de freiras não teria hoje a Egreja, para defendel-a! E é possivel mesmo que, por herança dos caracteres adquiridos, já hoje começassem esses garotos a nascer de batina... Francamente, é uma idéa que me regosija essa do Vaticano possuindo um "haras" sacerdotal!

Por falar em padres — na questão dos Jesuitas é que se evidencia em todo o seu esplendor a insufficiencia radical do determinismo antiquado do sr. Ellis. Na formação de São Paulo e de sua civilização, o Jesuita é um phenomeno que não encontra explicação dentro do naturalismo do sr. Ellis. Não é possivel explicar o Jesuita nem pela selecção das molestias (realmente um dos factores de selecção eugenica que o sr. Ellis encontra em Portugal no seculo XV são as epidemias vaccinando o povo, ou coisa que o valha...), nem pela selecção sexual favoravel, nem pela luta pela vida, nem pelo clima de São Paulo ou da Espanha, nem pela decadencia politica de Portugal, nem pelo indice cephalico, nem pelo indice geographico nem pelo indice social. O Jesuita não é uma secreção — por mais mala-

barismos que se façam com a historia ou com a ethnographia. O Jesuita é uma coisa que vem de outra força social, de outro elemento civilizador que o estreito materialismo do sr. Ellis não consegue explicar. O Jesuita é filho dessas forças espirituaes que agem na historia tanto ou mais fortemente do que as forças materiaes. O Jesuita é filho de uma força, sem cujo concurso se condemna a interpretação da historia a um parcialismo estreito, tendencioso, incapaz de interpretar o que ha de unico e de especifico na civilização e na cultura, isto é, na vida do homem sobre a Terra. O Jesuita é filho da liberdade. É filho da capacidade que tem o homem de contrariar inesperadamente o curso das coisas historicas. De viver ás avessas, de subir o curso que parecia fatal, de renovar o que já parecia em ruinas, de espiritualizar o que já parecia definitivamente crystalizado em materia, de procurar a morte no martyrio e não o bem estar na fortuna, de renunciar ao visivel, de resignar "ac cadaver" a sua liberdade por força de uma liberdade mais alta, de apagar o individuo na obra, pela affirmação victoriosa do individuo contra a fatalidade da evolução collectiva. O Jesuita é o imprevisto.

E como o imprevisto não entra nos calculos deductivos do sr. Ellis, prefere deixar o Jesuita de fóra, sem razão de ser, sem acção effectiva. E tratal-o quasi sempre como inimigo a combater ao par do indio ou do castelhano, revelando ahi o sr. Ellis a mesma capacidade de interpretar os factos sociaes que deve ter tido qualquer preador de carijós ou depredador de Missões.

Em tudo isso se está vendo o discipulo apressado de systemas razoaveis. A anthropogeographia, por exemplo, em seus estudos demorados e largos sobre a relação do homem e do meio, tem mostrado como é intima a ligação entre os dois elementos, e como é falso estudar a historia ou a geographia sem levar em con-

ta os dois elementos. O mesmo se tem dado com as sciencias sociaes. Ou com a ethnographia. Ou com tudo o que tende a mostrar em todos os terrenos essa conjunção inevitavel, e essa reciproca interdependencia, do homem e da sociedade, do homem e da raça, do homem e da natureza.

Mas dahi a querer explicar tudo pela acção de um só dos elementos e justamente do elemento material e exterior é mutilar a historia, deixar de fóra elementos inexplicaveis, torcer a realidade total por amor de uma realidade realista tão abstracta como qualquer puro idealismo.

Mas são os proprios anthropogeographos que nos põem em guarda contra os erros que se podem levianamente deduzir de uma verdade inicial. "Des faits terrestres nous ne nous affranchissons jamais totalement", escreve Jean Brunhes, um dos fundadores da geographia humana em França ("La Géographie Humaine", II, 823), "Par contre, ce serait une étrange utopie de supposer qu'ils sont seuls á nous gouverner et qu'ils suffisent á expliquer l'histoire sociale et politique! Qu'on ne méconnaisse donc jamais, même en géographie (sic), tout ce qui dérive sur la terre des décisions libres ou des actes irréfléchis des hommes".

E nos seus recentes estudos sobre "a geographia da energia humana em França", com Deffontaines, prova Brunhes que a população se desenvolve, não em razão de forças cegas seleccionadoras de raça ou meio, mas daquillo a que chamou de "horizonte de trabalho". — "Rien moins que la natalité n'est assujettie á un strict déterminisme physique; de tels faits d'ordre moral et social sont issus par excellence d'actes de volonté humaine. L'homme, plus que la nature, est créateur d'horizons de travail".

Ora, tratando desses mesmos problemas de população, mostra o sr. Ellis a sua precipitação de generali-

zador e a sua capacidade de tirar conclusões falsas ou extremadas de premissas certas. "A fecundidade", diz elle, "é o indice mais seguro para a determinação do estado de um povo. Se o coefficiente da fecundidade é elevado, e caminha em progressão crescente, póde-se ter a certeza que esse povo sobe evolutivamente na escala de sua grandeza". Não são de desprezar taes affirmações na penna de um obsecado desse idolo moderno de eugenia, especialmente quando os livros de mrs. Mary Stopes são cuidadosamente traduzidos pelos nossos academicos eugenizadores... Mas a affirmação feita como a faz o senhor Ellis, levaria a concuir que a India é mais civilizada que a França, porque o indice indo é superior ao francez; a China que a Inglaterra, etc. Bellezas do determinismo social.

Todo o problema da formação social paulistana, portanto, é tratado pelo sr. Alfredo Ellis com a pura preoccupação de civilização quantitativa. Só vê em acção as forças de dilatação no espaço e de expansão economica, deixando sempre em segundo plano as qualidades do espirito, embora sem desdenhal-as. Como deixa sempre em segundo plano a consideração collectiva do Brasil, para tirar conclusões finaes de um bairrismo delirante. Em sua opinião quem fez o Brasil foram exclusivamente os bandeirantes, e como estes o fizeram no inicio de nossa historia — "nós (paulistas de hoje) conquistaremos o resto do Brasil á miseria, á incuria, á desgraça, á improductividade, ao marasmo, á inercia, á modorra e á preguiça". — *Excusez du peu.*

Em sua opinião, São Paulo é uma torre de virtudes em meio de um pantano de miserias. Ora, isso é a mais rematada injustiça, como o é a affirmação exclusivista da obra épica dos bandeirantes, com omissão de outros elementos brasileiros que até hoje têm contribuido, com São Paulo, para conservar de pé este es-

qualido colosso — desde as populações guerreiras do sul, que nos têm valido contra o estrangeiro, ás populações vigorosas do Ceará, que conquistaram o Amazonas, e á acção cultural das populações citadinas do centro ou moral das populações mineiras. Só mesmo a obcessão da civilização quantitativa poderia levar o sr. Ellis a empanar a obra unica de São Paulo com a inveracidade dos insultos ao "resto" dos brasileiros e a vaidade ingenua de bairrismo de botequim.

Isto não quer dizer que o livro do sr. Ellis seja apenas isso. Discordando, embora, radicalmente, de seu determinismo cego, reconheço que ha neste livro um grande esforço de estudo, de systematização, de comprehensão da historia e do caracter paulistas — cujo maior louvor é a propria obra incomparavel já feita, que é hoje o maior orgulho de todo brasileiro. Ha mesmo observações e graphicos muito interessantes sobre os elementos de colonização, sobre a difusão no planalto e sobre fluctuações historicas. Toda a parte que é fundamentada nos documentos recentemente publicados, em actas e inventarios coloniaes, é muito boa e util para qualquer estudo de formação nacional brasileira, corrigindo mesmo em certos pontos enganos de interpretes anteriores, como no caso das pequenas propriedades ruraes que foram o nucleo inicial da colonização piratininganа, contra idéas apresentadas anteriormente.

O livro aliás é de leitura pouco agradavel, independente de quaesquer discordancias de idéas. Muito mal escripto, em phrases longas, confusas, vulgares, sem originalidade nem profundeza, traindo sempre uma leitura antiquada e uma mentalidade estreita, é uma obra esforçada, sem duvida, mas mediocre.

TREPLICA

Tratando ha dias, por dever de officio, de um livro do sr. A. E. F., sustentei a seguinte these: que na formação das nacionalidades não agem apenas factores materiaes e objectivos mas igualmente factores espirituaes e subjectivos; que o naturalismo do seculo passado, continuado hoje em dia por uma sciencia acanhada e unilateral, não conseguia explicar a complexidade do desenvolvimento historico; que o autor do livrinho, alumno applicado dessa corrente de idéas, tinha por esse motivo, desdenhado elementos capitaes de nossa formação nacional; que um desses elementos fora justamente o Jesuita, de importancia consideravel na formação paulista, etc.

Contesta agora o autor a minha these, insistindo no seu ponto de vista, embora procurando escapatorias grosseiras para suas anteriores affirmações. É conveniente, portanto, citar ainda uma vez a phrase, a "conclusão", em que o sr. A. E. F. resume toda a sua argumentação, á pag. 362 do livrinho: — "A raça o meio physico e o meio social, são os credores da nossa grandeza. Esses factores do passado secular, agindo sobre a raça, no seu physico, no seu moral e na sua psychologia; — esses factores, moldando os moradores e orientando-lhes (sic) na sua evolução historica e social, predeterminaram (sic) que seriamos um agru-

pamento humano, superiormente dotado, capaz de attingir o gráo de prosperidade em que nos encontramos. Esta consequencia devemos exclusivamente (sic) a esses factores apontados".

Não posso evidentemente transcrever todo o livro. Seria tornar-me cumplice do reclame que o A. deseja. Ou, pelo contrario, impedir os poucos leitores que ainda possa ter. A "conclusão", porém, resume admiravelmente o seu ponto de vista. Os factores exclusivos da grandeza paulista foram a raça, o meio physico e o meio social. Factores externos e materiaes de espaço e de tempo.

Insiste agora o A. na sua these, contestando o que affirmei e dizendo que me encontro sózinho, no meu ponto de vista, ao passo que elle tem por si toda uma luzida mestrança. Isso é o essencial do seu artigo, desprezados os pontos de exclamação e de interrogação, os sophismas ou os adjectivos, com que os despeitos se desabafan.

Não voltarei a repetir aqui o modo como comprehendo, sob o meu ponto de vista individual, a formação da nacionalidade no planalto de Piratininga. Já o fiz, por extenso, quando escrevi sobre o ultimo livro do sr Affonso Taunay. Cabe-me apenas mostrar a contragosto, que, apezar do que dogmaticamente affirma o sr. A. E. F., não estou sózinho nessas idéas. Preferia estar. Teria ao menos o merito de dizer verdades originaes. Peço, portanto, desculpas ao leitor imprudente que se tenha aventurado por estas paginas, se este capitulo sair apenas um mosaico de citações. A culpa não é minha.

— "Le monde, laissé à lui même, obéit à des lois fatales... Mais avec la vie, apparait le mouvement imprévisible et libre. L'être vivant choisit ou tend á choisir. Son rôle est de crêer. Dans un monde, où tout le reste est determiné, une zone d'indétermination l'environne...

La matiére est nécessité, la conscience est liberté; mais elles ont beau s'opposer l'une à l'autre, la vie trouve moyen de les reconcilier. C'est que la vie est précisément la liberté s'insérant dans la nécessité et la tournant à son profit". (H. Bergson. "L'Energie Spirituelle" — Paris — 1919).

Esse é justamente o meu ponto de partida. A formação de uma nacionalidade é justamente o ponto de coincidencia dessas duas forças: a necessidade e a liberdade. Ambas são elementos indispensaveis para explicar a formação de um povo ou de qualquer parte desse povo. Não são apenas as forças cegas da natureza, do sangue e do instincto gregario que levam os homens em sua migração millenar através dos seculos e dos continentes. As forças espirituaes, as forças livres as forças imprevistas concorrem com as forças materiaes, necessarias, predeterminadas, para explicarem a historia, as nacionalidades e as culturas.

Reconhecendo esse facto é que certos sociologos modernos procuram distinguir previamente os dois elementos. E mesmo aquelles que menos se inclinam á autonomia dos valores espirituaes, não deixam de accentuar a importancia respectiva dos dois factores. Assim se dá, por exemplo, com Max Scheler, que é considerado, hoje em dia, o maior philosopho allemão vivo. Isso não importa, sem duvida, em subscrevermos suas idéas. Mas, em todo o caso, leva a invocar sua autoridade.

"Cada acto verdadeiro de um homem", escreve elle, — "é igualmente mental e instinctivo (geistig und triebhaft) e — para dizer mais agudamente — é segundo o objectivo final a que, em cada caso, se dirige a intenção, quer seja para um fim ideal, quer seja para um fim real, que nós distinguimos uma sociologia da cultura (Kultursoziologie) e uma sociologia real (Realsoziologie)... E por isso, toda *Kultursoziologie*

presuppõe um estudo do espirito do homem e toda *Realsoziologie* um estudo dos instinctos do homem" *(Max Scheler* — "Die Wissensformen und die Gesellschaft" — Leipzig — 1926).

E nessa sociologia-real reune elle os factores a que acima chamei de materiaes e objectivos, e na sociologia-cultural os espirituaes e subjectivos. "Sem o concurso de ambas não é possivel uma solução", como elle o diz adeante na mesma obra.

Reagindo contra esse mesmo materialismo sociologico, de que faz garbo o autor do livrinho que me leva a estas exhaustivas citações, é que discipulos dos grandes deterministas do seculo passado procuram corrigir a insufficiencia dos seus mestres, por maiores que tenham sido o seu talento, a sua originalidade e as suas creações. Assim se dá, por exemplo, em França com Paul Bureau em relação a Durckheim como se dá em alguns pontos, na Allemanha, com Arthur Dix em relação a Ratzel.

Escreve o primeiro, para citar apenas uma phrase de todo um livro destinado a sustentar esse ponto de vista: "Les interpretations du matérialisme sociologique ne réussissent pas plus á rendre compte des grandes crises de la vie nationale ou internationale des peuples qu'elles ne suffisent á expliquer les institutions et les pratiques de leur existence quotidienne" *(Paul Bureau* — "Introduction á la Méthode Sociologique" — Paris — 1926).

Escreve o segundo, entre outras coisas: — "A época do materialismo desconheceu de forma estranha que a idéa de expansão (dos povos) não significa por si mesma nenhum impulso material, porém, um impulso ideal". *(Arthur Dix* — "Politische Geographie" — Berlin — 1923).

Mesmo os espiritos mais inclinados ao materialismo sociologico, procuram corrigir a unilateralidade das in-

fluencias puramente naturalistas na evolução humana. Assim se dá, por exemplo, com os organizadores da collecção mais moderna e mais completa de obras sobre o estado presente da humanidade. Essa collecção é dominada por uma orientação a meu ver estreita, parcial e sensivelmnte naturalista da historia. E não me deixo deslumbrar nem pelo seu vulto, nem pela respeitabilidade e pelo saber de tantos dos seus collaboradores, para acreditar que tenham o privilegio da verdade ou mesmo da boa orientação. De qualquer forma representam uma contribuição de primeira ordem para todos os megatherios que ainda acreditam, como o meu amavel contradictor, que a sciencia puramente determinista póde dizer a ultima palavra em todos os dominios.

Essa collecção de obras é "L'Evolution de l'Humanité", que está sendo publicada em França, sob a direcção de Henri Berr, e reproduzida e muito ampliada numa collecção ingleza correspondente — "The History of Civilization". Eis, entretanto, o que escreve o proprio organizador no prefacio ao quinto volume da collecção: "Mesmo sob o ponto de vista biologico, e mais ainda sob o psychico, existe um meio interno (internal environment) em que domina uma causalidade toda especial (sic). Graças a essa causalidade logica, a humanidade escapa, cada vez mais, ao determinismo cego, á causalidade mecanica do meio exterior". Henri Berr, intr. ao volume de *L. Fabvre*. "A Geographical Introduction to History" — London — 1925).

E no correr da obra, criticando a concepção materialista de Maus e de Dürckheim, escreve Lucien Febvre: — "A iniciativa e a mobilidade do homem, eis o que os geographos, hoje em dia, estão procurando accentuar... É legitimo falar, em contraste, (com o materialismo anterior) de uma especie de *espiritualismo geographico* (pag. 76).

E em outro volume da mesma collecção, o grande ethnologo Eugéne Pittard, insiste na mesma idéa, escrevendo: "Com que segurança não procuram convencer-nos de que o meio é tudo, e de que os homens são seres eminentemente plasticos, submettendo-se sem protesto a toda especie de influencias!... O homem, mais que qualquer outra especie, é possuidor dos mais completos meios de escapar, não ao seu meio — no qual é forçado a viver — mas ás suas reacções". (Eugéne Pittard — "Race and History — Londres — 1926).

Essa mesma reacção contra o materialismo sociologico se encontra ainda mais vivamente em outro grande ethnologo moderno, cuja obra já é hoje verdadeiramente monumental, não sómente como pesquizador directo de factos, em seus trinta annos de viagens pelos mares australianos e pelas florestas africanas, mas tambem como creador de uma theoria original sobre a formação das culturas, que inspirou a Spengler sua concepção vital e circular das culturas. Quero referir-me a Leo Frobenius, que assim se exprime a esse respeito:— "Entre os povos romanicos, especialmente os francezes, vem á scena cada vez mais o problema social (no trabalho de pesquizas sobre povos e culturas primitivas), entre os germanicos a tendencia á narração historico-descriptiva. Essa differença deve despertar attenção, porque corresponde á maneira de trabalhar e de pensar de um seculo materialista. E isso deveria preoccupar-nos tanto mais, quanto esse periodo materialista está proximo do fim e já agora começa, com a accentuação do intuitivo, a estabelecer-se uma nova concepção philosophica geral". *(Leo Frobenius* — "Paideuma" — Munich — 1921). E essa concepção primordial na pesquiza e no estudo das culturas é uma investigação das forças espirituaes, ou, como elle chama, uma *Seelenforschung*.

E é ainda de um pesquizador de sciencias natu-

raes a affirmação recente de que — "seria um conceito excessivamente acanhado da natureza, se se quizesse pensar apenas em phenomenos naturaes materiaes e leis naturaes. Ao contrario, na natureza, o primario é o espiritual". *(Dr. Johannes Reinke* — "Naturwissenschaft. Weltanschauung. Religion" — Freiburg — 1925).

Quanto aos economistas modernos, não deixam tambem de accentuar a importancia essencial dos factores immateriaes na formação material da sociedade.

Essa foi, por exemplo, a obra capital do grande economista allemão Max Weber, ha pouco fallecido, estudando em tres volumes as influencias especialmente religiosas, e portanto aquellas em que o elemento espiritual se apresenta na fórma mais pura, sobre a vida economica dos povos. Elle procurou exhaustivamente demonstrar, — "a trama que os motivos religiosos introduziram no tecido do desenvolvimento de nossa cultura moderna, especificamente terrena (spezifisch diesseitig, e provinda de innumeraveis outros factores historicos isolados". *(Max Weber* — "Gesammelte Aufsaetze zur Religions-soziologie" — 3 vols. — Tübingen — 1922).

E o mesmo genero de pesquizas vamos encontrar em toda a obra de Werner Sombart ou nos cinco volumes de Heinrich Pesch "Lehrbuch der Nationaloekomie" (1924).

Poderia ainda proseguir nesse rosario monotono de citações. Julgo, porém, que estas são sufficientes para mostrar que não estava inteiramente só, quando affirmei que o naturalismo do sr. A. E. F. era uma concepção estreita e insufficiente da formação paulista. Precisava fazel-o, pois, como simples critico literario, não teria o direito de penetrar sózinho nesses recessos sagrados da sciencia moderna, mais impenetraveis aos leigos do que um templo musulmano, especialmente quando encontramos á porta algum pseudo-scientista.

Os mestres da sciencia interrogam. Os serventes affirmam.

Quanto ao artigo do sr. A. E. F., que é o unico culpado desta resposta, é positivamente um artigo zangado, o que mostra que o seu autor não tinha razão. Nada nelle destróe o que affirmei anteriormente.

Poderia, embora, commentar pontos diversos como a hypothese adamita, ou o seu preconceito bairrista ou a confusão pueril no confronto de populações, etc., se a importancia do A. ou do livro o merecessem. Resta, apenas, rectificar o que elle entendeu por "lenda negra". O que se chama, geralmente, em Portugal, de *lenda negra* não é, como pensou o sr. A. E. F., sempre obsecado de sexualismo, a hypothese do *homo afer,* como gosta de dizer, com tanta emphase, o seu pedantismo de calouro. A "lenda negra" é a opinião generalizada entre os historiadores do seculo passado, e contra a qual existe hoje em dia uma reacção, sobre a decadencia portugueza dos seculos XV e XVI em deante por acção da dynastia reinante. E a essa "lenda negra" dos historiadores é que me referia eu, como claramente se deprehende de minha phrase.

Quanto ao mais, o que se confirma com o artigo do sr. A. E. F., é a sua boa vontade de acertar e a mediocridade de sua intelligencia. Não duvido que ainda nos dê coisas aproveitaveis. Ou mesmo mais que isso. Quanto a esse primeiro livro, como escrevi, tem algumas coisas realmente interessantes, e muitas, para as quaes, se tivesse um pouco de espirito, diria, melancolicamente, como Brummel ao ver passar nas mãos de um creado um monte de gravatas, que jogara ao chão, por não terem os laços saido a seu gosto — "there are our failures".

POLITICA E POLYTICA

O destino de todas as coisas humanas é a proximidade do abjecto ao sublime. A essa condição não poderia escapar a politica. Tudo tem, tudo póde ter relação com essa arte seductora e perfida de regular a convivencia pratica dos homens. E por isso, aquelles que meditaram profundamente o thema, viram-se forçados a estender o seu pensamento desde os instinctos mais vulgares do gregarismo humano até os sentimentos divinos supremos.

E por isso mesmo encontramos tres planos de irradiação, para as idéas e as fórmas que têm dominado o mundo politico, no correr da historia: o plano moral, o plano social, o plano individual.

Desde logo, é preciso, a meu vêr, dissipar a idéa tão enraizada no seculo passado, de um progresso continuo, com recuos ou desvios, mas sempre ascendente, como um zig-zag na montanha.

Numa "outline" da historia humana — que, sem ter a vastidão informativa nem as pretensões propheticas da de Wells, é a meu vêr muito mais profunda como visão original e essencial das coisas e como reacção contra o evolucionismo um pouco ingenuo do grande romancista historiographo — no seu recente e admiravel livro "The Everlasting Man" escreve Chesterton o seguinte: — "Barbaria e civilização não

foram estadios successivos no progresso do mundo. Foram condições que existiram lado a lado, como ainda hoje existem lado a lado. Houve civilizações então como agora ha civilizações; ha selvagens agora como provavelmente houve selvagens então... Nada haveria de surprehender na descoberta de que aquellas idades desconhecidas estiveram cheias de republicas desapparecendo sob monarchias e despertando de novo como republicas; imperios estendendo-se até encontrar colonias para novamente perdel-as; governos reunindo-se em estados mundiaes e novamente esphacelando-se em pequenas nacionalidades; classes vendendo-se á escravidão e marchando de novo em conquista da liberdade; toda essa procissão de humanidade, que será ou não um progresso, mas que é seguramente um romance".

Essa é a lição, de facto, que as descobertas archeologicas mais recentes nos têm revelado, com o desvendamento de civilizações, cujos restos indicam o mais alto desenvolvimento, e que no entanto pereceram quasi até a raiz, mergulhadas nas areias do deserto, como a cultura dos Jorubas, perdida em ilhas insignificantes, como a Minoana de Creta, ou esquecida entre os recifes das costas ibericas, como essa grande civilização Tartesiana, que Schulten descobriu na Espanha.

Portanto, aquelles tres planos de irradiação das idéas politicas — o moral, o social, o individual — não tiveram um desenvolvimento regular ou successivo. Muito menos a exclusividade de acção e apenas a predominancia, em certas épocas. Pois convém ter sempre em vista que a coexistencia e a successão se combinam na historia dos homens e das idéas. E a complexidade, a falta de convicções profundas, a relatividade superficial do mundo moderno, têm concorrido cada vez mais, para que aquella coexistencia de idéas se accentúe hoje em dia.

Seja como fôr — é possivel, penso eu, encontrar uma corelação historica áquelles tres campos de acção do pensamento politico. O *plano social,* corresponde ao mundo antigo; o *plano moral* ao mundo medieval; o *plano individual,* ao mundo moderno, para só falar em nossa civilização occidental pagã e christã.

Por outras palavras — o que prevaleceu em materia politica, no mundo antigo, foi o interesse social, quer da *Cidade,* quer do *Imperio,* ou seja o interesse do grupo, da collectividade, da patria, da entidade abstracta que nascia da convivencia geographica e racial.

O que prevaleceu nas idéas politicas da Idade Media foi a preeminencia do interesse moral sobre o interesse material, e portanto a submissão do Estado e do Individuo a Deus. O fundamento da autoridade deixa de ser o interesse Imperial romano ou o interesse Regional hellenico, — para ser o interesse da Salvação por meio da sociabilidade. O poder, que Platão divinizava tambem pela *ascensão* ás idéas puras e archetypicas, passa a *descer* de Deus — isto é, da Idéa Pura essencial e unificadora — sobre os homens, como unico amparo real do poder.

Mas o mundo moderno alterou, ainda uma vez, o plano de inserção da Politica, e a sua obra original — e em tantos pontos destruidora e dissolvente — foi assentar o fundamento da autoridade não já no interesse collectivo como os antigos, ou no interesse moral, como os medievaes, — mas no interesse individual.

É o individuo, como fonte de direitos e não mais de deveres, que passa a ser o fundamento da autoridade. São o seu interesse, o seu bem estar, o seu bem querer, tanto mais illusorio quanto mais desordenadamente lisongeado, — que prevalecem sobre as idéas abstractas de out'ora: a patria ou o céo.

A *politica* passa a ser *polytica.* Isto é, em vez de ser, como a etymologia razoavel o indica, uma arte de

viver *em cidades*, collocando o direito da cidade acima do direito do individuo, transforma-se por meio de uma etymologia fantasista, na arte em que *muitos mandam*, na polytica... Assim se converteram em geral, as democracias em regimens de clientela e de favoritismo, em que a camaradagem eleitoral se enxerta no tronco da plutocracia demagogica.

E a reacção contra ellas se está fazendo por meio da volta a regimens de força, de inflexibilidade legal, de reposição violenta do interesse collectivo sobre o individual, em que duas tendencias extremas se defrontam, nascida a segunda em reacção contra a primeira: o communismo e o fascismo.

Por mais illusoria que seja certa approximação facil que está em moda fazer-se entre as apparencias de um e outro, como o fez Henri Béraud, ha seguramente entre ambos um nexo muito mais profundo e necessario, do que julgam esses observadores superficiaes, para quem ambos são tyranias passageiras e sem resultado.

Por mais que choque a nossa sensibilidade a intolerancia de um e por mais que nos revoltem os processes sangrentos do outro, é da composição desses dois erros absolutistas (o absolutismo do Estado ou o absolutismo da Classe), que ha de nascer o pensamento politico de amanhã, subordinado aliás a esse facto consideravel para a historia do mundo: a America.

A salvação, ou pelo menos o prolongamento do ideal democratico por mais alguns seculos talvez, está subordinado ás extensões inexploradas da America, a essa capacidade de expansão incommensuravel dos campos americanos, que ainda por longo tempo hão de permittir uma certa facilidade de expansão individual, que domina a illusão democratica. Não creio possivel o eclypse da democracia na America.

Esse regimen de mediocridade, de egoismo capi-

talista, de verbalismo parlamentar, de freguezia eleitoral, de desordem legislativa, de funccionalismo immenso e medicante, de liberalismo superficial, cortado de tempos a tempos por golpes de relampagos dictatoriaes, de ferreas centralizações ou federalismo dissolventes — esse regimen de consagração da descontinuidade como fundamento da continuidade, da desordem como base da ordem, da supremacia do individuo como base da submissão do individuo, do interesse pessoal como base do desinteresse pessoal, — esse regimen typico das contradições nos termos ha de ser por seculos ainda o regimen americano por excellencia, o unico regimen possivel na America.

Salvar-se-á esse dogma democratico da *degradação*, que ha meio seculo já lhe verificava Henry Adams, em plena democracia typo, em plena Federação Norte-Americana?

Rehabilitação não creio; saneamento talvez; prolongamento sim, socialização, persistencia por inercia, por ideologia libertaria, por introducção de novas imitações européas, parlamentos profissionaes, lenta desapropriação, que sei eu mais, tudo serão avatares dessa persistencia necessaria da democracia na America, que se prolongará provavelmente pelo futuro, graças ao espaço amplo, á furia individualista do Norte, ás nevoas verbalistas do Sul, ás relativas facilidades de vida individual, á falta de élites estaveis ou de raças depuradas, á necessidade de dar uma tempera ás correntes imigratorias que se dispersam, á complacencia no indistincto, no superficial e no pessoal, que o democratismo liberal permitte e o americanismo suscita.

E assim, no correr destas linhas, sem determinação previa, — o que comprova justamente o caracter differencial e distinctivo dessa materia politica, arte e philosophia a um tempo, fui levado da região das idéas para a dos factos, dos ares sadios e tonificantes do

pensamento á arena empestada, e para tantos fascinadora e irresistivel, da realização.

É justamente o que distingue a politica, como thema humano fundamental, — esse contacto na base, com o que ha de mais instinctivo no homem, a vida em commum, e subindo no apice ás regiões das idéas mais abstractas e desmaterializadas. Tres degráos, "trois marches de marbre rose", que nos levam do debate puro das idéas, como plano superior, á sua applicação ás nações e aos continentes, em correlação com os tempos e as circumstancias, como plano secundario, e dahi ao realismo vulgar, ao debate quotidiano, á discussão nos cafés, ás descomposturas nos jornaes, ás intriguinhas eleitoraes, a todo esse abjecto personalismo, que degrada a politica, na mão dos politicos de fancaria, mas que consagra justamente os grandes estadistas. É parte integrante da arte de governar. É o que póde corromper a politica em politicagem, como eleval-a á creação de valores immortaes de nacionalidade e sociabilidade.

Confesso desde já a minha radical incapacidade em descer esses degráos sumptuosos de marmore, que nos levam, como aquelles de Versailles que Musset immortalizou, dos terraços polidos á terra grosseira. Essa descorrelação, aliás entre o terraço e o terreno, é que divide irremediavelmente os homens que falam dos homens que agem. E da mesma fórma que o seculo XIX pensou poder anullar a differenciação, volta o seculo XX a reconhecel-a e a deixar que os homens de pensamento cedam o logar aos homens de acção. Mussolini se gabava ha tempos de nunca ter lido uma linha de Croce e as suas idéas fundamentaes são pregadas ha trinta annos por Maurras, que nunca pôde realizal-as, da mesma fórma que Karl Marx foi apenas o inspirador daquillo que só Lenin pôz em pratica. Cada vez mais é entre o silencio dos livros que se fazem as revo-

luções, mas é na praça publica que se queimam as bibliothecas e se reconstituem as civilizações.

Hamilton Nogueira — A doutrina da Ordem — Rio, 1925.
Julio de Mesquita Filho — A Crise Nacional — S. Paulo, 1925.

Em tudo divergem estes dois livros, a não ser em dous pontos. O primeiro é que ambos apontam para a gravidade excepcional do momento que atravessamos. Ambos sôam como vozes de gageiros que estão vendo os recifes ao longe, enquanto os passageiros despreoccupados dormem ou se agitam sem ordem. Ambos olham a realidade de frente. Mas vivendo, como nós outros, neste seculo de contradições e extremismos, apresenta cada um delles um caminho inteiramente diverso para evitar o desastre. E ainda neste ponto se harmonizam: o mal primeiro que o erro de róta trará a esta não tão fragil em que navegamos, a esse Brasil impreciso e periclitante é, para ambos, o desmembramento.

No que divergem, radicalmente, é nos remedios a applicar. E nisso reflectem duas attitudes distinctas em nossa actualidade politica: de um lado, a dos que descrêm da democracia, ao menos nos moldes aqui applicados, e pregam a volta ou antes a abertura de caminhos inéditos em nossa floresta politica, caminhos de actividade creadora e não de passividade reflexa, caminhos de orientação recta por cima dos obstaculos e não de contorno e complacencia perante elles: e do outro lado os que acreditam ainda piamente no dogma democratico e acham que o seu mal, entre nós, está apenas na sua má comprehensão, na applicação defeituosa que delle temos feito, ou mesmo na sua falta de applicação como actualmente.

Esta é a opinião do sr. Julio de Mesquita Filho e que provavelmente traduz o parecer de 90 % do publico. É a opinião popular, que se presta a perorações eloquentes, a invocações dramaticas aos nomes de Silva Jardim e de Lopes Trovão, a apostolados eleitoraes em nome da liberdade, da egualdade e da fraternidade. É o deslumbramento que o progresso mecanico norte-americano (que aliás não é o unico), provoca em todo sul-americano e que é facil attribuir á verdade eleitoral, escrupulosamente respeitada.

O exemplo norte-americano é o ideal que o sr. Julio de Mesquita Filho apresenta como panacéa para a crise nacional. Como em 1889.

Dado que o nosso mal provém do insufficiente democratismo da nossa Republica, o que elle propõe é a "democratização do regimen", como Joaquim Murtinho ou Nilo Peçanha. O nosso erro é impedir o surto das energias nacionaes. "A crise actual nada mais é, pois, do que o resultado da resistencia que, á eclosão definitiva das novas energias nacionaes pretende oppôr o elemento remanescente da época em que o Brasil soffreu o collapso a que não podia fugir, dada a libertação repentina de dois milhões de africanos, em 1888".

Para favorecer a eclosão dessas energias, o remedio a empregar na opinião do sr. Julio de Mesquita Filho é — o voto secreto como medida de emergencia. "Chamamos voto secreto ao conjuncto de medidas tendentes a assegurar a verdade do voto, isto é, a permittir que cada cidadão, cercado de absoluta garantia, manifeste, sem pressão de qualquer especie (sic), a sua maneira de pensar a respeito dos problemas publicos em discussão, através da escolha dos candidatos ás representações municipaes, estaduaes e federaes". Com isso se transformaria o ambiente politico. Os partidos se organizariam. As idéas haviam de surgir. O eleitorado de se reanimar. Os governos de ser fiscalizados pela

opinião e apoiados verdadeiramente nas maiorias, que por serem maiorias seriam forçosamente omniscientes e infalliveis. Desappareceriam as fraudes eleitoraes, o favoritismo, o abuso de autoridade, os gastos secretos, os orçamentos desequilibrados, a producção escassa, o cambio baixo, as tyranias disfarçadas em reformas da constituição, em estado de sitio, etc., etc., e raiaria sobre o povo brasileiro uma nova aurora de felicidade... — "A essa verdadeira revolução pacifica que o voto secreto não deixaria de provocar, corresponderia mudança radical das nossas representações politicas. As elites intellectuaes, refugiadas desde o advento da olygarchia nas carreiras liberaes, nas letras, na industria e na agricultura, voltariam á tona, attraidas pela purificação da atmosphera politica".

E se completassemos esse saneamento da politica pelo voto secreto, com a creação de tres Universidades, no Norte, no Centro e no Sul estaria completo o tratamento, e — "dentro em dez ou quinze annos, não mais, veriamos operar-se, estamos certos, milagrosa transformação na mentalidade brasileira".

O enthusiasmo sincero e bem intencionado do sr. Julio de Mesquita Filho, pela democracia, faz-me lembrar aquelle famoso discurso em que Robespierre fazia a apologia da Republica nestas eloquentes palavras: — "Nous voulons substituer dans notre pays la morale á l'égoisme, la probité á l'honneur... l'empire de la raison á la tyrannie, le mépris du vice au mépris du malheur, la fierté á l'insolence, la grandeur d'ame á la vanité, l'amour de la gloire á l'amour de l'argent... un peuple magnanime, puissant et heureux a un peuple aimable, frivole et misérable, c'est á dire, toutes les vertus, tous les miracles de la Republique á tous les vices et á tous les ridicules de la monarchie... Quelle nature de gouvernement peut realiser ces prodiges? Le gouvernement démocratique..."

E Maine de Biran, commentando esse trecho sonoro, depois de ter assistido a tudo o que a inconsciencia das palavras bombasticas e dissolventes tinha provocado exclama com admiravel propriedade: — "Il n'est ici question de rien moins que de changer la nature humaine, ou plutôt de la creer une seconde fois, et par quels moyens? — comme Dieu, par la Parole..."

Pregar-se hoje as maravilhas da democracia, como sendo a regeneradora da patria é confiar um pouco excessivamente nas virtudes creadoras do Verbo... Bem sei que esse é o regimen fatal e mesmo necessario ao nosso estadio de formação ou antes de informidade nacional, e que o voto secreto virá, em qualquer das proximas legislaturas. Não temos com que substituir a democracia. Temos apenas de adaptal-a ao nosso meio, á nossa gente, ás nossas tradições, aos nossos problemas, em vez de viver a imitar exemplos alheios. Para vermos a fragilidade das imitações e a illusão das constituições copiadas e applicadas, como roupa feita, a um paiz diverso do seu paiz de origem, basta ver o que tem acontecido com a nossa constituição, apezar de se basear num principio politico de admiravel bom senso e efficiencia: o poder politico centralizado e o poder administrativo descentralizado. Não é preciso que fujamos a esse fecundo principio de realismo organizador, para impedir que o Brasil se esphacele. Pelo contrario devemos accentuar as suas tendencias. Centralizar cada vez mais a politica. Descentralizar cada vez mais a administração. Não virá disso nenhuma "revolução pacifica", mas virá uma lenta consolidação possivel da estructura nacional, sem prejuizo da eclosão das iniciativas locaes.

Acreditar que o "voto" seja por si só capaz de retemperar e sanear a nossa vida politica (o que aliás, o proprio sr. Julio de Mesquita Filho contesta), seria desconhecer as condições reaes da nossa vida munici-

pal, onde as miserias da politicagem mais sordida impedem todo surto de actividade real e productiva. Não é do voto do eleitor omnisciente e mecanisado numa simples contagem de numeros, que póde depender a solidez e a prosperidade do todo. É do trabalho e da consciencia do eleitor. É do fortalecimento de sua actividade productiva. É da sua solidarização corporativa profissional, representando elementos sociaes e politicos concretos que póde provir, ahi sim, o saneamento da vida collectiva.

E no mais, apresentar ainda hoje a democracia liberal do seculo XIX como sendo a ultima palavra da sciencia politica contemporanea, é cair nas illusões do evolucionismo ingenuo para quem o tempo representa fatalmente um progresso e que acredita que os Estados Unidos, o regimen norte-americano, são o modelo universal dos regimens politicos perfeitos. Para pensar com todo esse anachronismo é preciso fechar os olhos á propria evolução politica nos Estados Unidos, que longe de repousarem na democracia liberal, onde os escandalos petroliferos se mesclam ao dinheiro derramado pelas "machinas" eleitoraes para compra do eleitorado, estão sempre numa effervescencia intensa de idéas reformadoras ou reaccionarias.

O mundo está assistindo hoje a uma transformação radical dos ideaes politicos. A illusão democratico-liberal, incensada pelo seculo XIX, como consequencia logica do "individualismo" politico que o mundo moderno começou a alimentar desde o racionalismo do seculo XVIII, está hoje ultrapassada. Isso mesmo o dizia e demonstrava, ha tempos, num excellente artigo o sr. Rubens Amaral, sobre "O fim da era do voto". Dirão que nós ainda nem chegamos ao principio da era do voto... Não duvido que o superficialismo com que tratamos desses problemas e que o atrazo mental em que aqui sempre andamos, nos façam ainda passar por to-

das as delicias da "democratização do regimen", isto é, da plutocracia e da demagogia de amanhã substituindo a olygarchia de hoje. Concordo que os salvadores da patria pelo voto secreto não poderão ser peiores que os politiqueiros de hoje. Duvido, porém, que sejam melhores.A era dos politicos profissionaes ou dos politicos dilettantes que a democracia moderna inaugurou parece condemnada a desapparecer, para que uma visão mais realista da sociedade substitua essa concepção abstracta e rhetorica que o liberalismo desenvolveu. Uma estructura central cada vez mais solida e continua, alimentada por orgãos de representação effectiva das profissões em que se distribuem os individuos, — esse schema parece ser o que mais probalidades reune de resistir se possivel á onda de mecanisação communista, que talvez se localise na Russia como num abcesso de fixação, mas que mais provavelmente se estenderá pelo mundo afóra, para mostrar aos homens a extensão da sua ingenuidade e do seu egoismo.

O livro do sr. Hamilton Nogueira, esse, reflecte justamente esse pensamento moderno de reacção contra a desordem politica a que foram levados os regimens de liberalismo excessivo, especialmente nos paizes latinos, inclinados por natureza á indisciplina, á instabilidade, ao verbalismo.

Não que elle se colloque ao lado dos restauradores da força, como elemento providencial de reforma. Sua doutrina é a doutrina da Egreja. E, portanto, é ás consciencias que primeiramente se dirige.

— "Se a essencia do protestantismo é a destruição", diz elle, sustentando a these conhecida e intellectualmente exacta, mas desmentida na pratica pela solidez politica incontestavel e incomparavel da Allema-

nha, da Inglaterra, ou dos Estados Unidos, — "se o positivismo é incapaz de restaurar a sociedade, qual será então o meio, a doutrina, nas condições de salvar o Brasil do desmoronamento social que o ameaça a cada momento? Serão as constituições arbitrarias? Será a força bruta? Será o militarismo? Certamente que não. "Com o ferrão e o relho, observa Leonel Franca, se treinam rebanhos, não se educam povos. Não é da metralha dos exercitos nem do rifle das policias que podemos esperar a suspirada regeneração. A lei moral implantada e respeitada no santuario das consciencias é a guarda mais segura das constituições e das leis".

Sim, não ha duvida que esse é o ponto central do problema. Se a sociedade burguesa caminha despreoccupadamente para o suicidio não é tanto pelos erros ou pelas illusões politicas a que se tenha deixado levar, mas principalmente por ter deixado que essa lei moral se apagasse nas consciencias, ou fosse diluida por toda a sorte de sophismas e subtilezas mentaes dos "espiritos emancipados", cuja maior emancipação é serem escravos de si proprios.

O sr. Hamilton Nogueira não parece desconhecer tambem que a democracia, mais ou menos degradada em tyranias temporarias, e em conciliabulos de patacoada ou em rivalidades mesquinhas de pessoas e directorios politicos, é afinal o regimen politico inevitavel na America. O nosso dever, portanto, é comprehender os defeitos do regimen e procurar attenual-os. E como um delles é justamente suscitar o arrivismo dos aventureiros, maior razão para que a uma "doutrina da ordem", isto é, de conservação geral da estructura, se dê como fundamento uma doutrina moral, isto é, de contenção e guia das consciencias. — "De que vale uma constituição, por mais perfeita que seja, se a lei moral não está profundamente gravada nas consciencias hu-

manas, se o individuo não conhece os motivos porque deve respeitar as leis do seu paiz ?"

No que diz respeito propriamente ao problema politico, conserva-se o livro do sr. Hamilton Nogueira em vagas generalidades, não entrando no assumpto senão para argumentar pela necessidade da manutenção do existente. Aliás, não desconhece que o mal de que soffremos não vem apenas dos que atacam o poder mas tambem do proprio poder, que de momento, aliás, defende; — "dolorosa mas incontestavel é esta verdade de que, nestes ultimos cincoenta annos, outra coisa não têm feito os poderes supremos do Brasil senão enfraquecer e aniquilar o caracter nacional". Tem o livro o defeito de se conservar sempre assim no plano das affirmações geraes, sem quasi descer ao facto, ao exemplo concreto, o que torna muitas vezes as suas generalizações de veracidade duvidosa. O que não impede que seja uma affirmação interessante de um escriptor sem brilho, mas seguro nos principios politicos da reacção moderna contra o modernismo, conhecedor profundo da obra de Joseph de Maistre, a quem dedica um bom estudo e sobretudo de um caracter puro, corajoso, decidido, com uma fé que não recúa mesmo deante de evocações arriscadas e uma categoricidade que é a força das idéas-acção, tão necessarias, por vezes, em nosso meio de inacção das idéas.

MONOCRACIA E POLYCRACIA

Em 11 de Novembro de 1918 terminava a guerra *dos* povos e começava a guerra *nos* povos.

Dir-se-á que ha muito já começara. Em 1917, na Russia, dirão uns. Em 1870, com a Communa. Ou em 1867, com o apparecimento do primeiro volume do "Capital", de Marx, livro capital da guerra nos povos. Ou com Louis Blanc, as revoluções de 1848 e o primeiro congresso do trabalho na Allemanha. Ou vinte annos antes com as obras de Saint Simon, de Proudhon, de Fourier, e os movimentos sociaes correspondentes. Ou em 1789 com os direitos do homem. Ou em 1780, na Inglaterra, com a "Constitucional Society" de Cartwright e os primeiros grandes movimentos libertarios. Ou sobretudo, a partir de 1750, com as invenções das machinas modernas e o inicio do grande industrialismo. Isto é, do feudalismo moderno.

Nesse andar, porém, como tudo se prende na historia dos homens, não ha motivos para datar a guerra nos povos, a partir da fundação do feudalismo plutocratico, que venceu as monarchias medievaes, sem reportar o movimento á creação dessa realeza absoluta, que permittiu o inicio do grande capitalismo. E portanto, precisariamos remontar á luta do Papa com o Imperador que foi a ultima tentativa heroica de um poder espiritual universal, procurando limitar a ambição

temporal e materialista dos homens. A victoria final do Imperador teria sido o primeiro elo da revolução communista de hoje.

O *primeiro* elo ? Mas como surgiu o Imperador ? Por que se insurgiu contra o Papado ? Como surgiu o Papado ? E temos, pouco a pouco, toda a historia do homem deante de nós, e da terra, e dos mundos, pois não ha grão de areia que não nos leve ao infinito.

Por isso mesmo é que se justificam essas marcações convencionaes na historia, que é preciso não confundir com o proprio fluxo da historia nem repellir como artificiaes. Em tudo o que seja presença e meditação humana da sua propria vida e da vida da natureza, encontramos inevitavelmente esse contraste entre a desordem das correntes de vida e a ordem das inserções racionaes. É a propria condição da nossa perfectibilidade limitada. Ou da nossa imperfectibilidade, como dizem os neurasthenicos e os nossos momentos de neurasthenia.

Nada ha pois de artificio, e apenas de convenção justificavel, em datar a guerra *nos* povos daquellas famosas 11 horas, do dia 11, do mez 11, ha oito annos atraz. É pelo menos ahi que o contraste é mais ironico, entre a explosão de alegria que parecia annunciar a paz, entre as pombas mensageiras que partiam da nova Arca, a White House, e do seu Noé puritano e prohibicionista (ao contrario do predecessor), — e a immensa desillusão que foi pouco a pouco baixando sobre esta nossa tragica terra triste.

O presidente Masaryk, o ultimo grande idealista vivo da democracia liberal classica ("a Democracia é *a* fórma politica da humanidade", assim termina elle empháticamente a sua grande obra de visão "au dessus de la melée" da guerra: "Die Weltrevolution"), que está procurando realizar na Tcheko-Slovakia uma grande experiencia social de compensação entre as ten-

dencias modernas contrarias ("a democracia como victoria sobre o absolutismo e tambem sobre o revolucionarismo"), — Masaryk sentiu muito bem que o mundo tinha entrado em um periodo de profunda transformação social, de "weltrevolution". E a guerra não fez senão accelerar o movimento. Sacudir todas as estabilidades ficticias que o ingenuo seculo XIX tinha espalhado na terra e enraizado em nosso espirito.

Uma das transformações radicaes por que já passou a nossa geração foi mesmo essa transmutação de valores, de que ha quinze annos vimos participando. Renascimento de coisas que pareciam mortas para sempre. Desapparecimento de outras que pareciam inabalaveis. Houve no seculo XX, dez ou quinze annos de certo recolhimento, de serenidade, de silencio, como essa calma immovel que precede, na natureza, os grandes temporaes. Já começavamos mesmo a considerar a historia como sendo uma marcha lenta para a vulgaridade, e a julgar os grandes feitos theatraes como qualquer coisa de que o passado tinha o privilegio e o mundo moderno, em sua insignificancia de egualitarismo terra a terra, já não permittia. Bruscamente, o cataclysma. E uma chusma de theatralidades, que nos vae deixando desequilibrados...

Entre esses abalos, soffridos, iniciados ou possiveis, tres ha que affectam as tres instituições que Bourget considerava outr'ora como as columnas da Europa: o Papado, o Estado Maior allemão e a Camara dos Lords. Isto é, a aristocracia religiosa, a aristocracia militar e a aristocracia civil. O espirito dos tempos que vão chegando já não é mais o daquella demagogia lyrica dos homens de 89, dos discursos de Mirabeau e até dos de Robespierre. Muito menos o da democracia idealista e nobre de Masaryk. E sim o de verdadeiras demophagias. Quem acompanha, mesmo de longe, os movimentos que se processam no fundo da Europa,

sente que as furias contidas anseiam por verdadeiras voracidades. Ha uma pagina das Memorias da condessa de Boigne, onde ella, espectadora, descreve aquellas faces apavorantes do "pavé de Paris", que a Revolução de Julho fazia surgir como todas as revoluções e que vagavam pelas ruas, vorazes, hallucinadas de sangue, injectadas de odio, dentes á mostra para morder, unhas para cravar. O velho, o indomesticavel animal humano. O que devora e o que destróe.

Essa demophagia é uma das pequenas forças capitaes do mundo contemporaneo. O seculo XIX quiz fazer o "anjo" e saiu-lhe a "féra". E hoje sentimos oscillarem os seculos.

Das tres "columnas" da Europa já vimos o desmoronamento do Estado Maior allemão. Não sem deixar escola. Conta Sombart que Radek, embaixador dos Soviets em Berlim, em conversa numa recepção com um dos grandes generaes do Imperio, assombrou a este com os seus conhecimentos de arte militar e respondeu á sua surpresa dizendo: "As obras militares do Estado Maior allemão sempre foram a minha leitura preferida. A revolução é uma guerra. E eu vivi preparando a revolução".

O Papado é a outra columna mestra do mundo occidental. Ha vinte annos discutia-se platonicamente se o Papa era ou não pessoa internacional. E nada mais. O Papado era para nós uma instituição inabalavel e um espirito morto. Um resto do passado. Irremovivel, mas como um rochedo.

Hoje, desconfio muito que os que pensam, pensem exactamente o opposto. Um espirito immortal, sim. Mas uma instituição mais do que nunca ameaçada. E muito possivelmente victima de um daquelles eclipses, que já conheceu algumas vezes em sua longa luta contra os homens, pelos homens.

Não foi um Papa quem disse que a nave de São

Pedro era eterna, porque vinha de Deus, mas os seus tripulantes não o eram por serem homens ?

Quem viveu ha pouco mais de um seculo, viu um Papa prisioneiro, sem o desejar. Hoje em dia vemos um Papa prisioneiro, voluntariamente. E quem viver mais vinte ou trinta annos não poderá facilmente vêr um Papa assassinado, ou perseguido, como em 1848 ? Basta que os communistas se apoderem da Italia. Hoje, a luta é outra que não ha cem annos. Na Revolução Franceza, quando a Assembléa Nacional votou a reforma da Constituição da Egreja Gallicana, o desejo dos homens de 89, como escreveu um historiador da Revolução — "não era de matar a Egreja, mas de deixal-a morrer; pois julgavam-na moribunda". Hoje já não pensam assim. A luta é de morte. E a Revolução vê na Egreja talvez a unica força social que poderia possivelmente vencel-a, pois trabalha afinal contra os mesmos males e apenas com outro espirito. E é por isso que a perseguição religiosa na Russia data das primeiras medidas revolucionarias.. O capitulo 3.º do Codigo Penal communista é dedicado aos crimes contra os Regulamentos de Suppressão da Egreja. E o artigo 121, pune com "um anno de trabalhos forçados" — "o ensino de doutrinas religiosas a crianças e menores, em estabelecimentos ou escolas publicas ou particulares" (sic). E pelas alfandegas é "officialmente" prohibida a entrada de livros que mencionem o nome de Deus. A perseguição não é para "deixar morrer" mas para "matar".

E a ameaça é tão patente que o insuspeito Jacques Maritain poude escrever de toda a sua alma, como ha pouco escreveu: — Tandis que le monde descendait, l'Eglise du Christ s'élevait à travers lui, peu à peu délivrée elle aussi, délivrée du soin des cités qui la rejettent, de la providence temporelle qu'elle exerçait selon ses droits, pour la guérison de nos blessures. Dépouillée,

dénuée de tout, "quand elle fuira dans la solitude", elle emmènera avec elle tout ce qui restera au monde non seulement de foi et de charité, et de contemplation véritable, mais de philosophie, de poésie et de vertu, et qui sera plus beau que jamais".

É preciso lembrar, aliás, que numa obra ainda mais recente, na sua admiravel "Réponse à Jean Cocteau", Maritain escreve: "Le trouble de ces temps donne plus d'espoirs qu'une fausse paix".

Chegamos afinal á terceira columna mencionada, da sociedade européa: ao Parlamento inglez.

Nenhuma instituição politica moderna conseguiu despertar em todo o mundo uma tal onda de respeito e de admiração, como esse admiravel systema de governo, que permittiu em nossos dias a reconstituição de um verdadeiro Imperio á romana e a formação da ultima grande aristocracia occidental. Todas as nações, em maior ou menor gráo, seguiram o exemplo desse admiravel organismo politico, que parecia ter realizado a ultima palavra em materia de administração e constituição de uma sociedade perfeita.

E esse foi justamente o sentimento de toda a sociedade britannica superior, no seculo XIX, durante esse periodo typico — a "era victoriana" — de um seculo, que ficará talvez na historia como o mais illudido dos seculos.

Eu penso que nada nos dá uma idéa tão perfeita do que foi esse periodo de plenitude, de serenidade, de grandeza e de absoluta confiança em si e no progresso incessante da humanidade, do que a obra do grande pintor da era victoriana, do immortal Watts.

Watts nasceu em 1817 e morreu em 1904. Acompanhou o seculo XIX e fixou-o por tal fórma em suas

télas, que toda a éra victoriana, que foi a imagem, não só britannica, mas typicamente universal do seculo, está estylisada nessa admiravel galeria de pintura, que é o symbolo do esplendor de uma sociedade.

Sempre superior a todas as escolas que se succederam durante a sua vida, sempre inserindo em suas obras um significado que transcende ás fórmas, sem convertel-as em allegorias, sempre acompanhando o espirito do seculo, a ponto de se ter proposto, no fim da vida, a pintar o hall da estação ferroviaria de Euston, foi em seus retratos, sobretudo, que Watts immortalizou a imagem dessa época de grandeza e de illusão. É preciso olhar para essa galeria de figuras estampadas na téla com uma nobreza, uma majestade, uma serenidade tão superior, para se comprehender sem palavras a physionomia de uma sociedade e de um estado de espirito.

Stuart Mill, Meredith, o cardeal Manning, Matthew Arnold, Browning, Lord Lytton, William Morris, Dante Gabriel Rossetti, Walter Craine, Carlyle e sobretudo Tennyson, que foi sempre a veneração de Watts, formam uma galeria de tal majestade que nenhuma palavra póde realmente traduzir a impressão imperiosa e olympica que deixam.

Foi uma sociedade que se julgou definitivamente no caminho da perfeição. E o Parlamento representou para ella a expressão politica dessa perfeição realizada.

E até hoje representa para a maioria dos simples espectadores, e para muitos bons espiritos, a base inabalavel da sociedade ingleza e a fórma ideal e permanente do bom governo.

Pois bem, essa terceira columna oscilla cada vez mais. E a solidez, que apparenta aos olhos do mundo, já não illude aos observadores mais argutos, que a conhecem de dentro.

A recente gréve geral ingleza chamou a attenção

do mundo para o Parlamento inglez. Aos olhos do observador superficial não ha nada de mudado. As Trade Unions tiveram de recuar, antes de obterem o seu objectivo. A população mediana irritou-se. Os serviços se restabeleceram pouco a pouco. As tribunas dos Communs reboaram com alguns discursos sonoros, sensatos, irritados ou vãos. E tudo voltou ao que d'antes era.

Mas nas camadas profundas, onde se processam as grandes transformações, mais um passo foi dado em um processo de decadencia que vem de longe, mas cujos signaes apparentes só pouco a pouco vão surgindo.

E para comprehender essa evolução radical que se processa na organisação politica ingleza, ou pelo menos para ir além das impressões superficiaes, que se convertem logo em dogmas intangiveis, nada melhor do que a leitura de um escriptor inglez contemporaneo, cuja obra excede de muito o simples terreno politico, cuja importancia é consideravel nas letras inglezas de hoje, mas cujo nome merece uma irradiação maior do que tem tido.

Trata-se de Hilaire Belloc.

Não sei se já existe algum livro escripto sobre Hilaire Belloc. Só sei que ha um livro a escrever sobre elle. E oxalá que o faça o seu amigo Chesterton, num livro que terá toda a penetração critica do que este escreveu sobre Bernard Shaw e, além disso, a penetração humana, a communhão de idéas, a fraternidade de lutas, a intima comprehensão de duas almas tão diversas e tão semelhantes. Realmente, o nome dos dois grandes escriptores contemporaneos está hoje ligado, na Inglaterra, a uma corrente de idéas tão original, por

elles introduzida, que lá se fala hoje correntemente do estado de espirito — "chesterbellocian".

A mim me parece esse estado de espirito como qualquer coisa de inabalavelmente solido em seus fundamentos e de incomparavelmente livre em suas manifestações.

Não me occuparei com Chesterton por esta vez. Seria não acabar mais. Embora inevitaveis certas comparações. Assim, o amor de Chesterton por certa fantasia, que fez delle o maior humorista inglez vivo, com Bernard Shaw, e, ao contrario, a paixão de Belloc pela realidade. "Nada", escreve elle, "prende tanto o espirito, ao menos o meu espirito, como um problema ligado á realidade".

E isso é que sempre o levou aos problemas historicos e ás questões sociaes e politicas. Primeiro a vivel-as e depois a escrevel-as.

Elle conta, em um de seus livros, como aos 19 annos, começou a sua vida militante acompanhando pelas ruas, com sympathia apaixonada, a primeira grande gréve dos trabalhadores de docas em Londres, quando um sopro de proxima libertação varria as massas de trabalhadores.

E sempre levou assim uma vida de paixão e de aventura. A primeira grande luta jornalistica que emprehendeu foi ao lado de Cecil Chesterton, e um pequeno grupo de visionarios, mais ou menos lucidos, contra a guerra dos Boers.

E foi elle, em seu jornal "The New Witness" quem provocou campanhas inexoraveis e rumorosas contra a corrupção dos meios politicos, especialmente no famoso escandalo Marconi, que elle chama de Panamá inglez.

Dessa época deriva a sua profunda e fundamentada repugnancia pelos meios politicos do parlamentarismo moderno. Deputado por duas vezes, denunciador

de corrupções, forçado por isso, — elle um puro, um irreconciliavel, um caracter acima de tudo e homem de letras na mais fina accepção da palavra, — forçado a desvendar toda a miseria intima e a decadencia de instituições veneraveis, guardou desde então uma repugnancia profunda por todo o palavriado vazio e emphatico em que degeneraram tantas vezes as nobres illusões do democratismo liberal.

Desde então abandonou os meios politicos e passou a viver intensamente a sua vida de polemista, de historiador, de ensaista e de viajante.

Nada mais difficil do que resumir uma obra que já hoje sobe a quarenta volumes. E cresce dia a dia. Só este anno de 1926, já appareceram um livro de ensaio "Short Talks with the deads", onde ha uma pagina deliciosa de *humour*, defendendo a substituição das gondolas venezianas por barcos automoveis, e uma historia dos meios de viação "The Highway and his Vehicles", com uma admiravel e preciosa collecção de gravuras historicas de vehiculos desde o seculo XI aos nossos dias.

Parece, á primeira vista, absurdo que um historiador de sua autoridade, depois de iniciar o anno passado a publicação de uma grande "Historia da Inglaterra", em quatro volumes (Methuen, 1925) venha occupar-se logo em seguida de chronicas humoristicas e de meios de transportes.

Mas este é justamente um dos traços capitaes de Belloc. E em que revela bem o seu anglicismo de bôa tempera. Em qualquer de seus livros, falando da educação que convem, diz ser aquella que nos ensina — "grego e ironia".

E toda a sua obra é justamente uma admiravel dosagem de grego e de ironia. De submissão a principios inabalaveis e simples. E de aventura por todas as idéas e todas as latitudes.

E isso é que torna justamente a sua obra, não sómente uma lição de pura racionalidade, mas tambem de pura humanidade.

Elle pensa e escreve com uma claridade e uma precisão de termos e de idéas, em que se sente o grande influxo do espirito francez e a familiaridade da disciplina philosophica thomista. E, ao mesmo tempo, é de um contacto com a vida, com os elementos, com as coisas reaes, que renova em seu espirito toda a frescura sadia das coisas bem humanas, bem naturaes.

E por isso mesmo considero como o melhor dos seus livros o "The Cruise of the *Nona*" apparecido o anno passado.

O *Nona* é um pequeno barco á vela, em que de vez em quando parte com um amigo e um marinheiro, para percorrer as costas inglezas e irlandezas ou francezas.

Porque Belloc é um grande viajante. Conhecer as terras e os homens diversos é, para elle, um complemento indispensavel á bôa comprehensão da vida. Mas não, conhecel-os como "touriste" de luxo ou de convenção. Conhecel-os como peregrino. O que tem vindo fazendo, ao longo de sua vida. Tem sete livros de viagens publicados. E todos revelam esse contacto immediato e intimo com as terras estranhas.

"The Path to Rome", livro que Chesterton prefere a todos, é a descripção cheia de espontaneidade e de simplicidade quotidiana mas profunda, da viagem, quasi sempre a pé que fez de Toul, em França, onde fizera voluntariamente o seu serviço militar, até Roma.

"The Four Men" são viagens, sempre a pé, feitas com outros tres amigos ao longo e ao largo do Sussex, sua provincia natal.

"Esto Perpetua" são suas viagens pela Argelia e norte da Africa, especialmente interessantes pelas evocações historicas e approximações que faz a cada passo.

Nesse mesmo sentido historico é o seu livro sobre "Paris". Ao passo que "The River of London" é mais de accentuação social e economica. Em "Hills and the Sea" evoca ao contrario, deliciosamente, em chronicas perfeitas de vivacidade de espirito, toda a sorte de logares e coisas e gentes que viu, desde o tragico sitio de "Roncesvales" até a encantadora Delft, "the most charming town in the world".

A uma das regiões que surge constantemente em sua obra como fronteira que foi por muitos seculos entre a Cruz e o Crescente e como berço (em Jaca) dos Parlamentos modernos, — os Pyrineus, dedicou tambem um livro de peregrinações "The Pyrenees". E, finalmente, escreveu um livro sobre os Estados Unidos "The Contrast", que é a obra mais categorica que jamais escriptor europeu tenha escripto sobre o novo espirito do novo mundo. Acho mesmo necessario demorar um pouco sobre essa obra, não só porque representa para nós americanos o testemunho precioso de um homem radicalmente sincero, livre, desassombrado, limpo de todo humanitarismo nebuloso e de enthusiasmos convencionaes, mas tambem porque me parece capital na comprehensão dessa obra tão vasta, tão variada, tão multipla de assumptos e de generos e no entanto tão clara de objectivos e tão uniforme de idéas.

Belloc escreveu esse livro em 1923, depois de quatro ou cinco viagens á Norte America, em uma das quaes se casou com uma moça do paiz. E começou por viajar a pé, como de costume, como um peregrino medieval, para conhecer o paiz cara a cara, não como um estranho mas como um filho da terra. Saltou de bordo de um cargueiro, apenas adolescente, com algumas raras moedas no bolso, e partiu á aventura, de pouso em pouso, olhando, falando, vivendo a nova terra estranha, durante mezes, do Atlantico ao Paci-

fico. Quando se esgotaram as poucas moedas que levava, passou a vender os desenhos e as sepias que fazia para se sustentar. E assim passou mezes, no mais intimo contacto com o homem novo e a terra estranha. E voltou mais tres vezes. E escreveu então esse livro categorico em que diz: — "Minha these é que o Novo Mundo é inteiramente alheio ao Velho... A difficuddade em apresental-a hoje repousa nas semelhanças superficiaes existentes e nos laços decrescentes, mas ainda restantes, que escondem a verdade essencial". E passa então a expor, detalhadamente, com aquella transparencia e penetração de pensamento toda geometrica, tão estranha de encontrar num escriptor inglez, a série de *contrastes* encontrados: o physico, "which underlies the whole"; o social, que determina um rythmo de acção diverso; o politico, a que voltaremos opportunamente; o religioso, que em seu parecer levará mesmo a uma "nova religião"; o militar, como assumpto que é de sua predilecção, e predilecção muito caracteristica desse anglo-saxão de espirito tão profundamente latino; e, finalmente, o literario: — "é symptomatico da transformação o facto que os grandes nomes pertencem ao passado e que decorreu agora um periodo consideravel em que não appareceu nenhum segundo grupo de taes nomes — ha um lapso, como occorre quasi sempre antes de uma revolução nas letras".

E depois de expor longamente, e muitas vezes de fórma convincente, a sua preciosa e categorica demonstração, termina o livro com uma affirmação, que partindo de um escriptor europeu e da autoridade, do talento e da independencia de Belloc, devia ser lida e meditada por aquelles que não souberam romper, em tempo, por dignidade, o que agora se fez por despeito, depois de annos de politica internacional de fachada: — "Existe uma sagacidade instructiva na attitude ame-

ricana, até agora seguida, de se conservar alheia aos negocios europeus... *O primeiro dever dos seus legisladores é de conserval-os livres de toda intervenção nas subtilezas, nos odios, nos conflictos finaes de nossa propria cultura*". Poderiamos accrescentar: justamente para melhor assimilarmos o que ha de eterno e universal em sua cultura.

Mas, de todos esses livros em que Belloc fixou a sua paixão de viajante, de desvendador de terras, de conversador de gentes estranhas, de admirador encantado de lendas e costumes particulares, nenhum mais expressivo do seu espirito, como disse, do que o diario dos seus cruzeiros com a sua velha "Nona".

Nós, latinos e sublatinos, estamos habituados a dois typos oppostos de creaturas: ou aquellas que se prendem rigorosamente ao espirito geometrico, a um systema preestabelecido, e dentro de sua rigida estructura inicial — philosophica, ou religiosa — querem a todo o transe encafuar todas as coisas da vida, isto é, mecanizar e mutilar a corrente vital; ou, por outro lado, aquellas creaturas amorphas que fogem a todo systema, que reagem por inercia contra todos os principios, que vogam pela vida levadas por um scepticismo amavel ou melancolico, em que o sorriso ou a reticencia fingem de philosophia, de superioridade mental, de sabio desprendimento.

Pois bem, o que me encanta em Belloc (e mais ainda em Chesterton, pois de um a outro vae a distancia de um admiravel talento a um genio creador) é justamente a fusão desses dois estados de espirito. Nem a sua submissão inicial a meia duzia de principios inabalaveis, nem o seu instincto de liberdade "frondeuse", absorvem o seu espirito. Ao contrario,

compensam-se. Traz-lhe uma a serenidade de um ponto de apoio, a segurança de uma verdade, que se torna absoluta pela intransponibilidade do seu relativo, a claridade de uma racionalidade lucida, consciente, depuradora. Traz-lhe o outro toda a multiplicidade mysteriosa da vida, todo o excedente, toda a variedade, toda a incommunicabilidade deste nosso mundo, em que vivemos illudidos, pelo amor e pela consciencia, de penetrar nas almas alheias ou na alma da realidade, e voltamos sempre assombrados da immensa aura intransponivel que nos fecha o accesso ao coração dos homens e á essencia das coisas.

Isso é que é raro de encontrar junto a nós. E isso é o que encontro, com delicia, em quasi todas as paginas desse espirito, que soube como muito poucos tentar resolver o insoluvel problema da nossa liberdade e da nossa servidão. E o curioso é a attracção que esse anglo-saxão sempre sentiu pelo latinismo. Contra a mythologia popular nordica anti-romana, que explica o exito immenso do "Esboço de Historia Universal", de Wells, onde ella encontrou a sua expressão completa, representa Belloc na Inglaterra anti-latina o espirito de Roma. E chega a affirmar o seguinte, que adquire um significado especial na boca de um patriota apaixonado como elle, que dedicou, ao seu Sussex natal paginas de um inexplicavel carinho: — "Nós, europeus, havemos de resolver os nossos problemas provavelmente pela restauração do Sul e do Oeste civilizados á sua superioridade natural (proper headship) sobre o resto da unidade européa. As coisas voltam á origem e a nossa unidade romana deveria reviver".

Pois nesses cruzeiros da "Nona" é que o espirito de Belloc se revela em toda a sua estranha personalidade.

Quizera poder citar aqui meia duzia de paginas

desse livro, que são uma verdadeira obra prima, como resumo dos ultimos tres seculos de pensamento philosophico, ao lado das paginas finaes do livro, em que invoca o espirito do mar, do seu velho companheiro e amigo de cada hora: — "O mar é o consolo destes nossos dias, como tem sido o consolo dos seculos. É o companheiro e o acolhedor dos homens... Pois os homens sabios ha muito que disseram, e é exacto, que todas as coisas vieram das aguas salgadas. O mar é a *matrix* da criação, e temos em nosso sangue a sua memoria... Lá, cruzando á vela pelo mar, nós jogamos todas as faces de nossa vida: *control*, direcção, esforço, destino; e lá podemos comprovar o nosso caracter e conhecer a nossa condição. Tudo o que concerne o mar é profundo e final. O mar nos traz visões, sombras, revelações. O mar colloca sempre, perante nós, essa dupla face da realidade: grandeza e segurança (greatness and certitude); a grandeza levada quasi aos limites do infinito (grandeza em tamanho, grandeza em combinações innumeraveis), e a segurança de uma superficie permanecendo para sempre e suspensa sobre os abysmos. O mar tomou-me a si desde que o procurei e consolou-me dos homens. Tornou remotos os cuidados e as perdas em terra; pois de todas as creaturas que se movem e respiram sobre a terra, nós da humanidade somos seguramente as mais cheias de tristeza (the fullest of sorrow)".

O livro em que Hilaire Belloc expoz, detalhadamente, as suas idéas sobre a politica ingleza contemporanea é de 1920: — "The House of Commons and Monarchy". Resumo aqui summariamente a these que longamente defende, com a sua logica inexoravel, a sua luminosidade transparente de sempre. E se quizermos ter, mais concentrado do que nesse livro, o esboço das origens do parlamentarismo moderno, acon-

selho a leitura de um dos varios livros que escreveu sobre a Revolução Franceza — "Marie Antoinette", de 1909, onde a pags. 184 a 186 traça um excellente resumo historico do facto, como é mestre em fazer.

A theoria da representação, doutrina fundamental da Fé, "de que a soberania repousa e só póde repousar na communidade", nasceu nos vales dos Pyreneus, nessa muralha de defesa, por tantos seculos, entre a Cruz e o Crescente. No seculo XI, quando a Idade das Sombras cedia á Idade Média. Foi um florescer simultaneo da idéa, que provinha das communidades monacaes. E pouco a pouco as cidades do sul de França, as grandes provincias do Languedoc ou do Bearn, a Britannia longinqua, e mais tarde toda a Peninsula Iberica, adoptaram a Instituição representativa.

Formaram-se então as *Côrtes*, de Espanha, o *Parlamento* inglez, os *Estados Geraes* em França, as *Côrtes Geraes*, em Portugal. "Como todas as outras instituições de sua especie estavam vivificadas pela paixão medieval da Realidade. Não estatisticas abstractas nem qualquer fria theoria numerica, mas os proprios *factos* da sociedade eram reconhecidos, ou antes traduzidos, nesses corpos representativos". Os nobres, o clero, os burguezes, as corporações tinham maior ou menor representação nessas assembléas que representavam realmente o corpo vivo da communidade.

A Corôa, a Nobreza e o Povo eram os tres elementos sociaes. Na França, a Corôa se apoiava sobre o Povo para quebrar o poder ambicioso dos nobres. Mas na Inglaterra, especialmente pela usurpação do throno pela casa de Lencastre, em 1399, teve o Rei de se apoiar nos Nobres, nos grandes proprietarios de terras e nos ricos mercadores para se sustentar. De fórma que, ao se fazer o grande movimento reformador sob Henrique VIII, ao serem confiscados os

bens dos monastérios, que importavam em mais de *um terço de toda* a fortuna nacional, uma revolução economica formidavel se seguiu, em que a Corôa e o Povo se enfraqueciam e os bens monasticos eram distribuidos entre os ricos proprietarios de terras e negociantes que tinham assento no Parlamento. Data de então a aristocracia ingleza. Basta reler, diz Belloc, a lista dos parlamentares que votaram então o confisco dos bens do clero e a sua distribuição entre os da sua classe, para se vêr os nomes das grandes familias inglezas cujo poder se prolongou por quatro seculos.

Desde então foi "destruida a Monarchia" na Inglaterra e a "Casa dos Communs" tomou conta do poder. "Durante esse longo periodo de grandeza tem sido a Camara dos Communs ao mesmo tempo o espelho da nação em sua face politica e a força original do Estado em acção. Dirigiu, moderou e confirmou toda a Inglaterra. É tão representativa do destino do Estado, que quasi somos inclinados á superstição de que o seu prestigio ou declinio coincida com o da nação".

Mas por que esse prestigio do Parlamento ? Porque a pequena oligarchia inicial de homens ricos se transformou em uma aristocracia. Esse é, para Belloc, o ponto central de toda a historia ingleza moderna. "A nova classe governativa que supplantou os Reis de Inglaterra ha trezentos annos tornou-se uma coisa sacramental", que produziu a aristocracia ingleza e o "gentleman". E o caracter de uma verdadeira aristocracia, que só ella permitte o parlamentarismo á ingleza, é que essa classe, por seu saber, por seu poder e por suas virtudes seja realmente, espontaneamente, considerada superior, pela massa geral da nação.

Pois bem, a decadencia do parlamentarismo inglez está intimamente ligada á decadencia dessa aris-

tocracia. Desde que a sua capacidade propria diminuiu e desde que, no correr e no fim do seculo XIX, cresceu o desrespeito do povo para com ella já era possivel a conservação de um Parlamento intangivel. O Parlamento tornou-se o campo de acção de uma oligarchia, que é por definição uma aristocracia desrespeitada e desrespeitavel. E esse é o ponto a que chegou em nossos dias.

Lembro de passagem a semelhança que essa evolução, tão lucidamente exposta por Belloc, tem com as nossas condições politicas, desde o parlamentarismo imperial, (copiado do inglez), mantido graças ao esboço de uma aristocracia digna de respeito, até a actual desmoralização parlamentar junto á massa da nação. E ao mesmo tempo observo a impossibilidade de uma rehabilitação parlamentar, nos puros moldes liberaes e democraticos, que ainda illudem a alguns fosseis da propaganda ou muitos salvadores improvisados — pela simples razão de que o esboço de aristocracia imperial se esphacelou e todo parlamentarismo demoliberal teria de apoiar-se numa oligarchia politica desprezada e desprezivel. Se o mal actual é o dissidio entre o povo e uma oligarchia que perdeu o prestigio outr'ora desfrutado pela aristocracia imperial, qualquer solução parlamentarista não faria senão perpetuar a dissidencia, aggravada por uma desordem identica á que o parlamentarismo moribundo vae espalhando em certas nações da Europa.

Em dois ou tres capitulos, estuda Belloc as soluções apresentadas para salvar o Parlamento da sua crescente decadencia, e termina dizendo: — "O declinio da Camara dos Communs só deixa logar a uma instituição fundamental e essa instituição é a Monarchia". Uma Monarchia, isto é, um poder central forte e quanto possivel continuo, apoiado então, não mais nas vagas representações politicas do parlamentarismo

demoliberal, mas em conselhos representando interesses *reaes* e portanto *vitaes*. Isto é, a volta ao systema representativo, como foi realmente praticado, ou antes *esboçado*, em sua origem medieval.

Cinco desses Conselhos, prosegue Belloc — "parecem estar atravessando já os limites entre o poder privado e o poder publico: o legal, o medico, os corpos educativos, a policia domestica e as forças armadas nacionaes". E juntamente com esses Conselhos representativos, entram em acção, as grandes "Trade Unions", os grandes syndicatos profissionaes, que representam os interesses effectivos das maiorias desse proletariado que o Estado Liberal em um seculo não conseguiu fundir no corpo geral das nações, e que ameaça hoje romper os falsos diques em que a ideologia politica liberal o manteve por tanto tempo, e conquistar pela força o que lhe queriam dar em palavras sonoras e vasias.

Belloc é acima de tudo um homem ligado ás realidades e vasio de toda abstracção inutil, de todo esse falso humanitarismo em que fomos educados e que é no fundo o grande inimigo dos homens em carne e osso.

Por isso, não apresenta as suas idéas como panacéas. Estuda as suas difficuldades, os seus perigos, os seus males, mas conclue por manter as suas idéas com a forte e lucida argumentação de toda a sua obra de publicista e de historiador.

A Monarchia, como elle mostra, não é essa concepção falsa de luxo e de irresponsabilidade que a rhetorica democratica espalhou em nossos espiritos e que nos faz crer na existencia actual de uma monarchia ingleza apenas porque ha um Rei de Inglaterra, cujo filho periodicamente perde fortunas em Deauville ou ganha beijos das "garçonnes" antipodas.

E nesse ponto é curiosissimo o capitulo que de-

dica á Politica, no seu livro sobre os Estados Unidos: — "O povo americano de hoje differe dos europeus de hoje, no seguinte: que guardou, em gráo muito elevado a instituição da Monarchia, e dia a dia está augmentando os seus objectivos. Cada vez mais se nota na America o poder pratico, no governo, de individualidades, responsaveis perante o povo, dando ordens, e vendo-as obedecidas; praticando e suggerindo meios de acção; vetando ordens das Assembléas".

E esse reforço do poder central, como moderador e compensador dos interesses privados contradictorios, e sobretudo como protector do fraco contra o forte e como impecilho ao desenvolvimento do cego e mortal capitalismo oppressor de hontem e de hoje, essa restauração da monarchia que se suicidou com Henrique VIII, é que Belloc propõe á Inglaterra do parlamentarismo corrupto e decadente de hoje.

— "É possivel que a Monarchia não venha, e nesse caso se dissolverá o Estado, como nós o conhecemos: então, formará parte de uma federação mais larga, para ser dirigido lá de fóra, ou perderá por dentro o seu proprio caracter. Perderá especialmente a sua posição perante o mundo. Porém, se na alternativa vier a Monarchia. poderá vir em um ou outro de mil caminhos — pelo desenvolvimento inesperado de uma nova instituição ou de uma velha instituição ou pelo resurgimento de uma instituição morta"".

Mas não é possivel comprehender bem o pensamento politico de Hilaire Belloc pela simples leitura desse livro. Dois outros livros são *indispensaveis* para comprehender o seu pensamento. Um, é a sua historia da Revolução Franceza — "The French Revolution"", de 1911, e outro, o volume em que desenvolve as suas idéas sociaes — "The Servile State", de 1912.

Ambos revelam uma observação fundamental, que talvez passasse despercebida a quem se guiasse ape-

nas por aquella obra. A Monarchia que Belloc defende é, em primeiro logar, a mais moderna e mesmo futura das concepções politicas. Quando elle propõe a substituição do *Estado-Servil,* em que vamos entrando, pelo *Estado-Distributivo,* que apenas se esboçou na Idade Média, não suggere uma volta a *fórmas mortas* e sim a *idéas vivas.*

Em seguida, o que esses dois livros revelarão, a quem não conhecer o resto de sua obra e a sua vida quasi quixotesca de polemista e de "redresseur de torts" é que, se propõe a restauração da Monarchia na Inglaterra, é para reagir contra a servidão do individuo em que a liberdade democratica degenerou. Eis o thema, que defende no capitulo 1.º da sua Revolução Franceza: — "A theoria politica sobre que se desenvolveu a Revolução, especialmente neste paiz, tem sido ridicularisada como local, ephemera e fallaz. Ella é universal, eterna e verdadeira." Não é possivel ser mais categorico. E esse capitulo inicial é uma demonstração, como sempre admiravelmente lucida, logica e rigorosa, de que — "toda communidade politica pretendendo á soberania... deriva a autoridade civil e temporal de suas leis, não dos seus actuaes legisladores, nem mesmo de seus magistrados, mas de si mesma".

Esse livro, — seguido dos varios outros que escreveu sobre a Revolução — "The Last Days of the Monarchy", "Life of Danton", "Life of Robespierre", Marie Antoinette", que todos mostram uma preferencia profunda por essa grande movimento historico, — esse livro é mais uma demonstração de que toda concepção politica verdadeiramente christã repousa sobre o valor pessoal do individuo, sobre a concepção de "felicidade" pessoal que o homem deve procurar sobre a terra. A submissão necessaria do individuo á estructura exterior não é uma negação do individuo e

sim o conhecimento profundo da sua natureza. O individualismo total ou collectivismo communista são duas concepções que devem repugnar a todo espirito impregnado e formado pelo espirito do Christianismo.

E isso nos leva ao outro livro em que Belloc expõe as suas idéas sociaes.

O espaço restante não me permitte senão mencionar a these principal defendida nesse livro capital para quem queira comprehender bem o pensamento bellociano.

O mundo moderno, abafando as sementes de liberdade que começavam a germinar na Idade Média, levou a sociedade occidental ao miseravel estado de oppressão e de insegurança que hoje ameaça tragar toda a nossa civilisação.

— "A uma sociedade na qual a massa predominante das familias era proprietaria de capital e de terras, a uma sociedade na qual a producção era regulada por corporações autonomas de pequenos proprietarios, a uma sociedade na qual a miseria e a insegurança do proletariado era desconhecida, veio a substituir-se a terrivel anarchia social contra a qual todos os esforços moraes estão agora dirigidos e que responde ao nome de Capitalismo". Não foi a revolução industrial que provocou o capitalismo. Foi o capitalismo, — já existente na Inglaterra desde que os bens monasticos foram confiscados por um pequeno numero de grandes proprietarios, em vez de ficarem com a Corôa ou serem distribuidos pelo povo — foi esse capitalismo já existente que absorveu e desvirtuou as grandes descobertas do machinismo contemporaneo, provocando o que Belloc chama, a terrivel "molestia da propriedade", que consome a sociedade moderna.

E no correr desse seu luminoso volume mostra como o capitalismo não póde *moralmente* permanecer (portanto socialmente ephemero), e que só póde ser

substituido por tres formulas sociaes: — "a Escravidão, o Socialismo e a Propriedade".

A *Escravidão,* é a tendencia da sociedade contemporanea, em que classes de trabalhadores protegidas por leis sociaes cada vez mais amplas, terão tambem a sua liberdade cada vez mais escravisada aos *contractos de trabalho.*

O *Socialismo,* é o que o Estado communista tentou realizar e até hoje fallio. E no seu livro sobre os Judeos — "The Jews", de 1922, já Belloc estuda o caso do bolchevismo quanto ás suas idéas sociaes e politicas, escrevendo que — "parece que a grande massa da nação affirmou o seu instincto da propriedade privada com o maior vigor e que alguns nove decimos dos Russos fixaram-se nas terras sobre as quaes proclamaram o seu direito e nas quaes o seu sentimento de propriedade é mais feroz que jámais."

A *Propriedade,* afinal é a solução social que devemos procurar. Se o capitalismo negou a propriedade pela absorpção da posse em poucas mãos e pela sua negação á immensa maioria dos homens, só é possivel o saneamento da sociedade pela transformação gradual do grande Capitalismo Industrial graças á restauração da pequena propriedade.

E são ainda do seu livro sobre os Judeus estas palavras: — "A grande maioria da nossa raça, quando defrontada pelo problema do Capitalismo Industrial... que é um mal da peior especie... sente que o problema tem de ser resolvido por alguma fórma, que nem destrua a propriedade nem a nação, unicos meios atravez dos quaes o individuo póde realmente agir".

E assim é que adoptou para epigraphe do seu livro sobre o Estado Servil: — "Se não restaurarmos a Instituição da Propriedade seremos forçados a restaurar a Instituição da Escravidão".

Quanta coisa mais haveria a escrever sobre esse homem! Digo intencionalmente — homem, e não — escriptor, ou ensaista, ou historiador, ou romancista, ou poeta, que tambem é ("Sonnets and Verse", de 1922), ou qualquer outra das suas actividades intellectuaes, — pois é acima de tudo *um homem*. Profundamente humano em tudo o que faz e o que escreve, desde as suas memoraveis campanhas de saneamento politico até as paginas mais objectivas de sua Historia de Inglaterra ou do seu outro livro capital, como historiador, "Europe and the Faith", de 1920.

A imagem que dei de sua obra e de sua intelligencia é mais que insufficiente, para quem as conhecer. Mas por mais summaria que tenha sido, desejo apenas que dê a algum leitor o gosto de conhecer mais de perto esse espirito que não tem a genialidade de um Chesterton, de um Shaw, de um Hardy, mas que é uma figura positivamente singular nas letras inglezas de hoje, cuja obra tanto é uma lição como um encanto e cujo espirito sabe ser cristalinamente racional sem racionalismo e integralmente humano sem humanitarismo.

O PROBLEMA BRASILEIRO

O problema de nossa unidade, como nação, continúa a ser o problema brasileiro por excellencia. Ainda agora o estuda o primeiro volume de uma obra, que se annuncia longa e systematica, em torno do assumpto.

Everardo Backheuser — "A Estructura Politica do Brasil — Notas prévias" — Mendonça Machado & C. — Rio, 1926.

É preciso dizer, desde logo, que o volume desillude um pouco do que se annunciava. É uma collectanea de artigos dispersos, em fórma muitas vezes puramente jornalistica, de entrevistas, planos e estudos mais demorados, em torno da situação brasileira actual. Não é, como pretende ser, a primeira parte de uma obra consideravel, em que se vae desenvolver um plano completo de salvação da patria. É um volume á parte, um prefacio, ora inteiramente pessoal, ora bastante objectivo, em que o autor conta os motivos particulares que o levaram a compôr a obra, os autores em que se inspirou e a orientação propria que pretende seguir.

Nada temos que ver com as razões privadas que levaram o autor a "mudar de rumo", como diz. Numa

obra que pretende exceder, em sinceridade, á de Alberto Torres, em continuidade á de Oliveira Vianna, e em alcance tudo o que geralmente se publica, entre nós, sobre o assumpto, — não nos interessam os motivos particulares da obra. Apenas as suas idéas e a sua realização.

Penso, além disso, que não havia vantagem alguma em reunir tanta coisa dispersa e variada, com allusões pessoaes e ephemeras, com transcripções até de referencias de jornalistas ao autor, em entrevistas concedidas, numa obra que pretende não ser, e não é em geral, uma obra dictada por paixões politicas. E muito menos, em dar a esse volume o caracter de primeira parte de uma obra de estudo objectivo, impessoal, aprofundado e systematico da "estructura politica do Brasil".

É preciso ler o volume, portanto, a partir do subtitulo. São apenas "notas prévias". Nada mais. E caso venha o autor a realizar o seu longo plano, penso eu que deve excluir esta primeira parte por insufficiente e desnecessaria.

Dito isto, acho boa a orientação geral do autor. Nós, do centro, ou da capital, pois o sr. Backheuser já hoje é mais um carioca que um fluminense, ao tratarmos de assumptos brasileiros, temos realmente um defeito. Falta-nos a paixão da pequena patria, o senso da provincia que é a mais funda raiz do apego á terra.

Mas, em compensação, possuimos geralmente um senso da totalidade, que falta tantas vezes nos escriptores regionaes. E é esse sentimento da unidade que resalta das idéas sociaes do sr. Backheuser. Foi justamente o empenho de combater a dispersão crescente que o levou a projectar esse longo trabalho. E é sempre dominado pela necessidade de zelar por essa miraculosa, e sempre periclitante unidade, que o autor

orienta o seu pensamento coordenador. Publica mesmo um graphico, bastante procedente, em que mostra especificadamente as forças de dispersão e de cohesão que nos disputam. Esse cuidado de reduzir a graphico as forças sociaes em acção denota, muito claramente, a funda influencia da cultura allemã sobre o autor e a sua familiaridade com autores allemães.

Outra vantagem é o espirito de objectividade — que o impede de se perder em simples considerações utopicas para as quaes facilmente o levaria a tendencia natural a certo radicalismo liberal e demagogico que revela — e o espirito de totalidade, tão caro aos allemães, que corrige outra sua tendencia espontanea a contar apenas com causas geographicas e economicas.

O defeito, porém, dessa influencia é, entre outras coisas, a preoccupação de crear uma terminologia especial, de um máo gosto bem typicamente germanico. Quando fala, por exemplo, em "autarcopolitica", em "cenopolitica" ou em "cratopolitica", ou quando chama os americanos de "usamericanos" (U. S. americanos !). Este habito é typico dos autores allemães, cuja preoccupação é sempre inventar palavras proprias. Em todo philosopho allemão ha um fundo de grammatico.

Em outros trechos, o germanismo do autor se accentúa em pontos mais importantes. Quando affirma, por exemplo, "o allemão (é), em regra, credulo e até certo ponto ingenuo em problemas politicos internacionaes". Bismarck o demonstrou, assim como Bethmann-Hollweg, em 1914, os negociadores da paz com a Rumania e com a Russia, durante a guerra, até os vencedores de Locarno e de Genebra...

Ou então, quando escreve, sentidamente:—"comprehende-se bem a *dolorosa impressão* que teve a Allemanha, paiz sem um analphabeto, quando veio a saber da providencia do inspector escolar Orestes Guima-

rães, fechando escolas em Santa Catharina, sob pretexto do ensino ser feito em allemão, sem mandar, logo e incontinenti, abrir outras". O caso em si póde ser discutivel, mas a "impressão" allemã deve ser-nos perfeitamente indifferente.

E assim em outros pontos. Não duvido que haja quem inclua entre esses pontos o seu elogio da colonização allemã no sul. Não penso assim. Acho mesmo que as paginas que a isso dedicou, no seu livro, são das melhores que tem. Sempre me pareceu que meia duzia de modestas "granjas" catharinenses valiam mais do que os exercitos maravilhosos dos cafesaes paulistas. Estes nos deixam a impressão de orgulho. Aquellas, de confiança.

Enquanto as altivas Guataparás nos levam para o progresso anonymo, mecanizado, em massas escravas ou corrompidas, as pequenas explorações agricolas e industriaes no sul são um nucleo admiravel da verdadeira solução para os males sociaes do presente, uma solução em que o homem sairá elevado em sua liberdade e em sua dignidade humana, e não envilecido e annullado.

Eu bem sei que a opinião corrente, espalhada, victoriosa, hoje em dia, não é esta. E o proprio sr. Backheuser, — depois das paginas admiraveis sobre o sul, paginas que se lê como sendo a mais viva, a mais exacta expressão de uma realidade modesta, mas que será futuramente um rastilho se a soubermos conservar, — o proprio autor pende para um immoderado elogio da riqueza e do individualismo economico, que levaram a Europa ás suas desgraças de hoje.

Ainda ha pouco, lendo algumas paginas sobre o casamento, escriptas pela viuva daquelle famoso barão Ungern, familiar a todos os leitores de Ossendowsky, vi que ella liga o problema conjugal a uma nova phase da economia moderna, que julga transposta

para todo e sempre: a economia familiar cedendo á economia individual. Essa é justamente a opinião vulgar. Errada a meu ver, mas que não é o momento de discutir neste ponto. Cabe aqui apenas consignar as paginas excellentes em que o sr. Backheuser estuda as condições dos nucleos coloniaes teuto-brasileiros do sul, nucleos que a meu ver representam o que temos de mais perfeito economicamente, e que devemos esforçar-nos por conservar a todo o transe, e espalhar quanto possivel.

Estou, portanto, perfeitamente de accordo com o vehemente elogio á colonização allemã, traçada pelo sr. Backheuser. O que não implica certamente, a apologia da "ingenuidade internacional" dos allemães ou do paradoxo que elles pretendem demonstrar, e o sr. Backheuser subscreve, de uma "siegreiche Zusammenbruch" em 1918 !

As idéas fundamentaes, portanto, que vão orientar os trabalhos sociologicos do sr. Backheuser, são em primeiro logar a necessidade de conservar e defender a unidade nacional. E, em seguida, ou antes disso talvez, a demonstração que a nossa posição geographica não será um impecilho á nossa civilização, como ainda pretendem muitos deterministas contemporaneos, e que, pelo contrario, a tendencia moderna é no sentido de voltarem as civilizações para os paizes quentes de onde partiram.

Por mais fantasistas e puramente supostas que tenham forçosamente de ser todas essas hypotheses variadissimas e contradictorias sobre a origem polygenita ou monogenita, como gostaria de dizer o meu amigo Ellis Filho, das culturas e civilizações, ha certas probabilidades no sentido de que a hypothese aceita pelo sr. Backheuser seja approximadamente exacta. Elle a discute com grande proficiencia e uma argumentação

muito logica. Haveria mesmo muito mais coisa a dizer sobre a Africa. Segundo o sr. Backheuser, — "sente-se que a maioria dos habitantes da zona equatorial africana não teriam podido facilmente caminhar para o norte através do intransponivel Sahara. Teriam parado em rudimentares estagios culturaes, nos quaes o branco os foi encontrar recentemente".

Se eu acreditasse piamente em tudo o que nos affirmam os ethnologos modernos, diria francamente que essa affirmação do sr. Backheuser é absolutamente falsa. Como, porém, acho que tudo o que hoje em dia se erige em torno das civilizações primitivas precisa ser recebido com algum cuidado, pois as imaginações se inflammaram consideravelmente a esse respeito, depois do osso inevitavel de Cuvier, — direi apenas que a affirmação do autor não parece exacta. E que ha grandes probabilidades mesmo que seja errada. Não sou eu, naturalmente, quem o diz. Limito-me a dizer o que passou trinta annos a pesquizar e a formular o grande ethnologo allemão Leo Frobenius. A Africa já nos deu muito mais do que pensamos. A Africa não teria parado, como diz o sr. Backheuser. Teria apenas regredido. Mas como o assumpto merece uma attenção mais minuciosa, deixarei para ser tratado á parte.

Todo o estudo desse thema do tropicalismo é do maior interesse nas paginas que lhe dedica o sr. Backheuser, tanto mais quanto, como espirituosamente o disse o sr. Manoel Bandeira, está em jogo uma tremenda "torcida brasileira"...

O livro do sr. Backheuser, portanto, é menos a primeira parte da grande obra que pretende escrever e cujo plano largo e systematico já expõe no fim deste volume, do que os primeiros passos do autor nesse terreno novo, cheio de difficuldades, em que se arriscou. O autor pretende realizar uma obra *rigorosamente*

scientifica. Esse é o seu principal objectivo, embora não se possa dizer que elle seja um determinista, á moda de ha cincoenta annos, hoje renovada por alguns.

Mesmo a sua "theoria do gráo de cultura", isto é, a possibilidade que os homens possuem de reagir contra as condições ambientes e, portanto, a intervenção immediata e indispensavel de um factor racional e subjectivo, corrigindo os factores exteriores e objectivos, é uma theoria justa e documentada. Embora procure logo reduzil-a a "indices numericos ou graphicos", pois o sr. Backheuser ainda crê "que não se prescinde, para tudo (sic), do instrumental scientifico, em que tudo (sic) é controlado, comparado e medido". E, portanto, procura logo cumprir com essa intoleravel imposição moderna de captar em formulasinhas bem arranjadinhas, bem minuciosas, bem professoraes, todo esse immenso mysterio da vida, que quanto mais é capturado por esses homens frios, didacticos, fechados, que acodem a nomes complicados de anthropologos e ethnologos e sociologos, mais se ri de todos elles e mais vae inserindo nas sociedades e nos homens toda essa variedade infinita de imprevistos, de fantasias, de paixões e de absurdos, que fazem a miseria e a gloria de viver. A vida que estala as regras. A vida que desmente os sociologos. A vida que faz do analphabeto, não esse pobre ser desprezado, relegado, dos logares communs universaes contra o analphabetismo, mas uma creatura humana, e que sendo humana é tambem uma creatura divina. O analphabeto que ri. Que vive. Que joga ás ortigas a cartilha. Que é um homem e não uma machina de ler e de escrever.

A vida que transborda da razão, das formulas, das regras, dos graphicos, que desnuda toda essa misera altivez humana, que se ri, que se ri desesperadamente... Que se ri de nós todos, criticos e criticados. Que se ri dos que fazem formulas e dos que combatem for-

mulas e dos que substituem formulas e dos que applicam formulas. A vida que se ri da Sciencia, por mais maiusculo que seja o seu S. A vida que desafia tudo o que podemos dizer della. Suspeitar della. Inferir do que ha de misero, de nada, de sombra, nesta eterna evanescencia que a nossa vaidade e o nosso pedantismo, por vezes a nossa gloria de vencel-a, mesmo a ella, pensam poder immobilizar para sempre. A vida... A vida que é *tambem* liberdade, e que nos consola do saber. A vida, que faz com que procuremos sempre um romancista ou um poeta e nunca um ethnologo ou um sociologo, quando queremos realmente saber o que é uma raça, o que é um paiz. Da mesma fórma que nunca procuramos um grammatico quando queremos conhecer realmente o espirito de uma lingua.

Esse é sempre o grito que eu ouço em mim, quando vejo tudo o que fazemos para reduzir o homem e a sociedade a estatisticas, a graphicos, a indices numericos, a leis sociologicas, a não sei mais que pretensão mecanizadora da sciencia moderna em que *tudo* pretende introduzir-se, que *tudo* pretende reduzir á sua gelada uniformidade. Eu bem sei tudo o que ha de sublime na sciencia. Mas a sciencia que pretende tudo dominar, tudo explicar, tudo uniformizar, a sciencia que é a negação da liberdade, quando pretende implantar-se no proprio dominio em que a liberdade é senhora, essa sciencia não consegue senão despertar em mim todo esse protesto de coisas humanas, que as universidades desdenham com sarcasmo, mas que eu sei serem superiores a toda a sua petulancia, a todo o seu dogmatismo.

E por isso, quando vejo um homem como o sr. Backheuser, com a sua cultura, a sua vontade de trabalhar por sua patria, o seu idealismo, quando vejo um professor que vem justamente, em certos pontos, reagir contra esse materialismo grosseiro com que a sciencia

pretende esmagar a liberdade de viver sem ella, quando vejo esse homem iniciar uma grande obra de estudos sociaes, não posso reprimir o impeto de imprecar-lhe um pouco mais de humanidade, um pouco mais de elevação, um pouco mais de transcendencia ao observar aquillo que excede sempre do observador, ao pretender reduzir a leis o que se conserva sempre acima das leis, ao querer fazer sciencia do que contem sempre uma parcella, uma enorme parcella de indefinivel, de incapturavel, de livre, de regiamente livre. Romantismo ? Não. Amor á verdade. A *toda* a verdade.

REHABILITAÇÃO DE UM CONTINENTE

Se ha um continente, ao qual devemos uma reparação, esse continente é a Africa. Não quero enveredar por sentimentalismos de Mãe Preta. Á Africa devemos o desbravamento desta nossa aspera terra de sol e de espinhos. Sem virtude, pois o fez sem querer. Á Africa devemos tambem a calamidade, que ainda estamos pagando, da escravidão, que tornou artificial e prematuro o nosso progresso do seculo passado. Sem culpa, pois o fez ainda mais sem querer... Estamos equilibrados. Mas não estamos quites. Pois se alguma coisa somos, a ella o devemos tambem. E reconhecemos sempre a divida, quando a reconhecemos, envergonhados. E se hoje falamos com mais desembaraço, é que o tempo vae polindo as arestas e ennobrecendo as genealogias. O filho de algum minhoto bronco, mas "self made man", tem vergonha de falar nos pés descalços do pae. O neto já sorri apenas do avô. O bisneto põe-lhe o retrato na sala.

Temos vergonha ainda, bem menos aliás que os nossos paes, de descender da pobre Africa. Que nunca saiu dos seus pantanos sem fim. Do seu matto ralo. Ou gigantesco. Dos seus 45º á sombra. Da Africa mergulhada no esquecimento, no cannibalismo, na escravidão perenne.

A Africa foi sempre o continente desprezado. E o

norte ? Mas acaso consideramos Africa esse norte ? Esse norte é o Egypto. É a civilização do Nilo, á parte, isolada do resto, de outra raça, de outras origens. É a civilização carthagineza, vaga, perdida no tempo, vista sempre pelo seu reflexo na historia de Roma. É ainda a formidavel vaga de romanismo que recobriu os restos de sua rival e hoje resurge das areias ardentes, ainda mais assombrosa do que se julgara. É emfim a epopéa arabe, subjugando, unificando tudo á sua imagem. E a reacção christã. Incessante. Banhada a principio de um immenso sonho de fé. De tragedias incomparaveis. De uma belleza estranha em que o requinte mais polido de viver reflecte, de quando em quando, sombras terriveis, manchas de sangue, torturas, heroismos. Até o commercialismo contemporaneo. Em que o genio colonizador europeu se revela, por vezes, em sua efficiencia mais pura como na obra do marechal Lyautey, em Marrocos. E em que outras vezes sossobra o seu imperialismo, como se deu com a Italia na Abyssinia, onde até hoje impera a mais original das seitas christãs.

Todo esse norte da Africa, toda essa margem sul do Mediterraneo é uma terra impregnada de historia e de belleza, por onde passaram as mais illustres civilizações da terra: a egypcia, a alexandrina, a romana, a arabe, a medieval e a moderna. Terra que o espirito do paganismo, o do arabismo e o do christianismo amassaram e fecundaram successivamente. Mas terra que não julgamos Africa. Ou que, pelo menos, é coisa tão diversa do coração do continente negro, como se fôra outro continente. O deserto é o fim da civilização. Para além, a barbaria primitiva, o homem animalizado, a selva selvagem. De onde fomos buscar instrumentos de trabalho, as machinas do tempo, sobre os quaes pesava o nosso desdem ou quando muito a nossa piedade.

Essa a idéa que temos da Africa. Que sempre tivemos. Que todos tiveram. E que vimos repetida na

phrase do sr. Backheuser, que deu origem a estas considerações. O povo africano, o selvagem africano, — "teria parado em rudimentares estagios culturaes, nos quaes o branco o foi encontrar recentemente".

Poderia ainda ir-se além. A Africa foi mesmo considerada mais ainda do que as ilhas da Oceania, como sendo o continente de transição, o degráo entre os dois reinos, o paraiso dos primatas, a residencia desse impalpavel mas tão falado "missing link", pesadello dos naturalistas.

Ha dias, em conversa, um dos nossos jovens scientistas, que é das primeiras cabeças aliás de sua geração, apresentava como prova do *obscurantismo* da Egreja Catholica, o facto de só no Concilio de Nicéa se ter reconhecido á mulher a posse de uma alma, e isso mesmo por poucos votos (a historia é muito outra, mas não é o momento agora de rectificá-la. Ha um seculo, Alexandre Herculano invectivava a Egreja por um motivo opposto, isto é, por ter approvado o dogma da Immaculada Conceição só para captar a sympathia das mulheres. Mas, seja como for, o facto é de uma indelicadeza a toda prova. E desde os romanticos que nos penitenciamos, dando á mulher duas almas — a de anjo e a de demonio. E hoje mais uma — a alma masculina. E sabe Deus quantas ainda lhe daremos nesse proximo futuro por nossa penitencia...

Mas não é isso que vem ao caso. Lembrei apenas o argumento para mostrar que ao passo que o obscurantismo da Egreja levava alguns seculos a reconhecer uma alma ás mulheres, a luz da sciencia levava alguns seculos mais a negar esse mesmo accessorio aos pretos. Ou pelo menos a reduzi-lo ao minimo. E no seculo XIX, quando já por quatro seculos se batia a Egreja em favor dos povos primitivos, dos indios da America e dos negros da Africa, procurava a sciencia apenas nesses negros os vestigios do macaco inicial.

E a cohabitação, no mesmo continente, com os gorillas e chimpanzés, levou Darwin a concluir, no seu "The Descent of Man" — "que é mais provavel que os nossos progenitores primitivos tenham vivido no continente africano do que em qualquer outro ponto da terra". E quando, recentemente, o professor Raymond Dart annunciou ter descoberto na Africa mais um craneo de "missing link", que talvez, em virtude de tantos craneos que possue, é ainda hoje bem mais "missing" que "link"... os naturalistas se alvoroçaram appellando logo para a hypothese de Darwin (cf. *Elliot Smith* — Anthropology, in *Evolution in the light of Modern Thought* — Londres — 1925).

Essa era, portanto, a opinião aceita sobre o continente africano. A não ser a faixa do norte, que fica como que á parte, isolada do resto pelo Sahara intransponivel, nunca tinha a Africa saido do estado mais rudimentar de civilização. Fôra ahi que se dera a transição entre o macaco e o homem. Era ahi que ainda hoje viviam os homens que tinham muito mais de macaco que de homem, essas populações negroides cuja civilização não se elevara acima dos estagios mais primitivos.

Eis, por exemplo, como num livro recente e aliás de inspiração muito justa, pois tende a mostrar á Europa os perigos de que a ameaça a infiltração asiatica, se refere o autor aos povos africanos: — "Nenhuma das raças pretas, nem o negro nem o Australiano, mostraram em tempos historicos a capacidade de desenvolver uma civilização. Elles nunca passaram, como conquistadores dos limites de seus proprios "habitats", e nunca exerceram a menor influencia em povos não pretos. Nunca fundaram uma cidade de pedra, nunca construiram um navio, nunca produziram uma litera-

tura, nunca suggeriram um credo". *(Meredith Townsend* — Asia and Europe, p. 92 — Londres — 1921).

E se Townsend fazia a justa restricção — "em tempos historicos", o que torna sua affirmação muito menos discutivel, outros são ainda mais radicaes e negam em absoluto toda existencia de civilização entre as raças de cor negra. "Os povos negros não têm historia. Nunca tendo creado uma civilização pessoal... jámais manifestou a raça negra verdadeira faculdade de creação. Nunca edificou uma civilização propria". *(Lothrop Stoddard* — Le Flot Montant des Races de Couleur — Trad. franc. — Paris — 1925, pgs. 90-93).

Se esta ainda é hoje a opinião corrente de autores, que parecem desconhecer totalmente a obra de Frobenius e seus auxiliares, imagina-se como não seria no seculo passado, antes que Frobenius tivesse trazido á luz os documentos que mesmo no caso provavel de terem despertado em seu descobridor um enthusiasmo muitas vezes exagerado, e levado a conclusões grandiosas, que nem sempre se enquadram dentro da escassez dos documentos effectivos sobre que pretendem assentar — mesmo assim não permittem mais hoje affirmar-se a inexistencia de qualquer civilização negra antiga.

No seculo passado, a inexistencia de qualquer fórma de civilização propria, na Africa, era portanto um dogma entre os homens de sciencia. O que não impediu aliás que se despertasse o interesse pelo continente esquecido, e começasse a sciencia a estudal-o, mas como simples objecto de curiosidade scientifica, sem se preoccupar com a possibilidade de qualquer remota civilização africana. Começou a Africa a ser cruzada por um numero pequeno, mas crescente, a principio de simples descobridores, depois de viajantes e caçadores e pouco a pouco de especialistas, de geologos e botanicos, de medicos e meteorologistas, de geologos

e historiadores, que foram pouco a pouco recolhendo um material valioso de observações variadas. Sem nenhuma preoccupação, entretanto, de unificar os estudos, de dar-lhes uma orientação systematica e sobretudo de exceder a simples observação da natureza ou a collectanea de curiosidades ethnographicas.

Era esta a situação dos estudos africanos, em fins do seculo passado, quando um joven discipulo de Ratzel e de Schurtz, apaixonado pelo assumpto, resolveu dedicar a elle todas as suas forças e em pouco tempo conseguia enveredar por caminhos originaes, ultrapassando as concepções de Ratzel e de Bastian então dominantes. Tratava-se de Leo Frobenius, que em 1898 publicava o seu trabalho sobre a origem das culturas em que lançava a concepção chamada *circular* das culturas, que hoje em dia alcançou tão grande exito e que Spengler reduziu a um systematismo, a um rigor mecanico, que fórça mais a realidade a entrar em seu ambito do que propriamente se adapta ao conteúdo dessa realidade. Segundo a sua concepção original — "desenvolve-se a cultura como independente da vontade do homem, está mais ligada ao espaço do que á raça e é concebida como organica". (*Erlebte Erdteile* — Vol. I, p. 61). Tanto Ratzel, com a sua concepção geographica, como Bastian, com a sua concepção psychologica, consideravam a cultura como uma creação do homem. Vinha Frobenius inverter os termos do problema e considerar o homem até certo ponto como uma creação da cultura, e esta como um todo organico, sujeito ás mesmas vicissitudes da vida humana e possuindo uma personalidade propria.

Essa concepção primitiva, aliás, de suas theorias, modificou-se sensivelmente com o correr dos annos e com a immensa experiencia que adquiriu em suas incessantes pesquisas locaes. Foi pouco a pouco deixando a subordinação inicial ás condições estrictamente es-

paciaes, sem nunca embora desconhecel-as, e chegando á comprehensão crescente dos factores de espirito.

"Porquanto, que a cultura, como já disse anteriormente, seja um terceiro reino (junto ao mundo organico e inorganico), isso cada vez mais se confirmou durante os meus annos de viagens. Esse terceiro reino, porém, não é attingido pela nossa consciencia com o auxilio das sciencias naturaes, como eu anteriormente acreditei, porém, por um reconhecimento piedoso de uma metaphysica attingivel por caminhos scientificos". (*Erlebte Erdteile* — Vol. III, p. 462).

Não desejo, porém, discutir aqui a discutivel concepção philosophica que transformou Frobenius de ethnographo em metaphysico. Isso me levaria a desenvolvimentos incompativeis com esta simples informação de sua obra. É indispensavel, apenas, accentuar o seu ponto de vista geral, que marca um momento consideravel na critica ao materialismo do seculo passado e hoje ainda tão corrente em certos meios. Frobenius emprehendeu uma obra de ethnologia estrictamente scientifica, animado por um espirito de supremacia do espirito, que seria, e ainda é, para os ethnologos atrazados, uma verdadeira heresia scientifica.

Elle começou, assim, por um trabalho intenso de estudo, de leitura, de monographias parciaes e afinal de doutrina, antes de se lançar a campo para procurar em investigações proprias e originaes o que lhe parecia resultar de suas concepções theoricas. É ahi começa, a meu ver, a sua grande obra, a que seu nome estará para sempre ligado, muito depois que as suas explicações metaphysicas estiverem piedosamente esquecidas. Como regularmente nos esquecemos de toda essa torrente de systemas philosophicos que cada professor allemão se julga obrigado a fornecer ao mundo, e que o mundo vae esquecendo, com displicencia. O systema de Frobenius, está exposto no volume "Paideuma", que

hoje é o quarto de suas "Erlebte Erdteile". E naturalmente quem quizer ter a explicação de sua obra e de sua acção fecunda na ethnographia moderna, não poderá prescindir delle.

Aqui, porém, o que nos interessa é a sua obra africana. Que começou theoricamente, desde os seus primeiros trabalhos, em 1891. Mas que só em 1904, com a sua primeira expedição ao Congo, ia tomar o vulto que hoje tem. Procurara sempre, como elle diz, distribuir os seus estudos por *dois polos:* — "a dedicação á pesquisa de phenomenos comprehensivos e expressivos da cultura material, sempre se alternava com o aprofundamento na formação e evolução da vida do espirito e da alma".

E ia ser, assim, o primeiro que penetrava o continente africano, não para conquistar, nem para descobrir regiões desconhecidas, ou pesquizar plantas exoticas ou especies animaes desconhecidas, mas para procurar os restos de uma cultura immemorial, cuja suspeita lhe fôra incutida por seus estudos theoricos. Ainda na Allemanha, submetteu ao famoso Bastian, então a maior autoridade em coisas africanas, as conclusões a que chegou, de que na Africa devia ter existido alguma grande civilização propria. Bastian não approvou as suas suggestões. Nem quiz auxiliar as expedições projectadas.

Mas Frobenius proseguiu. Fez a primeira. Fez a segunda viagem. Acabou fazendo cinco expedições completas. Viveu no coração da Africa durante dez annos. E ainda durante a guerra, em 1915, saiu pela Turquia e foi percorrer a Abyssinia e o Sudan. Organizou uma verdadeira campanha de penetração scientifica. Aprendeu os mais variados dialectos. Distribuiu pesquizadores por todos os cantos mais inaccessiveis do continente negro. Fundou em Francfort um instituto para elaboração e publicação, bem como para

museu, dos achados e documentos ethnographicos. Dos 15 volumes projectados, sob o titulo geral de "Atlantis", para publicar o thesouro de lendas, narrativas geographicas, cantos, estatisticas, etc., relativos ás suas viagens e de seus auxiliares, já tem nove publicados. Além dos volumes propriamente narrativos de suas expedições e dos resultados a que ia chegando, como sejam: "Auf dem Wege nach Atlantis", "Im Schatten der Congostaat", "Und AfrikaSprach", etc. e da collecção de volumes, ao todo sete, de que quatro já estão publicados, em que, sob o titulo geral de "Erlebte Erdteile", reuniu todos os seus estudos esparsos, bem como os resultados systematicos e a sua concepção final desses 30 annos de pesquisas e esforços, theoricos e praticos, exhaustivos, elaborou e editou estudos cartographicos rigorosos que a seu ver foram um dos elementos capitaes do seu exito. Teve difficuldades memoraveis com as administrações inglezas. Foi a um tempo chefe militar, homem de sciencia, viajante incansavel, pesquisador de extrema paciencia, artista, philosopho e sobretudo um apaixonado do continente de Cham.

De facto, o que reçuma de cada linha de suas obras é esse amor, essa confiança no continente negro. Elle fala sempre no desprazer que a Europa lhe causava quando a revía. Na vida assente, materializada, artificializada, como que crystalizada e sem espontaneidade natural que o velho continente lhe offerecia. E com que alegria elle mergulhava de novo nesse mundo africano, em que a vida borbulhava ainda em seus elementos puros, em que a natureza das coisas e a natureza dos homens ainda se achavam no frescor de sua fluencia inicial, nas fontes de creação e de reacção, sem o convencionalismo da vida civilizada, urbanizada.

Uma das paginas, mesmo mais solemnes de sua

obra, é a pagina escripta em 1915, num pequeno porto da Abyssinia. E onde elle conta o novo rumo que a guerra ia fazer tomar á sua vida. Até então, quando deixava a Europa pela Africa, deixava o mundo da vida pacifica e inerte pelo da agitação perenne. Agora, era o contrario que se dava. Era a sua Europa que explodira. Era naquella terra que parecia já condemnada á mecanização, á legalização de todos os impetos de vida, á asphyxia de toda fé religiosa, de todo sentimento espontaneo e virgem, á morte pelo bem estar e pela riqueza, que uma nova onda de vida rude, de vida elementar, de purificação pelo soffrimento fazia resurgir a alma immortal e profunda.

E sentiu então que de ora avante, era outra a sua tarefa. Já não era no meio das civilizações primitivas que lhe competia procurar a essencia das "culturas", mas na sua propria cultura, que já parecia morta e rigida e que se revelava ainda em sua vitalidade fundamental. Porque um dos traços caracteristicos de Frobenius foi que, desde o inicio de seus estudos, não o animava o simples desejo de estudar tribus pittorescas ou costumes estranhos e sim a vontade de penetrar a essencia da civilização. E o seu gesto paradoxal foi de procurar essa essencia, não nas civilizações adiantadas, onde parecia normal que elle a fosse buscar, mas ao contrario nas civilizações rudimentares, nas tribus dos platós africanos ou das ilhas da Oceania. E paradoxalmente ainda, quando a guerra parecia a muitos que vinha destruir essa propria civilização, era então que o revelador da Africa desconhecida se voltava para sua patria, para a sua propria civilização, que elle até então desconhecia.

E dahi, a meu ver, o erro relativo de duas opiniões recentes sobre esse mesmo Frobenius, uma na Espanha e outra na sua propria Allemanha. Ambas o consideram na corrente dos negadores da Europa. E

baseado nisso é que Eugenio d'Ors, o profundo e original pensador catalão, o atacou rudemente em uma conferencia pronunciada em Granada, em 1924, e que a "Revista de Occidente" publicou. Na opinião de d'Ors tão perigoso para o futuro da cultura européa é a theoria de Maurras, de que as nacionalidades superam os continentes, como a theoria de Frobenius de que não ha *uma* cultura e sim *muitas* culturas, que reciprocamente se não penetram e podem viver lado a lado, morphologicamente inassimilaveis. Eugenio d'Ors é partidario extremado de um continentalismo europeu, que deve erguer barreiras rigorosas a toda influencia estranha, quer do pragmatismo americano, quer do orientalismo mystico, quer dos proprios pensadores europeus que pretendem consagrar a fragmentação nacional moderna da Europa ou a equiparação, quando não a subordinação, da cultura européa a outras culturas humanas.

Como se vê, é uma these curiosissima e que merece uma discussão attenta. Lembro apenas quanto a Frobenius, que não é um negador da Europa, como mostram essas paginas escriptas no porto abyssinio, em 1915, a que me refiro. E outras ainda. Existe até, no fundo desse pesquizador de idéas, qualquer coisa de rudemente germanico, de nietszcheano mesmo. A guerra é para elle um elemento civilizador. Chega a censurar, por exemplo, os missionarios europeus, por procurarem sempre fazer as pazes entre as tribus em luta. E informa que, segundo a sua experiencia, logo que essas tribus cessam de lutar entre si, começam logo a decair. Opinião, como se vê, typicamente germanica, treitschkiana. E muitas vezes censura os inglezes por excesso de humanitarismo e tolerancia na sua administração colonial e não cessa de fazer o elogio da "autoridade forte, de que os negros precisam tanto quanto os allemães"...

A outra opinião dos que o collocam entre os negadores da Europa e da sua obra de predominio da razão sobre as forças nativas de *vida* é a de Max Scheler. No prefacio á sua grande Anthropologia Philosophica, que vae apparecer em breve e de que publica apenas um extracto agora, colloca-o Scheler entre os adeptos dessa "nova anthropologia e historiographia cujo caracter fundamental é oppor-se tanto áquella crença commum a toda anthropologia e a toda historiographia occidental de até ha pouco, que sustentava o progresso continuo do *homo sapiens* ou do *homo faber,* como ao *Adão* dos christãos, homem decaido, porém novamente reagindo e salvando-se com o correr dos tempos, como igualmente á concepção do homem como um sêr de instinctos, porém que se esforça, por mil modos, por tornar-se um sêr de espirito, — e sustentando, em opposição a essas tres concepções, a these de uma necessaria decadencia do homem nesses 10.000 annos de sua historia, decadencia que já se encontra na propria origem e na propria essencia do homem... como sendo um desertor da vida, das suas leis, dos seus valores fundamentaes, do seu sagrado senso cosmico". *Max Scheler* — Mensch und Geschichte, in Die Neue Rundschau. Nov. 1926).

Não me parece bem exacta a simplificação das idéas de Frobenius a esse ponto. E não creio que elle aceitasse a sua inclusão entre os partidarios do inevitavel decadentismo do homem. O ponto em que insiste sempre é na sua opposição á materialização da Europa e da civilização moderna em geral, procurando em toda a sua obra descobrir os meios de uma respiritualização européa. Os meios que propõe podem ser, e são, muito discutiveis. Mas quem acredita na acção respiritualizadora de qualquer factor que seja não póde ser um partidario extremado do decadentismo predeterminado do homem, como Klages ou Dacqué.

Frobenius representa, além disso, essa feição fundamental do espirito allemão, que Boutroux accentuava com razão, de uma tendencia á totalidade. A sua pesquisa em torno da multiplicação das culturas é uma reacção mais contra o centralismo do espirito scientifico como o quizera comprehender erradamente o positivismo.

Mas, afinal, não é isso o que nelle nos deve interessar. Sejam quaes forem as conclusões que tire de suas observações e dos seus estudos, o que nos interessa nelle é a sua — Africanologia. A revelação que veio fazer de um continente esquecido. A revolução que trouxe a muitas idéas assentes. Toda essa população, que julgavamos nos primeiros gráos da civilização, que nos parecia ter parado num estagio primitivo de evolução e trazer sobretudo, em seus traços, na sua cor, nos seus gestos, na sua barbaria, no seu infantilismo grosseiro, os estygmas de uma transição proxima do reino animal, do macaco antepassado, ainda trepado nas mesmas arvores de que elles, irmãos humanizados, tinham apenas descido ha pouco — toda essa população surge das paginas luminosas de Frobenius com uma alma renovada.

Não é aliás um rehabilitador do negro de hoje. Ao contrario. É duro para com elles. Censura a Inglaterra pelo seu excesso de humanidade. Não se cansa de citar as impossibilidades de uma recivilização africana, com as raças actuaes, e menciona o fracasso da grandiosa tentativa da Egreja, ha quatro seculos, tentando organizar uma civilização negra catholica, sob o dominio portuguez, em cidades onde, "em uma grandiosa cathedral pregavam bispos negros, vestidos com riquissimas vestes sacerdotaes" (Und Afrika sprach..., pag. 40). Será exacto ou fantasia sua ? Houve realmente bispos negros na Africa no seculo XVI ?

De qualquer fórma, não é o negro de hoje que

o interessa. Interessa-o apenas pelo que conserva, inconscientemente, do negro de outr'ora. E conserva mal. Destruiu quasi tudo. Ignora a significação de quasi tudo o que repete automaticamente. E só muito difficilmente é que é possivel distinguir o que é realmente herança de um passado extincto do que é imitação recente ou decadencia. E a revelação desse passado, a sua reconstrucção através das camadas de esquecimento e de destruição que o tempo vem depositando é que elle foi tentar e que em parte conseguiu. "Eu falo aqui de um mundo desapparecido". diz elle. E só isso o animou á sua empresa, á revelação, sobretudo, dessa "cultura dos Jorubas", que elle foi encontrar no territorio do Congo e do Sudan e de que desencavou vestigios os mais surprehendentes, desde as tradições de uma architectura de certa importancia, especialmente em tumulos, e que desappareceu por ser uma architectura de barro, até os vestigios de uma esculptura absolutamente estranha a essa arte negra primitiva, a que estamos habituados, e que trae, realmente, na finura dos traços, no engenho das decorações geometricas, na variedade e elegancia das fórmas de vasos e utensilios, especialmente do culto de Yfa, a tradição de uma arte muito desenvolvida. Frobenius estuda, além disso, entre os Jorubas, os restos de uma concepção muito particular do mundo, de uma concepção religiosa que parece revelar as mais estranhas relações com as concepções mais afastadas della, como sejam as dos indios do Arizona, na America, ou a dos coreanos, no extremo oriente. E de tudo isso conclue pela existencia de uma immemorial "cultura atlantica", cujos symptomas fundamentaes são: — "de um lado um encerramento grandioso dentro de certos limites, uma poderosa unidade e uma perfeição caracteristica, e de outro uma estranha independencia e

originalidade de estylo" (*Und Afrika sprach*... pag. 325).

Não posso senão indicar os pontos principaes da obra de Frobenius, a sua revelação da Africa selvagem de hoje, como decadencia, na região do Congo e do Sudan, de uma grandiosa cultura extincta, e a enorme ampliação que elle imprimiu á historia universal, com os seus estudos dos povos primitivos. Nem sempre me parecem aceitaveis as suas conclusões e acredito mesmo que a sua capacidade de generalização e o orgulho ingenuo de falar da "minha Africa", do "meu continente", como o faz de vez em quando, levaram-no a traçar um quadro de historia universal prehistorica..., onde ha muito mais poesia que sciencia. A esse respeito, penso que quem melhor comprehendeu a sua obra, sem denegril-a inteiramente como Eugenio d'Ors, nem eleval-a ás nuvens, como o faz a cada passo o proprio Frobenius, numa admiravel lição de modestia... — foi Ortega y Gasset, no seu volume "Las Atlantidas" (Madrid, 1924), em que mostra o que ha de admiravel e de falso na obra de Frobenius, accentuando o erro do seu relativismo, como do de Spengler e substituindo a essa equivalencia de culturas uma hierarchização de culturas, que não impede que — "más allá de las culturas está un cosmos eterno e invariable del cual vá el hombre alcanzando vislumbres en un esfuerzo milenario e integral que no se ejecuta sólo con el pensamiento sino con el organismo entero, y para el cual no basta el poder individual sino que es menester la colaboración de todo un pueblo. Periodos y razas — o en una palabra, las culturas — son los órganos gigantes que logran percibir algum breve trozo de ese trasmundo absoluto". (Op. cit., pag. 37).

Já não é possivel, portanto, falar do continente negro como de um negro continente. A barbaria de

hoje contem ainda suspeitas, suggestões, frestas de uma luz antiquissima. E se um viajante, ha pouco voltado de lá, pôde escrever que "a Europa é o passado, a America o presente, a Africa o futuro" com essa mania que os homens têm hoje de simplificar e de generalizar as apparencias, — esse *futuro* não seria talvez mais do que um retorno.

TOBIAS BARRETO

Tobias Barreto — Obras Completas — 10 vols. ed. Est. do Sergipe — Rio, 1926.

Para falar sobre Tobias Barreto, só escrevendo de menos ou de mais. Um artigo ou um livro. Não podendo escrever este, que seguramente será feito em pouco, já que esta excellente edição completa de suas obras veio tornar possivel o estudo de sua obra, limito-me ao ponto de vista geral.

Dois problemas dominaram, por assim dizer, toda a sua actividade intellectual: Deus e a Allemanha. A approximação parece um pouco estranha. Ver-se-á que não é. Quem percorrer a sua longa obra, verá que duas coisas pretendeu sempre Tobias Barreto ter descoberto: a aurora da Allemanha e o occaso de Deus. Póde-se dizer que, no seu pensamento, a Allemanha vinha occupar a vaga de Deus... Até o seculo XIX fôra tolerado o velho Deus barbado e paternal, apezar de algumas troças innocentes á sua caduquice. O seculo XVIII foi apenas irreverente. Abalou o respeito supersticioso pelo bom do velho. Mas nada fez de definitivo. Coisa de francezes. Encyclopedismos ba-

ratos. Cabia ao seculo XIX a tarefa immortal, a tarefa libertadora, a tarefa sobretudo *definitiva* de arredar de vez a velha mumia inerte. E no Seculo da Luz, ia caber á Allemanha a tarefa piedosa da ultima pá de cal. E no throno vago, a opinião do mundo civilizado, a Sciencia com o mais maiusculo dos S, ia collocar a patria de Haeckel e de Noiré.

Porque Tobias Barreto amava a autoridade e a hierarchia. Não era, nem por sombras, um sceptico ou um titubeante. Era o homem da ordem, da serie, da subordinação, do imperio, e tendo demolido em si, e no seu mundo, a velha ordem de feudalismo divino, deu-se pressa em erigir, sem demora, a nova ordem de feudalismo humano.

Elle recebera por instincto, e por uma vaga educação religiosa, a ordem tradicional que a Igreja lhe transmittira: Deus, a sciencia, o homem, a natureza.

Esta na base, sem liberdade, impregnada de cháos, dominada pelas potencias da sombra.

O homem, em seguida, a quem uma luz estranha e sempre prestes a apagar-se, essa misera lamparina da razão, informando a rude massa informe, animando tragicamente de um espirito bruxoleante a inercia ou a cegueira do inanimado, — a quem essa luz collocava na eterna tragedia da ignorancia que não ignora a sua ignorancia, do peccado que não ignora o seu peccado.

Mais acima, a sciencia, a depuração da racionalidade humana; a possibilidade de romper a casca difficil e rude das apparencias; a conquista da verosimilhança; a suspeita das verdades eternas; a realidade intangivel das coisas não tangiveis, do mundo das abstracções tão real quanto o mundo das sensações.

E afinal, no apice da hierarchia, Deus. Excedendo toda concepção. Attingivel, se assim se póde dizer, apenas pelo avesso. Por um avesso inacreditavel de

insufficiencia, de estreiteza, de acanhamento apenas humano, mas rompendo, ainda assim, com clareiras de luz, a cadeia das determinações incolores, superficiaes, da natureza apenas natureza.

Tobias Barreto recebeu assim essa hierarchia da natureza a Deus. Recebeu-a distraidamente e praticou-a sem convicção, mas com emphase. Em escriptos de sua mocidade tem phrases bombasticas contra os philosophos e aceitando dos Evangelhos o ensinamento incomparavel. Mas logo se insatisfaz. Sente-se tolhido. Como todos, quer mais liberdade. Vê-se cercado de preconceitos. Num meio estreito, mesquinho, ignorante. Repetindo por tradição o que por tradição lhe chegara, em materia religiosa. Venerando um Deus de Escada! Nada mais. Em philosophia, fazendo éco tambem ás facilidades eclecticas de um espiritualismo de vulgarização. Resignado em politica. Atrazado em civilização. Inerte. Sem enthusiasmos. Sem affirmações. Um meio provinciano, de intriguinhas e competições rasteiras, vivendo em seu canto, sob a "tutela longinqua e paternal do imperador, de onde vêm as graças e para onde sóbem as esperanças". Um grande quadro de patriarchalismo rural. Pedro II, como um patriarcha biblico, cercado de filhos respeitosos, cujas discordias não passavam de algumas taponas innocuas. Esse o quadro grotesco que aos olhos de Tobias desenrolava o Brasil de então, mesmo durante a guerra do Paraguay.

Houve seguramente, em seu espirito, uma approximação das duas imagens. O que lhe mostrava politicamente o Brasil parecia-se muito com o que lhe mostrava a imagem convencional, terra a terra, popularista do universo. O que era o patriarcha d. Pedro, naquelle Brasil inerte e vazio, não seria tambem o velho Deus, em seus dominios universaes? A mesma falsa tradição que forçava o provinciano a acreditar

no caracter e no poder sagrado do imperador, lá na Côrte, — não seria a mesma, apenas em ponto grande que tradicionalmente forçava os provincianos desta nossa terra, que Copernico reduzira a um grão de pó, a acreditar no poder supremo de um Creador ?

E ahi começaram as duvidas. Datam dahi os escriptos do periodo de transição, em que Tobias procura destruir a velha ordem que já não lhe satisfaz. Começa a discutir. A esmerilhar detalhes. A fazer, atropeladamente, uma cultura philosophica que naturalmente, como todos aqui, não recebera em tempo opportuno. E descobre que os jogos do raciocinio são infinitos. Que tudo se presta aos malabarismos da intelligencia. Que afinal só ha de certo essa mesma possibilidade de raciocinar ao infinito. Que só o homem é real.

Mas logo percebeu que esse caminho o levaria directamente ao scepticismo, ao cynismo da razão, ao voltaireanismo infecundo, ás facilidades da duvida systematica e até mesmo, mais requintadamente, insystematica. E como não era de forma alguma um temperamento a quem satisfizesse esse eterno dilettantismo, procurou o meio de restabelecer uma hierarchia, uma ordem no universo. E foi ahi que descobriu a Allemanha. Aprendeu a lingua. Encommendou o Ewald, como conta Sylvio Romero. E tornou-se em pouco tempo o "nouveau riche" do naturalismo.

Estava encontrado o successor do velho Jehovah: a Natureza. Estava encontrado o "ersatz" de Jesus, mediador: a Germania. E Tobias, na sua sêde de reconstruir o que o seu kantianismo atropelado demolira, restaurou a sua ordem philosophica, o seu systema de realidades, invertendo apenas, como um simplicissimo ovo de Colombo, a ordem dos factores. Onde a velha e sediça tradição religiosa revelara a hierarchia — Deus, a sciencia, o homem, a natureza — Tobias con-

servava, como uma panacéa libertadora e definitiva, os mesmos elementos, apenas alterando a ordem de successão: — Natureza, Sciencia, Homem e Deus.

A unica realidade era a natureza. Fóra dos limites naturaes, tudo era fantasia e imaginação. O pensamento era uma funcção como outra qualquer. Nascendo da materia, como uma unha do pé. E tudo afinal se reduzia a um elemento unico. O que se póde realmente chamar a sua: — *monomania*. O homem não era mais do que um *mono* aperfeiçoado. A vida animal, do que uma complicação da *monéra* inicial. O universo inteiro apenas uma multiplicação do *monismo* materialista. Ou antes, "philosophico", como dizia o revolucionario da Escada, que sempre namorou o materialismo, mas sem se submetter a elle. E adoptando como ponto de apoio aquella famosa "cellula" unica composta de "sentimento e movimento", graças á qual o obscuro e insignificante Noiré, via-se elevado, de um dia para outro, em demolidor de todo o edificio philosophico hellenico e christão, nem mais nem menos... A cellula dynamo-sentimental, explicando todo o universo vinha afinal satisfazer a exigente *razão* de Tobias Barreto !

Abaixo da Natureza, a Sciencia. Desde que tudo é natural, inclusive o homem, tudo tem explicação. Logo a Sciencia caminha indefectivelmente para a Verdade. Não a sciencia como a pretendiam os escolasticos, mas a sciencia moderna, a sciencia dos sentidos, da experiencia, da natureza. Pois a idéa simploria que Tobias Barreto fazia da escolastica era apenas de uma rêde de artificios verbaes habilmente tecida pela Igreja medieval para apanhar almas como quem apanha peixes.

Abaixo da Sciencia, o Homem. Nada de racional existe fóra do homem. Ao homem póde estar reservada a explicação final de todas as coisas, caso tenha

a coragem de confiar em si mesmo. Só elle é um ente de razão. Só elle é real e effectivo para a explicação do universo, só deve confiar em si para progredir indefinidamente.

E afinal, abaixo do homem, Deus. Tobias Barreto não pensava, como Vacherot, que a sciencia acabaria indefectivelmente por expelir a religião. Embora se inclinasse a crer, com Bakounine, que o sentimento religioso era filho da miseria e que a Renovação Social, dando ao homem a felicidade material acabaria por supprimir a religiosidade, simples consolo contra as miserias da existencia. Exactamente o mesmo que com a criminalidade. O crime é o filho da miseria. A Revolução Social acabando com a miseria, reduziria ao minimo a criminalidade, começando por supprimir todos os barbaros Codigos Penaes, resquicios de obscurantismo medieval. O que é brilhantemente confirmado pelos 227 artigos do Codigo Penal bolchevista...

Tobias Barreto não chegava a supprimir a religião. Relegava-a porém, supersticioso como era de tradição, para a despensa, para o almoxarifado das idéas poeticas, dos sentimentos imaginarios. (Embora em um dos seus ultimos escriptos diga que já começa "a duvidar de suas duvidas"). E por isso mesmo é que a religião de Tobias Barreto vale tanto quanto a sua poesia...

Estava portanto terminada a reconstrucção do edificio philosophico e social. O naturalismo scientifico definitivamente enthronizado na vaga do espiritualismo religioso. A sua obsessão de Deus satisfeita pela subordinação do divino ao humano. Sua obsessão de cultura satisfeita pela descoberta da sciencia e da philosophia allemã... do seu tempo.

Sim, porque Tobias foi, acima de tudo, um homem do seu tempo. O homem-typo do seculo XIX. Com

toda a pretenção de ter descoberto a pedra philosophal da philosophia, de ter vencido a Deus, de ter espanado para sempre os preconceitos, ao menos da cabeça dos homens lucidos e intelligentes. De ter mostrado a irremediavel falsidade da Igreja e a sua ruina imminente, para o fim do seculo, sem esperança. De ter enthronizado a Razão. De ter firmado o primado immortal da Sciencia. De ter emfim libertado o Homem. O seculo XIX foi por excellencia o seculo satisfeito de si. E Tobias Barreto, tambem, foi sempre o homem satisfeito de si. Julgando-se infinitamente superior ao seu meio, convencido de que tinha descoberto na Allemanha uma especie de diccionario de verdades, certo de que tudo o que atacara, em suas campanhas de idéas, estava condemnado a morrer em breve, — Tobias morreu convencido de que tinha traçado o caminho definitivo para a intelligencia brasileira.

E se hoje despertasse, e visse como tudo aquillo que elle julgou moribundo está mais fresco e mais novo do que nunca. Que a Igreja Catholica, que elle sempre tratou de resto, com o mais supremo dos desprezos, e como um corpo em ruinas, prestes a dissolver-se, está hoje, mesmo na opinião dos que não vivem nella, mais forte do que no seu tempo. Que na sua sabia Allemanha a philosophia mais recente se insurge contra os preconceitos naturalistas que elle julgava terem vencido definitivamente as pretensões do espirito. Que as maiores figuras de sua philosophia como Brentano, como Husserl, como Max Scheler, como Keyzerling, desde um decenio após sua morte, reagem contra a tyrannia do naturalismo. Que a philosophia catholica, que elle julgou sempre inepta e incapaz de occupar de ora avante qualquer espirito serio, por sua rigidez convencional, por seu unilateralismo falso, é disputada hoje em dia, só em França,

por tres correntes philosophicas distinctas, como sejam o néo-thomismo de Maritain, o cartesianismo de Henri Gouhier, o mysticismo de Maurice Blondel, todos tres com todo um movimento de intelligencia nova em torno de si, já se falando no apparecimento de uma corrente de néo-agostinismo (*Ramon Fernandez* — "The Experience of Newman", in *The Criterion* — Out. 1926). Que na Allemanha, anti-papista, livre pensadora, pantheista, scientista, depois de um seculo de systematica demolição religiosa, venha dar-se esse facto inedito, observado com desgosto por Max Scheler, — o philosopho mais famoso da Allemanha de hoje, na conferencia com que foi solemnemente commemorada em Berlim, em 1925, o decimo anniversario da Academia Lessing, que reune a flor dos philosophos allemães vivos — "que uma Revolução — contra os habitos de todas as verdadeiras revoluções dos tempos modernos — tenha reforçado de forma muito significativa o poder da Igreja Romana" (*Max Scheler* — "Die Formen des Wissens und die Bildung" — Bonn. 1925, pag. 7). Que ainda em sua Allemanha toda uma grande corrente philosophica, que se reclama de uma "Lebensphilosophie", reage vigorosamente contra o formalismo methodico dos kantianos e contra o naturalismo fechado dos sub-kantianos. Que, sempre em sua cara Allemanha, todo o movimento philosophico da Escola da Sabedoria, em Darmstadt, gira em torno do renascimento do espirito religioso. Que na sua Germania ainda, a mais recente das correntes philosophicas modernas, sem relações embora com o catholicismo, accentua a importancia consideravel do que elles chamam — "priesterlicher Geist", na revolução contra a philosophia burgueza (da qual nasceu tambem o naturalismo scientificista que Tobias Barreto importou da Allemanha), encontrando esse espirito representado sobretudo na Igreja Catholica (*Paul Tillich* — "Kai-

ros" — Ideen zur Geisteslage der Gegenwart — Dresden — 1926, pag. 16). Que essa França, que elle deu como definitivamente abatida e subordinada á Allemanha, conseguiu resistir de uma forma épica a um adversario duas vezes mais forte, e ostenta hoje em dia uma vitalidade intellectual que contrasta tanto mais agudamente com a sua precariedade economica e fragilidade social. Que o socialismo, que elle julgou com pessimismo, é hoje um dos problemas capitaes do mundo moderno, depois de ter realizado duas immensas revoluções sociaes. Que a sociologia, que elle condemnou, aliás com fundamentos por vezes muito exactos — só tem feito progredir desde então, embora, a meu ver, incapaz de realizar as esperanças excessivas dos seus adeptos. Que é na Espanha, do latinismo decaido, e não na sua Allemanha, que tenha apparecido, na opinião do mais autorizado dos criticos allemães dos nossos dias (*Ernst Robert Curtius* — José Ortega y Gasset, in "Europaeische Revue" — Abril de 1926) — "a primeira tentativa de fixar philosophicamente a consciencia do seculo XX. Este livro ("El Tema de nuestro tiempo") espanhol contém o systema de coordenadas mentaes do presente". E esse mesmo Ortega y Gasset é o adepto fervoroso de toda essa biologia nova, de Hans Driesch, de Jacob von Uexkull, de Vialleton que combate vigorosamente o heackelianismo e o darwinismo. Se Tobias, para quem a Sciencia vinha tomar em grande parte, o logar da religião, lesse, num livro de pura sciencia, como é o de um desses biologos mencionados, sempre da sua sabia Allemanha, (*Jacob von Uexkull* — Umwelt und Innenwelt der Tiere — Berlim — 1912), que — "a sciencia nada mais é do que a somma das opiniões dos pesquisadores vivos". Se Tobias visse na mais importante das revistas philosophicas inglezas, um puro homem de sciencia, *não religioso,* escrever o se-

guinte: — "Existe uma forte evidencia de que a verdade, revelada pela fé religiosa, não sómente nada tem de contradictoria á experiencia scientifica e moral, mas ao contrario, encontra nellas uma confirmação positiva, embora parcial". (*Professor W. G. de Burgh* — Logic and Faith, in *Journal of Philosophical Studies* — Out. 1926).

Se Tobias... Emfim, se Tobias resuscitasse hoje em dia e visse o caminho que o pensamento moderno tomou, é provavel que não voltasse atrás. Elle era teimoso e dogmatico nas conclusões a que tinha chegado. Mas invectivaria enfurecido as novas gerações, para quem o seu ensinamento teria sido infecundo, clamando indignado que esta não era a humanidade de seus sonhos... E iria naturalizar-se mexicano.

Não foi, portanto, Tobias Barreto, apesar do seu enorme talento, um espirito que se possa chamar, integralmente, de original, a não ser no meio atrazado e estreito em que vivia. Não foi um espirito em reacção contra o seu tempo e preparando tempos vindouros. Foi, ao contrario, e na extensão da palavra, um espirito do seu tempo e que passou com o seu tempo. Não foi um philosopho, um creador de systemas. Foi um vulgarizador talentoso de systemas alheios, um importador de idéas. Não foi um espirito nacional, cuja obra fosse a expressão de um espirito novo, de uma terra nova, de uma nova raça. Foi um inadaptado. Elle mesmo contou o que sempre houve de incompativel entre o seu pensamento e o seu meio, nesse "Discurso em mangas de camisa", que é das coisas mais interessantes, mais pessoaes, mais duradouras que fez, e que ainda hoje se relê com o maior interesse: — "A sociedade em que vivo não tem de certo força bastante para levar-me comsigo, como um madeiro arrastado pelas aguas selvagens de nossos rios; mas eu tambem, por minha vez, não sou bastante

forte para desvial-a do seu caminho, para fazel-a á minha imagem e semelhança. Dahi uma perpetua inconciliabilidade entre nós, dahi alguma coisa de tragico em minha vida, que far-me-ia misanthropo e infeliz, se a natureza não me tivesse investido de uma indole expansiva e mil vezes mais disposta ao prazer do que á tristeza". (*Discursos*, pagina 174).

Nem um precursor. Nem um philosopho. Nem um espirito nacional. Foi um espirito do seu tempo. E cuja originalidade foi reflectir num meio fechado, atrazado, inerte, como o nosso, as lutas de idéas mais avançadas que se travavam na Europa. E como era um systematico e um homem de convicções seguras, proclamou a morte proxima de muita coisa que ainda hoje vive e que ha dois mil annos vem periodicamente morrendo e resuscitando, — e a vida immortal de muitas coisas que passados cincoenta annos estão, se não mortas, pelo menos esquecidas e superadas.

Elle marcou, entretanto, o inicio de uma época para o nosso movimento intellectual. Se percorrermos a historia de nossa intelligencia, dos tempos coloniaes até a guerra, creio que podemos distinguir tres momentos successivos, o segundo dos quaes foi justamente, se não de todo iniciado, ao menos impulsionado por Tobias Barreto: *o colonialismo ecclesiastico*, o *naturalismo scientifico* e o *scepticismo agnostico*. Nunca tivemos um movimento philosophico nosso, original. Essas successivas fórmas de espirito exprimem apenas a intelligencia dominante em cada momento.

O *colonialismo ecclesiastico* dominou, por assim dizer, até a época de Tobias Barreto. A funcção da Igreja aqui não fôra formar pensadores, mas simplesmente homens. Fôra uma funcção toda social e moral. Tivera em suas mãos a mais delicada das funcções — a funcção educativa. E educara homens para a vida de acção, mulheres para a vida de familia. Nada mais.

O que já era muito. O que era pelo menos o essencial para uma época de subordinação e trabalho interior. Embora usasse para isso de meios infantis e que nos parecem hoje pittorescamente ridiculos. Eis, por exemplo, como o major Schæffer conta a sua primeira chegada ao Rio de Janeiro, em 1813 (*Ritter von Schaeffer* — Brasilien als unabhaengiges Reich. Altona — 1824): — "Depois da visita da saude, cada qual poude desembarcar e eu me utilizei tambem da opportunidade, porém, logo que cheguei á praça do desembarque, fui levado, sob guarda militar, á guarda do palacio proximo, onde verificaram o meu passaporte e indagaram de mim "se eu era um christão". Para impedir que qualquer não catholico (porquanto só o catholicismo é considerado como christianismo sob o dominio portuguez) penetre no territorio brasileiro, encontra-se sempre um dominicano bem disposto, um familiar da Inquisição, junto á guarda do Paço. Como, porém, eu nasci e fui educado na religião catholica romana, liquidei promptamente os negocios com o padre". Essa scena nos parece hoje de um atrazo mental e social inacreditavel. E julgariamos o cumulo da tyrannia se hoje, á chegada dos vapores, viesse um amavel dominicano indagar de nossas crenças religiosas. Embora nos pareça muito natural, e progressista, e moderno, e emancipado, e livre, que venha um conferente revistar a nossa roupa de uso intimo, que venha um agente da policia indagar de nossas opiniões sociaes, ou um guarda da policia de costumes esmerilhar nossos papeis de casamento. Em 1813, indagava-se das crenças religiosas e do passaporte. Hoje indaga-se do passaporte, das bagagens, das crenças politicas, dos costumes privados, do estado de saude. Um caso typico e authentico se deu aqui com Blaize Cendrars. Cendrars perdeu um braço, em combate, durante a guerra. Pois a nossa Policia do Porto não

queria, de fórma alguma, permittir o seu desembarque porque os regulamentos de immigração prohibem o desembarque de mutilados... Que diria a isso o Major von Schæffer, agora que vivemos longe do *obscurantismo* da Inquisição ? E nos paizes mais adeantados, como os Estados Unidos, indaga-se ainda do estado das finanças do camarada, do seu paiz de origem, e não sei mais que especie de inquisição moderna, que não leva á roda nem á questão, mas que possue tambem os seus Torquemadas de uniforme e galões dourados. Onde havia dois impecilhos ha hoje cinco. Mas em compensação, posso gritar ao guarda da Alfandega ou ao da Policia Maritima: "Saiba o cavalheiro que eu não creio em Deus e estou firmemente convencido de que Jesus Christo é um mytho lunar", sem que me arrisque a ficar a bordo. O essencial, para elles, é que eu prometta crer no presidente da Republica e tenha dinheiro para pagar os direitos de alfandega...

Seja como fôr, o facto é que, em meiados do seculo passado ainda vagavamos aqui pelo eclectismo rançoso do Charmat ou pela escolastica suburbana do dr. Soriano. E contra esses sub-productos é que vinha Tobias Barreto brandir a sua tocha incendiaria, lançar o Ewald, o Zollner, o Humboldt, o Holtzendorff, o Treitschke, o Noiré, o Haeckel, em catadupas temerosas que desciam das suas estantes atopetadas de nomes barbaros e incomprehensiveis sobre as pacatas e escandalizadas consciencias dos coroneis juristas e boticarios philosophos do Recife, que nunca tinham passado, em materia de audacia religiosa, do vago eclectismo dos Cousins, a não ser um ou outro doutor Malaquias, que jurava pelos manes do docteur Bonnet ou de Cabanis e que julgava o pensamento uma secreção do cerebro, como uma especie de "lecitina gazosa"...

Nesse meio de palhas resecadas o fogo *tobiatico* pegou. (Até hoje, em certas academias suburbanas ou em redacções sertanejas, Tobias Barreto ainda perdura convertido em adjectivo). E no Recife se formou então esse grupo de homens de pensamento *avançado*, como se dizia, dos quaes ainda hoje restam vestigios atrazados, como o sr. Clovis Bevilaqua, que conquistaram o Brasil de então, vindo até o Rio com Sylvio Roméro, o extremo da linha, o endeusador de Tobias Barreto, o pesquizador incansavel de nossas letras, o agitador de idéas. Foi por elle que Tobias Barreto chegou até a nossa geração. Todos os que passamos pelas aulas de Sylvio Roméro, tivemos o pensamento de Tobias Barreto, isto é, o naturalismo scientificista do seculo XIX, innoculado em nossos espiritos adolescentes.

Não que a acção de Sylvio Romêro fosse profunda. Na phase em que nos alcançou havia nelle menos audacia renovadora do que sarcasmo senil. Mas de qualquer fórma, foi elle que nos contaminou a todos com os restos da Escola do Recife. Embora já então se achasse em plena fermentação a terceira phase de pensamento, acima mencionada: o *scepticismo agnostico*.

Mal comparando, houve em Tobias Barreto aqui o que houve com Kant na Allemanha. A maioria dos continuadores de Kant aceitou as demolições da Critica da Razão Pura, mas rejeitou as reconstrucções da Critica da Razão Pratica. Assim, aqui entre nós, com o pensador de Escada. A geração que lhe succedeu, a geração do fim do seculo e do começo deste, aceitou a demolição religiosa e philosophica de Tobias Barreto, mas rejeitou a sua reconstrucção naturalista e germanista. Ficaram no relativismo, no scepticismo, no diletantismo. Foi a éra de Anatole France. Do esthetis-

mo philosophico. Do sybaritismo mental. Em que aprendemos a pensar. E que logo dominou em nós os restos de monismo naturalista que Sylvio Roméro tentava rescaldar para nos servir.

Essa phase de pensamento, como a phase literaria do parnasianismo, do realismo e do symbolismo durou até a guerra. Hoje em dia ha sem duvida um grande movimento de renovação em todos os dominios do pensamento. E a reacção contra o scepticismo agnostico começa a manifestar-se. Em que sentido? Seria prematuro dizer. E seria sobretudo emphatico e excessivo, embora verosimil, falar de tendencias a um renascimento da metaphysica, quer na fórma idealista de Croce e Gentile, quer na fórma bergsoniana, quer na fórma realista ou mystica de um renascimento religioso, quer na fórma spinozista, etc. Tudo apenas presentido e reiniciado, pois a philosophia, entre nós, — com a falta de preparo opportuno e de ensino estabelecido que ainda bordeja pelas explicações do sr. Agliberto Xavier — ha de ser ainda, por muito tempo, um campo arido em que os Farias Britos, e os Tobias Barretos serão excepções inesperadas e solitarias.

Foi assim, portanto, profundamente marcada a acção de Tobias Barreto em nossa historia intellectual. Se, como é evidente e só o nega a paixão partidaria e regionalista com que pretenderam fazer delle a primeira figura das letras brasileiras, não foi um philosopho, nem mesmo um pensador original, como pensador, foi sem duvida extremamente original em nosso meio, revolucionario em seu tempo, excepcional em nossas letras. Sempre que procurava pensar por si, mostrava que sabia pensar, que, sobretudo, sabia discutir. Foi um polemista de primeira linha. Desabusado. Grosseiro. Vulgarissimo e mesmo sujo, voluntariamente porco muitas vezes. Mas resistente. Incansavel. Manejando a injuria sem hesitação. Sempre por amor

das idéas, sem duvida. Mas sem se limitar aos planos superiores e puros do pensamento, que não existiam para elle. Quanto mais vivia, mais descia ás coisas palpaveis. É curioso, por exemplo, fazer o contraste entre paginas que escreveu na mocidade, o prefacio ás poesias de Paes de Carvalho, por exemplo, em que invectivava gravemente os escriptores que não respeitavam em seus escriptos a sacrosanta moral, — com a serie successiva de seus escriptos, no correr dos annos, em que a raça vem aflorando á tona, e á medida que o seu germanismo delirante materializa as suas concepções do mundo, vão aflorando os instinctos e um sexualismo profundo reçuma por momentos de suas paginas mais graves ou de polemica mais ardente.

E ia assim agitando, como ninguem até então, nem depois, o seu meio estreito, provinciano, abafado de preconceitos, meio, aliás, que não se limitava á sua Escada, ao seu Recife ou Pernambuco, mas a todo o Brasil, que elle amou com as fibras de sua carne mestiça, mas que desdenhou sempre, de cima, de longe, da culta, da sabia, da eterna Allemanha, proclamando em alto e bom som o seu desdem e a sua affirmação de desinteresse e de isolamento: — "não aspiro neste paiz senão ao direito de escarnecer delle". (Varios Escriptos, pag. 151).

Foi assim uma figura curiosissima, figura singular em nossa historia. E que merece os livros que ainda se hão de escrever sobre elle, sobre o assombro do seu apparecimento nesse meio asphyxiante da provincia, sobre o escandalo continuo de sua vida, sobre a sua coragem desassombrada, a sua insolencia, o enthusiasmo delirante que despertava na mocidade, as idéas novas que incessantemente introduzia, a sua vaidade immensa, o seu orgulho, o desembaraço com que timbrava em escandalizar as consciencias timoratas, em sa-

cudir os dubios, em atacar os poderosos, toda essa agitação que a sua passagem provocou dará para um livro de idéas. Pois o menos que elle foi, foi o mais que pensou ser: um pensador providencial em nosso meio.

Não sou dos que crêm que elle foi como julgou ser, um bem necessario. Nem penso com os que o consideram categoricamente um mal pernicioso. Tenho-o por um grande erro necessario.

Necessario, pois, sacudiu o nosso meio do convencionalismo colonial. Começou a dizer verdades duras. Acabou, ou pelo menos concorreu para reduzir o gongorismo imbecil do optimismo satisfeito, do elogio mutuo, dos renomes sem base. Introduziu a luta em nosso meio literario. Revelou um campo immenso de idéas novas. Alargou as nossas fontes de pensamento. Atacou a torto e a direito, com razão e sem razão. Mas por isso mesmo como demolidor, permitte ao que é vivo e eterno de vencer o seu vencedor ephemero e de estimular as verdades a sairem a campo com a força das coisas novas e não com o privilegio das coisas puramente inveteradas.

Em tudo isso foi necessario. Foi indispensavel. Foi o que se póde dizer, a prova da liberdade, ou antes, a primeira prova da liberdade, pois teremos provavelmente muitos demolidores e revolucionarios de sua especie em nossa historia vindoura. Essa prova de liberdade é, em ponto pequeno no recinto estreito de nossa historia, a mesma que o philosopho russo Nikolaus Berdjajew, hoje exilado em Berlim, attribue á época moderna da humanidade occidental, depois do fracasso da disciplina medievalista. (N. Berdjajew — Der Sinn der Geschichte. Darmstadt — 1925, pagina 180 e segs.).

Tobias Barreto sacudiu violentamente o marasmo do nosso mundo colonial, que philosophicamente se

transmittira ao nosso mundo imperial. E nisso foi necessario.

O que não impede de reconhecermos hoje a insufficiencia de tudo aquillo que julgou transmittir-nos como definitivo e os erros tremendos que commetteu a cada passo de suas campanhas. Não é um fossil que se leia com displicencia. Acredito que ainda haja quem o leia hoje com deslumbramento. Como eu o li, tantas vezes, ao longo destes 10 volumes, ainda com irritação. Pois tem coisas excellentes, especialmente em politica, de que tinha uma intuição muito segura e um modo de pensar muito pessoal e independente, em absoluto, da politica estreita de partido, que aqui se praticava.

Mesmo para os que, como eu, discordam radicalmente de sua idéas, — é um excellente estimulo a leitura dessas paginas, tendenciosas, mas sempre vivas e ardentes, em que uma intelligencia fóra do commum, lastreada por uma leitura extensa, reflecte integralmente os preconceitos de sua época, a pretensão infinita do seu seculo, a segurança desdenhosa e tranquilla do homem do seculo XIX.

A ESTHETICA DE FARIAS BRITO

A consideração da belleza representa um elemento fundamental na philosophia de Farias Brito. Não um ponto de partida, mas um ponto de chegada. A raiz de sua concepção do mundo era toda moral. Mas a chave do seu systema foi em parte esthetica. Nisto não variou radicalmente, desde o primeiro volume da "Finalidade do Mundo", em 1895, até o "Mundo Interior", de 1914.

A philosophia, para Farias Brito, não era uma solução para a verdade, mas um caminho para a verdade. E na sua concepção, a verdade era apenas o termo médio. O homem procura a verdade pela philosophia, attinge-a na sciencia, ultrapassa-a pela arte. E na synthese desses tres momentos estaria o que elle chamava — "a religião do futuro". Porque Farias Brito foi sobretudo uma alma profundamente religiosa. Havia nelle os tres elementos que a meu ver formam a essencia do homem religioso: o sentimento da insufficiencia, o desejo da totalidade e a crença na unidade.

O sentimento da insufficiencia nos leva a uma demissão do racionalismo. O homem é pequeno demais no universo para pretender a solução completa desse universo. Tudo excede de nossa possibilidade de concepção. Os mundos transcendem do conceito que fazemos delles. As leis da natureza são apenas formulas de

nossa posição frente á natureza. Tudo depende do modo como observamos os phenomenos e tão incerto, no fundo, é o nosso conhecimento da essencia quanto da apparencia. O erro do kantismo não teria sido talvez julgar que havia mais certeza no phenomeno do que na coisa em si? Seria dar aos nossos sentidos uma supremacia na revelação da verdade que nada nos autoriza a aceitar. A intuição sensivel é tão humana, e, portanto, tão falha quanto o conceito. Se aceitamos a penetração da verdade por meio dos sentidos, seremos incoherentes se recusarmos a mesma penetração á intelligencia. E o mesmo se dá com a recusa. Se negamos á intelligencia a capacidade de resolver o mysterio da essencia, só seremos logicos se negarmos tambem aos sentidos a faculdade de alcançar a verdade.

As proprias certezas da sciencia, portanto, são certezas humanas. Nada nos diz que outro sêr, dotado de outra capacidade mental, não pudesse chegar a certezas oppostas. Tão exactas quanto as nossas. E a uma solução logica do universo, como a nossa. As sciencias mais exactas escapam á sua origem humana. E as deformações da geometria moderna, ao que dizem os proprios mathematicos, vieram tirar á sciencia mais rigorosa aquelle caracter de rigidez objectiva que nos tinhamos habituado a nella ver.

Não ha nisso, aliás, um elemento de agnosticismo, como póde parecer. Mas antes de polygnosticismo, se é possivel dizer. O mundo não é impenetravel. Mas penetravel por muitos modos. E deixando sempre de si os vestigios da invisibilidade absoluta que se revela em mil visibilidades relativas.

Se são exactas, portanto, essas considerações, o que dahi se deve concluir é justamente a nossa insufficiencia em explicar o universo. Toda a obra colossal de demolição do seculo XIX, que os nossos pensadores aceitaram, com Tobias Barreto para demolir, com

Farias Brito para construir, foi baseada no conceito do centralismo do conhecimento. Levou-se a philosophia, preliminarmente, a uma theoria do conhecimento. E neste a um conhecimento puramente humano. O naturalismo chegou a concluir pela supremacia da natureza sobre o homem, e na natureza pela supremacia da materia sobre o espirito, — por meio de uma reducção do conhecimento ás categorias humanas de saber. E, portanto, a sua dissolução do espirito na materia e do homem na natureza impessoal, inconsciente e eterna, foi puramente um anthropomorphismo. Negando o homem o que se fazia era dar ao homem uma supremacia absurda sobre todo o universo. Negando o espirito o que se fazia era dar ao espirito uma autoridade definitiva de decidir. Não terá sido essa a contradicção profunda da obra philosophica immensa do seculo passado? E, se o nosso seculo, ou, pelo menos, certas élites do nosso seculo, desejam respiritualizar a philosophia — em opposição a esse movimento crescente de "despiritualização" que Sir James Frazer, o papa do naturalismo contemporaneo, nota em toda a historia do homem—essas minorias se o quizerem fazer, parece-me que devem partir justamente do conceito de insufficiencia do homem, de limitação total (e não unilateral, como queria o kantismo) do conhecimento definitivo, de rehabilitação da attitude religiosa perante o problema do universo, para ultrapassarem o materialismo da parcicultura ou o scepticismo confortavel.

Pois bem, esse conceito de insufficiencia volta constantemente na obra de Farias Brito. Sempre que elle deixa a parte expositiva e critica ou a parte constructiva de seu systema, sempre que elle considera o ambiente humano as condições fundamentaes da vida e do pensamento, é a essa insufficiencia que se refere. Logo no inicio de sua obra philosophica, com o palavreado emphatico que ainda empregava, era essa a sua

attitude: — "Escravos do desconhecido, ignoramos em absoluto a força que nos rege; e das atrocidades do despotismo, das incertezas da fatalidade, não ha recurso senão para o nada. Vivemos na dor e morreremos — eis a verdade suprema... Toda a sciencia humana considerada em face da natureza vale menos que um simples raio de luz na infinidade do espaço. (Finalidade do Mundo, vol. I, pag. 13-19).

Esse ponto de vista, aliás, é antes o de quem affirma a relatividade que o de quem verifica a insufficiencia do conhecimento. São coisas que se assemelham, mas não se confundem. E levam a consequencias diametralmente oppostas. O relativismo leva normalmente á negação da attitude religiosa ou, quando muito, á justificação do argumento sentimental na fé. A "insufficiencia" leva, ao contrario, á aceitação integral da attitude religiosa, ou, quando menos, á justificação, tanto sensivel como racional, do dogmatismo e da fé.

Farias Brito não ficou no relativismo. E todo o terceiro volume de sua "Finalidade" é uma exposição refutativa do relativismo. Terminando com a affirmação do conhecimento, como finalidade universal, e da fé nos conceitos da razão. — "Não é a negação, não é a duvida, não é mesmo o espirito critico que póde constituir a situação definitiva do espirito. Este, pelo contrario, não póde repousar senão na posse da verdade". E indagando dos meios de attestar essa verdade, conclue: "O criterio supremo da verdade é o testemunho normal e permanente da consciencia" (Finalidade do Mundo, vol. III, pag. 316).

Mas então caimos no extremo opposto? A verdade é permeavel ao homem. E como Farias nega peremptoriamente o subrenatural, volta o homem a ser a medida suprema das coisas? E desapparece a insufficiencia?

Não, responde o autor no volume seguinte, aliás incompleto, que devia terminar a sua obra capital. — "O conhecimento é a manifestação superior a ultima phase, o fim da evolução universal". Mas esse conhecimento não póde ser completo. — "Nosso conhecimento é apenas um ponto luminoso no meio de uma noite infinita que nos cerca por todos os lados. Deste modo ignoramos tudo, sendo a verdade por assim dizer um ideal inattingivel. Neste caso, como resolver, como deliberar? Se não possuimos a verdade, devemos proceder de accordo com o que a natureza nos deu em logar della: devemos, pois, proceder de conformidade com o que se nos apresenta como verdade no fôro da consciencia". (A Verdade como Regra das Acções, pag. 25). Está reposta a insufficiencia e assignalada a eterna angustia de Farias, entre a convicção que sempre defendeu ardentemente de que — "o dogmatismo se impõe como necessidade fundamental do espirito", e a convicção não menos ardente e constante de que o homem não consegue esgotar a realidade com o conceito. A verdade indispensavel, a verdade inattingivel — eis os braços da sua cruz philosophica.

O desejo da totalidade é o segundo dos elementos que vejo no homem religioso. A attitude religiosa nasce tambem dessa necessidade de tudo incluir. É mesmo curioso e significativo como o povo onde o sentimento religioso era mais innato, — e ainda o é nas regiões menos attingidas pela dissolução philosophica ou revolucionaria do seculo passado, ou pelo hedonismo despreoccupado do nosso (Berhard Groethuysen definiu admiravelmente o burguez como sendo o homem do "eu sou") — é curioso como seja tambem esse povo, o povo allemão, aquelle onde nasceram e continuam a nascer os systemas philosophicos mais vastos, que procuram reflectir sempre a "totalidade" do universo. E

no fundo do proprio materialismo allemão o que ha é um sentimento religioso. Da mesmo fórma que no pragmatismo actual do communismo russo o que ha é uma fórma inedita de mysticismo. Feuerbach em meiados do seculo passado o disse muito sinceramente e muito expressivamente: — "A religião hoje é a anthropologia".

O sentimento religioso, portanto, é essencialmente a insatisfação da parcialidade, da especialização, da technica exclusiva. Póde, naturalmente, aceitar tudo isso. Mas apenas como degráos de ascensão. O homem religioso é o que vê o universo sob o signo da multiplicidade. É o que não se contenta em ficar contido dentro de si mesmo, em simples malabarismos subjectivos, e muito menos em ficar anniquilado na natureza. É o que, como Unamuno, não se resigna á mortalidade e possue sempre aquelle seu "sentimento tragico da vida". É o que não se satisfaz com a visibilidade, e considera o mundo — "um conjunto de coisas invisiveis manifestadas visivelmente", como dizia S. Paulo.

É o que vê em todas as coisas a possibilidade de um contrario. Em todas as leis naturaes uma emboscada de contingencias. Em todo determinismo um presentimento de liberdade creadora. O homem religioso é o que multiplica a realidade. Dilue a solidez com que os nossos miseros cinco sentidos pretendem risivelmente esgotar o universo das sensações, sem, entretanto, negal-a, e ao mesmo tempo encarna e solidifica a volatização com que a nossa intelligencia percebe o mundo das coisas abstractas. "Somma portanto o instavel ao solido e accrescenta o tangivel ao impalpavel", diria um abstractor de quintessencia. O homem religioso é o homem capaz de todas essas loucuras do espirito e que no emtanto não se resigna tambem ao jogo dos paradoxos mentaes. E é capaz de aceitar livremente uma disciplina do que aos olhos do incredulo parece

absolutamente impossivel, como é a religião revelada. Tudo por amor inicial, por necessidade fundamental de nada deixar de lado, de chegar á totalização sem se perder nas dissoluções da fantasia, que seriam uma negação da totalidade, e, portanto, um suicidio por excesso.

Houve sempre em Farias Brito esse desejo de totalidade. Sua actividade foi sempre constructora. Procurou enfeixar o universo em um systema unico, que abrangesse todas as suas modalidades e alcançasse todos os planos de actividade humana. E dahi a sua concepção do conhecimento em tres planos de alcance crescente — a phase pre-scientifica, a scientifica e a super-scientifica. Aquella formada pela philosophia, que é conhecimento em formação. A seguinte pela sciencia, em seus resultados de precisão objectiva. E finalmente a metaphysica, ou antes o que elle chamava "religião" fundindo todos os conhecimentos parciaes para chegar a uma concepção final do todo. "É com estes tres elementos — sciencia, poesia e philosophia — que ha de ser constituida a religião do futuro."

O terceiro elemento, a que acima me referi, é o sentimento da unidade. O homem não religioso é fundamentalmente aquelle, para quem o universo, não tendo inicio nem limites, e sendo uma obra do acaso, resolve-se numa multiplicidade inconsciente. Nada reune entre si essa diversidade de leis inflexiveis e estanques a cujo determinismo se escraviza o curso das coisas.

A attitude religiosa, ao contrario, é aquella que vê no universo não apenas a diversidade e a complexidade apparente, mas a tendencia á conservação e a reducção a elementos simples fundamentaes. A tendencia á multiplicidade que o sentimento de totalidade communicara, resolve-se então na simplicidade essencial, na unidade final.

Farias Brito possuiu intensamente esse senso da unidade. Não no sentido monista do naturalismo anterior, mas no sentido bergsoniano. Mesmo antes da influencia de Bergson, que só veiu a soffrer depois dos seus primeiros trabalhos já publicados, accentuava Farias Brito o seu dualismo, que se resolvia numa unidade final, com predominancia absoluta do elemento espirito, formando o que Leonel Franca chamou o seu "panpsychismo pantheista". E quanto propriamente á acção humana, como escreveu no mais elaborado dos seus livros: — "Uma unidade fundamental dirige os destinos da humanidade do planeta, havendo um fim a realizar e uma obra a tornar effectiva na marcha da historia, e havendo conformidade e solidariedade da parte de todos os elementos humanos, no trabalho commum de civilização". (O Mundo Interior, pag. 52).

Havia, portanto, em Farias Brito uma predominancia absoluta do sentido religioso, na comprehensão dos elementos capitaes de "força e consciencia" a que reduzia o mundo. E nesse sentido religioso entrava, como elemento essencial, uma alta dóse de sentimento esthetico.

A esthetica de Farias Brito foi uma reacção contra as idéas do seu tempo como, em geral, toda a sua philosophia. A campanha de Tobias Barreto e de Sylvio Romero contra o romantismo implantara entre nós o naturalismo. A obsessão da sciencia e dos seus methodos invadira todos os dominios. E não seria a arte a escapar da tendencia geral, quando os dois corypheus da nova escola se apresentavam não apenas como pensadores, mas como criticos e poetas. A esthetica naturalista passou portanto a dominar sem contraste. Numa natureza vasia de mysterio, só cabia ao artista observar a realidade. A verdade e não a fantasia é que devia guial-o. A fonte da creação deslocava-se do sen-

timento para a experiencia. A arte devia vir de fóra para dentro e não ao contrario. O realismo, na prosa; o parnasianismo, na poesia.

Farias Brito repudiou preliminarmente o ponto de vista fundamental dessa esthetica, nascida do monismo philosophico, do materialismo ou do positivismo então correntes. Seu dualismo inicial resolve-se num psychismo immanente. Contra toda a opinião e a doutrina dominante em seu tempo, elle affirmava o espirito como sendo a realidade em que se fundia afinal o dualismo do senso commum. Não o espirito transcendente, mas pantheista, incarnado no proprio universo, de que era inicio e fim.

E assim sendo, separava-se inicialmente das idéas estheticas dominantes. O que lhe valeu o desdem dos ultimos pontifices do naturalismo e o silencio prolongado em torno do seu nome e de suas idéas. Condição banalissima e inevitavel mas sempre dolorosa dos innovadores.

Deve-se, aliás, dizer que a esthetica de Farias Brito nada continha de propriamente original, a não ser dentro do curso de nossa historia literaria. Nem mesmo se dedicou especialmente ao estudo da belleza. Sua originalidade estava na versão completa do ponto de vista philosophico que vinha praticar e de que naturalmente participava sua concepção da arte. Que aliás antes decaiu de importancia, do que progrediu, no correr de sua obra, como veremos.

Começava por ver no homem uma força motora fundamental: a necessidade. E della nascia toda a acção humana sobre a terra. Tres especies de necessidade revelava a observação: as necessidades physicas, as necessidades intellectuaes e moraes e as necessidades estheticas. Das primeiras nascia o dominio do homem sobre a natureza. Das segundas, a apprehensão

da verdade exterior e o dominio sobre si proprio. Das terceiras nasciam a expressão do nosso deslumbramento e da nossa insatisfação. Era, portanto, a expressão do nosso sentimento, que vinha completar assim a expressão da nossa vontade de dominio e do nosso desejo de conhecer a verdade e de viver bem. (*Finalidade do Mundo* — vol. I — pags. 99 e segs.).

A arte era, portanto, nessa concepção inicial de Farias Brito, como que a chave de toda a nossa actividade de espirito. E fiel á sua concepção espiritualista, não se reportava ás artes mais presas á materia, senão apenas áquellas cuja essencia dominava a apparencia: a poesia e a musica.

A poesia era então, para Farias Brito, a arte por excellencia. Começou mesmo sua actividade intellectual, escrevendo versos, que reuniu em volume, em 1889. Versos de orientação inteiramente philosophica — "Cantos modernos", que era, aliás, o primeiro a repudiar.

E já ahi se revelava um precursor de certas idéas, que hoje se apresentam como originaes, entre nós, Eis como, desde logo, marcava a differenciação entre poesia e verso: — "Quando falo em poesia, não me refiro propriamente á linguagem metrificada. A poesia não é sómente o verso, nem mesmo principalmente o verso. Ao contrario, póde-se sustentar com muito fundamento que o verso vae em decadencia crescente e tende a desapparecer".

Isso escrevia Farias Brito ha 37 annos, antecipando-se de muito á concepção hoje dominante em nossa poesia mais moderna e de que estão nascendo os poemas mais originaes e duradouros do nosso tempo. E se antecedeu numa época em que justamente tinha começado o dominio do nosso parnasianismo, no anno seguinte áquelle em que estreara Bilac!

Curiosa, e ao que parece, inteiramente inedita é a

explicação que dá dessa decadencia do verso, como sendo — "uma das consequencias geraes da descoberta da Imprensa".

De facto, accrescenta elle, — "o que deu origem ao verso foi a necessidade que tinha a antiguidade de reduzir a linguagem a uma fórma mais propria para facilitar a tradição oral das idéas... Mas hoje, quando depois da descoberta da imprensa, ao verso succede o livro... o verso já não tem mais razão de ser e só póde explicar-se como arte auxiliar da musica" — *(Fin. do Mundo,* I, pag. 102).

A idéa, como se vê, é original e engenhosa. E mesmo que não seja rigorosamente exacta, como não me parece, recebeu hoje em dia uma confirmação eloquente dos estudos sensacionaes de Victor Bérard, sobre os poemas homericos, por onde se viu que muito do que foi considerado como elemento primordial de fórma, em Homero, servindo mais tarde de modelo indiscutido aos latinos e aos modernos classicos, nada mais era do que divisão arbitraria e puramente didactica empregada pelos alexandrinos.

Farias Brito, porém, advertia logo que — "laboram em grande confusão aquelles que partem da decadencia do verso para a condemnação da poesia".

E passa logo a fazer, pelo contrario, a apologia da poesia e a condemnação dos que tentam reduzil-a, e com ella toda a arte, a uma simples observação da realidade. "Ha mesmo uma escola de poesia ou literatura, com a denominação de escola realista, concepção inconsequente e grosseira, que em vez de ser qualquer modo de comprehender a poesia, é pelo contrario a negação de toda a poesia, como de todas as artes".

A poesia, para Farias Brito, era ao contrario, um meio de evasão da realidade. Passada a phase pratica da acção humana sobre a natureza, excedida a phase systematica, de comprehensão e organização, chega-se

á phase ideal, áquella em que o optimismo vence o pessimismo fundamental da existencia, o mal inicial de viver.

E esse era o momento da arte. Ou da religião, que era a seu ver, a synthese de todo o conhecimento, de toda a acção, de todo o sentimento, e na qual a arte se fundia, como elemento essencial mas não independente.

O homem, portanto, esforça-se por decifrar o mundo, e nesse periodo de formação, o seu conhecimento toma o nome de philosophia. Chega depois a estabelecer um nucleo de verdades precisas, de leis positivas do universo, de systematização desse conhecimento, e temos então a sciencia. Mas ha um conhecimento que excede o scientifico. Ha um momento superior em que o homem, — depois de ter recebido a realidade do mundo como um cháos desordenado, depois de ter reduzido esse cháos a um systema de verdades mecanicas, — volta finalmente a dissolver o universo em si, para chegar aos dominios supremos do espirito.

— "É então que se torna patente a profundeza do mysterio que cada um tem dentro de si mesmo. Toda a nossa actividade, por assim dizer, converge para o mesmo ponto e por tal modo se põe o coração do homem em communicação com as coisas exteriores, que nos cercam, que parece que a natureza inteira se concentra na alma. Faz-se então uma fusão admiravel: o espirito se estende para a natureza, a natureza se estende para o espirito... Este prisma luminoso e fantastico, mixto de coração e imaginação, mixto de pensamento e de sonho, através do qual contemplamos o mundo, — é o que se chama propriamente poesia".

Pela poesia, portanto, é que o homem se eleva ao plano superior do espirito. Elle mesmo fazia a separação radical entre os dois momentos, accentuando "a

distincção que se deve estabelecer entre as funcções inferiores dos sentidos e da intelligencia (sic) e o vôo sublime do espirito nas livres creações da arte". E com isso delimitava afinal o conceito preciso que fazia da arte e a posição que competia á poesia em seu systema do mundo. — "O homem tem necessidade de completar o quadro doloroso e terrivel da realidade pela concepção harmoniosa de um mundo ideal. A realidade de um mundo melhor. Tal é precisamente a missão da poesia". (Op. cit., p. 115). E acabava definindo-a como "o principio mesmo creador do ideal".

Era, portanto,, a mais elevada possivel a posição que á arte cabia nessa esthetica puramente idealista e nesse systema philosophico de espiritualismo immanente, em que a poesia se confundia com a religião para dar-nos a intuição final e perfeita do universo. E essa sua concepção se approxima hoje, no plano da philosophia catholica, das idéas do Abbé Brémond, quando este diz que — "todas as artes aspiram á condição de prece", e no plano do mysticismo protestante das idéas de *Middleton Murry,* que inverte os termos da oração, sustentando — "que a prece aspira á condição de poesia" *(The Adelphi* — Janeiro, 1927).

A musica, como vimos, era a outra das artes fundamentaes para Farias Brito, — "a mais bella e a mais nobre das artes". E expõe as suas idéas sobre a musica, que reproduzem aliás textualmente a concepção de Schopenhauer, no fim do mesmo volume, que é aliás a parte mais fraca e mais rhetorica de sua obra.

Com o correr dos annos desappareceu da obra de Farias Brito, quasi todo esse bagaço rhetorico. Não que se alterasse a sua concepção fundamental. No ultimo de seus livros, vinte annos depois, affirmava, com mais convicção do que no primeiro: — "O espirito é o principio dos principios e a verdade das verdades, o

fundamento de toda a realidade e a base de todo o conhecimento. *(O Mundo Interior* — pag. 21).

Mas amadurecera o seu systema. Elevara e depurara cada vez mais a sua concepção do espirito. E á medida que a funcção de conhecer, a philosophia, portanto, ganhava o predominio em sua visão do mundo, decaia de certa forma a funcção de sentir e de exprimir-se, portanto a arte.

Não que deixasse ainda de lhe attribuir uma acção essencial. Sob a influencia talvez do bergsonismo, Farias comprehendia o espirito, cada vez mais, como o encontro de uma corrente inconsciente com uma actividade consciente. E ao passo que esta constituia a psychologia, resolvia-se aquella na actividade esthetica. "A psychologia é a visão consciente, a arte uma como visão inconsciente, mas prophetica, de nossa propria realidade" — (Mundo Int., pag. 27). E attribue á arte uma funcção indispensavel de penetração, além dos planos alcançados pela sciencia. "Em auxilio do trabalho da sciencia, sempre imperfeita, sempre deficiente e incompleta, necessario é que venha a inspiração da arte, dando mais vigor e mais fé á orientação da intelligencia, com a visão subconsciente mas luminosa do instincto".

E declara, terminantemente, que a psychologia dos artistas é infinitamente mais penetrante do que todo o esforço esteril de psychologia scientifica, puramente objectiva e exterior. "A arte tem mais poder que a sciencia".

Era ainda, portanto, essencial a funcção da arte. A esthetica era uma fórma de conhecimento e não uma simples fórma de divertimento, de observação ou mesmo apenas de expressão emotiva. A arte excedia mesmo a sciencia e revelava-nos, pela intuição, toda essa corrente profunda de nosso espirito que escapa aos processos logicos da intelligencia.

Mas... Mas havia de facto uma certa depreciação no conceito. Outr'ora, era a arte o plano superior de nossas necessidades humanas e formava com a sciencia e a philosophia, a synthese religiosa do futuro. Mais tarde, perde a arte a sua qualidade de fim em si, e passa a ser uma simples fórma de penetração nesse "mundo interior" que foi sempre a obsessão do philosopho, uma simples auxiliar da psychologia. E chegou mesmo a escrever essa coisa absurda: — "No dia em que a luz se fizer definitiva e completa sobre o mysterio interior, a arte tornar-se-á desnecessaria e deixará de ser, por falta de destino". (O Mundo Interior, pag. 33).

Mas embora accrescentasse, em duvida — "Mas chegará esse dia?...", não deixava de relegar a arte a uma simples funcção auxiliar. Tirando-lhe todo o caracter de finalidade interior.

Vê-se, portanto, que houve na concepção esthetica de Farias Brito uma depreciação no valor da arte. Nunca lhe deu independencia, nem mesmo quando a collocava no apice do espirito. Tirou-lhe mais tarde a finalidade em si. E julgou-a passivel, afinal, de desapparecer por inutil.

Isso não altera, entretanto, a importancia fundamental que a esthetica representa em seu systema do mundo. Sempre, até o fim, considerou o espirito como essencia da realidade. Sempre considerou a intuição como prevalecendo sobre a intelligencia na interpretação dessa realidade. E sempre viu na arte uma fórma de revelação mais aguda, mais penetrante, mais profunda do que a sciencia, para clarear-nos o mysterio dessa corrente de vida sub-consciente sem cujo concurso é impossivel comprehender a vida e o mundo.

A arte sempre esteve, portanto, para Farias Brito, entre as mais altas, ao mesmo tempo, que as mais

profundas funcções do espirito. E se hoje pretendermos, como disse no primeiro capitulo desta obra, uma acção espiritualizadora, que complete as tendencias dynamicas e primitivas, nacionalizadoras de nossa poesia, e em geral de toda a nossa expressão esthetica actual, não podemos esquecer esse nobre espirito de precursor, que em tantas coisas viu bem mais longe que o seu tempo.

SCHEMA

"Je me sens dans une anarchie où je ne puis même pas m'installer, car je suis, balayé par un formidable torrent de négations qui va jusqu'á se balayer lui-même."

Robert Honnert.

Systema, não. Apenas um schema. O esboço de uma synthese que me satisfaça. Á medida que vivemos a vida vae exigindo de nós uma explicação mais comprehensiva. E da mesma forma que ha cidades, cujo prazer de vermos é menor que a necessidade de "ser vistas"; e livros que lemos apenas para "ter lido", — ha idéas que é preciso "ter dito", mais do que dizer.

Pois não basta pensal-as. É preciso que sejam formuladas, que tomem corpo, para satisfazerem um pouco o desejo de estructura para o qual appellamos.

Porque, afinal, penso que não é possivel ir muito além no caminho das diluições, do que temos ido. Chegamos inconscientemente áquelle mesmo estado de virgindade intellectual em que Descartes voluntariamente se collocou. Herdamos o scepticismo, o diletantismo, o sybaritismo de uma geração de esthetas e racionalistas. E chegamos a aggravar por necessidade

em muitos pontos, a obra de demolição, fazendo com a palavra o que elles tinham feito com o espirito. Desarticulando a fórma rigida, mas convencional em que elles guardavam um pensamento diluido. E assim, difficil será ir muito além, contentando-se a maioria com a permanencia no cháos, com as commodidades do subjectivismo, com a perseverança nas ruinas. Mais difficil, porém, ainda é arrancar-se da estagnação, restabelecer um equilibrio da vida, disciplinar os demonismos da liberdade.

Pouco importa. É o que temos de fazer custe o que custar. Leve aonde quer que nos leve.

Tenho de partir de mim mesmo. É inevitavel, no ponto em que chegamos. A obra de suppressão foi concentrica. De fóra para dentro, de cima para baixo. Supprimimos Deus, desacreditamos as metaphysicas, perdemos a fé na sciencia, sacudimos as estructuras de convivencia — sociedade ou familia — ironisamos as affirmações, reduzimos tudo ao individual e no individuo ás camadas sombrias das forças instinctivas que nos escapam. Foi uma eliminação radical. Descorticamos o universo, e dentro delle a nossa parcella de ser, de todas as suas camadas de protecção que secularmente, irregularmente, entre sombras e luminosidades, se tinham formado. E chegamos assim á dissolução da personalidade.

O primeiro passo, portanto, é recolher o transviado. Refazer a propria unidade interior perdida. Voltar a ser, se possivel ainda, um elemento de actividade e creação. Uma consciencia de existir e um desejo de persistir.

E dahi partir. Partir de mim mesmo portanto.

E partindo, o que vejo logo de inicio, não é o meu pensamento isolado deduzindo de si apenas a sua

propria existencia. E sim, uma dupla affirmação: o pensamento que sente, por natureza, tanto a sua propria existencia como a sua existencia dentro de qualquer coisa alheia a si. Uma dupla presença inicial. O acto de pensar e as condições que permittem o pensamento. O pensamento puro de qualquer senso do estranho seria tão impossivel como a combustão de uma chamma no vasio, de uma vela na machina pneumatica. A realidade interior é a chama: a realidade exterior o ar oxygenado.

O philosopho Arnold Reymond, na admiravel lição inaugural, com que tomou posse ha mezes da cadeira de philosophia na universidade de Lausanne, contou o seguinte facto. Numa reunião annual dos estudiosos de philosophia na Suissa romanica, foi apresentado como ordem do dia o eterno thema: "Cogito, ergo sum". Mas, por um engano, que não se soube a quem attribuir, veiu impressa nos cartões de convocação, da seguinte maneira, a formula famosa: "Je pense donc j'en suis". Inconscientemente se formulava ahi uma grande, uma profunda sentença philosophica!

Eu "penso", logo ha tambem qualquer coisa de "pensado" em mim. E ahi a fonte dupla inicial: o "espirito", que pensa — e o "objecto" que é pensado. Só a somma de ambos pode esgotar a nossa posição no universo. De fórma que essa dualidade é uma synthese. E que nós nos encontramos ao mesmo tempo livres e ligados. Sentimo-nos no ponto de intercessão dos dois mundos — o da necessidade e o da liberdade.

E sentimo-nos, outrosim, ao mesmo tempo, centro e peripheria. Centro de circulos que se estendem em torno de nosso ser. Peripheria de circulos alheios a nós. Sujeito e objecto. Creador e creatura. Fonte de acção sobre as coisas exteriores e, ao mesmo tempo, elemento de passividade para o exercicio de intervenções estranhas. Mas sempre partindo de nós mesmos,

pois nada podemos conceber sem passar por essa apropriação inicial de sensações, que é o contacto revelador da propria vida e, por ella, da consciencia.

Restabelecendo, portanto, o contacto com o mundo exterior e com o mundo intimo, depois de termos saboreado toda a delicia da lenta dissolução de ambos, reiniciada a leitura desse livro mysterioso — "le plus obscur des livres: le livre de nous mêmes", como dizia esse maravilhoso Fabre, e abertos os olhos para o mundo ambiente que nos completa, — qual o primeiro elemento de contacto que sentimos nesse retorno á claridade?

É o mundo da realidade apparente. São as formas exteriores das coisas. Tudo o que nos é revelado pelos sentidos, em sua apropriação immediata e directa. O que elles nos revelam então é a desordem das coisas; a variedade das expressões; a polychromia das apparencias; o transito impalpavel que, a nossos olhos e á nossa memoria, vão tendo os objectos; a morte latente em cada vida; a invisivel corrupção dos tecidos; a mocidade renovada das coisas naturaes; o encanecimento inexoravel das coisas animaes, das coisas humanas.

É necessario um esforço para vencer essa evanescencia seductora e macia (por vezes revoltante e rude), que os nossos cinco sentidos revelam. É preciso um grande esforço de vontade e de penetração para ultrapassar a multiplicidade, para vencer o commodismo da simples subjectivação do universo, para dissipar as illusões seductoras do relativismo, para romper, emfim, o primeiro circulo de contacto com a realidade, o circulo das *apparencias*.

E chegar ao segundo, ao circulo da *ordem*. Passamos então, pode-se talvez dizer, das fôrmas ás fórmas. Á regularidade que existe na base das coisas

irregulares. Á permanencia do proprio transitorio. A essas mysteriosas repetições que os calculos de probabilidade revelam como fio concatenador de todos os accasos.

Sentimos então a belleza da harmonia, da harmonia que reabsorve em si todas as polytonias novas, que tece o fio (invisivel tantas vezes no espaço mas apparente no tempo), que faz a permanencia e a vida, a finalidade e a concatenação do desordenado, a estructura profunda e inaccessivel, por vezes, aos sentidos, da anarchia superficial das coisas.

São os astros que voltam impreterivelmente aos nossos olhos. São as sementes que se degradam para fecundar-se, que se fecundam para crescer, que crescem para crear novas sementes, que cream novas sementes para se degradar, para se fecundar, para crescer, para crear... nesse cyclo eterno de *ordem* da vida vegetal. São os crystaes na sua geometria mysteriosa de agua immobilizada em prismas que polychromizam a luz do sol, e cream esse milagre da linha recta, espontanea na natureza, cuja lei é a curva. É a ordem organica, symphonia de espantosa fragilidade e tenacidade, de cujo fio pende a propria alma. É a regularidade das marés. "O numero, o peso e a medida" de toda a natureza. A harmonia dos céos, a uniformidade profunda da vida natural, revelando nas proprias excepções a normalidade fundamental da ordem, como plano de orientação e de absorpção das variações, como a propria alma numerica das apparencias.

E teremos esgotado assim o nosso espectaculo? Teremos satisfeito a nossa sêde de totalização, com esse duplo alcance de nossos sentidos e de nossa razão, ao *mundo das apparencias diversificadas* e ao *mundo das harmonias* recolhidas pela razão?

Não o creio. Não penso que esses dois circulos de expansão esgotem toda a realidade. Acima da materia

desordenada, acima da harmonia que aplaca o tumulto da vida, — encontraremos então por um esforço de ascensão final, o ultimo circulo — o *circulo do espirito*. A revelação de que ha em nós qualquer coisa que póde ultrapassar as fórmas exteriores das coisas e a harmonia interior dellas, e alcançar os valores puros, isentos de materia e de numero, os valores que explicam afinal a ordem e a desordem, accessiveis a nós sob as categorias de espaço e de tempo. É a passagem justamente ao mundo do intemporal e do inespacial, ao mundo da pura qualidade, ao mundo dos "phenomenos" no sentido que Husserl dá á palavra, ao mundo das essencias emfim, que os agnosticos recusam comprehender, mas cuja supressão é uma mutilação da realidade exterior e da natureza humana.

Só a penetração nesse circulo final de *transcendencia* é que nos permitte comprehender e dar vida aos circulos intermediarios de *liberdade* e de *necessidade*.

O nosso *esforço* em penetrar esses circulos successivos e concentricos de totalização toma attitudes e nomes diversos.

O primeiro circulo é o *mundo da acção*, dessa innumeravel actividade fundamental do homem que Benedetto Croce com tanta razão incluiu em seu systema de "philosophia do espirito", — ao lado da esthetica, da logica, e da moral — como "philosophia da pratica". Mas não apenas a acção economica e sim todo o mundo de relações primarias entre nós, a natureza e os outros homens. O segundo circulo é o *mundo da sciencia*, desde a sociologia que fórma como que a transição entre o mundo da acção e o mundo da sciencia, isto é, entre o plano da arbitrariedade e o plano da lei, — até a mathematica, no extremo opposto, que faz, por seu lado, como que a transição entre o mundo da sciencia e o mundo da transcendencia.

O terceiro circulo, afinal, será esse *mundo da transcendencia*,. A elle chegamos pela religião, pela metaphysica e pela arte. Vencida a liberdade empirica de que partimos, transposto o mundo de necessidade em que as sciencias nos revelam as leis dos phenomenos, chegamos afinal ao mundo das realidades essenciaes em que tudo se resolve na fusão final desses planos intermedios de liberdade e de necessidade, de arbitrio individual e de determinismo natural. É o plano supremo em que a razão se subtiliza em intelligencia, em que a sciencia se completa pela fé, em que a sensibilidade chega á intuição.

São os instinctos, é a vontade, é a sensibilidade, que nos põem em contacto com o primeiro circulo ou o nosso mundo de acções e relações primarias.

No circulo seguinte, no mundo das sciencias, é a razão que nos guia em todas as suas fórmas de applicação.

No mundo da transcendencia, afinal, na religião, na arte e na metaphysica, é o conhecimento pela fé, pela inspiração ou pela intuição, respectivamente, que consegue pôr-nos em contacto com esses planos finaes da verdade.

Eis, assim, o schema geral com que me é possivel refazer o contacto com a estructura geral do universo, depois das dissoluções com que a nossa intelligencia aniquilou toda conformação fóra de nós ou em nós mesmos. É preciso não perder de vista que essa distribuição por circulos concentricos não representa de fórma nenhuma um isolamento, com scisão precisa de partes. Muito menos uma qualquer impossibilidade de assimilação, pois o homem é sempre "todo" o homem. Ou uma accessibilidade necessaria a todos os circulos,

a todos os planos, a todos os ambitos successivos de alcance de nosso pensamento.

Essas tres zonas de expansão representam justamente tres mundos de elementos diversos, que podem ser mais ou menos accessiveis ao nosso gosto, á nossa disposição, á nossa inclinação natural pela verdade: o mundo dos *factos* é o primeiro circulo referido; o mundo das *leis* é o segundo; o mundo dos *valores* o terceiro.

E da mesma fórma que um homem de acção genial, póde ter a sua intelligencia e a sua inclinação espontanea limitadas ao primeiro dos tres circulos de expansão da personalidade — póde por sua vez o artista cujo conhecimento pela inspiração o leva aos extremos da transcendencia no mundo *interior,* ou o homem religioso, cuja fé o leve aos extremos de transcendencia no mundo *exterior,* ou o homem de sciencia, que procura apenas descobrir os nexos de causalidade e de relação natural entre as coisas, — póde qualquer delles sentir-se incapaz de comprehender o mundo dos outros e ver apenas o universo dentro do seu circulo parcial de expansão espontanea.

Mas o conhecimento completo só poderá provir de uma accessibilidade geral a *todos* esses planos successivos. E o homem só viverá plenamente a sua vida e a vida da verdade, se mantiver o contacto com todos esses mundos e procurar descobrir em si a capacidade de ultrapassar os limites intermedios dos factos e das leis que tanto nos seduzem a permanecermos por elles, sem nos preoccuparmos com o que está além, com o que está acima, com os puros valores e a transcendencia.

Só a passagem por esses tres circulos de permanencia poderá talvez convencer-nos de que o mundo das duvidas visiveis não será senão o avesso do mundo das certezas invisiveis.

INDICE DOS NOMES CITADOS

A

ABREU (Capistrano)..... 209
ADAMS (Henry),..... 276
ADÃO..... 331
ALBERTINE..... 166
ALBUQUERQUE (Visconde de)..... 232
ALCARCE (Julio)..... 239
ALCEBIADES..... 92
ALCOFORADO (Mariana) 231
ALENCAR (Mario de).... 65
ALMEIDA (Guilherme de) 48, 54, 70, 83, 84 e..... 93
ALMEIDA (Renato), 155, 156, 157 e..... 158
AMARAL (Rubens)..... 282
ANCHIETA.... 92
ANDRADE (Mario), 19, 22, 59, 63, 69, 84 e..... 92
ANDRADE (Oswald de), 19, 20, 22, 91, 92 e..... 177
ANDREONI..... 210
ANHANGUÉRA..... ... 91
ANTONIL..... 231
AQUINO (S. Thomás), 100, 141 e..... 207
ARAGON (Louis)..... 119
ARANHA (Graça), 19, 20, 22, 37, 39, 114 e..... 172
ARAUJO (Alberto de).... 93
ARINOS (Affonso)..... 214
ARISTOTELES, 176 e.... 207
ARLAND (Marcel), 146, 148, 149 e..... 150
ARNOLD (Matthew)..... 292
ARNOUX (Jacques d'), 138 e..... 149
ASSIS (S. Francisco de), 145 e..... 251
ATHAYDE (Tristão de).. 176
AURIC..... 165
AUSTREGESILO, 64 e.... 89
AVENEL (d')..... 230
AYALA (Perez de)..... 46
AZEREDO (Carlos Magalhães), 81, 82 e..... 85
AZEVEDO (Arthur)..... 176
AZEVEDO (Lucio de).... 206

B

BACH,..... 164
BACKHEUSER (Everardo), 311, 312, 314, 315, 316, 317, 318 e..... 322
BAKOUNINE..... 341
BANDEIRA (Manoel), 19, 48, 72, 83, 84 e..... 316
BARBACENA,..... 214
BARBOSA (Ruy),..... 244

BARNABOOTH,..... ... 132
BARNES (Charles),..... 195
BARRETO (Tobias), 336, 337, 338, 340, 341, 343, 345, 346, 348, 349, 350, 352, 355 e..... 361
BARROS (Couto de), 91 e 93
BARROS (Costa),..... 229
BASTIAN, 325 e..... 327
BAUDELAIRE,..... 124
BAUER,..... 98
BEAUMONT (Etienne de) 92
BEETHOVEN,.... 169
BELLOC (Hilaire), 32, 241, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 303, 304, 305, 306, 307, 308 e. 309
BENDA (Julien)..... 171
BÉRARD (Victor)..... 364
BÉRAUD (Henri)..... 275
BERDJAJEW..... 352
BERGSON, 68, 140 e..... 266
BERNANOS (Georges), 119, 124 e..... 125
BERNARDO (S.)..... 141
BERR (Henri)..... 268
BERTHA (Albertina), 88 e 91
BERTHAULT,..... 99
BEVILAQUA (Clovis).... 349
BEYLE (Henri),..... 162
BEYREYTER (Angelina), 163
BILAC, 36, 96 e..... 363
BIRAN (Maine de), 146 e 281
BISMARCK..... 313
BLANC (Louis)..... 286
BLONDEL (Maurice), 68 e 343
BOEHMER,..... 211
BOIGNE (Condessa de),.. 289
BOILEAU,.... 176
BONALD,..... 255
BONIFACIO (José),..... 213
BONNET..... 348
BOPP (Raul)..... 22
BOSCO (D.),..... 220
BOUTROUX..... 332
BRAGA (Dominique),.... 99
BRÉMOND (Abbé)..... 366
BRENTANO..... 342
BRETON (André),..... 175
BRIAND,.... 124
BRITO (Farias), 350, 354,
BROWNING,..... 292
BRULARD (Henry), 161, 164 e..... 166
BRUMMEL..... 271
BRUNHES, 246, 254 e.... 261
BRUNSCHWIG,..... 68
BURGH (W. G. de)..... 345 356, 357, 360, 361, 362, 363, 364, 366 e..... 368
BUTLER (Samuel), 106, 132 e..... 218
BUZEAU (Paul),..... 267

C

CABANIS, 259 e..... 348
CABRAL (Pedro Alvares), 92 e..... 209
CAILLAUX,..... 124
CAMÕES,..... 47
CAMPOS (Agostinho de), 133
CAMPOS (Carneiro),..... 228
CARDIM (Fernão), 209, 210 e..... 212
CARLITO,..... 63
CARLOS (Luis),..... 47
CARLYLE,..... 292
CARTWRIGHT,..... 286
CARVALHO (Delgado de) 248 e..... 254
CARVALHO (Paes de),... 351
CARVALHO (Ronald de), 19, 20, 35, 37, 38, 39, 40, 42, 48, 49, 51, 53, 54, 57, 58, 75, 83 e..... 84
CASALS,..... 98
CASTRO (Aloysio)..... 107

CASTRO(Eugenio de),... 87
CAYRÚ, 229 e..... 254
CECCHI (Emilio)..... 132
CENDRARS (Blaise), 26, 93 e..... 347
CERVANTES,..... 33
CHAM,.... 328
CHARMAT,. 348
CHATEAUBRIAND,. 221
CHESTERTON, 114, 207, 272, 293, 294, 296, 299 e.. 310
CHIRICO,..... 68
CHOCANO (Santos),..... 75
CIMAROSA,..... 165
CISNEIROS (Cardeal),... 32
CLARA (Santa),..... 87
CLAUDEL,..... 49
COCTEAU, 126, 195 e..... 291
COLBACCHINI (D. Antonio), 221 e..... 222
COLOMBO, 33, 34 e..... 339
COMTE (Augusto),..... 31
CONRAD (Joseph), 215 e 216
CONTREIRAS,..... 214
COSTA (Benjamin),..... 206
COSTA (Francisco), 80 e 82
COSTA (Hippolyto da),.. 228
COTTER (Luis), 137, 138, 139, 140 e..... 141
COUSIN,..... 348
COUTO (Ribeiro), 51, 54 e 55
CRAINE (Walter),..... 292
CROCE,. 350 e..... 375
CRUEL (Pedro o),..... 231
CURTIUS (Ernst Robert), 132 e..... 344
CUVIER,..... 316

D

DACQUÉ,... 331
D'ANNUNZIO,.... 90
DANTAS (Julio),..... 99
DANTE,.. 47
DANTON,..... 307
DART (Raymond)..... 323
DARWIN, 258 e..... 323
DAUDET, 18, 125 e..... 200
DEBUSSY,.... 98
DEFFONTAINES,.... ... 261
DELPECH,..... 94
DESCARTES, 255, 256 e. 370
DEUS (Frei Gaspar da Madre de),..... 321
DIAS (Gonçalves), 69 e... 219
DIX (Arthur),..... 267
DOSTOIEWSKY, 24 e.... 125
DOUMER,. 124
DOUMERGUE,..... ... 124
DRIESCH (Hans),..... 344
DUBECH (Lucien),..... 41
DUQUE ESTRADA,..... 65
DURCKHEIM, 256, 267 e 268

E

EDMUNDO (Luiz),..... 176
ELIOT, 68 e..... 171
ELLIS FILHO (Alfredo) 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 270 e..... 271
ESPINAS,..... 255
ESTRADA (Osorio Duque) 176
EWALD,..... 348

F

FABRE,..... 373
FARGUE (Léon Paul),... 130
FAVRE (Lucien)..... 137
FEBVRE (Lucien),..... 268

FECHTER (Paul) 127, 128 e..... 131
FERNANDEZ (Ramon),.. 343
FEUERBACH,..... 359
FIGUEIREDO (Fidelino), 135, 137, 138, 139 e..... 141
FIGUEIREDO (Jackson), 37, 66 e..... 111
FOURIER,..... 286
FRANÇA (Ferreira)..... 228
FRANCA (Leonel), 284 e. 361
FRANCE (Anatole), 98, 103, 118, 147 e..... 349
FRANCK (Waldo), 27, 28, 29, 31 e..... 32
FRAZER (James)..... 356
FRIEDMANN (Georges-Philippe)..... 120
FREIRE (Laudelino)..... 176
FREUD,..... 161
FROBENIUS, 222, 269, 316, 324, 325, 326, 327, 329, 330, 332, 333 e..... 334

G

GANDAVO,..... 210
GARCIA (Rodolpho),..... 212
GARO.... 53
GASPARRI,..... 259
GASSET (Ortega y), 334 e 344
GAUGUIN,..... 215
GAUTHIER (Théophile), 78 e..... 79
GENTILE (Giovani),..... 350
GEORGE (Stephan),..... 79
GHÉON,..... 125
GIDE,..... 120
GIRANDOUX,..... 121
GOETHE, 47 e..... 100
GOGOL,..... 24
GOUHIER (Henri)..... 343
GOUVEIA (Christovão)... 211
GROETHUYSEN (Bernard),..... 358
GROOS (Karl),..... 198
GUAHUTEMOC,. 134
GUIMARÃES (Orestes)... 313

H

HAECKEL, 258, 337 e.... 348
HANDELMANN, ... 206
HARDY,..... 310
HAYDN,..... 164
HEARN (Lafcadio)..... 214
HEBER (Eugenio),..... 223
HENRIQUE VIII,..... 302
HERCULANO (Alexandre),..... 322
HERRIOT,..... 124
HERVIEU (Paul),..... 241
HIPPOLYTO,... 214
HOELDERLIN,..... 142
HOLLANDA (Sergio Buarque de), 19, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176 e.. 177
HOLLWEG (Bethmann),.. 313
HOLTZENDORFF,.. 348
HOMERO,..... 364
HUMBOLDT,..... 348
HUME,..... 80
HUSSERL, 342 e..... 375

I

IGNACIO DE LOYOLA, 211 e..... 250
ISABEL (a Catholica),... 32

J

JAMMES (Francis),..... 55
JARDIM (Silva),..... 279

JESUITAS, 205, 206, 208, 209, 250, 251, 259, 260 e.. 264
JESUS CHRISTO,..... 348
JIMENEZ (Juan Ramon), 79
JOÃO VI (D.),..... 230
JOURDAIN,..... 186
JOYCE (James),..... 132

K

KANT, 140, 141 e..... 349
KARAM (Francisco),..... 85
KAUTILYA,..... 207
KEATS;..... 79
KELLY (Prado),..... 47
KERENSKI,.. 124
KEYZERLING, 214 e..... 342
KHAYAM,..... 98
KHEWAGUU,..... 224
KLAGES,..... 331
KOPKE (João), 181, 185, 186 e..... 187

L

LAFONTAINE,.... 68
LAMPRECHT,..... 195
LANGE,..... 196
LAPARCERIE,. 98
LAPOUGE,..... 259
LARBAUD (Valéry), 121, 131, 132, 133 e..... 134
LAROUSSE..... 98
LAS CASAS,..... 208
LE CORBUSIER,..... 43
LEFEBVRE (Henri), 119, 120, 122 e..... 166
LENCASTRE (Casa de). 302
LENIN ,122, 124, 243 e... 277
LENORMAND,... 221
LEOPARDI,..... 140
LEOPOLDINA (Imperatriz),.. 231
LESSING (Academia),.... 343
LEVINSTEIN,. 195
LISZT,..... 92
LOBATO (Monteiro), 66 e 197
LOBOS (Villa),..... 157
LOTI,..... 214
LOYOLA, 211..... 250
LYAUTEY... 321
LYTTON (Lord)..... 292

M

MACBETH,..... 170
MACHADO (Alcantara), 19, 91, 92 e..... 93
MAETERLINK,..... 71
MAGALHÃES (Fernando) 66
MAGALHÃES (Fernão),.. 214
MAGDALA,..... 89
MAISTRE (Joseph de) 47 e 285
MALHERBE,... 68
MALLARMÉ, 79 e..... 160
MANNING,..... 292
MANÚ,..... 207
MARCONI,..... 294
MARIE ANTOINETTE,
MARINETTI, 19, 102, 115, 116, 117, 172 e..... 176
MARITAIN, 68, 126, 171, 178, 290, 291 e..... 343
MARMONTEL,..... ... 221
MARTINS (Oliveira),..... 234
MARX (Karl), 277 e..... 286 302 e..... 307
MASARYK, 287 e..... 288
MASSIS, 171 e..... 178
MAURIAC,..... 143
MAURICIO (José),..... 156
MAURRAS, 115, 277 e..... 330
MAUS,..... 268
MÉCHIN (Benoist),..... 169
MELLA (Pomponio),..... 91
MEREDITH,.... 292
MESQUITA FILHO (Ju-
MESSAGER,..... 92

METASTASIO, ... 164
MEYERSON,..... 68
lio), 278, 279, 280 e..... 281
MIECIO,..... 98
MILHAUD,..... ... 165
MILL (Stuart),..... 292
MILLIET (Sergio), 92 e... 93
MIRABEAU,.... 288
MIRANDA (Pontes de),.. 66
MNOITAS,.. 207
MOCCHI,..... 92
MONTEZUMA,..... 235
MORAES (Durval de),... 85
MORAES (Padre Manoel de),..... 231
MORAES (Wenceslau de), 214
MORAND,..... 92
MORHANGE (Pierre) 68 e 119
MORRIS (William),..... 292
MOZART,..... 164
MULLER-LYER,.... 257
MURRY (Middleton), 68 e 366
MURTINHO (Joaquim),.. 279
MUSSET,... 277

N

NABUCO, 214 e..... 219
NEPOMUCENO, 155 e.... 157
NETTO (Carvalho), 240, 243 e..... 244
NETTO (Coelho),..... 89
NETTO (Lopes)..... 214
NEWMAN,..... 343
NOBREGA,..... 211
NOGUEIRA (HAMILTON), 278, 283, 284 e.... 285
NOIRÉ, 337 e..... 348
NUNES (Antonio),..... 252

O

ODETTE,. 167
OEDIPO,..... 161
OHNET (George),..... 73
ORICO (Oswaldo), 97, 98, 99 e..... 100
ORS (Eugenio d'), 330 e.. 334
OSSENDOWSKY,... 314

P

PAGANINI,..... 92
PAINLEVÉ,..... 124
PAN,..... 89
PAPA, 289 e..... 290
PAPINI,..... 116
PARTRIDGE (Sophia),... 195
PAULO III,..... 208
PAULO (S.),..... 359
PEÇANHA (Nilo)..... 279
PEDERNEIRAS (Mario), 55 e..... 71
PEDRO I,..... 230
PEDRO II,..... 338
PÉGUY, 148 e..... 238
PEIXOTO (Afranio)..... 209
PERSE (St. J.),..... 134
PESCH (Heinrich), 253 e 270
PICCHIA (Menotti del), 73, 74, 76, 77 e..... 83
PIOLIM, 59, 62, 63, 64 e... 94
PITTARD (Eugéne),..... 269
PLATÃO, 221 e..... 274
POMPÉA (Raul),..... 186
POULENC,..... 165
PRADO (Eduardo), 208, 214 e..... 234
PRADO (Paulo), 91, 230, 233 e..... 235
PRÉCHACQ(Ulysse),.... 115
PROUDHON,..... 286
PROUST, 121, 125, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168 e..... 169
PYTHAGORAS,.... 154

Q

QUEIROZ (Eça de), 131 e 234
QUINTON (René),..... 217

R

RACINE,..... 47
RADEK,..... 289
RADIGUET,..... 68
RAMEAU,..... 154
RANGEL (Alberto), 216, 217, 230, 231, 232 e..... 233
RATZEL, 253, 267 e..... 325
RAYMOND (Arnold),..... 372
REINKE (Johannes)..... 270
RENAN..... 79
REPUBLICANO (Assis),. 165
RICARDO (Cassiano) 76 e 83
RICCI (Corrado),..... 195
RICHTER (Luiz),..... 194
RIMBAUD,..... 77
ROBESPIERRE, 280, 288 e 307
RODENBACH..... 7
ROMERO (Sylvio), 339, 349, 350 e..... 361
ROSSETTI (Dante Gabriel)..... 292
ROSSINI,..... 164
ROUGEMONT,... 68
ROUSSEAU, 32, 115 e.... 221
RUSSEL (Bertrand)..... 170

S

SALOMÉ,..... 89
SALVADOR (Fr. Vicente do),..... 210
SAMAIN,..... 71
SARDINHA (Antonio),... 115
SATIE (Erik), 156 e..... 165
SCHAEFFER, 347 e..... 348
SCHELER (Max), 68, 266, 267, 331, 342 e..... 343
SCHOENBERG,..... 156
SCHULTEN,..... 273
SCHURTZ,..... 325
SCOPES..... 69
SGANARELLO,..... 258
SHAKESPEARE,... 186
SHAW (Augusto) 99, 101 e 102
SHAW (Bernard), 68, 94, 116, 148, 293, 294 e..... 310
SHELLEY, 47 e..... 79
SERNA (Ramon Gomez de la),..... 132
SETUBAL (Paulo),..... 232
SEVERINI,..... 68
SILVEIRA (Tasso da), 82, 83 e..... 84
SIMON (Saint),..... 286
SMITH (Elliot),..... 323
SOARES (Gabriel)..... 210
SOMBART, 206, 237, 247, 270 e..... 289
SORIANO,..... 348
SOUZA (Inglez),..... 220
SOUZA (Thomé de),..... 205
SPENGLER, 269 e..... 325
SPINELLI,..... 92
SPINOZA,..... 122
STENDHAL, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168 e 169
STEVENSON,..... 215
STODDARD (Lothrop),... 324
STOPES (Mary)..... 262
SWANN, 167 e..... 168

T

TAPYR (Florence)..... 118
TAUNAY (Affonso), 231, 248, 249, 252 e..... 265
TAVARES (Adelmar) 64 e 65
TAVARES (Antonio Raposo), 251 e..... 252
TCHEKHOFF,..... 24
TENNYSON,..... 292
TESTE (Monsieur),..... 121
THEMISTOCLES,.... ... 177

THEREZA (Santa),..... 87
THIOELLIER,..... 93
THOREAU,..... 32
THUCYDIDES,..... 145
TILLICH (Paul),..... 343
TORQUEMADA,..... 348
TORRES (Alberto),..... 312
TOWNSEND (Meredith).. 324
TREITSCHKE,..... 348
TROTSKI,..... 122
TROVÃO (Lopes),..... 279
TUY (Gonçalo de),..... 89

U

UEXKULL (Jacob von),. 344
UNAMUNO,..... 126
UNGERN (Barão),..... 314

V

VACHEROT,..... 341
VALÉRY (Paul), 49, 79, 121, 132 e..... 166
VARNHAGEN,..... 214
VERONA (Guido da)..... 90
VIALLETON,..... 344
VIANNA (Oliveira)..... 312
VILA (Vargas),..... 65
VINTEUIL,..... 167
VOLETA, 88, 89, 91 e..... 94

W

WAGNER, 98 e..... 258
WANDA, 99, 100, 101 e.... 102
WATTS, 291 e..... 292
WEBER (Max),..... 270
WELLS, 272 e..... 300
WHITMAN,..... 112
WORDSWORTH,..... 78

X

XAVIER (Agliberto),..... 350

Z

ZINOVIEF,..... 122
ZOLLNER,..... 348

COMPOSTO E IMPRESSO NA
TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL
RIO DE JANEIRO

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00028754651